

# ZORA NEALE HURSTON ENTRE ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIAS E HORIZONTES DE EXPECTATIVAS OU: A TRAJETÓRIA DE UMA INTELLECTUAL NEGRA DO/NO SÉCULO XX

Eatonville, Fla.  
June 15, 1932.

- CAROLINA NASCIMENTO DE MELO  
(2025)



You know we are a dramatic people. I mean that  
literally. We dramatize every waking moment of our lives.

Zora Neale Hurston

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CAROLINA NASCIMENTO DE MELO

**ZORA NEALE HURSTON ENTRE ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIA E  
HORIZONTES DE EXPECTATIVAS: OU A TRAJETÓRIA DE UMA ESCRITORA E  
INTELECTUAL NEGRA DO/NO SÉCULO XX**

São Paulo

2025

Carolina Nascimento de Melo

ZORA NEALE HURSTON ENTRE ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIA E HORIZONTES  
DE EXPECTATIVAS: OU A TRAJETÓRIA DE UMA ESCRITORA E INTELLECTUAL  
NEGRA DO/NO SÉCULO XX

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.  
Orientador: Prof. Dr. Valter Roberto Silvério

SÃO CARLOS

2025

Melo, Carolina Nascimento de

Zora Neale Hurston entre Espaços de Experiência e Horizontes de Expectativas ou:: a trajetória de uma escritora e intelectual negro do/no século XX / Carolina Nascimento de Melo -- 2025.  
269f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Valteer Roberto Silvério

Banca Examinadora: Janaina Damaceno Gomes, Messias Moreira Basques Junior, Tatiane Consentino Rodrigues, Jorge Leite Junior

Bibliografia

1. Intelectualidade Negra. 2. Diáspora Africana. 3. Cultura. I. Melo, Carolina Nascimento de. II. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Carolina Nascimento de Melo, realizada em 29/05/2025.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr. Valter Roberto Silverio (UFSCar)

Profa. Dra. Janaína Damaceno Gomes (UERJ)

Prof. Dr. Messias Moreira Basques Júnior (UofG)

Profa. Dra. Tatiane Cosentino Rodrigues (UFSCar)

Prof. Dr. Jorge Leite Junior (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

*Dedico a todas ancestrais que, através de suas vidas, fizeram com que eu conseguisse chegar até aqui e pudesse, ao menos, sonhar.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda(o)s que foram e ficaram, e a toda(o)s que passaram por minha vida durante esses quatro anos e, de alguma maneira, me ajudaram no processo de doutoramento. Agradeço à minha família de sangue (Aliane, Natalia, Lili, Manu, Yasmin e Yuri), composta sobretudo por mulheres, pelos incentivos, carinhos e por não deixarem eu desistir dos meus sonhos. Agradeço à minha família de axé e, principalmente, Mãe Neide, por me acolherem e me ensinarem constantemente a renascer. Agradeço à Oyá por sempre me levar por caminhos que quero e não quero ir. Agradeço especialmente a Valentim por ser meu amigo mais antigo e acompanhar todas as minhas transformações. Agradeço à CNPq pelo financiamento do meu doutoramento durante quatro anos e à CAPES-Print pelo financiamento de minha pesquisa na Universidade da Flórida. Agradeço ao Prof. Paul Ortiz e toda a equipe do Samuel Proctor Oral History Program (SPOHP) por me acolherem no exterior. Agradeço à UFSCar e toda a equipe do PPGS. Agradeço ao Prof. Valter Roberto Silvério por acompanhar e orientar minha jornada desde 2019 e por ter abertos tantas portas para mim. Agradeço aos professores Messias Basques, Janaina D. Gomes, Tatiane Consentino, Jorge Leite pela leitura atenta e carinhosa à minha tese. Agradeço à Zora Neale Hurston por me ensinar a lutar por mim mesma. Agradeço a mim mesma por ter chegado até aqui.

## RESUMO

A presente tese mergulha na multifacetada trajetória de Zora Neale Hurston, escritora, antropóloga e intelectual negra estadunidense que atuou entre os séculos XIX e XX. O estudo se debruça sobre as intrincadas articulações entre cultura, raça e gênero em um contexto histórico no qual a raça determinava o debate público, acadêmico e cultural nos Estados Unidos. A pesquisa parte do princípio de que a cultura, mais do que a raça, deve ser compreendida como o palco central das disputas simbólicas e das possibilidades de agência criativa das populações negras, cujos impactos são observáveis tanto nos seus cotidianos quanto nas mudanças históricas por elas protagonizadas. Para tanto, utilizando-se dos conceitos de articulação, espaço de experiência e horizonte de expectativas, o trabalho investiga como Hurston, por meio de sua escrita e de sua inserção acadêmico-cultural, conseguiu tensionar paradigmas hegemônicos e inaugurar genealogias literárias e políticas que dialogam com a intelectualidade negra contemporânea e global. A fundamentação metodológica da pesquisa estrutura-se em três caminhos principais: a utilização dos interlúdios (con)textuais como estratégia narrativa e analítica; a aplicação do circuito da cultura como lente de observação das contingências das circunstâncias que lhe garantiu uma atuação outra em seu contexto sócio-histórico; e a diáspora africana como chave teórica e política para compreender as práticas de ser e estar no mundo diferentes das delimitadas pelos sistemas colonialistas. O acervo de Hurston na *University of Florida* serviu como fonte primária, possibilitando o resgate de memórias, documentos e produções que, ao mesmo tempo em que narram uma vida, também evidenciam os caminhos e a criação de outras formas de existir e significar o mundo.

**Palavras-chave:** Zora Neale Hurston; cultura; intelectualidade negra; diáspora africana.

## ABSTRACT

This dissertation explores the multifaceted trajectory of Zora Neale Hurston, an American Black writer, anthropologist, and intellectual active between the 19th and 20th centuries. The study examines the intricate articulations among culture, race, and gender within a historical context where race largely dictated public, academic, and cultural discourse in the United States. The research posits that culture, more than race, should be understood as the central stage for symbolic disputes and the possibilities for creative agency among Black populations. Its impacts are observable both in their daily lives and in the historical changes they spearheaded. To achieve this, utilizing the concepts of articulation, space of experience, and horizon of expectations, the work investigates how Hurston, through her writing and academic-cultural engagement, managed to challenge hegemonic paradigms and inaugurate literary and political genealogies that resonate with contemporary and global Black intellectual thought. The methodological foundation of the research is structured around three main approaches: the use of (con)textual interludes as a narrative and analytical strategy; the application of the circuit of culture as a lens for observing the contingencies of circumstances that allowed her a distinct role in her socio-historical context; and the African diaspora as a theoretical and political key for understanding practices of being and existing in the world that differed from those delimited by colonialist systems. Hurston's collection at the University of Florida served as a primary source, enabling the retrieval of memories, documents, and productions that, while narrating a life, also highlight the paths and the creation of other ways of existing and signifying the world.

**Keywords:** Zora Neale Hurston; culture; Black intellectuality; African diaspora.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
2. SPECIAL AND AREA STUDIES (GEORGE A. SMATHERS LIBRARY – UNIVERSITY OF FLORIDA): ACERVO DE ZORA NEALE HURSTON .....	19
INTERLÚDIO (CON)TEXTUAL: ENTRE A GUERRA CIVIL AMERICANA (1861-1865) E O PERÍODO DA RECONSTRUÇÃO (1865-1877) OU COMO SE CONSTRÓI UMA SOCIEDADE SEGREGACIONISTA.....	32
3. PRIMEIROS ANOS: EATONVILLE, MUDANÇA MARÍTIMA E A LUTA POR EDUCAÇÃO .....	37
3.1.1. Fé: Black Churches e Resistência .....	49
3.1.2 Educação: Disputas, Educação informal, Robert Hungerford Preparatory High School .....	51
3.1.3 Cultura: Eatonville Speaker, varandas e causos.....	55
INTERLÚDIO (CON)TEXTUAL: REVISTAS E JORNAIS NEGROS COMO FORMA DE ROMPER COM SISTEMAS CLASSIFICATÓRIOS VIGENTES .....	75
4. DÉCADA DE 1920 (PARTE i): rENASCIMENTO DO HARLEM ATRAVÉS DA LITERATURA .....	86
INTERLÚDIO (CON)TEXTUAL: a emergÊncia da ANTROPOLOGIA “AMERICANA”, entre FEIRAS E RAÇA .....	119
5. DÉCADA DE 1920 (PARTE ii): PESQUISA É CURIOSIDADE FORMALIZADA .....	135
5.1.1 Mobile (Alabama): Encontro entre a diáspora forçada e a diáspora voluntária. 144	
5.1.2 Polk County (Flórida): “Onde a água tem gosto de cereja”.....	147
5.1.3. New Orleans (Louisiana): “acreditar em magia é tão antigo quanto escrever”	150
5.1.4. Nassau (Bahamas): Entre fire dances e furacão .....	154

INTERLÚDIO (CON)TEXTUAL: CRISE DE 1929 E O NEW DEAL .....	158
6. DÉCADA DE 1930: CRIANDO CONEXÕES AFRO-DIASOPÓRICAS A PARTIR DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS-ARTÍSTICAS FINANCIADAS.....	167
7. CONCLUSÃO OU VIAS DE INICIAÇÃO .....	208
ANEXO I – Materiais físicos encontrados na biblioteca <i>George Smathers – University of Florida</i> .....	226
ANEXO II – Fotografias disponibilizadas no acervo digital da biblioteca <i>George Smathers – University of Florida</i> .....	233
ANEXO III – Acervo digital disponibilizado pela biblioteca <i>George Smathers – University of Florida</i> .....	237
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	247

## INTRODUÇÃO

Zora Neale Hurston (1891 – 1960), multiartista e antropóloga negra estadunidense participou ativamente de alguns momentos históricos determinantes entre o século XIX e XX. Nasceu no estado segregado Alabama, mas viveu parte de sua infância na comunidade negra Eatonville, na Flórida. Estudou na *Howard University*, universidade historicamente negra, *Barnard College*, sendo a primeira estudante negra da instituição, e na *Columbia University* sob orientação do considerado pai da Antropologia Americana, Franz Boas.

Hurston esteve associada ao movimento artístico-político mais importante do século passado, o *Harlem Renaissance*, que tinha em seu germe implodir e romper com paradigmas e estereótipos negativos associados às comunidades negras através do que foi chamado de *new negro*. Hurston se utiliza das artes para dar voz e sentido às formas de ser e estar no mundo que, por tempos, eram tidas com seus dias contados. Nesse sentido, ela rompe com barreiras epistemológicas ao utilizar a Antropologia e a Literatura, e por vezes as artes cênicas, para evidenciar a centralidade da cultura como ferramenta fundante da agência criativa de pessoas negras e pobres localizadas no Sul segregado, Norte racista e Caribe. Ela observa, escuta, participa, canta, dança, escreve com um olhar atento e sensível, e corpo, mente e coração em constante movimento que lhe são característicos e presentes em sua proposta humana e contribuição científica e artística.

Devido aos seus trabalhos, ela também é reconhecida como uma das folcloristas mais importantes do país. No início do século XX, a antropologia nos Estados Unidos frequentemente concebia o folclore como um resíduo estático de culturas “primitivas” ou como meras curiosidades de um passado em extinção, muitas vezes desconsiderando a agência e a contemporaneidade das comunidades e culturas estudadas. Nesse cenário, Zora Neale Hurston emerge como uma figura seminal, redefinindo o campo através de uma abordagem inovadora. Sua compreensão, forjada em conexões afro-diásporas e na vivência direta das culturas que estudava, desafiou a noção de folclore como algo fossilizado, como ela argumenta em *Characteristics of Negro Expression* (1934), que considero uma de suas contribuições mais contundentes para se pensar nossos trabalhos e análises nas Ciências Sociais, de maneira geral, e Antropologia, de maneira específica: “O folclore negro não é coisa do passado. Ele ainda está em formação. Sua grande variedade

demonstra a adaptabilidade do homem negro: nada é velho ou novo demais, nacional ou estrangeiro, erudito ou vulgar, para seu uso” (HURSTON, 1934, p. 5, tradução minha).

Essa perspectiva revolucionária não só enfatizou a vitalidade e a constante criação da cultura negra expressa no folclore, mas também ressalta a urgência de registrar e valorizar as culturas ordinárias, historicamente negligenciadas e apagadas. Ao documentar narrativas onde divindades e figuras proeminentes da época dialogam em pé de igualdade com trabalhadores comuns, e onde o passado e o presente (e o futuro) coexistem, Hurston não apenas legitima a complexidade da experiência negra, mas também estabelece um novo paradigma para a antropologia, pautado pelo respeito à agência cultural e pela criação de registros históricos que combatem o silenciamento.

Em outras palavras, Hurston nos mostra que é através da cultura que podemos observar as conexões entre diáspora e África de forma ordinária na vida cotidiana dessas pessoas, bem como as negociações e tensões relacionadas à raça e gênero.

A partir deste trabalho, nota-se que a experiência vem antes dos conceitos que utilizamos. Desta maneira, o foco desta tese é mais na experiência de Hurston enquanto mulher, negra, intelectual e artista em um contexto no qual o *espaço de experiência* era limitado pelas políticas segregacionistas, ao mesmo tempo em que o *horizonte de expectativas* se ampliava, sobretudo a partir dos avanços políticos, sociais, culturais e epistemológicos provenientes da agência criativa negra. O *horizonte de expectativas* nos serve para entender esse contexto de ruptura evidenciado pelos esgotamentos do processo de descolonização e da implementação do projeto civilizatório à imagem do ideário euro-americano branco (SILVÉRIO, 2022). Esse processo também é demarcado pelo reconhecimento da contribuição da civilização e cultura africana para a cultura mundial. Tal conjuntura específica permite a ascensão de forças políticas e culturais negras contraditórias sobre quais caminhos seguir. Em outras palavras, é entre as limitações e restrições do *espaço da experiência* e as possibilidades do *horizonte de expectativas* que podemos encontrar a agência criativa de Zora Neale Hurston e suas tentativas pungentes de posicionar-se fora dos esquemas de dominação racial e de gênero.

Minha hipótese é que sua trajetória e escritos permitem traçar *linhas de descendência* – e aqui me refiro ao trabalho genealógico realizado por Appiah no livro *Lines of Descent* (2014) - relacionadas às suas apropriações de escritoras negras posteriores: bell hooks, Alice Walker, Toni

Morrison, entre tantas outras, que se debruçam sobre Hurston para se construírem como escritoras e, ao mesmo tempo, criarem personagens que tensionam esquemas raciais outros, após vitórias significativas das lutas pelos direitos civis e a necessidade de avanços sociais.

Mais do que isso, sua contribuição refere-se à centralidade da cultura para se observar e registrar as populações negras. Os rompimentos e negociações só são possíveis quando a cultura é vista como alicerce principal da atuação das comunidades negras, e não a raça. É a partir da cultura que Hurston traça as conexões afro-diaspóricas entre o Sul dos Estados Unidos da América, Caribe e continente africano. A cultura foi, e continua sendo, o palco das lutas sociais por liberdade através das diferenças. Entendemos isso agora, principalmente, devido aos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, mas Hurston é anterior. Nesse sentido, defendo que ela está no germe de tais viradas epistemológicas devido sua importância no campo da Antropologia e Literatura. Ela rompe com barreiras pré-estabelecidas através de um olhar atento e sensível para as culturas de pessoas comuns, para as culturas que importam de pessoas que importam.

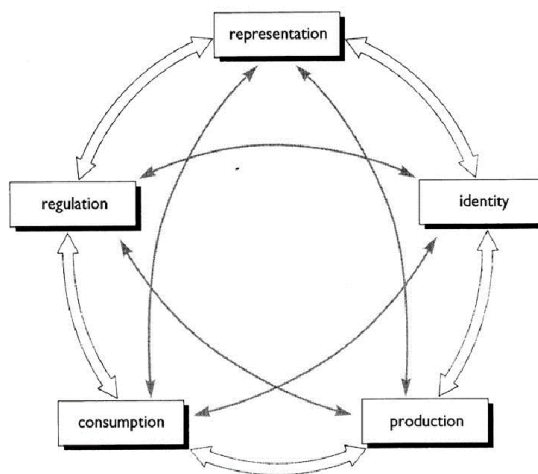
Diante de vida, escritos e contextos ricos e complexos, e tentando fazer jus à sua sensibilidade, escolho três caminhos metodológicos sobrepostos neste escrito. O primeiro, mais explícito, é apresentar um Interlúdio (Con)Textual para cada capítulo referente à Hurston, totalizando quatro Interlúdios. Considero os Interlúdios uma importante contribuição desta tese: eles criam um pano de fundo sobre temas, negociações, rupturas, tensões e mudanças de paradigmas importantes para se entender o contexto no qual Hurston viveu e atuou e que nos dão pistas para entendermos nossa sociedade contemporânea. Além disso, a escolha por fazê-los é organizar a escrita e dar mais ferramentas para o entendimento da(o)s futura(o)s leitor(a)s brasileira(o)s.

O segundo, mais implícito, refere-se ao uso do *circuito da cultura* (DU GAY et al., 2015) para essa análise. Utilizei o circuito da cultura na minha dissertação<sup>1</sup> e me desafiei a fazer o mesmo com Hurston. O desafio é como tensionar o *circuito* no que se refere às trajetórias de pessoas, e não objetos, para se entender o mundo que já foi, que é e que virá – não necessariamente nesta ordem.

---

<sup>1</sup> MELO, Carolina Nascimento de. A encruzilhada e as possibilidades do protagonismo da juventude negra: o caso do Slam da Guilhermina. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/14167>.

Figura 1 - Circuito da Cultura



Legenda: Os cinco processos articulados do circuito da cultura

Fonte: Du Gay et al. (2015)

Por se tratar de uma articulação em circuito, não há início ou fim, pois tudo está conectado e sobreposto. As separações são apenas para fins de análise. Desta maneira, pode-se observar que as personagens de suas obras são *representações* plurais de pessoas negras vivendo em seus próprios termos na virada do século XIX para o XX. Isso ocorre porque há *identificações* da própria autora, Hurston, com essas comunidades. Ao mesmo tempo, tais identificações não são fixas e unas, o que demonstra a complexidade de como nos construímos enquanto pessoas: Hurston era de uma comunidade rural do Sul, mas também pertencia à cosmopolita Nova York, estudou na *Haward*, mas também na *Barnard* e *Columbia*, além de fazer trabalhos de campo e viver no Caribe. Conforme nos debruçamos sobre sua trajetória, notamos que *identificação* não tem ligação direta com *pertencimento*.

Suas *produções*, de si enquanto pessoa e de suas obras, ajudaram a criar um terreno fértil que abrange ou, posso dizer, nutre desde a literatura de autoras negras aos Estudos Culturais por evidenciarem a centralidade da cultura como palco principal de criação e negociação de novos significados e, conseqüentemente, novos mundos. O *consumo* de suas obras ocorre como ondas por possibilitarem (e serem possibilitadas por) avanços legais, ou não, e a (re)centralização da raça

nos debates públicos. E, por fim, ela vive e escreve em um período no qual a *regulação* da sociedade estadunidense, mas não só, estava galgada nos ideais pejorativos relacionados à raça: leis, jornais e revistas, institucionalização de disciplinas, artes e cultura tiveram suas fundações, de como as conhecemos hoje, nesse esquema conjuntural.

O terceiro diz respeito à *diáspora africana*. Esta me ajuda a sintetizar as experiências comuns e as formas criativas de resistência por meio da memória e cultura compartilhada. Isso porque ela “[...] inaugura uma análise radicalmente descentralizada e ambiciosa de circuitos transnacionais de cultura e política que resistem aos de nação e continentes ou os extrapolam” (SILVÉRIO, 2022, p. 16). Acho poético como ela representa e participa desse movimento de infinitos movimentos da diáspora africana.

Esses três aspectos metodológicos só são possíveis por eu utilizar as lentes da *articulação*, ou seja,

(...) o processo de conectar elementos díspares para formar uma unidade temporária. Uma ‘articulação’ é assim a forma de ligação que pode fazer uma unidade de dois ou mais elementos diferentes ou distintos, sob certas condições. É uma ligação que não é necessária, determinada ou absoluta e essencial para todo o tempo; ao contrário, é uma ligação cujas condições de existência ou emergência precisam ser localizadas nas contingências das circunstâncias. Assim, mais do que privilegiar um único fenômeno (...), defende-se (...) que é na combinação de processos - na sua articulação - que se encontram os primórdios de uma explicação. (DU GAY et al., 2015, p. 7).

Realizei uma análise abrangente, fundamentada na contextualização aprofundada e na utilização criteriosa do material previamente coletado e disponível na *University of Florida*. O objetivo central foi estabelecer conexões e inferir significados que considero importante para o entendimento do mundo no qual vivemos e atuamos.

Diante disso, O primeiro capítulo é sobre o acervo de Zora Neale Hurston localizado na *University of Florida*, em Gainseville (FL). Neste capítulo apresento como chegou ao acervo, o que foi encontrado, como são catalogados os materiais de Hurston, bem como as dúvidas e anseios que me atravessaram relacionados ao acervo, que não foram sanados.

O segundo capítulo é reservado aos primeiros anos de Zora Neale Hurston. A cidade de Eatonville lhe garantiu uma infância que, ainda hoje, é difícil de se conseguir para crianças negras:

um local no qual as mazelas do racismo não são presentes. Isso muda quando sua mãe falece e ela precisa ir para Jacksonville, ambas no estado da Flórida. Veja bem: Eatonville fora a primeira cidade do país composta e gerida por pessoas negras, em um estado segregado e um país marcado pelas cicatrizes abertas da escravidão. Essa experiência foi fundamental para que Hurston tivesse uma visão crítica e racial diferente de seus pares literários e acadêmicos, brancos e negros. Este capítulo é acompanhado por um Interlúdio que retrata como a sociedade estadunidense fora criada nos alicerces da discriminação e violência racial.

O terceiro capítulo é focado no *Harlem Renaissance*, e na emergência do *New Negro*, bem como sua importância para a criação, negociação e rupturas que tensionavam os conceitos raciais vigentes. As artes e cultura são centrais para as disputas em torno dos significados associados à raça e seus impactos reais nas vidas cotidianas. Defendo que tal movimento é um dos mais importantes por evidenciar, sobretudo, a complexidade e heterogeneidade da intelectualidade e artes negras. Este é acompanhado pelo Interlúdio referente às revistas e jornais negros e sua importância frente as produções massivas de violência racial propagadas por revistas e jornais brancos de nacional circulação.

O quarto capítulo foca nas primeiras experiências de Hurston enquanto antropóloga. Este capítulo se faz importante por nos dar pistas das dificuldades, possibilidades e violências que os trabalhos de campo apresentam para mulheres negras, bem como os erros e acertos da autora. O Interlúdio que antecede tal capítulo é focado na constituição da Antropologia nos Estados Unidos da América, como ela serviu como base científica de promoção da eugenia, bem como sua migração da raça biológica para raça cultural devido à atuação de intelectuais negros.

O quinto capítulo refere-se à década de 1930, período no qual Hurston lança seus livros e escritos mais aclamados. É nesta década que Hurston se torna uma das escritoras negras mais conhecidas do país, bem como uma referência viva na coleta de folclore. Nele também evidencio alguns percalços que Hurston enfrentou para dar continuidade em sua formação acadêmica, suas escolhas de utilizar o teatro como linguagem que poderia dar conta dos seus materiais e suas relações com a patronagem branca. Este capítulo acompanha o Interlúdio que aborda a Crise de 1929 e o projeto *New Deal*, primeiro projeto a nível nacional de assistência para as pessoas, no qual Hurston também participou.

Encerro esta tese com a Conclusão referente ao contexto social, cultural e legal da recepção de Hurston no Brasil.

## 2. SPECIAL AND AREA STUDIES (GEORGE A. SMATHERS LIBRARY – UNIVERSITY OF FLORIDA): ACERVO DE ZORA NEALE HURSTON

Os materiais sobre e de Zora Neale Hurston fazem parte do acervo da biblioteca George A. Smathers, especificamente da *Special and Area Studies Collections* (SASC)<sup>2</sup>. Diante disso, se faz necessário contar, mesmo que de forma breve, a história de tal biblioteca antes de se debruçar sobre o material.

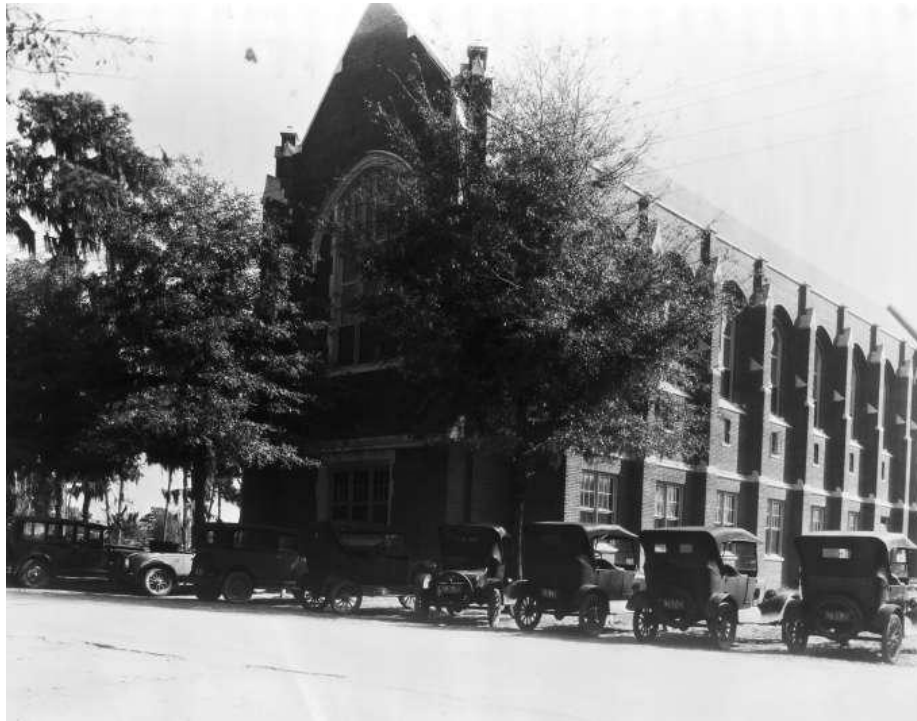
A biblioteca foi inaugurada em 1925, vinte anos após o *Buckman Act*<sup>3</sup> estabelecer a atual *University of Florida*, antes *Florida Agricultural College* que se localizava na cidade Lake City. Com o *Buckman Act*, a universidade foi transferida para o polo atual, em Gainesville. A biblioteca no polo anterior serviu como repositório federal e de documentos governamentais, sendo necessária a transferência de seu antigo acervo para o novo *campus* da UF.

---

<sup>2</sup> Todos os materiais encontrados estão disponíveis em formato de quadro nos Anexos I, II e III subsequentes à conclusão da tese.

<sup>3</sup> O *Buckman Act* foi assinado em 5 de junho de 1905 pelo congressista Henry H. Buckman (1858-1914). A legislatura consolidou inúmeras instituições de ensino superior, todas segregadas (em raça e gênero), públicas do estado da Flórida, tais quais: University of Florida, Florida Female College (hoje Florida State University), além de manter o State Normal and Industrial College for Colored Students (hoje Florida A&M) e o Institute for Blind, Deaf, and Dumb – sim, era esse o nome. Matéria completa disponível em *The US Caribbean & Florida Digital Newspaper Project* (s/d). Disponível em: <https://ufndnp.domains.uflib.ufl.edu/the-buckman-act-florida-universities/>. Acesso em: 21/06/2024.

Figura 2 - Primeira biblioteca no *campus* de Gainesville (UF)



Legenda: Fotografia da primeira biblioteca da University of Florida em Gainesville

Fonte: Site oficial da SASC (s/d)

Com sua ampliação, ela passa a ser *Library East*, em 1970. Mas é em 1987 que ela recebe seu nome oficial, isso ocorre após a inauguração do *Department of Special Collection*, combinado com a *Library of Florida History*, a *University Archives*, *Rare Books*, and *Manuscripts*, e a *Baldwin Library*. Tal nome é em homenagem ao senador George A. Smathers que, no mesmo ano, doou uma grande verba para a reforma e ampliação do prédio (SASC; s/p; s/d). Smathers, que foi eleito pelo Partido Democrata em 1950, além de nascer no estado da Flórida, também foi estudante na instituição. Na década de 1950, Hurston participa como *ghostwriter* da campanha de Smathers ao Senado.

Atualmente, a *George A. Smathers* possui quatro andares e conta com as seguintes coleções: *Map and Imagery Library* no primeiro andar; *Special and Area Studies Collections* no segundo; *Latin American & Caribbean Collections* no terceiro; e o *Cataloging Services Department* no quarto. A universidade possui o maior acervo de materiais latinos e caribenhos do

país, com mais de 500.00 volumes, mais de 50.000 microfimes, além da grande coleção de livros raros, manuscritos e materiais digitais (LACC; s/p; s/d).

## **2.1 Caminhos para a chegada ao acervo de Zora e o que foi encontrado**

A escolha de ir à *University of Florida* e acessar este acervo não foi pensada e cogitada desde o início da pesquisa. Ao decorrer do mestrado, percebi que sempre era necessário voltar *um pouquinho a mais* para se entender socio e historicamente o protagonismo de pessoas negras de forma acadêmica, política e, principalmente, cultural, bem como os tensionamentos, acordos e negociações de tais atuações e seus contextos. Por um lado, a própria pesquisa me levava para esse caminho e, curiosa que sou, eu ia. E, apesar de fazer em minha dissertação, senti que havia um hiato de contextos fundantes e anteriores ao que estudara até então. Por outro lado, o prof. Silvério sempre nos orientou, enquanto grupo de pesquisa e indivíduos pesquisadores, a percorrer dois caminhos: o da internacionalização e a fazer esse percurso de olhar para trás, buscar documentos e suas conexões com sujeitos históricos para entendermos o presente e traçar (outros) futuros, pois essa tentativa só faz sentido quando há o esforço de, antes, observar sujeitos e suas experiências.

Já no final do mestrado, e com o processo seletivo do doutorado se aproximando, eu e o prof. Valter conversamos e apresentei algumas ideias de projeto que estavam em minha mente. O projeto biográfico sobre Hurston era um deles. Apesar de nunca termos lido qualquer texto dela/sobre ela no grupo, focando sempre em outros intelectuais – em sua maioria homens -, ele já havia enviado alguns materiais sobre a autora. E, além disso, havia um hiato de trabalhos acadêmicos e biográficos que foquem na experiência e contribuições de intelectuais negras sob sua orientação.

Essa escolha também passa por um desejo particular: a possibilidade de realizar uma pesquisa em cooperação internacional. Claro que naquele momento não sabia qual, nem como fazer isso e se daria certo. Essa necessidade se torna mais evidente nos primeiros momentos do doutorado no qual realizei o levantamento bibliográfico dos trabalhos acadêmicos brasileiros sobre Hurston. Me considero sortuda por ser, por enquanto e esperando que isso mude, a única pesquisadora que conseguiu ter acesso a tais materiais.

A primeira oportunidade ocorre com minha tentativa frustrada de angariar uma bolsa pelo programa *Fulbright* que conheci no final do mestrado após palestras com pesquisadora(s) negra(o)s que viviam nos Estados Unidos. Como relatado por inúmeras(o)s, a experiência de internacionalização fora a inédita, sendo difícil concretizá-la quando não se sabe o passo-a-passo e pormenores deste processo.

Conforme exigido no edital, é necessário que já se tenha um *aceite* de algum(a) orientador(a) no país de destino. Durante entrevista realizada com o prof. Messias Basques, fui informada sobre a importância do acervo de Hurston na *University of Florida*. Após essa informação, fiz uma breve busca no *site* oficial da instituição e vi que o Prof. Paul Ortiz, então diretor do *Samuel Proctor Oral History Program* (SPOHP), realizara recentemente uma palestra sobre Zora Neale Hurston. Logo que entrei em contato com ele sua resposta veio. Prof. Ortiz sempre foi paciente e receptivo, respeitando inclusive meu nervosismo em falar em outro idioma – após anos aprendendo através de músicas e filmes, mas sem ter praticado com quase nenhuma pessoa. Nesse mesmo dia me pediu o projeto e me enviou por escrito sua apresentação.

Segui de maneira autônoma, mas sempre comunicando o Prof. Valter que, com prazo final de inscrição se aproximando, solicitou para eu entrar em contato com alguém de Nova York, pois há um outro acervo na *The New York Public Library*<sup>4</sup> e, além disso, devido às possibilidades de se analisar o bairro do Harlem. Entrei em contato com a professora Monica L. Miller da *Barnard College* que, no mesmo ano, havia publicado um dossiê sobre Hurston. Além da biblioteca e do bairro em questão, me chamou atenção o fato de Hurston ter estudado na mesma instituição que a professora Miller leciona. Todavia, ela me orientou a ir para a UF pois o acervo era maior. Diante disso, a *University of Florida* se mostrou a melhor opção e o prof. Ortiz se mostrou solícito com a orientação – e, particularmente, sei que essa foi a melhor escolha porque não sobreviveria em NYC

---

<sup>4</sup> O acervo físico de Zora Neale Hurston na The New York Library consiste em nove poemas, um conto denominado *The Conversion od Sam*, e correspondência com William Clifford e Lawrence Jordan (todos os materiais são fotocópias) (<https://archives.nypl.org/scm/20707#overview>). Na Library of the Congress há peças teatrais, em sua maioria não produzidas e não publicadas (<https://guides.loc.gov/zora-neale-hurston>). O acervo contido na University of Yale é dividido em três caixas [boxes] cujas quais contém: 1) correspondências (seis trocas de cartas), 2) escritos (5 livros e *typescript* de 6 contos), e 3) o *typescript* do livro *Zora Neale Hurston and the Eatonville Anthropology* de Robert Hemenway (<https://archives.yale.edu/repositories/11/resources/990>). Todos os acervos possuem materiais digitais, sendo o da Library of Congress o maior deles.

com o valor da bolsa. Infelizmente, não fui selecionada e, fatalista que sou, achei que minhas possibilidades já haviam se encerrado.

Mesmo assim, incentivada por meus pares e professores, me inscrevi para o processo de internacionalização da Capes-Print. O processo fora mais fácil, pois já tinha um projeto definido, contatos firmados e autoestima. Consigo a bolsa de estudos para mergulhar no acervo de Hurston na *Smathers* entre novembro de 2023 e abril de 2024 sob orientação de Ortiz.

Chego à Flórida no dia 30 de novembro de 2023. No dia primeiro de dezembro fui à UF para conhecer a universidade, as pessoas e os locais onde iria trabalhar, o SPOHP e biblioteca. Prof. Ortiz me recepcionou animadamente e me apresentou ao pessoal do Programa. Logo após, fomos à biblioteca na qual Jamie G. Cusick nos esperava. Os responsáveis me aguardavam e o acervo de Hurston já se encontrava disponível em um carrinho ao lado direito da recepção. Cusick me falou brevemente sobre o material, sobre as caixas [boxes] e os trâmites que eu precisava fazer para acessá-lo – como assinar documentos, nunca acessar o espaço com bolsas, canetas, comida e bebida -, bem como cuidado com o manuseio – como escanear, como não dobrar as páginas, a necessidade de usar luvas em certos momentos. Além disso, ele me levou aos outros andares da biblioteca e depois me mostrou o melhor caminho para voltar ao SPOHP.

A primeira ida à *Smathers* me fez chorar – fiquei emocionada em vários momentos durante essa viagem -, principalmente porque desde pequena gostei de frequentar bibliotecas. A biblioteca da Universidade Federal Fluminense (UFF) do *campus* localizado em Campos dos Goytacazes (RJ) – no qual realizei minha graduação - era apenas uma salinha com uma quantidade irrisória de livros<sup>5</sup>. Na verdade, me sentia tão desestimulada que preferia, assim como vários estudantes, estudar em outros lugares. Apesar da precarização, professores e discentes estavam sempre dispostos a se ajudarem com fotocópias dos livros e artigos, além de inúmeros grupos de estudos criados que compartilhavam materiais. Quando fui à Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), me apaixonei. Os vitrais em formato de arcos, os vários andares a tornavam um ambiente convidativo para focar nos estudos. Infelizmente, não frequentei muito o

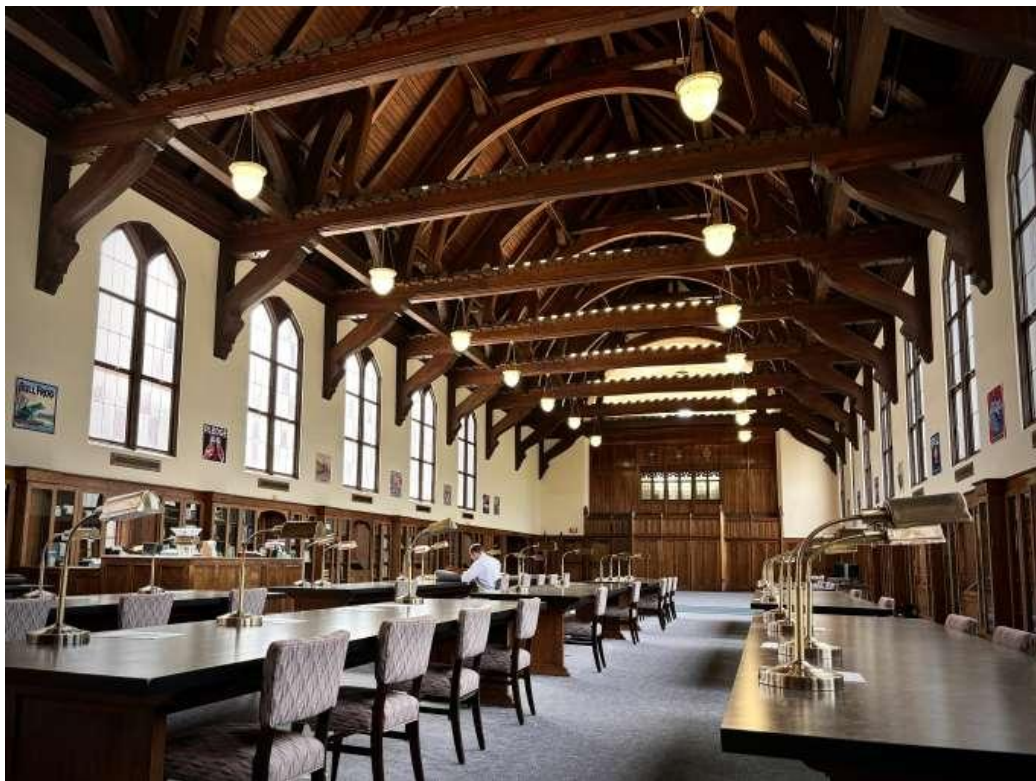
---

<sup>5</sup> Depois de anos de luta dos movimentos sociais e estudantis, o novo *campus* da instituição na cidade fora inaugurado em 2025. O local era chamado por nós, estudantes, de *terra prometida*. Me emociona que fiz parte de coletivos e frentes que lutaram, de inúmeras e contraditórias maneiras, pelo ingresso e permanência na UFF.

espaço porque, por um lado, era deveras barulhento e, por outro, a pandemia de *covid-19* impossibilitou o acesso durante boa parte do período que vivi em São Carlos.

Passei grande parte da minha estadia em Gainesville nesta biblioteca, especificamente na *Special Collections*. Mesmo quando eu não estava lá para coletar o material, o ambiente me convidava a ficar e eu obedecia. O material de Hurston ficou disponível no mesmo lugar durante todo o tempo, até eu avisá-los que já tinha finalizado minha coleta.

*Figura 3 - Special & Area Studies Collection atualmente*



Legenda: SASC localizada no segundo andar da George A. Smathers (UF)

Fonte: SASC (2024).

O acervo de Zora Neale Hurston é dividido em quatorze caixas [boxes] que contém diferentes pastas [folders], com os seguintes tipos de materiais: a) cartas tanto escritas e enviadas para ela quanto trocadas entre pessoas que falem sobre Hurston; b) manuscritos; c) artigos jornalísticos de opinião escrito por ela; d) minibiografias, e) artigos de opinião sobre o trabalho

dela; f) inúmeros artigos sobre as relações raciais; g) peças de teatro; h) documentos; e i) cartões. Essa categorização foi realizada por mim, pois me fez parecer mais fácil o entendimento.

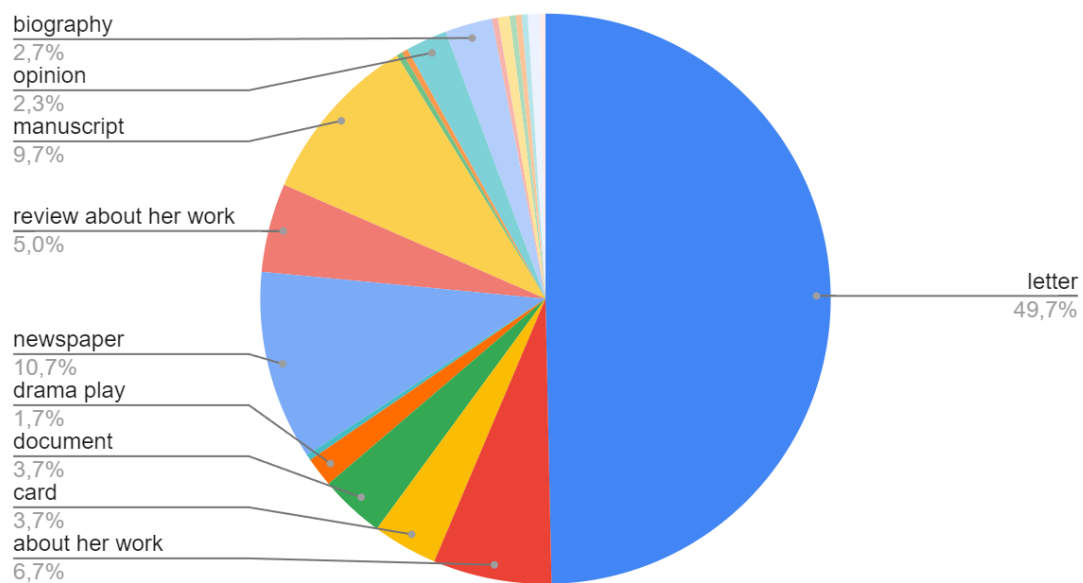
As caixas 1, 2 e 14 contêm materiais digitalizados e encontram-se no *site* oficial da SASC. As duas primeiras contêm esses diferentes tipos de materiais com predominância das cartas. A última contêm apenas fotografias, sendo dividida em seis pastas: 1 – várias fontes; 2 – adquiridas de Stetson Kennedy em 1990; 3 – fotografias de Carl Van Vetchen; 4 – registros fotográficos de John e Ruby Lomax durante uma viagem ao Sul em 1935; 5 – fotografias de trabalhadores agrícolas migrantes; e 6 – fotografias de Marcel Sternberger durante viagem à Eatonville nos anos 1940. Foram coletadas as 49 fotografias disponibilizadas no acervo digital.

As caixas de 3 a 6 contêm manuscritos de seu último livro, e não publicado, *Herod The Great*, além de um caderno de esboços escrito à mão. Os manuscritos são tanto datilografados quanto escrito à mão e muitas páginas estão queimadas ou deterioradas.

As caixas de 7 a 9 contêm os manuscritos de *Seraph on the Suwannee*, último livro publicado de Hurston. Infelizmente o material não estava disponível devido a um processo de restauração. O restante das caixas, de 10 a 13, contêm os materiais anteriormente citados. Uma dificuldade que tive, como trarei brevemente a seguir, é relativa à ausência de informação sobre os critérios de classificação do acervo em si. Neste caso das caixas, as razões e escolhas feitas para que cada material estivesse em algum lugar específico, principalmente os que não se referiam aos manuscritos de ambos os livros citados e das fotos. Digo isso, pois na caixa 13, por exemplo, há uma pasta que me chamou atenção denominada *Race relations*. Tal pasta contêm cartas e recortes de notícias jornalísticas sobre discussões acerca da temática racial durante o período que Hurston estava viva. Pensei que fosse um material que ela mesma coletasse e guardasse para fins de análise, todavia, quando questionei a responsável pelo acervo da autora na *Special Collections*, ela não soube responder se era uma coleção pessoal de Hurston.

Optei por organizar meu acervo pela categorização de “tipo de materiais”, data de publicação (década e ano), localização (cidade e estado), e *Publisher* (quando cabia, em materiais oficiais). Ao final da tese, há três quadros (ANEXO I, II e III) com os materiais coletados e classificados. O gráfico a seguir (Gráfico 1) demonstra a incidência desses diferentes tipos de materiais encontrados:

Gráfico 1 - Incidência de materiais da coleção de Hurston



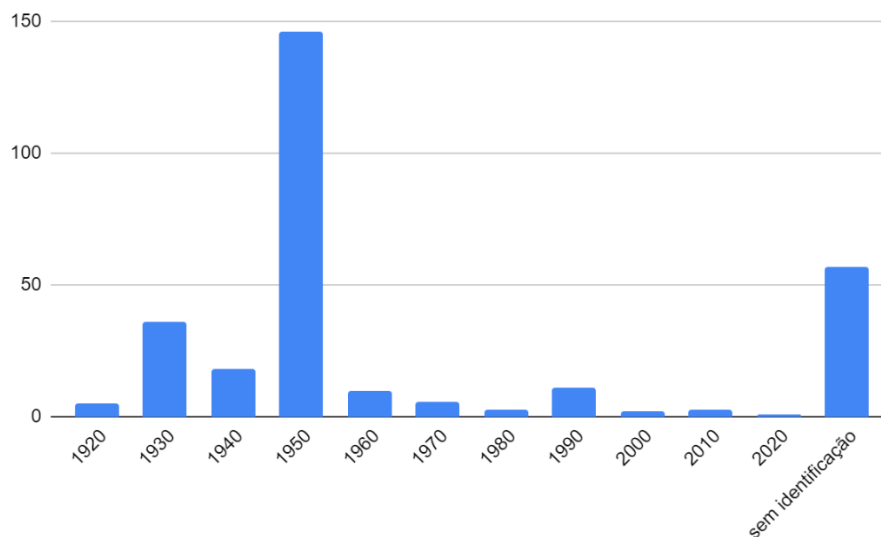
Legenda: Incidência, em porcentagem, de materiais encontrados de forma física e digital na SASC da George A. Smathers (UF)

Fonte: elaboração própria a partir da coleção de Zora Neale Hurston na SASC

As cartas são quase 50% do acervo de Hurston na *University of Florida*, os artigos de jornais e manuscritos são os segundo e terceiro em quantidade de materiais disponíveis, respectivamente. Além disso, os materiais não nomeados no gráfico são referentes a: conto, gravação de áudio, convite para evento, revista, envelope e excerto. Sendo apenas um tipo de cada material. Ao total foram mapeados 298 materiais no acervo.

O próximo gráfico (Gráfico 2) demonstra a recorrência das décadas da coleção.

Gráfico 2 – Materiais catalogados de Zora Neale Hurston, por década



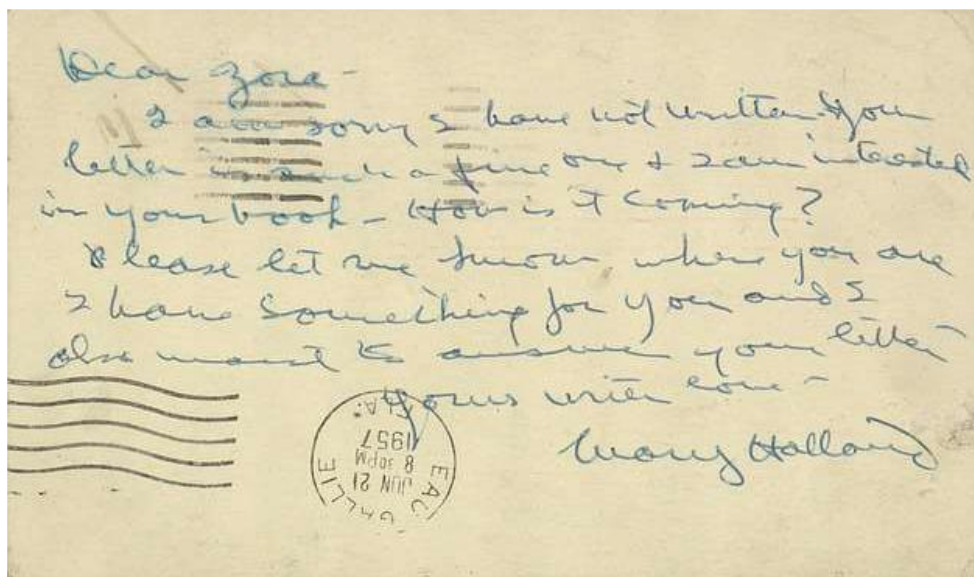
Legenda: Materiais catalogados por décadas encontrados na SASC (UF)

Fonte: elaboração própria a partir da coleção de Zora Neale Hurston na SASC

Dos 298 materiais catalogados, 146 são da década de 1950. Os materiais sem identificação são os segundo em maior quantidade: 57 materiais. Há apenas 5 materiais da década de 1920. É possível observar que há uma quantidade significativa de materiais (36 no total) dos anos 1930, sendo que o número reduz para 18 na década seguinte. Além disso, há 36 materiais *post mortem* entre a década de 1960 e 2020 sobre Zora Neale Hurston.

Outro ponto importante é que há muitos materiais, principalmente manuscritos e cartas escritos à mão, em inúmeros casos, não são possíveis ler. Outros estão bastante danificados, apesar de serem datilografados, com marcas de mofo, manchas diversas. Ambos os exemplos desses materiais estão nas imagens abaixo (Figura 4 e Figura 5).

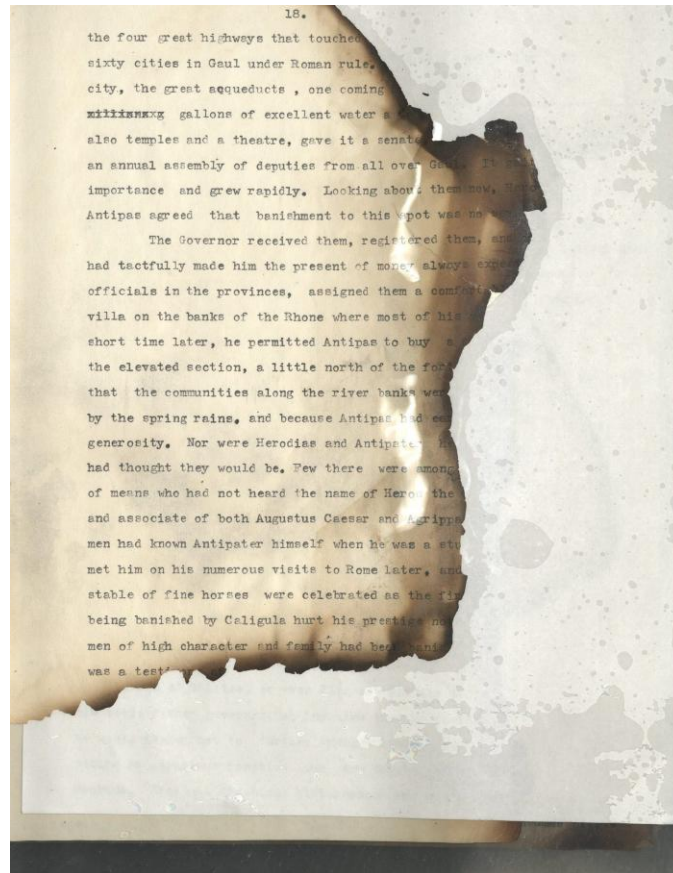
Figura 4 - Carta escrita por Mary Holland à Hurston, em 1957



Legenda: Carta destinada à Hurston que exemplifica os desafios de ler um material escrito à mão em outro idioma

Fonte: arquivo pessoal coletado na SASC

Figura 5 - Manuscrito parcialmente queimado



Legenda: manuscrito queimado de *The Woman in Gaul* escrito por Hurston

Fonte: arquivo pessoal coletado na SASC

A maioria destes materiais foram queimados em dois momentos: o primeiro quando houve um incêndio na casa de Hurston. O segundo quando, após falecer, seus vizinhos resolveram limpar a casa e se desfazer dos incontáveis papéis que ela possuía.

Durante o período que fiz esse trabalho de coleta na *Special Collections*, pude conhecer Florence Turcotte, responsável pela *African American Special Collections*. Conforme dito por Cusick em nosso primeiro encontro, ela é a responsável por projetos que envolvem a coleção de Hurston e a que mais sabe sobre a coleção. Turcotte sempre foi solícita comigo. Todavia, até a escrita deste texto, algumas dúvidas pairam sobre minha cabeça e meu coração sobre o acervo. Ela me explicou que os materiais chegaram à UF após o falecimento da autora, na década de 1960. Contudo, ela não soube me explicar como foi o processo de transformar esse material em acervo.

Também não encontrei nenhum material que me sanasse essa e outras dúvidas relativas aos processos e tramites legais que permitissem esse material fazer parte do acervo da universidade. Sei que vários dos materiais foram doados por pessoas próximas à Hurston, como é o caso de Patrick Duval, primeiro deputado e xerife negro do condado [*county*] St. Lucie cujo qual engloba a cidade de Fort Pierce, local de falecimento da autora. Ele conheceu Hurston durante o período que ela deu aula no *Bethune-Cookman College*, Daytona Beach (Flórida), durante a década de 1930. Eles se tornaram amigos e trocaram inúmeras cartas. Décadas depois, ele foi responsável por salvar os materiais que estavam sendo queimados, após ser chamado para conter um fogo em uma lata de lixo sem permissão. Ao perceber que eram os materiais de Hurston, ele rapidamente apagou o fogo e salvou parte dos materiais (STANCIL, 2020, s/p).

Em entrevista cedida ao canal televisivo C-Span, em 2023, Turcotte afirma que Duval, ao ver o incêndio, colocou uma mangueira na lixeira para extinguir o fogo e os papéis foram levados à casa de uma amiga – não nomeada –, e secados na varanda. Parece que foi essa amiga que disse que tal material deveria ser levado à *University of Florida* para a posteridade (C-SPAN, 2023, s/p). De qualquer maneira, descobri quem era Duval quando fui à Fort Pierce, pois seu nome está em diferentes quiosques na cidade. E, depois, achei a entrevista citada. Ainda assim, me causa um incomodo que não haja um material explicativo na universidade que sedia um acervo de tamanha importância, bem como a falta de clareza em relação à aquisição, nomes de doadores, processos legais, entre outros. A única informação que obtive no antigo *site* da coleção foi a seguinte:

Marjorie Silver, amiga e vizinha de Zora Neale Hurston, deu o núcleo desta coleção às bibliotecas da University of Florida em 1961. Frances Grover, filha de E. O. Grover, professor da Rollins College e amigo de longa data de Hurston, doou outros materiais em 1970 e 1971. Em 1979, Stetson Kennedy de Jacksonville, que conheceu Hurston por meio de seus trabalhos com o Federal Writers Project, acrescentou artigos adicionais (UFLIB; s/d; s/p, tradução minha).

Marjorie Silver é a amiga não nomeada na entrevista à C-Span (2023). Há cartas trocadas entre Hurston e E. O. Grover, além de cartas que ele escreveu para diferentes destinatários perguntando sobre materiais de Hurston e pequenas biografias escritas por ele. Além dos materiais de 1979, Kennedy doou alguns registros fotográficos de Hurston à universidade em 1990, como dito anteriormente. Ainda assim, as mesmas dúvidas permanecem.

Diante de tantos materiais, fiz a escolha de centrar esta tese até a década de 1930. Isso porque os materiais possuem o cerne para o entendimento de um dado período no qual inúmeras mudanças ocorriam tanto nos Estados Unidos quanto no mundo e que antecedem as rupturas, tensões e vitórias que ocorreram na década de 1960. Ao mesmo tempo, a vida de Hurston nos localiza e tensiona sobre categorias raciais e de gênero, bem como os movimentos políticos dos quais ela participou. Em outras palavras, as décadas a seguir evidenciam e exemplificam como Hurston utilizou todas as ferramentas ao seu redor para sua autodefinição e, ao mesmo tempo, para evidenciar as complexidades das pessoas negras, sobretudo mulheres negras do Sul segregado estadunidense.

O acervo de Zora Neale Hurston na *Special Collections* da *George A. Smathers Library* (UF) é de suma importância para a preservação e estudo da cultura afro-americana. Este material oferece um panorama da vida e obra de uma das mais influentes escritoras e antropólogas negras dos Estados Unidos. Mais do que um simples repositório, o acervo é um centro dinâmico de atividades com eventos, pesquisas e programas educativos que celebram o legado de Hurston e promovem discussões sobre temas raciais e de gênero. A existência de um acervo institucionalizado de uma mulher negra como Zora Neale Hurston é, lamentavelmente, raro e, por isso, valioso. Ele representa um passo crucial para garantir que as vozes e contribuições de mulheres negras, frequentemente marginalizadas na história e na academia, sejam reconhecidas, estudadas e perpetuadas para as futuras gerações.

Apresentado o acervo, vamos à vida de Hurston e o contexto no qual ela esteve inserida.

## **INTERLÚDIO (CON)TEXTUAL: ENTRE A GUERRA CIVÍL AMERICANA (1861-1865) E O PERÍODO DA RECONSTRUÇÃO (1865-1877) OU COMO SE CONSTRÓI UMA SOCIEDADE SEGREGACIONISTA**

Para se entender a importância de Eatonville, apresentado no capítulo que se segue, é necessário um entendimento mais histórico, mesmo que de forma breve, do que foi a segregação nos EUA. Aqui, dois momentos históricos são importantes: A Guerra Civil Americana (1861-1865) e o período da Reconstrução (1865-1877).

Ambos os períodos constituem a base cultural, social e jurídica do país, e são informados pelos debates e lutas em torno da escravidão de africanos e seus descendentes que perdurou, aproximadamente, de 1526 a 1865. A vitória presidencial de Abraham Lincoln (1809-1865), visto na época como abolicionista, foi o estopim para que os Estados Confederados da América fossem formados a partir da união inicial dos seguintes estados: Carolina do Sul, Alabama, Mississippi, Geórgia, Flórida, Texas e Louisiana. Em 1861 a guerra se inicia.

Como curiosidade histórica, apresento o sermão de Ações de Graça do pastor Benjamin Morgan Palmer de 1860, no qual ele, como representante de Deus, demonstra verdadeira angústia providencial em relação ao fim da escravidão:

Uma nação muitas vezes tem um carácter tão bem definido e intenso quanto o de um indivíduo. Isto depende, é claro, de uma variedade de causas que operam durante um longo período de tempo. Deve-se em grande parte aos traços originais que distinguem a linhagem da qual provém e à formação providencial que formou a sua educação. Mas, por mais derivada que seja, só esta individualidade de carácter torna qualquer povo verdadeiramente histórico, competente para cumprir a sua missão específica e para se tornar um fator no progresso do mundo. A confiança particular atribuída a tal povo torna-se penhor da proteção divina; e sua fidelidade a ele determina o destino pelo qual ele será finalmente vencido. O que é essa confiança deve ser determinada a partir das necessidades da sua posição, das instituições que são o resultado dos seus princípios e dos conflitos através dos quais preservam a sua identidade e independência. Se então o Sul é um desses povos, qual é, nesta conjuntura, a sua confiança providencial? Eu respondo que é para preservar e perpetuar a instituição da escravidão doméstica tal como existe hoje (...). Sem, portanto, determinar a questão do dever para com as gerações futuras, digo simplesmente que para nós, na nossa situação atual, é claro o dever de preservar e transmitir o sistema escravista, com as mais livres possibilidades para o seu natural desenvolvimento e extensão. (Palmer, s/p, 1860, tradução minha).

Palmer argumenta que, com base na liberdade garantida por Deus, eles – os proprietários de escravos e, talvez, a população branca do Sul – seriam os responsáveis por salvar a nação do mal porque, afinal, eram eles os escolhidos. Estes são os mapas de significados (Du Gay et al., 1997), ou estruturas partilhadas, que nos situam nesta encruzilhada chamada cultura. É onde interpretamos o mundo, classificando-o de forma significativa e damos sentido às coisas e acontecimentos. O sermão exemplifica algumas das cadeias de significados com as quais este grupo de pessoas se identificou e quais representações estavam associadas a elas. Sem esquecer, claro, dos efeitos práticos e reais na vida das pessoas.

A narrativa de Palmer elucidada a ideologia estadunidense de “nação escolhida”, algo mais explícito na obra *Progresso Americano* (1872) de John Gast:

*Figura 6 - Progresso Americano (1872)*



Legenda: Quadro “Progresso Americano” de John Gast

Fonte: Autry Museum of the American West (s/d).

O quadro “Progresso Americano” (1872), de John Gast, é uma alegoria visual impactante da expansão para o oeste dos Estados Unidos, fundamentada na ideologia da nação escolhida estadunidense. Neste cenário, a figura etérea e luminosa de Columbia, uma mulher branca personificando a América, é central. Ela não apenas flutua sobre a paisagem, mas age como um vetor do “progresso”, carregando um livro (educação/conhecimento) e puxando fios de telégrafo, enquanto guia colonos, carroças e trens em direção ao pôr do sol. Sua presença é um contraste direto com a escuridão e os elementos “primitivos” que ela “afasta” – povos indígenas e animais – representando a “civilização” que avança sobre o “selvagem”.

Essa representação de uma mulher branca como o epítome do progresso e da providência divina ecoa as justificativas encontradas em discursos como o do pastor Benjamin Morgan Palmer. Enquanto Gast mostra Columbia espalhando a luz do progresso sobre a terra, Palmer, em seu sermão de 1860, invoca a confiança providencial de Deus para defender e perpetuar a escravidão. A figura feminina branca no quadro, portanto, simboliza a pureza e a divindade da “missão” americana, legitimando a conquista territorial e, por extensão, as estruturas sociais e raciais que se desenvolveram, como a escravidão e a segregação. A ideia de que a nação, representada por essa figura feminina, estava destinada a cumprir um “dever” divino para “salvar a nação do mal” ou expandir-se, revela as profundas e, muitas vezes, contraditórias estruturas de significado que moldaram a identidade estadunidense e suas ações históricas.

A Proclamação de Emancipação foi assinada por Lincoln em 1863, quase uma década antes do quadro, iniciando o processo de abolição da escravidão que terminaria com a XIII Emenda<sup>6</sup> à Constituição dos Estados Unidos de 1865. A Emenda decreta que “não haverá súditos nos Estados Unidos ou em qualquer outro lugar, dentro de sua jurisdição, nem a escravidão nem o trabalho forçado, exceto como punição por crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado” (SENATE, 1865, tradução minha).

A Reconstrução é conhecida pelo regresso dos estados separatistas à União, por um lado, e pelo início da “integração” dos recém libertos africanos e afro-americanos, por outro. Foi, também, nesse período a instituição da XIV Emenda à Constituição, adotada em 1868 e conhecida

---

<sup>6</sup> No documentário *XIII Emenda*, dirigido por Ava DuVernay, estudiosos, ativistas e políticos analisam a correlação entre a criminalização da população negra, após o fim da escravidão, e o *boom* do sistema prisional do país a partir dos usos contraditórios da XIII Emenda.

principalmente por sua Seção 1, relativa à cidadania e aos direitos civis de todos os nascidos no país. Já em 1870, foi estabelecido que “o direito dos cidadãos dos Estados Unidos de votar não pode ser negado ou restringido pelos Estados Unidos, nem por qualquer Estado, por causa de raça, cor ou estado anterior de servidão” (LOC, 1870, tradução minha). Esta é conhecida como a primeira legislação de direitos civis.

Como forma de bloquear os avanços jurídicos acima mencionados, foi pungente o desejo de dificultar ao máximo a eficácia constitucional. Exemplos são grupos paramilitares e de ódio como a Ku Klux Klan (1865), a White Man's League [Liga do Homem Branco] (1874) e os Red Shirts [Camisas Vermelhas] (1875) que, apesar de suas diferenças, tinham como objetivo a propagação da violência e morte de pessoas negras, e prevenir que parcela da população tivesse acesso aos direitos já garantidos por lei, como o voto. Menos de uma década depois, as leis Jim Crow foram promulgadas nos estados do Sul, antigos confederados, e duraram de 1877 a 1965. Tais leis foram a implementação legal da segregação racial em todas as instalações públicas, principalmente, mas não apenas, no Sul do Estados Unidos da América.

Embora tais leis violassem as emendas constitucionais, elas foram aceitas e, provavelmente, facilitadas, como no caso *Plessy vs. Ferguson* de 1896, em que a Suprema Corte decidiu que a segregação racial não violava a Constituição desde que as instalações para cada raça fossem de igual qualidade (LOC, 1896). O caso diz respeito ao passageiro Homer Plessy, denominado mestiço no documento do julgamento, que opta por viajar em um vagão exclusivo para brancos, violando a lei de Louisiana. Ele então é julgado no estado e depois recorre ao Supremo, que é favorável à decisão anterior. Neste julgamento foi utilizada a frase “iguais, mas separados” (LOC, 1896), que mais tarde foi amplamente aproveitada para legitimar a cruzada racial que se intensificara no país.

Segundo registros da *National Association for the Advancement of Colored People* [Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor] (NAACP, s/d), ocorreram aproximadamente 4.743 linchamentos de afro-americanos nos Estados Unidos entre 1882 e 1968 – no Brasil, no século XXI, a situação é a seguinte: entre 2009 e 2019 houve um aumento de 33.929 para 34.446 pessoas negras vítimas de homicídio (IPEA, 2021). Os linchamentos envolviam tortura, mutilação, decapitação, enforcamento, pessoas sendo queimadas vivas e tantas outras atrocidades cometidas e aceitas pelo público branco. Os linchamentos representam a cicatriz

colonial, racista e da supremacia branca na cultura estadunidense a tal ponto que se era aceitável que fotos de negros torturados se tornassem cartões postais locais<sup>7</sup>.

No caso específico do Alabama, estado de nascimento de Hurston, foram mais de 300 linchamentos (EJI, 2019, s/p). Após organização política da sociedade civil, o estado fundou o *National Memorial for Peace and Justice* em Montgomery, sua capital, em 2018. O local possui 805 retângulos de aço pendurados com mais de 4.400 nomes de vítimas negras de linchamento, além de esculturas, exposições e escritos.

Isso vai ao encontro da crítica de Hartman (2021) que, durante sua viagem à Gana, reflete sobre o turismo de *retorno* à África, especialmente feito por afro-estadunidenses, para lidar com os traumas e os lutos do presente. O turismo serve como ferramenta para lidar com processos históricos e narrar, de maneira coletiva, traumas sociais. Nesse sentido, o luto é pelos que foram mortos e enterrados sem cerimônia, aqueles milhões e milhões que nunca saberemos ao certo (HARTMAN, 2021). Todavia, no caso deste museu, o ato de *nomear* é uma maneira de não se fazer esquecer, ao mesmo tempo que nos convoca a ter o olhar atento para as atrocidades contemporâneas, seus desdobramentos no presente-futuro e, se possível, as formas de reparação.

De qualquer maneira, Eatonville é uma resposta político-criativa e coletivamente organizada que possibilitou a ampliação dos horizontes de expectativas de sua comunidade, como é o caso de Zora Neale Hurston.

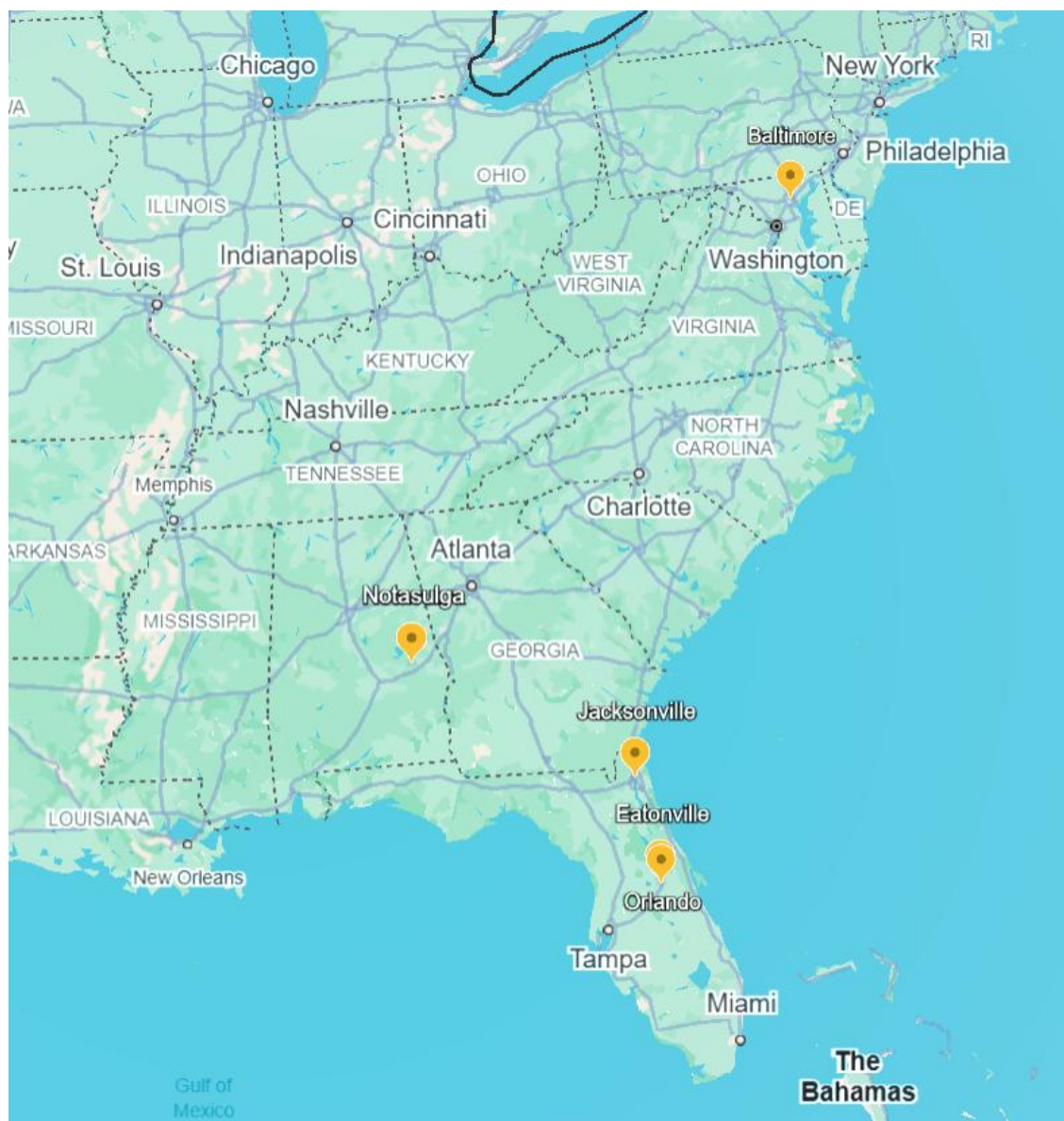
---

<sup>7</sup> Há o documentário *Lynching postcards: Token of a Great Day* lançado em 2021 que retrata essa questão específica. Todavia, basta usar as palavras-chave “lynching postcard” em ferramentas e *sites* de buscas que é possível mapear um grande número desses artefatos históricos cruéis.

### 3. PRIMEIROS ANOS: EATONVILLE, MUDANÇA MARÍTIMA E A LUTA POR EDUCAÇÃO

*Assim como as rochas frias que parecem mortas, eu tenho memórias internas que vieram do material do qual sou feita. Tempo e lugar tiveram o seu dizer (HURSTON, 2021, p. 55).*

Mapa 1 - Caminhada familiar e pessoal de Zora Neale Hurston



Legenda: Mapa com marcações (em amarelo) para demonstrar as rotas que Hurston e sua família fizeram antes e durante seus primeiros anos de vida

Como citado anteriormente, o conceito de *articulação* é central para minha análise da vida e das obras de Zora Neale Hurston. Tal conceito, por focar na contingência de circunstâncias e elementos distintos, permite que as *diferenças*, mais do que as semelhanças, emerjam e complexifiquem a forma que enxergamos o mundo.

A *diáspora africana*, é outro conceito-chave neste trabalho, pois ela é uma unidade, ou articulação, forjada nas diferenças e lacunas dos movimentos e fluxos de pessoas, saberes, culturas e ideias num mundo fundado pelo colonialismo e que, ainda hoje, tenta lidar com suas cicatrizes. Segundo Edwards (2001), “(...) é esta lacuna ou discrepância assustadora que permite à diáspora africana ‘dar um passo’ e ‘se mover’ em diversas articulações. A articulação é sempre um gesto estranho e ambivalente, enfim, no corpo é apenas a diferença – a separação entre os membros – que permite o movimento” (EDWARDS, 2001, p. 66). Mais que um conceito, antes, a *diáspora africana* e a *cultura* – articuladas neste escrito – dizem respeito às experiências subjetivas e coletivas de africana(o)s e seus descendentes.

Neste capítulo, me debruço sobre como a diferença, especificamente durante a infância em Eatonville, foi decisiva para que Hurston se destacasse enquanto escritora e pesquisadora. Afirmo isso pois nenhum de seus pares contemporâneos vivera, durante a primeira infância e juventude, em um lugar como Eatonville. Em outras palavras, eles viveram sobre a égide e medo da segregação e racismo legal. Também irei apresentar como a luta por educação está no cerne individual e coletivo das pessoas negras a partir da própria experiência de Hurston. Como dito anteriormente, o acervo de Hurston não possui nenhum material deste período, por isso serão utilizados parte de seus escritos referentes à cidade, a biografia *Wrapped in Rainbows*, de Valerie Boyd, além de documentos históricos.

### **3.1 Eatonville: A Cidade Que a Liberdade Construiu**

A partir de um capítulo pequeno de sua autobiografia (HURSTON, 2010), Hurston me tensionou a olhar atentamente ao processo de colonialismo que aparecem nas cidades citadas a seguir – Maitland e Eatonville, cidades vizinhas do estado da Flórida. Me dedico a esses pormenores, antes de falar de Eatonville, pois acredito que eles enriquecem nosso entendimento do estado da Flórida, por um lado, e evidenciam como os escritos de intelectuais negra(o)s nos possibilitam olhar de forma mais sensível e buscar pelas complexas vicissitudes da colonização no Novo Mundo.

No capítulo *My Birthplace* [Meu Lugar de Nascimento], de sua autobiografia (2010), Hurston nos dá pistas anteriores à consolidação de Eatonville e Maitland. O que primeiro me chamou atenção é a sua afirmação que a cidade não estava nos planos iniciais e que tudo começara com “três homens brancos em um navio na costa do Brasil” (HURSTON, 2021, p. 56) que, segundo Hurston, nunca desembarcaram no país e decidiram tentar a sorte na Flórida. O que me deixou curiosa foi a possível relação entre Eatonville/Maitland e o Brasil. Então, sabendo que a segunda recebera seu sobrenome e de tal relação, descobri que Thomas Maitland (1803 – 1878), oficial da marinha real do antigo Reino da Grã-Bretanha, esteve no Brasil para proteger Dom Pedro I contra a Revolta dos Mercenários (1828) durante a Guerra da Cisplatina (1825-1828)<sup>8</sup>. A revolta liderada por irlandeses e alemães ocorre, pois, a promessa de terras só seria cumprida se eles se alistassem no exército para participarem da guerra, além das punições e extrema vulnerabilidade que encontraram ao chegarem no então império. A revolta acabou após alguns dias, com a ajuda (forçada, no caso dos segundos) de milicianos e escravizados, e com o bombardeio dos quartéis onde os irlandeses viviam, além de sua deportação. Três anos depois, Dom Pedro I abdicaria ao trono (BN, s/d, s/p). Thomas Maitland, além de desembarcar no Brasil, se casou com Amelia Young no Rio de Janeiro.

A cidade de Maitland não recebe seu nome por causa de Thomas, mas em homenagem a William Seton Maitland (1798-1837), um dos líderes principais das Forças Armadas Americanas nas Guerras Seminole. Apesar da confusão com os Maitland – cuja família fez partes das forças armadas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos durante séculos -, Hurston (2021) me fez olhar o

---

<sup>8</sup> A Guerra da Cisplatina foi causada pelo Império brasileiro com o intuito de expandir seu controle na região do rio La Plata. A Guerra envolveu o que hoje chamamos de Brasil, Argentina e Uruguai. O domínio pelo local gerou inúmeros conflitos armados denominados *Questão do Prata* (ou *Questões Platinas*). Todos esses conflitos resultaram na Guerra do Paraguai (1864-1870).

processo de colonização, especificamente na Flórida, que vale a pena ser contado aqui. A colonização da Florida pelos espanhóis remonta a 1494 com a assinatura do Tratado de Tordesilhas que dividiu as terras “descobertas e por descobrir” – principalmente referente aos continentes africano, asiático e americano – entre o que chamamos de Portugal e Espanha. Tal Tratado foi assinado no contexto da Guerra dos Cem Anos cuja qual fez com os atuais Estados nacionais da França, da Inglaterra e da Holanda não participassem, naquele momento, da divisão colonial do mundo.

La Florida consistia no território da atual Flórida além da parte sul dos estados Geórgia, Alabama, Mississippi e Louisiana, e fazia parte da Capitania-Geral de Cuba.

Mapa 2 - Mapa da Capitania-Geral de Cuba



Legenda: Mapa da Capitania-Geral de Cuba de 1794, localizada dentro dos limites em laranja.

Fonte: Open Historical Map (s/d).

O estado passa a ser explorado oficialmente em 1513. Como sugerido por Hurston, Flórida “(...) *tinha sido um estado sombrio e sangrento*” (HURSTON, 2021, p. 56) e foi alvo de disputas coloniais e territoriais, e acordos internacionais durante séculos. As relações entre as metrópoles e

colônias eram tangenciadas pelos diferentes sistemas escravistas. Entre 1680 e 1979, a Coroa Espanhola promulgou diferentes leis conhecidas pela expressão “direito de asilo” que serviram como recurso nas negociações diplomáticas de pressão e ameaça entre as metrópoles e colônias limítrofes aos domínios espanhóis: “Trata-se de um contexto marcado pela debilidade política militar da Espanha, pelo fortalecimento da Inglaterra, França e Holanda no comércio transatlântico e pela formação de impérios coloniais norte-europeus estruturados na escravidão e no tráfico transatlântico” (ALANDRÉN, 2017, p. 520). Exemplo disso, é que em 1680, Carlos II determinou a alforria de todos os negros escravizados em outros territórios que chegassem à ilha Trinidad em busca de batismo. Todavia, exclui-se os oriundos da holandesa Curaçao devido à proximidade diplomática entre a Espanha e Províncias Unidas forjada no interesse mútuo de proteção contra o imperialismo francês (ALANDRÉN, 2017).

As alforrias no território da Flórida acompanharam as dinâmicas das relações anglo-espanholas. Em 1697, um grupo de escravizados oriundo da Carolina do Sul chegou à St. Augustine, Flórida. Houve tentativa de negociação, mas o governador negou a devolução pois eles haviam se convertido ao catolicismo. Três anos depois, Carlos II emite uma cédula garantindo a liberdade de escravizados que se convertessem a religião. A decisão acompanhou a restituição de prisioneiros ingleses e o pagamento de indenização pela libertação dos fugitivos de 1697 (ALANDRÉN, 2017). A liberdade também tangenciava a questão religiosa e a criação de “exércitos” que protegeriam as fronteiras. Segundo Secreto (2015),

A península da Flórida, de difícil conquista pela Espanha, tinha-se constituído em um destino de fugas escravas, tantos daqueles que buscavam a aliança com os índios para internar-se em seus territórios quase “impenetráveis” como dos que buscavam a fronteira espanhola para escapar do jugo da escravidão, “experimentando” outras relações entre hispanos, como fora a possibilidade de somar-se às milícias negras alocadas na defesa de *Circuncaribe*. Os batalhões negros foram amplamente utilizados pelo Império espanhol para a defesa de Havana, Porto Rico, Cartagena e Santo Domingo (SECRETO, 2015, p. 2013).

Exemplo emblemático é o caso de Fort Mose na cidade de Saint Augustine: em 1738 ele se tornou o primeiro assentamento africano livre no que chamamos de Estados Unidos caso, claro, os cem africanos se convertessem ao catolicismo. Em 1994, o local foi reconhecido por sua

importância nacional e cultural e designado como *National Historic Landmark* [Marco Histórico Nacional] e listado no *National Register of Historic Places* [Registro Nacional de Lugares Históricos] (FLORIDASTATEPARKS, s/d, s/p). Séculos depois da criação de Fort Mose, Saint Augustine ficou conhecido como o local onde um dos registros fotográficos mais violentos da era segregacionista foi realizado: em 1964, um homem branco despeja um galão de ácido clorídrico em uma piscina com pessoas negras.

É válido ressaltar que as medidas do Império espanhol em relação à escravidão também se mostravam contraditórias (SECRETO, 2015): se por um lado suas colônias eram consideradas “paraíso” para os que fugiam dos “hereges”, por outro, houve o incentivo de capturar os *cimarrones* – que significa “fugitivos” ou “selvagens”, nome dado pelos espanhóis como forma de insulto aos nativos. O asilo aos escravizados também significava o aumento dos súditos escravos e livres, além de formar milícias armadas negras/africanas para a proteção do que o Império considerava suas fronteiras o que, de fato, desrespeitava as próprias terras nativas da região.

Como dito anteriormente, Maitland recebe esse nome em homenagem a um dos líderes da Guerras Seminole. Os *seminoles* refere-se aos grupos nativos cujo território ocupava os estados da Flórida, Georgia e Alabama.

Durante séculos, eles mantiveram relações amistosas e de trocas comerciais com outras populações, sendo procurados por aqueles em busca de liberdade da escravidão (SEMINOLE; s/d) e considerados parte das “cinco tribos civilizadas”<sup>9</sup>. Após a venda da Flórida para os Estados Unidos, em 1819, a violência se intensificou, entre vários motivos, pelas lutas constantes por liberdade e proteção da terra travadas por indígenas e negros contra colonos brancos. A tentativa foi de dizimação total e conquista.

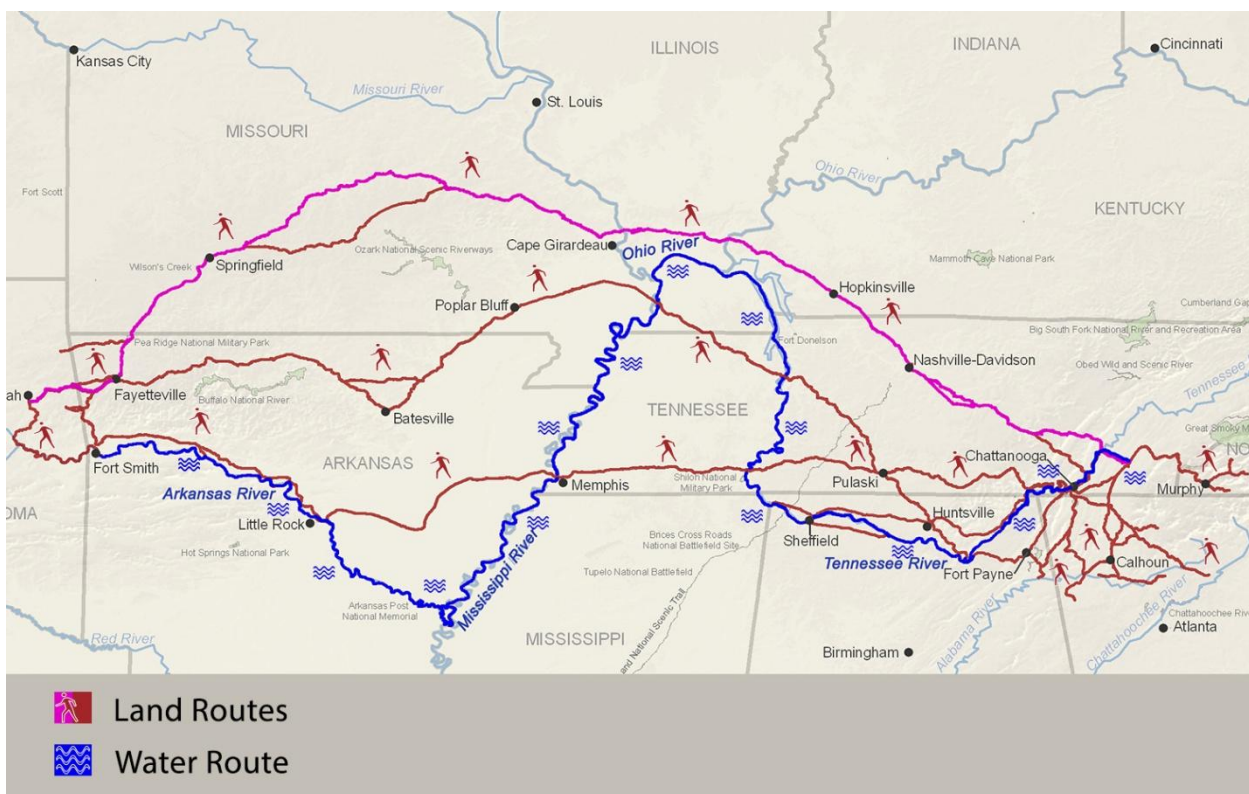
No século XIX, houve massacre de milhões de povos indígenas financiados a nível federal e local. Um desses exemplos é o *Indian Removal Act*, proposto pelo presidente Andrew Jackson e assinado pelo Congresso em 1830. A proposta era conceder terras à oeste do Mississippi, atual estado de Oklahoma, em troca das terras indígenas dentro dos estados existentes (LOC, 1830),

---

<sup>9</sup> Com muitas chances dessa nomeação não ter sido escolhidos pelos denominados, ela se refere aos povos Cherokee, Chickasaw, Choctaw, Creek e Seminole que viviam no sul e parte oeste dos Estados Unidos.

sobretudo no sul do país. A migração forçada foi chamada de *Trail of Tears* [Trilha das Lágrimas] e milhares morreram de fome, doença e inanição durante o percurso. No mapa a seguir é possível observar a rota realizada pela água (em azul) e pela terra (em rosa e vermelho) cujo percurso se inicia no estado da Geórgia, passando por Kentucky, Illinois, Missouri, Tennessee, Alabama, Mississippi, Arkansas até Oklahoma.

Mapa 3 - Trail of Tears



Legenda: Mapa com a rota realizada durante a migração forçada conhecida como *Trail of Tears*.

Fonte: National Park Service (s/d).

O Ato não significou, todavia, a aceitação passiva dos *seminoles*. A segunda guerra seminole se inicia em 1835. No mesmo ano, William Seton Maitland chega à Flórida para participar das “negociações” nas quais seria decidido se os *seminoles* aceitariam a ida para o oeste. Apesar das negociações, Maitland nunca esteve na cidade que leva seu nome (VLP, s/d,s/p). As contradições em relação ao asilo dos ex-escravizados se mostram evidentes pois muitos deles lutavam junto aos *seminoles*. Segundo Hurston (2021), “os homens Negros foram usados para

aumentar as fileiras dos combatentes Indígenas contra os proprietários brancos” (HURSTON, 2021, p. 57).

Os *black seminoles* refere-se ao grupo de negros livres e ex-escravizados que se juntaram aos *seminoles* na Flórida. A hibridação cultural ocorre, resultando em similaridades e diferenças: apesar dos rituais estarem mais associados ao Congo e cristianismo, danças indígenas eram adicionadas; sua linguagem misturava inglês crioulo – similar ao *gullah*<sup>10</sup> - e *creek*<sup>11</sup>. Além da similaridade, ou hibridação, de alimentos, vestimentas e habitação. Diante das inúmeras guerras, muitos migraram para o México e retornaram aos Estados Unidos quando a escravidão foi abolida com a promessa de dinheiro e terras caso se alistassem ao exército, todavia, como é recorrente, a promessa não fora cumprida (OPALA, 2007).

Em relação aos *black seminoles*, Hurston (2021) aponta outra tensão: a questão do pertencimento étnico-racial. Quando os negros eram recapturados, havia uma dificuldade de se definir quem deveria retornar aos colonos brancos como escravizados (negros) ou não (indígenas). Segundo a autora, “Os brancos lutaram contra todos os que tinham sangue Negro. Os Índios sustentavam que todos os que falavam sua língua pertenciam à sua tribo” (HURSTON, 2021, p. 57). Muitas vezes, a questão não poderia ser resolvida e, diante das lutas por liberdade já mencionadas, provavelmente essa foi uma estratégia viável para a tentativa de não-retorno ao *status* de pessoa escravizada. Todavia, a mesma questão está presente até hoje e é intragrupal. Robertson (2008) denomina a situação dos *black seminoles* de “dupla ambivalência” na qual o pertencimento gera tensões em relação às reparações legais como acesso à terra, pagamentos e benefícios legais no estado de Oklahoma. No contexto contemporâneo, por exemplo, eles foram expulsos da *Seminole Nation*, mas puderam retornar em 2003. Ainda assim, o retorno não lhes garantiu acesso ao aparato legal de proteção e reparação.

---

<sup>10</sup> *Gullah* é uma linguagem pelo grupo homônimo de afro-americanos que vivem, majoritariamente, na Flórida, Carolina do Sul, Carolina do Norte e Flórida. Tal linguagem é resultado das linguagens de diferentes idiomas falados em África – como Congo, Libéria, Serra Leoa e Guiné – e o inglês. Resultado do encontro colonial, ela é similar aos idiomas crioulos falados em Bahamas, Barbados, Jamaica, Guiana e Belize (GLC, s/d, s/p).

<sup>11</sup> *Creek* (ou *Muscogee*) é linguagem falada entre os *Creeks* e *Seminoles*. Atualmente, os grupos indígenas falantes de tal idioma oferecem diferentes cursos do idioma como forma de preservá-lo, como é possível observar no *site* oficial: <https://web.archive.org/web/20150812165844mp/http://www.muscogeenation-nsn.gov/Pages/Language/language.html>.

Zora Neale Hurston nasceu em Notasulga, Alabama. Filha de John Hurston e Lucy Potts Hurston, possuía sete irmã(o)s – Hezekiah Roberts (1882 - ?), Issac (1883 - ?), John Cornelious (1885 - ?), Sarah Emmeline (1889 - ?), Clifford Joel (1893 - ?), Benjamin Franklin (1895 - ?), e Everett Edward (1898 - ?). Seus pais se conheceram na *Macedonia Baptist Church* onde, na ocasião, Lucy participava do coral. Todavia, devido à pobreza de John, a família Potts foi contra o casamento de ambos e Lucy foi abandonada.

Com a ambição de mudar de vida e sustentar seus filhos, Notasulga limitava os sonhos de John. Tanto é que no dia do parto de Zora ele estava fora da cidade. O parto foi realizado por um transeunte branco, pois as pessoas negras trabalhavam para abater e embalar carne para o resto do ano. A melhor época para realizar isso era entre dezembro e fevereiro, devido aos dias mais frios. Na biografia *Wrapped in Rainbows* (2003), Valerie Boyd explica: “*como não tinham frigorífico, os agricultores tinham que contar com temperaturas frias para evitar que a carne acabada de ser abatida se estragasse antes de a poderem embalar com sal de conservação*” (BOYD, 2003, p. 17, tradução minha). Se Sarah Emmeline foi vista como um presente para o pai, Zora não o agradava nenhum pouco, como veremos a seguir. E, apesar de sua ausência, John fez um movimento que mudaria a vida de toda a família e, principalmente, de Zora.

John chega à Orlando, Flórida, e se interessa pela cidade, principalmente pela sensação de fertilidade. O estado, até hoje, é conhecido como uma das poucas regiões que se tem plantio, e neste caso principalmente o de cítricos, o ano todo (IFAS, s/d, s/p)<sup>12</sup>.

Em sua busca por outros lugares para morar, John conhece Eatonville “ao acaso”. Durante uma viagem de trem, ele conhece outro passageiro que possuía uma família em Sanford, Flórida, que o convida para visitá-los. É durante a visita que o passageiro comenta sobre uma *cidade negra* próxima à Sanford (BOYD, 2003). Apesar de ambos os estados, Flórida e Alabama, fazerem

---

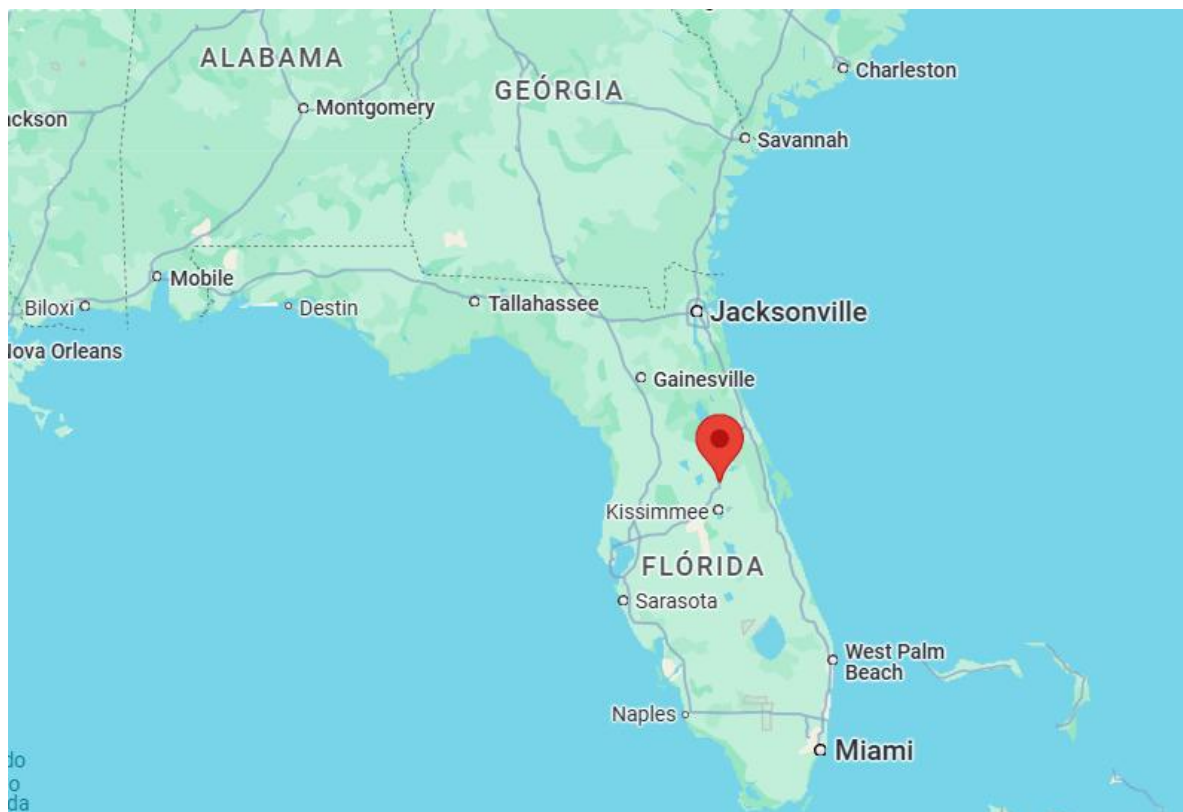
<sup>12</sup> O Brasil e o estado da Flórida competem pela maior produção de laranjas no mundo. Em (2002), por exemplo, O Brasil abriu uma disputa comercial na Organização Mundial do Comércio (OMC) devido ao “tratamento discriminatório” que o estado da Flórida, e os Estados Unidos de forma geral, concedia ao produto brasileiro (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2008200219.htm>). Em 2023, o mercado global de suco de laranja teve queda significativa devido à doença incurável *Huanglongbing* (HBL) que ataca as plantas cítricas, gerando deformações nos brotos e frutos. O Brasil representava 70% da produção mundial, todavia 38% das plantações brasileiras foram afetadas pela HBL (<https://forbes.com.br/forbesagro/2024/07/queda-na-producao-de-laranja-do-brasil-e-eua-leva-argentina-a-investir-no-setor/>).

fronteira, a viagem de carro de Notasulga para Orlando, local onde se encontrava John Hurston, demora quase sete horas.

De qualquer maneira, olhemos para Eatonville.

Escravos recém-libertos deixaram os estados da Geórgia e Alabama, além de algumas cidades do norte, e se estabeleceram na cidade pela primeira vez em 1880.

Mapa 4 - Mapa com foco em Eatonville



Legenda: No mapa acima é possível ver a Flórida, com Eatonville (sinalização em vermelha), e os estados Georgia e Alabama.

Fonte: Google Maps

Nesse período, o local fazia parte de Maitland (TOWNOFEATONVILLE, s/d, s/p). A população negra exercia diferentes ofícios: limpar terras, plantar culturas e pomares de citrinos, e ajudar a construir casas, hotéis e o sistema ferroviário organizados e mantidos por pessoas brancas. A relação entre ambos os grupos era, se comparado a outros lugares do sul, minimamente fraterna.

Em 1884, o povo de Maitland começa a considerar a criação de um governo municipal formal. No mesmo ano, a cidade é incorporada e, na primeira eleição, a população negra teve mais votos que a branca. Tony Taylor, homem negro, se torna o primeiro prefeito de Maitland. Segundo Boyd (2003),

Essa foi uma virada inesperada de eventos para os cidadãos brancos de Maitland, mas ninguém expressou qualquer objeção formal, então o prefeito negro e marechal da cidade, junto com a Câmara Municipal branca, tomou posse pacificamente e serviu durante um ano sem incidente (BOYD, 2003, p. 21).

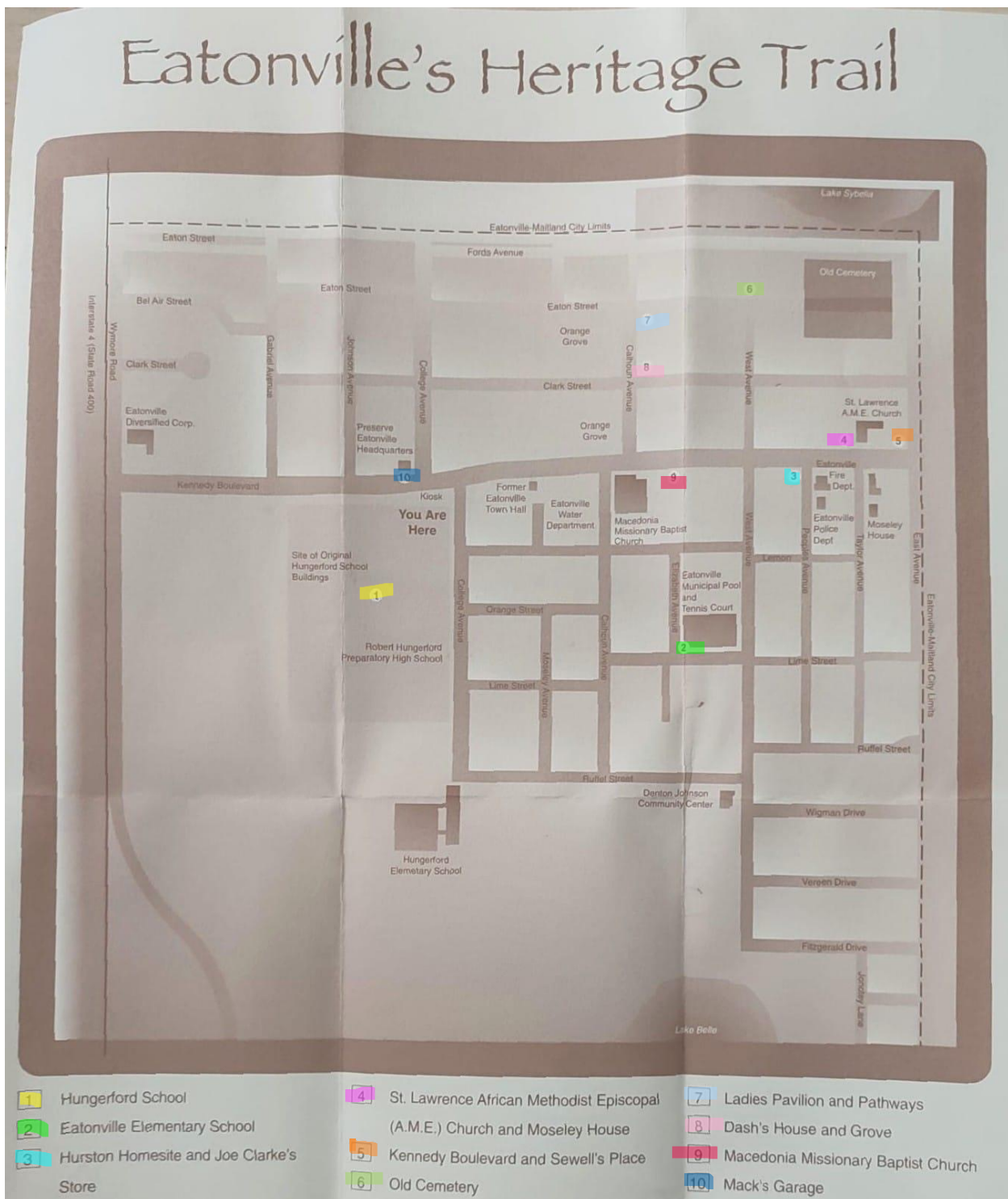
Em 1887, a população negra passa a almejar sua própria cidade. O fato é que, muitos deles se tornaram líderes comunitários, empresários e cidadãos respeitados e já não viam possibilidade de crescimento em Maitland.

Diante de tal crescimento, alguns membros – como Joe Clark que aparece em alguns textos de Zora – tentam comprar terrenos para estabelecer uma colônia/cidade para pessoas de cor. Apesar das dificuldades – já que as pessoas não queriam vender suas terras para negros e escravizados -, eles recebem ajuda do filantropo Lewis Laurence - que em 1881 doou 10 acres para a construção de uma igreja negra, a *African Methodist Church*, depois chamada de *St. Lawrence African Methodist Episcopal Church* em sua homenagem - e conseguem convencer o capitão Josiah Eaton a lhes vender 22 acres de terra. Ao total, eles conseguiram mais de 100 acres destes e outras pessoas brancas de Maitland. O terreno foi dividido em pequenos lotes, sendo vendidos para pessoas negras de forma facilitada.

Em 1887, aproximadamente 20 homens negros assinaram a carta de incorporação e transformaram parte Maitland no “município negro” autogovernado de Eatonville (nome em homenagem a Eaton). Com sua experiência, Joe Clark se tornou vereador da cidade e Columbus H. Boger, ministro de uma igreja em Jacksonville, prefeito. Para se estabelecer, eles construíram os correios e a loja central (ambos de Clark), no primeiro momento.

Em janeiro de 2024, tive a oportunidade de ir ao *35th Anual Zora! Festival* que ocorre em Eatonville. No evento, os organizadores distribuíram o *Eatonville's Heritage Trail* para conseguirmos nos localizar na cidade, bem como os seus pontos históricos principais.

Figura 7 - Trilha do Patrimônio de Eatonville



Fonte: Arquivo pessoal coletado no Zora! Festival de 2024

Legenda: Mapa de Eatonville com dez pontos históricos coloridos posteriormente

Neste mapa, é possível observar a localidade da escola principal, das igrejas e a antiga casa da família de Hurston e loja de Joe Clarke. Esses locais são importantes para localizar a vida e cultura no território de Eatonville e que definiram a pungência da escritora em se definir e buscar por seus caminhos na escrita literária, acadêmica e artes, de modo geral.

Além do mapa, o que me importa neste tópico foi uma fala proferida durante o ciclo de palestras organizadas no evento. Segundo a pesquisadora Sidney Rose McCall, a matriz de Eatonville é composto por: fé, cultura/arte e educação. Acredito que esse pilar diz respeito à experiência humana negra e Eatonville pode exemplificar isso.

### 3.1.1. FÉ: BLACK CHURCHES E RESISTÊNCIA

A *fé* foi materializada em duas igrejas, a *St. Laurence African Methodist Episcopal* (A.M.E.), fundada antes mesmo da cidade existir. A *Macedonia Missionary Baptist Church* é fundada um ano depois, em 1882. Até 1889, ambas igrejas funcionavam no mesmo lugar da primeira, em domingos alternados. Quando John Hurston chega à Eatonville, a *Macedonia* acabara de ser estabelecida, algo visto como um sinal divino pois ele e Lucy Hurston haviam se conhecido na mesma congregação. Em 1893, ele se torna pastor na *Zion Hope Baptist Church* e, em 1903, na *Macedonia*.

Ambas fazem parte do que se denomina *black church* que reúne as sete maiores congregações protestantes: a *National Baptist Convention*, a *National Baptist Convention of America*, a *Progressive National Convention*, a *African Methodist Episcopal Church*, a *African Methodist Episcopal Zion Church*, a *Christian Methodist Episcopal Church*, e a *Church of God in Christ*.

A conversão cristã foi uma das bases da colonização desde o processo de escravização de africanos. Domingo, considerado por muitos um dia sagrado, era visto como possibilidade de descanso e, quando possível, adoração. Alguns proprietários brancos permitiam que escravizados adorassem em partes segregadas de suas igrejas. Os metodistas foram os primeiros a permitir que

homens negros pregassem. Durante 1770 e 1780, ministros negros/africanos começam a pregar para seu povo, sendo as narrativas sobre o Êxodo a parte que mais tocava o público devido à temática relacionada à escravização e libertação trazidas por um deus justo (BOYD, 2003). No final do século XVIII, pessoas negras passam a se reunir em organizações benevolentes e de ajuda mútua denominadas *African Societies* nas quais se deram origem às primeiras igrejas negras, como é o caso da *Bathel Church*, considerada a mãe da *African Methodist Episcopal* (A.M.E.).

Entre o século XVIII e XIX, o fervor do cristianismo evangélico cresce consideravelmente, o que foi denominado uma das ondas do *The Great Awakening* [O Grande Despertar]. No sul do país, tal fervor ressoou facilmente com as práticas religiosas mais emotivas da África Ocidental entre a população negra (PBS, s/d). Em sua primeira novela, *Jonah's Gourd Vine* (1987), de 1934, Zora explora esse tipo de pregação mais enfática, comumente associada às *black church*. A novela conta a história de John e exalta o poder sensível de suas palavras e performances na Igreja, o que tocava todos os ouvintes. *Jonah's* tem inspirações biográficas, tanto que Hurston não fez questão de mudar os nomes das personagens principais, inspirados em seu pai e sua mãe. Além de ressaltar os inúmeros casos conjugais que o pai tivera.

No período citado acima, as pregações híbridas ocorriam em bosques, matagais e pântanos, ou seja, em locais afastados e com profunda conexão com a natureza de forma que, provavelmente, tanto as pessoas quanto as práticas fossem protegidas. Conforme apresentado na pesquisa *The Negro Church* (1903), realizada na *University of Atlanta* sob coordenação de W.E.B. Du Bois, é evidente que a ligação entre natureza e fé/religião tem suas bases africanas, bem como a adoração acompanhada de forte crença na magia. Todavia, o que é central é o valor da integração (DU BOIS, 1903) em um sentido de união e sistematização política e cultural que ocorria durante esses encontros e se fortaleciam através da fé.

Nos anos que antecederam a Guerra Civil, as *black churches* traziam a voz política e profética na causa da abolição. Muitos ministros, inclusive Frederick Douglass, subiam ao púlpito para confrontar a instituição colonial, avisando sobre as punições divinas. No período da Emancipação e Reconstrução, a assinatura de Abraham Lincoln parecia a própria encenação do Êxodo, todavia a abolição da escravidão não garantiu reparações legais. Diante disso, as igrejas se tornaram alicerce de fortalecimento comunitário, sendo a *educação* um de seus principais pilares: ensinavam a ler e escrever, desenvolver talentos, entre outros. Nesse período, inúmeras escolas e

instituições educacionais foram criadas, como é o caso da *Spelman College*, a *alma mater* de Alice Walker.

### 3.1.2 EDUCAÇÃO: DISPUTAS, EDUCAÇÃO INFORMAL, ROBERT HUNGERFORD PREPARATORY HIGH SCHOOL

Como citado acima, a *educação* é outro fundamento da constituição de Eatonville, além de exemplificar um dos cerne da luta política em toda a diáspora africana. Lucy Potts Hurston foi uma figura central nesse aspecto pois ensinava na escola dominical da igreja Macedonia. Como demonstrado por Arao (2016), as mulheres negras desempenharam agência central e persistência na luta por acesso à educação em face à escravização e racismo. A atuação individual e coletiva proporcionou que as comunidades negras estadunidenses tivessem acesso à educação, tanto de maneira formal quanto informal, com suas experiências culturais e históricas validadas em um contexto de negação ao acesso à educação, de suas contribuições para a sociedade e, por fim, constante negatização de suas origens.

Além dos ensinamentos bíblicos, Lucy foi central na educação de seus/suas filho(a)s. Para ela(e)s, seu quarto era o centro do mundo (BOYD, 2003) no qual todos se amontoavam para aprender e fazer suas lições de casa. As crianças menores aprendiam com ela e as mais velhas aprendiam com H. Roberts (Bob) que frequentava a escola *Robert Hungerford Preparatory High School* (ou *Robert Hungerford Normal and Industrial School*), fundada em 1889.

O nome da instituição é em homenagem a Robert Hungerford (1862-1888), médico de Connecticut. Durante uma estadia em Maitland, ele se aproximou de um grupo de jovens negros e passou a ensiná-los a ler e escrever, além de oferecer assistência médica gratuita. Ele falece após cuidar de uma criança com febre tifoide<sup>13</sup>. Russell Colhoun, um dos jovens atendidos por

---

<sup>13</sup> Segundo o Ministério da Saúde, “A Febre Tifoide é uma doença bacteriana aguda, causada pela *Salmonella enterica* sorotipo Typhi, de distribuição mundial. A doença está diretamente associada a baixos níveis socioeconômicos, principalmente em regiões com precárias condições de saneamento básico, higiene pessoal e ambiental”. A transmissão ocorre pela forma direta (contato com as mãos do doente ou portador), e indireta (ingestão de água ou de alimentos contaminados com fezes e urina). Para saber mais: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/f/febre-tifoide#:~:text=Transmiss%C3%A3o,contaminados%20com%20fezes%20ou%20urina..>

Hungerford, frequentou o *Tuskegee Institute*, no Alabama, junto com sua esposa e, após finalizar sua formação, ambos decidem construir uma escola com base na proposta do Instituto na cidade de Eatonville (BOYD, 2003).

*Tuskegee Institute*, atualmente *Tuskegee University*, foi fundado por Lewis Addams, escravizado, funileiro, sapateiro e poliglota, e George W. Campbell, banqueiro, ex-senhor de escravos e comerciante, em 1881. Booker T. Washington foi indicado para ser diretor da escola por um amigo e permaneceu no cargo até sua morte, em 1915. *Tuskegee* tinha como uma de suas missões o desenvolvimento de qualidades intelectuais e morais, além de enfatizar a conexão entre educação e liderança (TUSKEGEE, s/d). Sob a direção de Washington, a instituição endossava o desenvolvimento industrial e a educação vocacional para afro-americanos focada na agricultura, comércio e serviços domésticos (ZHANG, 2023), em suma, na profissionalização.

Apesar da *educação* ser uma das bases históricas da atuação coletiva e individual de pessoas negras, isso não significa que as propostas eram homogêneas. Anos mais tarde, em 1903, W.E.B. Du Bois tece críticas a Booker T. Washington, afirmando que ele utilizou o “(...) pensamento do comercialismo triunfante e os ideais de prosperidade material” (DUBOIS, 1903, p. 34, tradução minha), pensamento que dominava o norte e sul do país, especialmente entre os filantropos brancos. Para Du Bois (1903), o trabalho da escola seria o desenvolvimento de inteligência, ampla simpatia, conhecimento do mundo que foi e que é, e a relação do homem com ele. No *Talented Tenth* (1903) ele demonstra que a dificuldade, então, seria desenvolver os mais talentosos da raça, ou seja, os que se tornariam líderes da comunidade ao adquirir a formação universitária. O papel destes “mais talentosos” estaria diretamente ligado às mudanças sociais necessárias das comunidades negras.

No final do século XIX, a região da Flórida ainda tinha uma economia predominantemente rural e agrícola, onde a maioria dos trabalhadores desempenhavam seus ofícios em plantações ou em trabalhos domésticos (ZHANG, 2023). Nesse sentido, a formação profissional em *Hungerford* foi uma oportunidade – ou seja, ampliação do horizonte de expectativas - em um contexto que havia escassez de oportunidades para afro-americanos da região em acessar uma educação formal.

A instituição foi a primeira escola para afro-americanos na região do estado e resultado de uma luta coletiva: inúmeros residentes da cidade doaram parte de suas terras, totalizando 100 acres para a escola. No total, o *campus* possuía 304 acres. Além disso, inúmeras pessoas de outros locais

fizeram doações, como é o caso de Booker T. Washington que foi homenageado com seu nome no primeiro edifício da escola (ZHANG, 2023). Ela possuía o internato, aulas diurnas e aulas noturnas para jovens e adultos, além de atender estudantes dos estados da Geórgia, Alabama, Carolina do Norte e Carolina do Sul.

Um breve olhar sobre o sistema educacional da Flórida se faz necessário por evidenciar contextual e historicamente a importância de *Robert Hungerford Preparatory High School*. É importante ressaltar que a segregação no sul do país se inicia no ambiente escolar. Durante a *Florida's Constitution Convention*, em 1885, foi estabelecido a criação de escolas normais para a população branca e nenhuma para a população negra, eram oito delegados negros contra cem brancos. Como resultado, a Constituição do estado reiterou a segregação nas escolas em seu *Article XVI*, especificamente na *Section 12* “crianças brancas e crianças de cor não serão ensinadas na mesma escola, mas será feita provisão imparcial para ambas” (FLORIDA, 1885, tradução minha). É notório que a base legal da segregação tem seu ponto inicial na educação, de modo geral, e na escola, de modo específico.

No período fiscal entre 1895 e 1896, o estado e seus distritos gastaram US\$ 6.700 – aproximadamente US\$ 250.580<sup>14</sup> - em todas as escolas negras. No mesmo período foram gastos mais de US\$ 9.000 para reparos em escolas brancas, além de US\$ 40.000 para a construção de novos edifícios – aproximadamente US\$ 1.832.6000. A(O)s professora(e)s branca(o)s receberam, em média, US\$ 191 (US\$ 7.143,40) no ano, enquanto a(o)s negra(o)s receberam US\$ 147 (US\$ 6.967,80) (MARGO, 1990).

Na década de 1890, o custo per capita por aluno branco era de US\$ 6,58 (US\$ 246.092/ano), sendo que o custo por estudante negro era de US\$ 2,35 (US\$ 87.89). Os estudantes negros passavam, em média, 33 dias na escola por ano, e os estudantes brancos passavam, em média, 52 dias na escola. Em 1896, as autoridades de educação pública da Flórida avaliaram 560 escolas para negros com um patrimônio líquido de US\$ 71.560 (US\$ 2.676.344) para 24.143 alunos. As 1.781

---

<sup>14</sup> Utilizei uma calculadora digital de inflação para entender quais seriam os valores atualmente.

escolas brancas totalizaram US\$ 352.873 (US\$ 13.197.450,20) para 41.962 alunos. Em todos os casos, a taxa de participação foi de sessenta e seis por cento<sup>15</sup> (MARGO, 1990).

Ainda assim, o estado da Flórida possuía o maior porcentual de negra(o)s alfabetizados de qualquer estado confederado, com 49% da população negra alfabetizada. E, como se nota, isso não foi resultado das políticas públicas educacionais, pelo contrário: foi necessário organizações sociais como a *Association of Colored People* – hoje conhecida como *Florida States Teachers Association* (FSTA) -, organizações religiosas que sediam seus espaços para que estudantes negros tivessem acesso à educação formal, além da criação de escolas comunitárias e inúmeras doações de filantropos – como é o caso do projeto *John F. Slater Fund* e o *Rosenwald School*.

Por ser uma instituição privada, o colégio recebia inúmeras doações e visitas constantes, especialmente de filantropos brancos. Na verdade, Eatonville, além de ter lindos lagos que atraía o turismo, também é atravessada por uma grande estrada que conecta Orlando a Daytona Beach. Eatonville, por essas e outras razões citadas, era visitada por pessoas brancas, especialmente do Norte. E isso não foi diferente com a *Hungerford School*.

Segundo Hurston (2016), as visitas eram frequentes, principalmente, pela curiosidade. As salas eram arrumadas às pressas e as crianças deveriam se portar de forma excelente, estar limpas, com os cabelos arrumados, unhas cortadas e as melhores roupas, caso contrário seriam castigadas. Na ocasião elas cantavam alguns *spirituals* e algumas delas eram selecionadas para ler trechos de livros clássicos. Em um determinado dia, duas mulheres brancas apareceram sem avisar impossibilitando as organizações prévias. Ambas foram na classe na qual Hurston estudava para observar a declamação e oratória da(o)s estudantes. Neste dia, as crianças liam a história de Plutão e Perséfone que, segundo Hurston (2016), era uma leitura nova e difícil. Todavia, ela já estava preparada pois possuía o livro em casa e havia lido com sua mãe e irmãos. Ela leu o conto até o final e sua leitura chamou a atenção das mulheres. Ao fim da aula, ela foi chamada à sala do diretor para encontrá-las.

---

<sup>15</sup> A taxa de participação (*attendance rate*) é a porcentagem da população estudantil geral de uma escola ou distrito que está fisicamente presente na escola em um determinado período.

No começo, Hurston sente medo pois, suas pernas e sapatos estavam empoeirados, seu cabelo estava bagunçado e com *sandpurs*<sup>16</sup> presos nele, além das unhas não estarem brilhantes (HURSTON, 2016). Todavia, isso não impediu que ela fosse convidada a visitá-las em um hotel em Maitland. Sua mãe a ajeitou com vestido e sapatos brancos e uma fita vermelha no cabelo e seu irmão, John, foi o responsável por levá-la e trazê-la para casa em segurança. Hurston leu para elas e, ao final, recebeu algumas moedas de ouro e alguns livros e, tempo depois, ela recebeu outros livros e roupas usadas pelos correios. Em sua autobiografia (2016), Hurston evidencia que ficou imensamente feliz com os livros e não se importou com as roupas e moedas.

Isso, claro, está diretamente relacionado com o acesso à educação formal em sua cidade, mas também por três fatores articulados: primeiro, devido ao trabalho missionário de seu pai, sua casa era cheia de livros trazidos de diferentes locais. Segundo, sua mãe fazia com que todas as crianças lessem bastante. Mais do que isso, ela as desafiava a pular para o sol [*jump at the sun*], que significava levar a vida com coragem e buscar viver de forma audaciosa. John não gostava disso e se opunha a incentivar sonhos elevados e inatingíveis pois “não era bom que negros tivessem muito espírito” (HURSTON, 2016, p. 20, tradução minha).

Especificamente em relação a Zora, John era ainda mais enfático por ela ser menina. Sua casa se localizava na rua que delimitava a fronteira de Eatonville e ela sempre ansiou pelo *horizonte*, ir além. Em um Natal, por exemplo, ela pede um cavalo para o pai que, enfurecido, diz que ela não era branca e que ela era diferente de todos os outros filhos. No final das contas, ele lhe dá uma boneca. Mas, Hurston não gostava das brincadeiras que a irmã e suas amigas performavam: princesas, donas de casa, donzelas em perigo não a convenciam, por um lado e, por outro, ela não podia brincar com os meninos. Então, terceiro, os livros e suas tragédias mitológicas preenchiam, de certa maneira, sua solidão infantil ao mesmo tempo que proporcionava imaginar outras possibilidades que não fossem tão delimitadas por seu gênero e sua raça.

### 3.1.3 CULTURA: EATONVILLE SPEAKER, VARANDAS E CAUSOS

---

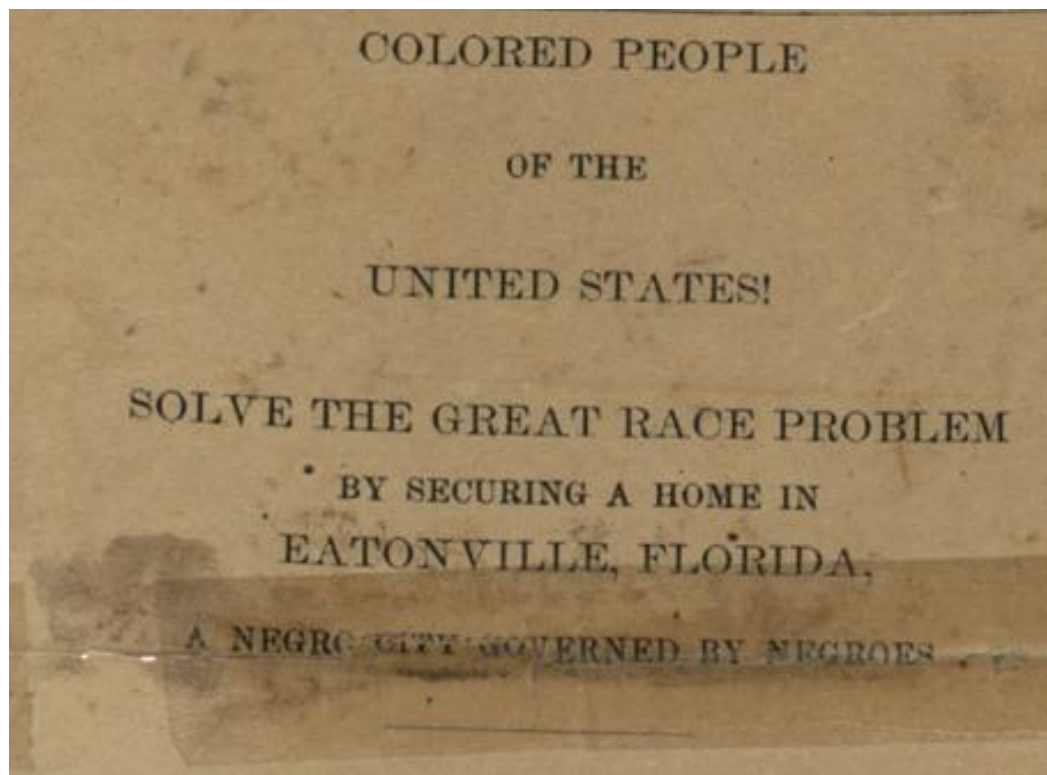
<sup>16</sup> *Sandspurs* ou *sandburs* são um tipo de grama que produz muitas rebarbas espinhosas e dolorosas que faz parte da vegetação da Flórida.

*Religião, educação e arte* aqui são vistas em articulação e sobreposição. Elas evidenciam *estruturas compartilhadas* ou mapas de significados que usamos para entender as coisas, fazer sentido o mundo, formular ideias (DU GAY et al., 1997) que, em outras palavras, nos mostram o pertencimento a uma *cultura* e o efeito prático nas experiências cotidianas.

Nesse sentido, apresentarei alguns pontos observados que nos ajudam a interpretar o mundo e dar sentido as coisas e eventos. A vida de Hurston em Eatonville nos comunica práticas distintas que são específicos de um modo de vida e nos dão pistas sobre nossa sociedade atual.

Começemos pelo jornal citadino *The Eatonville Speaker*. Em sua primeira edição em 1889, é possível ler é o seguinte excerto, disponível no acervo da *University of Central Florida*:

Figura 8 - Excerto *The Eatonville Speaker* (1889)



Legenda: Excerto do jornal *Eatonville Speaker*

Fonte: RICHES – University of Central Florida (s/d).

Se lê: *Pessoas de Cor dos Estados Unidos! Resolva o grande problema da raça garantindo uma casa em Eatonville, Flórida, uma cidade negra governada por negros* (RICHEs, s/d, 1, tradução minha). Logo abaixo há uma descrição completa da cidade: localização, a quantidade de lagos, as possibilidades de cultivo frutas e vegetais, clima e nenhuma família branca. Além de tudo, as casas eram vendidas entre 5 e 10 dólares/acre (US\$ 175 a 350/acre). Entre a descrição, há a pergunta *O que mais você precisa pedir?* (RICHEs, s/d, p. 1). Isso demonstra o entendimento coletivo da importância da cidade frente ao terror racial legitimado por leis segregacionistas, como citado anteriormente e como eles resolveram, como sugerido no enxerto, o problema racial. Nesse sentido, nota-se que a finalidade de Eatonville era a garantia de direitos, além da liberdade, solidariedade e igualdade para as pessoas negras – ou, usando os termos da época, pessoas de cor -, o que possibilitava uma experiência outra se comparada ao entorno.

Na primeira página há dois contos/anedotas bíblia. Na primeira, o pastor explica para uma criança que era necessário enfrentar um leão por dia e a criança sugere atirar no leão para acabar com isso. A segunda é sobre uma criança que, ao rezar, sempre fala *Horrorred by thy name* (algo como: horrorizado pelo Seu nome) ao invés de *Hallowed by thy name* (santificado pelo Seu nome). Ao ser corrigida pela mãe, a criança sugere que Deus deve achá-la engraçada pois ela sempre reza desse jeito.

Outro conto que me chama atenção é o *How Dixie Was Made to Trot in Level Ground – The Use of Weight* (RICHEs, s/d, p. 1) que, como o título sugere, conta a história de um homem que ensinou um cavalo, Dixie, a trotar. Todavia, no início do conto a personagem é apresentada como uma típica pessoa de Kentucky que fala como os negros por associação, todavia ele não sabe como contar uma história.

A primeira página dos jornais é a mais importantes e onde se localiza os debates centrais produzidos e consumidos neles. Por isso o debate racial, as anedotas religiosas, a importância de ler e estudar, a contribuição da população negra na língua inglesa, junto com a propaganda da cidade estão nessa página. Nela também há a carta de um membro da *Grand United Order of Odd Fellows in America* na qual o remetente elogia os esforços e sucesso ilimitado dos membros da cidade. A *Ordem* foi fundada em 1843 por afro-americanos que haviam sido discriminados e proibidos de participar de outras ordens existentes.

Na terceira página, há dicas de como arar a terra e cultivar plantas, usar resíduos domésticos na composteira, tratar doenças de cavalo e uma possível infestação de centopeias, ou seja, temas relacionados às experiências de Eatonville que, naquele período, era uma cidade rural. Dois terços da terceira página é dedicada às inúmeras propagandas, principalmente relacionadas a remédios para purificação do sangue, reumatismo, para os “nervos”, entre outros. Há um artigo sobre um erro médico relacionado à prescrição de arsênico, mas o que chama atenção é a crítica aos valores exorbitantes das companhias de saúde que lucram com a morte de pacientes, uma questão alarmante no país<sup>17</sup>. Há uma propaganda de venda de armas<sup>18</sup>, algo que também observei quando fui à Orlando, mas a diferença é que há inúmeros *outdoors* espalhados na cidade, especialmente próximo às estradas e avenidas. Todavia, desta página me chama a atenção uma notícia intitulada *How a King Looks* referente aos trajes do rei Jubo Jubogha (1821-1891), ou Jaja, de Opobo, atual Nigéria. Na ocasião da notícia o rei estava exilado por não aceitar a anexação do território à Grã-Bretanha e as taxas comerciais da empreitada colonial. Além de ter tornado o país o maior produtor de óleo de palma do mundo, ele proibiu a entrada de missionários em seu reinado. A descrição de suas roupas provavelmente faz referência à foto abaixo (Figura 8), todavia não foi possível mapear a data e o evento que ocasionou a fotografia.

---

<sup>17</sup> O sistema de saúde dos Estados Unidos é considerado caro e ineficiente e, segundo o *Harvard Health Publishing* (2021) precisa de mudanças urgentes. Aqui são alguns pontos que evidenciam esse problema histórico: alto custo e pouca qualidade – mesmo caro, o país tem pontuações baixas em muitos aspectos importantes como expectativa de vida, internações hospitalares evitáveis e mortalidade materna -; encargos financeiros – muitas pessoas correm o risco de falência se desenvolverem doenças graves, além das variações dos preços de serviço -; o acesso é desigual – o acesso à seguro saúde é limitado a trabalhadores, há a tendência de se negar ou atrasar cuidados de alta qualidade aos que mais precisam, e as seguradoras desencorajam o atendimento para conter os custos -; o sistema se concentra em doenças e cuidados especializados, em vez de cuidados preventivos; o atendimento é fracionado e as especialidades não dialogam entre si; entre outros. Para saber mais: <https://www.health.harvard.edu/blog/is-our-healthcare-system-broken-202107132542>.

<sup>18</sup> Estima-se que mais de 36% da população do estado da Flórida possui armas, sendo este o segundo estado que possui mais armas do país. Veja a lista em: <https://www.cbsnews.com/pictures/gun-ownership-rates-by-state/38/>. Em 2022, quase 2000 crianças e jovens foram presas por portarem armas. Para saber mais: <https://health.wusf.usf.edu/health-news-florida/2023-12-11/more-kids-are-getting-arrested-with-guns-a-tampa-program-aims-to-turn-their-lives-around>. E, por fim, em 2018 foi aprovado uma lei estadual que permite professores de portarem armas em escolas: <https://www.nytimes.com/2019/10/01/us/florida-teachers-guns.html>.

Figura 9 - Rei Jaja de Opobo (Nigéria) (final do século XIX, aprox.)



Legenda: fotografia do rei Jaja em suas vestimentas reais

Fonte: African Defense Forum (2016)

A foto descentraliza nosso olhar sobre a estética e vestimentas das monarquias. De maneira geral, as inúmeras propagandas (desde matérias jornalísticas, até as produções literárias e audiovisuais) nos induzem a imaginar um tipo específico de monarquia, com vestimentas específicas. A foto acima nos auxilia a tirar o véu: trata-se de um dos mais poderosos reis daquele período, lutando pela autonomia de seu país e em seus trajes tradicionais. Acredito que esses pontos ajudaram a criar cadeias de significados, pertencimento e luta política entre a notícia selecionada no único jornal da cidade com suas/seus leitora(e)s, em uma tentativa de romper com os sistemas classificatórios vigentes, além de trazer novidades outras que poderiam não ter a devida atenção caso fossem noticiadas em outros jornais (brancos).

Por fim, na última página há dois textos referentes ao debate racial. O *Sanford Letter* refere-se a um caso que quase terminou em linchamento. Isso porque um xerife acusou um jovem negro de atirar nele após um furto. Todavia, algumas pessoas que estavam na ocasião afirmaram que o policial atirou primeiro. De qualquer forma, isso não impediu que os cidadãos brancos ficassem animados com a possibilidade de irem à prisão, local onde o jovem se encontrava, e linchassem

ele ou qualquer *homem de cor* que lá estivesse. Muitas pessoas foram convocadas para proteger o estabelecimento – mas não para a proteção da população negra aprisionada – e outras, negras, foram ao local para evitar o acontecimento. Segundo o redator, era observável a coragem e civilização das pessoas negras, apesar que “(...) quase se podia ouvir um vulcão rugindo em seu peito; nenhum sinal de medo foi demonstrado” (RICHES, s/d, p. 4).

Por fim, a carta *The Race Problem* traz a reflexão de um homem branco sobre o preconceito racial. Para ele não fazia sentido as pessoas (brancas) serem contra uma das criações (pessoas negras) de Deus e, na verdade, as pessoas brancas deveriam aprender sobre perdão com as negras. Ao mesmo tempo, ele afirma que não há nenhum indicativo na bíblia sobre a superioridade branca e que, assim como Abel e Caim, todos eram irmãos. Pensando no processo de *produção* de significados que um jornal se utiliza para se comunicar com seu público-alvo, ambos textos sobre violência racial, na última página, se conectam com a afirmação da primeira, que o problema racial fora resolvido em Eatonville.

O jornal é importante, pois nos garante acessar memórias e eventos passados significativos para o nosso presente, ou seja, a cultura. Propaganda de vendas de armas, violência policial, soluções milagrosas, falta de acesso a um sistema de saúde público e gratuito são temas recorrentes no debate público estadunidense ainda hoje. As experiências de violência racial e suas possíveis soluções, além do papel central da igreja e da educação, demonstram a agência individual e coletiva da população negra. Além, claro, das especificidades publicizadas sobre as pessoas que viviam lá.

Para Hurston (1934), uma das características principais na forma que os negros se expressam é a ausência de privacidade. O jornal é um marco para o registro e preservação da memória de Eatonville. Todavia, é a partir das classificações do que é ou não publicável que se evidencia os limites em lidar com a memória cultural e artística de forma mais ampla.

É na varanda que essa cultura era vivida cotidianamente. O ensaio semi-biográfico *How It Feels To Be Colored Me*, publicado em 1928, nos dá pista sobre a relação de Hurston com esse lugar específico a partir da personagem principal, “espectadora nata”, que gostava de ficar sentada na varanda de sua casa, observando o que acontecia em Eatonville. Em 1902, John Hurston se torna pastor na *Macedonia Baptist*, em Eatonville, enquanto ainda mantinha seu ministério na *Zion Hope*, em Sanford. Além disso, John era moderador da *South Florida Baptist Association*. Desta

maneira, muitas das reuniões aconteciam na casa de Zora, especificamente em sua varanda. Após as reuniões, os participantes realizavam uma grande sessão de contação de histórias e piadas sobre os pastores, as congregações e os pecadores (BOYD, 2003).

Todavia, a varanda principal da cidade, e para Zora, era a da loja de J.E. Clark (Figura 10).

*Figura 10 - Varanda de J.E. Clark*



Legenda: J.E. Clark (esquerda) e desconhecido (direita) levantados e em pé na varanda da loja de J.E. Clark

Fonte: TEICHNER (2023)

Hurston sabia da importância das igrejas e de *Hungerford School*, porém

Havia as duas igrejas, Metodista e Batista, e a escola. A maioria das pessoas diria que tais instituições são sempre as grandes influências em qualquer cidade. Eles diriam isso

porque parece o que deveria ser dito. Mas sei que a loja de Joe Clark era o coração e a fonte da cidade (HURSTON, 2016, p. 45, tradução minha).

As crianças da cidade não tinham permissão para sentar-se na varanda e ouvir as conversas dos adultos. Todavia, Hurston sempre achava um meio de ouvir escondida pois ela tinha uma vantagem: sua casa estava localizada ao lado da loja de Clark. Além disso, ela adorava gastar mais tempo do que devia na loja quando tinha que comprar algo que sua mãe pedia. Ela só saía quando ouvia Lucy gritando por ela de sua casa (BOYD, 2003).

Na varanda de J.E. Clark se contavam histórias sexuais de duplo sentido, referências veladas às jovens mulheres consideradas promíscuas, brincadeiras de flertes, a potência sexual dos homens, além de amores clandestinos. Era lá que o conceito de privacidade deixaria de existir e as vidas da cidade eram expostas pelas bocas dos homens – raramente as mulheres se juntavam na contação de causos. Para Hurston (2016), “não havia nuances discretas de vida na varanda de Joe Clark. Havia bondade aberta, raiva, ódio, amor, inveja e seus parentes, mas todas as emoções estavam nuas e eram alcançadas de forma nua” (HURSTON, 2016, p. 45). Desta maneira, além da ausência de privacidade, outra característica observada era o *drama* (HURSTON, 1934), a encenação e a performance que davam mais sentido e vivacidade às histórias. E esses mundos artísticos da vida cotidiana se fundiram em sua escrita no futuro.

Mas o que segurava sua curiosidade eram os *folktales* [contos populares] que aconteciam durante as *lying session* [sessões de mentiras], isto é, quando uns lutavam contra os outros para contar as histórias populares (HURSTON, 2016) de maneira mais dramatizada e com mais ação, aventura e comédia possível. Os personagens principais ou os *heróis da cultura*, como ela denomina, eram Jack – considerado herói do Sul, vence a todos, inclusive o Diabo que é mais esperto que Deus; o Diabo – afável e cheio de humor, com quem se conta em todas as dificuldades; Pedro – o apóstolo mais ativo e que empunhou a lâmina; além de bichos, como coelho – que é irmão de sangue de Jack -, urso, leão e urubu (HURSTON, 1934).

As pessoas entendiam a natureza como se deve: seres vivos que se comunicam conosco e entre si. Quando ela ouvia essas histórias, ela não se surpreendia pois já suspeitava que os elementos naturais se comunicavam e, utilizando essa lente, “a vida assumiu um perímetro maior ao se expandir nessas coisas” (HURSTON, 2016, p. 50). Hurston, por exemplo, ao sentar-se

embaixo de um pinheiro e ouvir as conversas entre ele, suas folhas e o vento, percebeu sua amorosidade e resolveu chamá-lo de “pinheiro amoroso”, fazendo com que todos da cidade se referissem à árvore do mesmo jeito.

Foi ainda na varanda de Clark que ela escutou histórias sobre como os negros adquiriram sua cor, aprendeu porque existiam metodistas e batistas, e ouviu teorias sobre os motivos que Deus deu aos homens e às mulheres forças e lutas diferentes.

Para Boyd (2003),

Ali, na varanda da loja, Zora aprendeu o que se tornaria a língua principal de sua própria literatura, a força vital de sua vida como contadora de histórias. Ela aprendeu essa linguagem – essas frases, histórias e nuances – pelo coração. O que quer dizer que ela os aprendeu de forma irrevogável - não como informações memorizadas a serem recontadas mecanicamente, mas como uma parte essencial de quem ela era e de quem ela se tornaria (BOYD, 2003, p. 39, tradução minha).

Foram esses brilhos que Zora ouviu, observou e guardou para seu próprio uso (HURSTON, 2016) no futuro, tanto na literatura quanto na antropologia. Mais do que isso, sua vida em Eatonville, ou seja, sua *experiência* na cidade, foi essencial para suas escolhas de futuro, para almejar um horizonte de expectativa no qual essas experiências (individuais e coletivas) específicas fossem validadas, vistas como possíveis e passíveis de registro. Tanto seus escritos ficcionais, como *Jonah's Gourd Vine* e *Seus Olhos Viam Deus*, quanto seus escritos biográficos, como *How It Feels Be Colored Me* fazem parte do trabalho imaginativo de criação, revisitação e registro da memória.

Mas seu escrito mais explícito sobre as pessoas de Eatonville, é o *The Eatonville Anthology* publicado na edição de 1926 da *The Messenger*, voltarei à revista a seguir. Sua publicação refere-se a onze pequenos casos que ela ouviu e presenciou dos moradores da cidade. Podemos categorizá-los a partir das seguintes temáticas: 1) *pessoas cujas atitudes e personalidades eram comentadas* – com quatro casos; 2) *relacionamentos conjugais informados por algum tipo de violência* – quatro casos; 3) *relação e disputa com animais* – dois casos; e 4) *mudança cultural e geracional* – 1 caso.

Na primeira categoria, o caso I descreve a Sra. Roberts, uma mulher que, apesar de receber apoio financeiro do marido, sai diariamente pela cidade pedindo comida. Ela reclama das doações, como carne insuficiente ou verduras "envenenadas", mas continua repetindo o mesmo percurso todas as manhãs. Vizinhos e Joe Clark reclamam, mas deixam alguns alimentos separados para ela.

O caso V fala sobre Old Man Anderson, um homem que vivia isolado e nunca tinha visto um trem. Ridicularizado pelas crianças de Eatonville, ele finalmente foi a Maitland para ver um, mas o susto foi tão grande que ele fugiu para a floresta e nunca mais quis repetir a experiência.

No caso VII, Joe Lindsay é conhecido como o maior mentiroso de Eatonville. Ele conta histórias absurdas, como a de um médico que lavou os órgãos de uma mulher e os recolocou, deixando-a pronta para trabalhar imediatamente.

Por fim, o caso VIII descreve Sewell, um homem solitário que vive mudando de lugar. Suas galinhas já estão acostumadas a serem transportadas, e ele aceita sua careca como um sinal de proximidade com Deus.

Na segunda categoria, os casos abordam relacionamentos conjugais, destacando diferentes formas de violência e desafios enfrentados por mulheres.

No caso II, Jim Merchant ama sua esposa, que não tem dentes e sofre de "ataques". Durante uma crise, a mãe dela derrama por acidente terebentina em seus olhos, o que, ironicamente, a cura. A terebentina é uma substância tóxica que pode causar danos à saúde.

No caso III, Becky Moore tem onze filhos de pais diferentes e nunca se casou. Ela não se culpa, afirmando que os homens nunca propuseram casamento. A comunidade a marginaliza, e outras mães proíbem seus filhos de brincar com os dela, refletindo o abandono parental e a crueldade social.

No caso IX, a Senhorita Clark sofre abusos verbais do marido, Clark, que antes a agredia publicamente, mas agora só o faz em casa. Ela frequenta a igreja e sente falta do marido, apesar do tratamento que recebe. Já no caso X, a Senhora McDuffy é agredida pelo marido após gritar na igreja, algo que ela atribui ao "espírito". Os vizinhos tentaram intervir, mas ele se recusa a parar,

afirmando que seu punho é tão duro quanto a cabeça dela. O assunto é abandonado pela comunidade.

A terceira categoria inclui os causos IV e VI. No IV. No primeiro, Hurston (1926) descreve Tippy, o cachorro da família Sykes, como o membro mais interessante da casa. Magro e resistente, Tippy invade casas para roubar carne e sobrevive a várias tentativas de envenenamento. A cidade acabou aceitando sua presença, e ele continua amigável com quem o permite.

No VI, um guaxinim chamado Taylor é odiado por todos, especialmente por Clark, por roubar frutas da mercearia e das casas. Apesar das tentativas de Clark para afugentá-lo, Taylor sempre escapava. Um dia, Clark decidiu alimentá-lo com cana-de-açúcar, e o guaxinim desaparece por três meses.

Na última categoria, o conto final descreve a mudança no ritmo de dança em Eatonville após a I Guerra Mundial. Antes, predominava o *breakdown*, em que os pés não podiam se cruzar, mas a geração pós-guerra preferia o *fox-trot*, semelhante à valsa. O órgão da igreja foi substituído pelo piano como instrumento principal. Apesar das mudanças, os bailes mantinham três características: jovens flertando, muita comida e uma atmosfera de felicidade, com "olhos brilhantes, dentes brilhantes". Antigamente, as marchas eram comuns, com os pés sempre tocando o chão. Hoje, os jovens encenam marchas, mas levantam os pés, desagradando os mais velhos (HURSTON, 1926).

Esses pequenos enxertos biográficos exemplificam um contexto sócio-cultural que, apesar de específico de um tempo e lugar, nos dão pistas sobre nossa sociedade atual: violência doméstica e abandono parental, com suas tentativas de soluções e silenciamentos; relações e disputas com animais; avanços tecnológicos, aqui em relação à locomotiva, que causam medo e fascínio; uso de produtos (químicos) perigosos para a “cura” de nossas doenças; e fofocas, muitas fofocas.

E, mais importante, um pilar fundamental desta tese: analisar e explorar as práticas culturais protagonizadas por pessoas negras, pessoas comuns. Hurston emerge em sua época como intelectual multivocal responsável por registrar, observar, dialogar e vivenciar tais práticas. Considero ela a mais eloquente, pois o uso de seus materiais é perene, principalmente devido às organizações e ações políticas de pessoas que tiveram, de alguma forma, alguma ligação com Hurston. Ao mesmo tempo, ela nos traz representações, identidades e tensões – através de seus

escritos e vida - que nos auxiliam a pensar nossas experiências e busca constante por (re)criar significados, mundos significativos e respostas<sup>19</sup> para cicatrizes que, por vezes, parecem não parar de sangrar.

Zora Neale Hurston vivenciou profundamente esse ambiente de transformações aceleradas, posteriormente registrando suas memórias, tanto individuais quanto coletivas. A cidade de Eatonville, em particular, é perene em suas obras literárias e antropológicas. Este cenário é intrinsecamente ligado às mudanças geracionais e disputas inerentes à cultura, além de explorar a possibilidade de alcançar felicidade, alegria e "olhos brilhantes" por meio da vida cultural e artística.

Isso me faz retornar às lembranças do *35th Zora!*: o Festival dura quase uma semana em janeiro, mês de celebração pelo nascimento da autora. Eu viajei na quarta-feira para Orlando, pois queria estar cedo em Eatonville no dia seguinte. Eu estava animada e ansiosa. Já havia feito campo em Orlando duas semanas antes, no dia 07 de janeiro, para o *Happy Birthday Zora* organizado pela *Orlando Public Center*, a maior biblioteca – em espaço e materiais - da cidade e região. Neste pude ouvir duas palestras: uma mais biográfica sobre Hurston e outra sobre o livro *Their Eyes Were Watching God*. No intervalo, teve o show do artista local Dom Black, saxofonista negro. Por ser em uma biblioteca, o evento fora mais sóbrio, apesar das risadas compartilhadas da felicidade em se conversar e ouvir sobre Zora Neale Hurston.

A vontade de conhecer Eatonville fora uma constante desde os primeiros contatos com Hurston. Então, mesmo me sentindo mais preparada para essa viagem, após o meu primeiro trabalho de campo, eu me sentia muito ansiosa, feliz, animada para conhecer a cidade que *a liberdade construiu*.

Logo na quinta-feira, ocorreu uma mesa sobre preservação histórica da cidade: Andrea Roberts (*University of Virginia*) explicou o funcionamento dos mecanismos legais de preservação de locais históricos no estado da Flórida e como a comunidade de Eatonville faz o diálogo, e

---

<sup>19</sup> Pós-Reconstrução, Jim Crow, Grande Migração, I e II Guerras Mundiais, luta pela descolonização do continente africano, luta por direitos civis, aumento significativo de estudantes e pesquisadora(e)s negra(o)s em instituições de ensino, movimentos artísticos, artistas negros circulando pelo mundo, Black Lives Matters... Os materiais de Zora Neale Hurston são tão ricos que nos auxiliam na ampliação de entendimento sobre um conjunto de eventos e mudanças que causaram rupturas – ou ao menos rachaduras – no nosso mundo, em níveis materiais e subjetivos, sobre como queremos viver e nos relacionar no e com o mundo.

tensionamento, para a preservação, financiamento e possível tombamento de pontos da cidade<sup>20</sup>. Já o prof. Scot French, que desenvolve uma pesquisa sobre a *Hungerford School* e as lutas de diferentes movimentos sociais locais para salvaguardar a escola na *University of Central Florida*, fez uma conversa sobre a revitalização do espaço e o poder da comunidade para decidir sobre como o terreno pode ser utilizado para manter o papel cultural, educativo e pedagógico dos acres que a antiga escola ocupava.

Foi nesta palestra que descobri que a gentrificação é real e cruel em locais outrora ocupada por famílias negras e pobres: em 2023, o *Orange County Public Schools* – uma espécie de Secretaria da Educação do condado no qual Eatonville está localizada – estava negociando a venda do terreno para a construção de um condomínio habitacional de luxo (CENTRALFLORIDAPUBLIC, 2025).

Como demonstrado pela extensa reportagem publicada na *Southern Poverty Law Center* (SPLCenter, 2023), as negociações para a venda se iniciaram durante a pandemia da Covid-19. A crueldade cresce em um contexto de vulnerabilidade social. Apesar da cidade já não ser mais exclusivamente negra, sua população total é composta por 73% de pessoas negras, em sua maioria descendentes de seus fundadores, o que demonstra a força e articulação política e histórica da comunidade. E, por fim, seus membros mantiveram “(...) sua paisagem modesta de casas históricas com estrutura de madeira” (SPLCenter, 2023, s/p, tradução minha). Desde então, o processo da comunidade contra o condado está arquivado por falta de provas sobre a venda da escola.

Acredito que intensa mobilização da comunidade pode ter influenciado na não venda do terreno: piquetes, reportagens, reuniões comunitárias, encontros e debates com políticos, pesquisas e, claro, a imagem de Hurston, foram essenciais para que esse debate se ampliasse, ao menos, pelo estado da Flórida e a venda, por hora, fosse interrompida (SPLCenter, 2023).

Na sexta-feira, ocorreu a palestra *Zora Neale Hurston through Space, Place, and Time* na qual a pesquisadora e moradora Sidney Rose McCall apresentou a triangulação que alicerça a cidade de Eatonville e fora utilizada na estruturação deste capítulo. McCall explicou sobre como, mesmo após o falecimento de Joe Clark, aquele espaço continuou sendo um local de encontro para

---

<sup>20</sup> A *Association to Preserve the Eatonville Community, Inc.* (P.E.C.) possui um site com todas as informações sobre a organização e atividades realizadas na cidade, são formações, eventos, encontros de discussão, clubes de leitura, formas de financiamento: <https://preserveeatonville.org/>.

a comunidade. Quando pude, me apresentei, falei porque eu estava ali e fiz minha pergunta sobre quais eram as atividades realizadas no local. As pessoas ficaram felizes com minha presença e com a magnitude transnacional de Hurston representada por minha presença. Ao final, algumas pessoas vieram falar comigo, curiosas para saber sobre meu trabalho e o Brasil. A palestrante elogiou meu inglês – o que deixou sem graça e aliviada por sua paciência para eu conseguir formular a questão -, e disse que durante um tempo, o local se tornara um clube de jazz chamado KOHA, onde ocorriam shows e bailes. Todavia, o local estava fechado desde a pandemia.

Neste dia eu fiquei muito feliz: o dia estava brilhante e colorido, com um céu azul, lagos cintilantes, vegetação com diferentes tons de verde. Após a palestra e conversas, fui dar uma volta no festival. Era dia de visita escolar e centenas de crianças, adolescentes, professores e instrutores se divertiam em oficinas, nas barracas de comida, na feira de artesanatos e assistindo os shows. A fila do *Zora Neale Hurston National Museum of Fine Arts* dobrava quarteirão com visitantes ansiosos para ver a exposição *VOICES: A Journey Home Through the Spirit of the Ancestors* da multiartista Louise Deininger. A exposição era resultado de sua residência na *Mana Contemporary*, em Jersey City, no qual a artista explorou fotografias familiares, imagens de deidades, colagens e tecidos para se pensar o papel das mãos para a comunidade negra: a reza, o carinho, os penteados, a coletividade e, por vezes, a violência.

Após ir ao museu, andei até a praça central onde o palco estava montado. Assim que cheguei, percebi que era a apresentação de estudantes da rede pública na qual havia aula sobre a cultura yorubá. Nela, as crianças e jovens dançaram, encenaram alguns contos mitológicos nigerianos, enquanto um casal de professores narrava e tocava tambores. Foram várias ocasiões que me considero tocada pela magia durante minha ida a Eatonville, e essa foi uma delas: em dado momento as crianças do palco começaram a acenar e sorrir para mim, até eu perceber que eles apontavam para minha saia<sup>21</sup>. Quando olhei, percebi que nossas estamparias combinavam: era a *ankara*, de Nigéria, visível nos padrões e cores que conectavam nossas roupas. Após essa interação e com o fim da apresentação, que durou uns 45 minutos, eles desceram e alguns conversaram

---

<sup>21</sup> Na verdade, está saia não era, inicialmente, uma saia, mas sim um avental longo. Minha tia é cozinheira e, há uns anos ela comprou inúmeros tecidos com essa estamparia para fazer inúmeros aventais para sua equipe de trabalho. Não sei por que, ela parou de utilizar esse uniforme, optando pela camiseta preta com o logo de sua marca e avental preto. Às vezes, ela utiliza alguma das boinas que lhe restaram que ela fez com os mesmos tecidos nesse período. De qualquer maneira, eu amo esse tecido e essa estamparia específica: são tons de azul escuro, amarelo mostarda e branco que formam búzios ou bandeiras ou, segundo minha mãe, cerquinhas e o horizonte.

comigo, falei que fiquei muito feliz com a apresentação e que a cultura yorubá também está presente em todo o Brasil. Além disso, falei as poucas palavras que conheço em yorubá (que aprendi na minha casa/*Ilê*). As contingências das circunstâncias que em momentos cruciais de nossa vida nos faz pensar: “estou onde deveria estar”, para mim, também é magia.

O outro momento foi quando percebi que havia uma estátua do lado direito do palco. A escultura de 1 metro e 30 centímetros representa um homem negro, muito bem adornado - me parece alguém importante por causa das vestimentas e acessórios - ajoelhado sob perna direita, com um cajado na mão direita e um livro na mão esquerda. Olhei e pensei: “Esú!”.

*Figura 11 - Esú de Eatonville*



Legenda: Escultura em cobre confeccionada por Rawlvan Bennett (2017)

Fonte: arquivo pessoal (2024).

As informações da escultura só foram encontradas meses depois, na página *Bronze Kingdom*, empresa de Bennett responsável por fazer algumas obras para a celebração de 130 anos da cidade. A estátua em bronze tem o título de *Benin King statue from Nigeria* (BRONZEKINGDOM, 2017).

Esta estátua representa, para mim, o que Hall chamou de “África viva na diáspora africana” (HALL, 2016) e sintetiza a triangulação citada ao longo deste tópico para se referir à Eatonville: arte/cultura, fé e educação estão representadas em cada aspecto da estátua e conectadas com a proposta daquele ano para o festival, *Eatonville is the Future*. Já Esú, na tradição yorubá, é o orisá, entre seus muitos aspectos, da contradição, da não-linearidade, um verso conhecido sobre seus mistérios já demonstra isso: *Esú matou um pássaro ontem com a pedra que arremessou hoje*. Ou, como escrito no poema homônimo de Eduardo Fernando Marques Mazarão, conhecido como Eduardo Brechó:

*Exu é o começo  
Atravessa o avesso  
Exu é o travesso  
Que traça o final  
Exu é o pau  
No caule que sobe  
O caminho de além  
Do bem e mal  
Dito pelo não dito*

*Odara é bonito se a água não acaba  
Elegbara elegante no falo que baba*

*Exu é quem cruza e descruza o amor  
Bará não tem cor  
Estará onde quer que qualquer corpo for*

*Pra todo trabalho  
É o laço e o atalho  
É o braço e a mão  
Do falho e do justo  
Exu é o custo do movimento  
O tormento do ser  
Que não é Exu*

Acredito que Eatonville represente a experiência em diáspora africana: o rompimento com a noção linear do tempo, a luta por educação que nos permite observar os fluxos contínuos de pessoas, ideias, culturas, entre outros. Estar em Eatonville, conhecer o local que eu almejava desde 2021, me sentir tão diferente e, ao mesmo tempo, pertencente... essa é a conexão que importa, é a diáspora viva e pulsante nas Américas e no mundo. Hurston nos mostra isso.

### **3.2. Mudança marítima e os desafios e lutas de ir além do *horizonte* de Eatonville**

Todavia, com treze anos, em 1904, sua mãe falece. Para a autora: “[n]aquela hora começou minhas andanças. Não tanto em geografia, mas em tempo. Então não tanto em tempo quanto em

espírito. Mamãe morreu ao pôr do sol e mudou um mundo” (HURSTON, 2016, p. 63, tradução minha). Na verdade, ela conhecera um mundo indisponível para ela até então talvez pela meninice, talvez pela proteção contra crueldade racial.

Acredita-se (BOYD, 2003) que Lucy tenha morrido de tristeza devido às traições do marido e pelo assassinato violento e, provavelmente, com cunho racial de um primo querido. Zora é enviada para Jacksonville e sofre uma “mudança marítima”. É lá que ela experimenta, pela primeira vez, o racismo, a fome e a pobreza:

Quando desembarquei em Jacksonville, não era mais a mesma. Parecia que eu tinha sofrido uma mudança marítima. Eu não era mais Zora do Condado de Orange, eu era, agora, uma pequena garota de cor. Descobri isso de algumas maneiras. No meu coração e também no espelho, me tornei negra-garantida para não sair nem correr (Hurstons, 2021b, p. 47).

Não há muitos registros desse período, segundo a pesquisadora Boyd (2003), Zora provavelmente quis que não houvesse, mas sabe-se que ela se tornou órfã pois seu pai a abandonou, seus irmãos seguiram suas vidas e, quando podiam, ajudavam-na. Com a perda da mãe, Hurston passa mais de uma década vagando e perdida (HURSTON, 2016). Ela trabalhou como empregada, garçoneiro e manicure, recebendo centavos que quase impossibilitavam sua sobrevivência. Mais do que sobreviver, seu anseio era continuar sua formação, e mesmo a possibilidade de frequentar o ensino público lhe era negada por não possuir dinheiro para as taxas, materiais e uniforme. Ela não podia se dar ao luxo de ficar sentada nos bancos escolares (HURSTON, 2016). Durante esse período, ela foi apenas mais uma garota de cor.

Ela passou por diversos empregos e sofreu diversas formas de abuso em alguns deles. Todavia, um lhe tinha espaço especial em sua coração, e por isso ela aborda mais em sua autobiografia: ser empregada para uma companhia teatral. Para ela lhe foi oferecido US\$ 10/semana – algo em torno de US\$ 300 – e o valor das despesas. Apesar de não receber esse dinheiro, foi nesse trabalho que ela se apaixonou pelo palco: “Tudo era prazeroso e excitante. Se pudesse existir mais céu que isso, eu não queria ver” (HURSTON, 2016, p. 93, tradução minha). O trabalho também possibilitou algo que ela queria desde sua infância: ir além do horizonte, conhecer (parte) do mundo. E, mais que isso, seu novo emprego lhe garantiu que sua peregrinação

fosse segura. Quando ela é dispensada pela companhia, pois a dona deixaria os palcos, foi incentivada a voltar para a escola. Foi a companhia que lhe retomou a paz e autoconfiança para seguir sua jornada: “*eu me agarrei finalmente à única arma que eu tinha – esperança -, e coloquei meus pés no lugar. Talvez tudo ficaria bem a partir de agora. Talvez. Bem, eu calcei meus sapatos e comecei*” (HURSTON, 2016, p. 106, tradução minha).

Ainda assim, ela sentia que toda vez que começava a caminhar, seus pés ficavam presos em área movediça (HURSTON, 2016) e seu sonho de finalizar sua educação parecia longe. Cansada de seguir as regras e frustrada, ela realizou seu ato mais revolucionário: ela chega à Baltimore, em Maryland, logo após deixar a companhia. Na legislatura do estado, era permitido escola pública “*para todos os jovens negros entre seis e vinte anos de idade*” (MARYLAND, 1904, s/p, tradução minha). Em 1917, Zora tinha vinte e seis anos. Para conseguir ter acesso à educação, ela mentiu em sua documentação, dizendo que sua data de nascimento era em 1901. Ao escolher diminuir dez anos de sua idade, ela garantia alguns anos a mais caso precisasse. Essa mentira também lhe poupou de questões embaraçosas sobre seu passado. Além disso, ter dezesseis anos novamente lhe permitiu viver uma juventude que ela havia perdido (BOYD, 2003, p. 75).

Devido sua inteligência e dedicação, seus professores a incentivaram para aulas preparatórias na *Morgan Academy* a divisão de ensino médio da *Morgan State University*. Em setembro do mesmo ano ela inicia suas aulas noturnas na instituição. Reconhecendo que Zora “não tinha dinheiro e família para se referir” (HURSTON, 2016, p. 109, tradução minha), e vendo nela uma promessa acadêmica (BOYD, 2003, p. 76), o diretor do colégio lhe conseguiu um emprego que suprisse suas necessidades financeiras e a possibilitasse estudar. Hurston passa a trabalhar na casa de um dos funcionários do colégio, cuidando de sua esposa. No acordo, lhe é garantido a isenção da mensalidade, sendo o pagamento um quarto, alimentação e dois dólares por semana. Além disso, ela poderia frequentar a biblioteca do casal, sua sede por leitura era tanta que ela “(...) *agia como se os livros fossem fugir*” (HURSTON, 2016, p. 110, tradução minha).

*Morgan Academy* era tida como uma instituição de ensino de elite para jovens negros. Nesta época, Hurston possuía apenas um vestido, uma muda de roupa íntima e um par de sapatos. Seus colegas de classe sempre a perguntavam o que ela vestiria no dia seguinte e, entendendo como brincadeira, Hurston descreveria o que iria vestir. Algumas garotas se ofereciam para emprestar roupas.

Apesar de seus colegas e professores não saberem sua real idade, eles conseguiam observar um senso de maturidade maior nela. Por isso, quando os professores de inglês e história faltavam, eles a colocavam no comando. Como ela relembra, “*em momentos como esse, meus colegas eram perfeitamente respeitosos comigo até o sinal tocar. Então, eles zombavam da minha cara séria enquanto eu estava ensinando*” (HURSTON, 2016, p. 112, tradução minha).

Suas melhores notas eram nas matérias citadas acima, ela também era competente em ciências e música e, apesar de ter passado, não entendia aritmética. E, mesmo com todos os desafios, ela finalmente se sentia feliz: “*eu estava finalmente fazendo as coisas que queria fazer. Cada coisa nova que aprendi na escola me deixou feliz*” (HURSTON, 2016, p. 116, tradução minha).

Em 1918, seu pai havia se mudado para Memphis. E, infelizmente, ele falece após seu carro parar de funcionar na linha do trem e ele ser atropelado. Zora não foi ao seu funeral e isso não causou nenhuma alteração em seus planos. No mesmo ano ela se forma na *Morgan Academy*, em Maryland, onde seu irmão mais velho morava. Ela estava ocupada demais para sua próxima mudança para cursar a *Howard University*, na capital do país, por um lado e, por outro, o falecimento de John a libertou da dor do passado, agora ela não precisava se preocupar em agradar ou envergonhar alguém.

No capítulo a seguir, apresentarei o contexto histórico e cultural da década de 1920 a partir da análise de alguns materiais e passagens da vida de Hurston no período. Mas, antes, vamos ao Interlúdio (Con)textual sobre revistas e jornais negros.

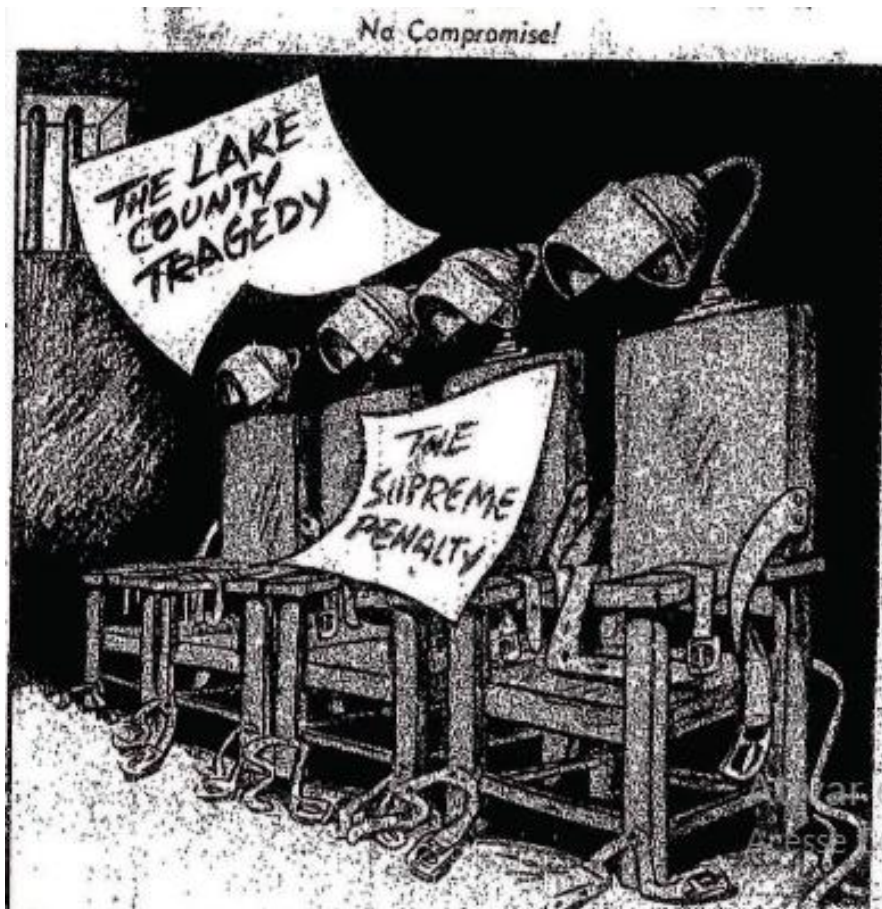
## INTERLÚDIO (CON)TEXTUAL: REVISTAS E JORNAIS NEGROS COMO FORMA DE ROMPER COM SISTEMAS CLASSIFICATÓRIOS VIGENTES

As revistas e jornais são meios importantes de criação, manutenção e tensão de significados em nossa sociedade. Isso porque, por um lado, eles evidenciam *representações e identificações* e, por outro, influenciam nos sistemas classificatórios vigentes que dizem respeito ao processo de *regulação* de nossa sociedade. Nesse sentido, este interlúdio nos serve como um breve panorama das revistas e jornais negros em solo estadunidense, seu legado e importância. Tais materiais evidenciam as estratégias da comunidade negra para se *produzir* novos significados que rompessem com estereótipos presentes nas mídias hegemônicas, e narrassem suas vidas individuais e coletivas em primeira pessoa, ou seja, através da autodeterminação. Isso somando-se com a necessidade de comunicação, de maneira ampla, e *consumo*, de maneira mais restrita, criando-se redes e fluxos de informações, ideias e ideais, lutas políticas e artes. Esse é um movimento necessário porque, principalmente na década de 1920, Zora Neale Hurston fez publicações de seus contos em alguns deles.

Tendo em vista o colapso da Reconstrução e os anos que se seguiram aparados pelas leis Jim Crow, a mídia branca, tendo os jornais e revistas como principais meios de comunicação, utilizou-se de representações estereotípicas e racistas para se referirem à população negra como criminosa, preguiçosa, selvagem, contendo estupradores congênitos, entre inúmeros outros. Propositalmente, eles se valiam da mesma linguagem utilizada em leilões de escravos. São incontáveis as charges, quadrinhos, editoriais e notícias que, acobertadas pela falaciosa mentira de neutralidade e busca pela verdade, incentivavam massacres e mortes, sobretudo mas não só, no Sul estadunidense.

A imprensa branca não apenas divulgou representações negativas e pejorativas das populações não-brancas, como também ditou atrocidades antinegras. Entre milhares de exemplos, ressalto o caso *Grovenland Four* no qual quatro jovens foram acusados injustamente do estupro de uma jovem branca e espancamento de seu marido no Lake County, Flórida, em 1949. O jornal *Orlando Sentinel*, antes conhecido como *Orlando Morning Sentinel*, foi um dos principais responsáveis por incitar, mais, a população branca em torno do assunto. Alguns dias após o julgamento, eles publicaram a seguinte charge (Figura 12):

Figura 12 - Grovenland Four no *Orlando Sentinel*



Legenda: Quadrinho contendo quatro cadeiras elétricas com os dizeres “a pena suprema” publicado pelo jornal *Orlando Sentinel* em 1949

Fonte: *Orlando Weekly* (1949)

A charge traz quatro cadeiras elétricas, sendo que em uma delas há o cartaz sugerindo a *pena suprema*, ou seja, a morte. Na imagem não há ninguém, pois sugere a espera, do jornal e da população branca, pelos jovens negros. Ela foi acompanhada de um editorial ameaçador que alertava que negros inocentes poderiam sofrer se advogados de direitos civis tentassem libertar os réus com base em “tecnicidades legais” (PINSKY, 2019). Ernest Thomas, o mais velho, tentou fugir da condenação e foi morto por mil homens que trabalhavam para o xerife e que atiraram quatrocentas vezes nele. Samuel Sheperd e Walter Irvin foram condenados à morte e Charles Greenlee à prisão perpétua. No mesmo ano, Harry T. Moore, diretor executivo da NAACP da

Flórida, organizou uma campanha contra a prisão dos três. Thurgood Marshall, advogado da NAACP, foi responsável por levar o caso à Suprema Corte que o encerrou por falta de provas. Infelizmente, as condenações permaneceram. Nos anos seguintes, Irvin e Sherperd sofreram uma tentativa de homicídio de um xerife e apenas o primeiro sobreviveu. Na noite de natal de 1951, implantam uma bomba na casa de Moore matando ele e sua esposa. Irvin consegue uma mudança de pena de morte para prisão perpétua, mas morre de “causas naturais”. Greenlee, o único sobrevivente, morreu em 2012. Somente em 2016, os familiares sobreviventes receberam o primeiro pedido de desculpas póstumo do Condado de Lake. E, em 2021, eles receberam perdão póstumo do governo estadual. Somente em 2020, o jornal *Orlando Sentinel*, publicou um editorial pedindo desculpas, no qual se afirma:

Lamentamos o papel do Orlando Sentinel nessa injustiça. Lamentamos que o jornal na época tenha feito entre pouco e nada para buscar a verdade. Lamentamos que nossa cobertura do evento e suas consequências tenha dado credibilidade ao encobrimento e à narrativa oficial e racista. Lamentamos que repórteres e editores tenham falhado em nosso dever para com os leitores, para com a comunidade e para com os *Groveland Four* e suas famílias (ORLANDO, 2020, s/p, tradução minha).

No editorial, o jornal também assume seu papel fundamental em não trazer os fatos e pelas reviravoltas violentas do caso, além do seu papel em inflamar o público com informações falsas e levianas.

O exemplo acima evidencia a importância da articulação de organizações e pensadora(e)s negra(o)s a fim de se criarem uma imprensa alternativa que evidenciasse as lutas da população negra, as injustiças cometidas pela sociedade supremacista e as contribuições culturais e sociais negligenciadas e apagadas na imprensa branca.

*Freedom's Journal*, fundado em 1827 na cidade de Nova York, é considerado o primeiro jornal escrito por e para a população negra dos Estados Unidos. Seu objetivo era “defender nossa própria causa” tendo em vista que “por muito tempo o público foi enganado por falsas representações em coisas que nos dizem respeito” (PARTIN, 2011, s/p, tradução minha). Ainda, eles culpam a escravidão pela pobreza e miséria de africanos e seus descendentes, além de evidenciar a importância de focar esforços na educação de jovens para que sejam úteis para a sociedade. Após alguns anos, seu fundador, Brown Russwurm, terceira pessoa negra a se graduar

em uma universidade do país, mudou o foco do jornal passando a utilizá-lo para a campanha de imigração de afro-americanos para a África. Seu apoio à *American Colonization Society* – organização majoritariamente branca responsável por criar assentamentos de homens livres na Libéria – não foi bem-visto pelos leitores que pararam de financiar o jornal levando-o ao fechamento alguns anos depois. De qualquer maneira, durante anos, o jornal foi responsável por denunciar a escravidão do Sul e discriminação do Norte, além de inúmeros artigos sobre educação, saúde e moradia. Ele foi vital para a imprensa negra<sup>22</sup> que se expandiria durante o século XIX e XX.

No caso brasileiro, o jornal *Homem de Côr* também antecipou a abolição da escravatura. Seu mote inicial foi denunciar a prisão arbitrária de Lafuente, acusado de vadiagem e porte de armas. Seu foco também era a discriminação de pessoas negras ao tentarem acessar cargos públicos. Somente 43 anos depois outro jornal negro seria lançado em Recife. É no século XX, que a imprensa negra se multiplica, a citar: o *A Alvorada* (1907), *A Tesoura* (1924), *A Revolta* (1925), *O Tagarela* (1929), *Raça* (1935), *O Menelick* (1919), *Clarim d’Alvorada* (1924), *Quilombo* (1948), entre outros.

Apesar da curta vida devido à falta de dinheiro, uma das principais missões desses jornais era, e ainda é, “a de não se calar diante da intimidação, da violação dos direitos e de ameaças à liberdade” (CARDOSO, 2023, s/p). A imprensa negra é um fenômeno que tem ramificações por todo o continente americano e sua atuação, talvez, seja uma das principais evidências da formação do que chamamos de *diáspora africana* na virada dos séculos XIX e XX, isso porque jornais e revistas poderiam estabelecer conexões entre diferentes experiências de africanos e seus descendentes ao redor do mundo, possibilitando a ampliação do debate público sobre as violências raciais, estratégias e culturas.

Há milhares de exemplos afro-estadunidenses, todavia focarei naqueles que Zora Neale Hurston publicara durante os anos 1920. A *Stylus* foi a revista do clube de leitura organizado pelos professores Alain Locke, considerado no futuro o pai do movimento *Harlem Renaissance* que apresentarei a seguir, e Thomas Montgomery Gregory, expoente no movimento teatral negro, na

---

<sup>22</sup> Imprensa negra aqui é utilizada como denominação geral para as diferentes publicações de jornais e revistas feitas por e para pessoas negras.

universidade *Howard*. Fundada em 1915, *Stylus* tinha como objetivo “(...) *encorajar expressões artísticas na comunidade negra, especialmente entre os jovens*” (JOHNSON, 2009, p. 365, tradução minha).

No ano seguinte, Hurston publica três poemas no *The Negro World*, jornal da organização *Negro Improvement Association and African Communities League* (UNIA) liderada por Marcus Garvey. Fundada em 1918, a revista era distribuída em mais de quarenta países, tendo como objetivo ser “(...) um meio de propaganda publicado do interesse do negro desperto” (UNIA, s/d, s/p, tradução minha). Suas edições continham páginas para leitora(e)s, documentava eventos internacionais relacionados às pessoas africanas e negros da diáspora. Hurston publica em três edições do jornal em abril de 1922.

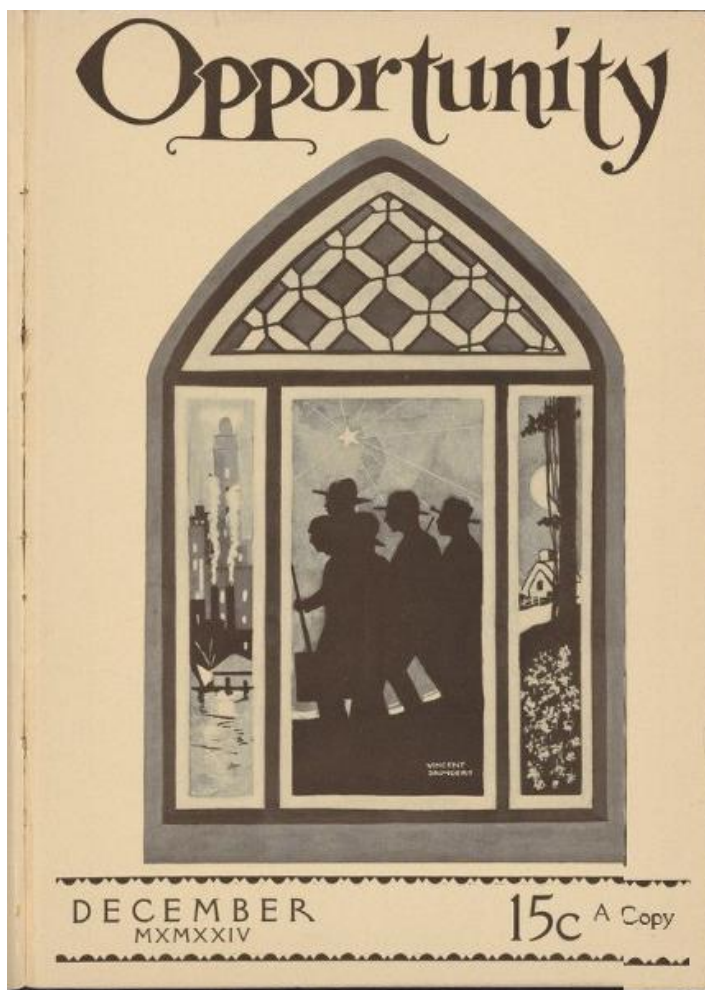
Nesta edição, o editorial escrito por Garvey aparece na primeira página sob o título *Uma mudança maravilhosa aconteceu com os negros em todo o mundo* (tradução minha). Nele é creditado à UNIA as mudanças em relação ao negro e as investigações realizadas, principalmente nas metrópoles coloniais, sobre as atitudes da raça negra. Tais atitudes estão relacionadas com a determinação de se libertar política, social, religiosa, educacional e industrialmente (GARVEY, 1922), sobretudo em África. A convocatória é a UNIA ser o grande movimento que una mais de 400 milhões de africanos e negros no mundo em uma grande corrente de progresso e realize o ideal de uma raça emancipada e uma África livre e independente. Como sugerido, isso aconteceria a partir de um plano homogêneo que demonstre que os negros, assim como os “amarelos” e “marrons” de Ásia, e os brancos, são capazes de desempenhar seu papel na reorganização mundial.

Nas páginas seguintes, há inúmeras notícias da diáspora africana: estudos sobre mestiços em Londres, a tentativa de reeleição do presidente negro Nilo Peçanha no Brasil, linchamento no estado da Georgia, prêmios em competições para jovens negras, empréstimo dos Estados Unidos para a Libéria, tentativa de supressão da KKK em Louisiana, guerra entre mouros e espanhóis, campanha de saúde promovida no bairro do Harlem, África como o berço científico grego e árabe, o tratado internacional *Four-Pact Treaty* [Pacto das Quatro Potências] assinado pela Grã-Bretanha, França, Itália fascista e Alemanha nazista no entre guerras, entre inúmeros outros. O pequeno poema *Night* de Hurston encontra-se na página 10 do jornal.

Em dezembro de 1924, Hurston publica o conto *Dreched in Light* no jornal *Opportunity: A Journal of Negro Life* cujo qual fazia parte da *National Urban League*, organização histórica de

direitos civis. Fundada em 1910, a NUL é a coalisão do *Committee for the Improvement of Industrial Conditions Among Negroes* e a *National League for the Protection of Colored Women*. Sua missão é “permitir que os afro-americanos garantam autossuficiência econômica, paridade, poder e direitos civis” (NUL, s/d, s/p, tradução minha). O jornal fez parte do Departamento de Pesquisa e Investigação da NUL e foi importante propagador de pesquisas do que se considera o *african-american studies*, além de trazer pautas importantes até hoje, como os desafios sociais das pessoas negras em acessar empregos, moradias, saneamento e educação. Além disso, *Opportunity* ficou conhecido por fomentar as artes, de modo geral, e a cultura literária, de modo específico, que emergia com o *Harlem Renaissance*.

Figura 13 - Capa da revista *Opportunity* (Dezembro/1924)



Legenda: Capa do jornal *Opportunity* criada por Vicent E. Saunders

A capa acima (Figura 13) representa um vitral de igreja no qual é possível observar um grupo de pessoas saindo de um contexto rural para o contexto urbano. A arte representa o que ficou conhecido como a Grande Migração, que abordarei a seguir. O editorial contém pequenos textos que nos permitem observar as tensões raciais daquele momento.

O primeiro, evidencia que, mesmo sem o Jim Crow, o Norte do país se mobilizava para efetuar diferentes formas de segregação: o crescimento da população negra em diferentes estados do Norte fez com que a população branca se valesse de aparatos legais e ilegais acionados contra a garantia e direitos dos negros. Ao mesmo tempo, o número de legisladores negros se multiplicara, como forma de desafiar tais restrições.

O segundo, traz duas críticas importantes: a primeira é em relação aos negros que acreditam que votar não faz diferença, e a segunda diz respeito à parte da população negra que vota em candidatos que comprem seus votos ou são contra as demandas e pautas caras à população negra. Ao mesmo tempo, ele tece elogios ao senador estadual Adelbert H. Roberts, primeiro afro-estadunidense eleito no senado de Illinois.

O terceiro também traz a temática da imigração para o Norte como foco. Neste, é apresentado a diminuição de salários e demissões em massa que a população negra lidava, antecipando a Crise de 1929. Todavia, ao invés de voltarem para o Sul, a maioria das pessoas vagavam de cidade em cidade no Norte, aceitando trabalhos irregulares e incertos para a sobrevivência.

Por fim, o último escrito editorial refere-se aos materiais artísticos recebidos para o *Literary Contest* organizado pela revista. O evento servia para trazer ao público os trabalhos de artistas negra(o)s nova(o)s e desconhecida(o)s que utilizavam diferentes linguagens artísticas para se expressar, além de criar uma rede de artistas e intelectuais que, em outra hora, pudessem não se conhecer. O que me chama a atenção é a afirmação que “a vida negra é o único setor inexplorado da vida americana” (YALE, s/d, p. 355, tradução minha), devido a isso, a arte seria, e ainda é, palco importante para diferentes formas de expressões e representações negras além de romperem com “(...) tabus e deturpação” (YALE, s/d) resultantes das formas racialmente informadas que a

sociedade hegemônica lidava com a população negra. No ano seguinte, em 1925, Hurston submete os contos *Black Death* e *Spunk*, e a peça *Color Stuck* para o *Literary Contest* do jornal e ganha dois prêmios de segundo lugar, detalharei no capítulo seguinte. Já em 1926, Hurston também consegue o mesmo prêmio pela publicação de *Muttsy*.

Ainda sobre a edição de 1924, há artigos que mesclam produções artísticas e estudos sociais referentes aos negros, em relação aos segundos, vale citar: como o problema populacional afeta a comunidade negra, a relação dos negros com o cristianismo, as bases históricas da cidadania dos negros nos Estados Unidos, entre outros. Vale também mencionar uma resenha sobre o livro *The Gift of Black Folk* de W.E.B. Du Bois.

Em 1926, a autora publica *The Eatonville Anthology* no jornal *The Messenger*, fundado em 1917 por A. Philip Randolph e Chandler Owen com o apoio do Partido Socialista. Randolph fora líder sindicalista e ativista dos direitos civis, além de ser um dos fundadores da *Brotherhood Sleeping Car Porters*, considerado o primeiro sindicato bem-sucedido liderado por afro-americanos. Sua voz e atuação contra as práticas trabalhistas racistas eram tão importantes que, em 1941, fizeram com o presidente F. D. Roosevelt emitisse a *Executive Order 8802* que proibia discriminação étnico-racial, além de pressionar por igualdade de oportunidades e proibir a discriminação nos empregos do país (NATIONALARCHIVES, s/p). A Ordem é considerada uma das primeiras vitórias dos direitos civis.

*The Messenger* era visto como radical e perigoso por defender a autodefesa armada das comunidades negras, isso lá em 1919, e ser contra as guerras. O jornal, ainda, se opunha ao UNIA. Na década de 1920, o jornal se torna um dos porta-vozes principais do *Harlem Renaissance* e palco de publicações de escritores como a Zora Neale Hurston, Langston Hughes e Wallace Thurman.

Na edição que Hurston publica, é aniversário da *Brotherhood Sleeping Car Porters*, organização de trabalhadores negros que lutavam por melhores condições de emprego e contra o preconceito e a primeira a fazer parte da *American Federation of Labor*.

Figura 14 - Capa da *Messenger* (1926)



The Dawn of a New Day

Legendado: Capa da edição v. III da *The Messenger* na qual o homem negro representa a organização *Brotherhood Sleeping Car Porters* e a mulher, a educação.

Fonte: *The Messenger* (1926).

A capa (Figura 14) produzida pelo artista Ted Carroll possui o desenho de um homem negro representando a *Brotherhood* e uma mulher representando a educação, cada um possui um martelo, o homem segura o martelo da verdade e a mulher da união. Ambos estão quebrando as correntes da ignorância, do preconceito, das longas horas e dos salários baixos. À primeira vista, cogitei ser uma mulher branca, todavia a prof. Janaina Damaceno me chamou atenção sobre a proposta do artista e da revista, sendo possível ser uma mulher negra de pele clara, representação comum nas capas da *The Messenger*. Entre as minhas especulações, o que fica é o fato: a educação é pauta perene para os movimentos e organizações negras.

Ainda nesta edição, há o poema *Formula* de Hughes que traz suas reflexões sobre o que as poesias deveriam tratar: coisas elevadas, pássaros, e não com a dor terrena espalhada por toda a parte. O poema, apesar de curto, evidencia uma dupla crítica: primeiro, sobre quais são os temas caros disponíveis para linguagem literária específica, ou seja, a poesia. Segundo, de forma articulada, o distanciamento entre a autoria negra e a poesia, pois a primeira estaria mais preocupada com os temas que implicavam com a vida e morte e, assim, não estava “autorizada” a escrever em uma linguagem que só permite refletir sobre “coisas elevadas”. Os tensionamentos da *regulação* nos sistemas classificatórios referentes às possibilidades e limites da escrita negra são mais observáveis, intra e extra-grupo, no *Harlem Renaissance*, como evidenciarei a seguir.

Por fim, a resenha *A Stranger at the Gates*, de Wallace Thurman Analisa o livro *Nigger Heaven* de Carl Van Vechten, lançado no mesmo ano. O título do livro gera, até hoje, debates devido ao uso do termo pejorativo *nigger* referente às pessoas negras, além de evidenciar as tensões raciais no cerne de tal movimento. Sua proposta fora uma dramatização baseada nas experiências cotidianas de alguns dos artistas do *Harlem Renaissance*, como se o bairro – e o movimento cultural-intelectual nele criado - fosse o paraíso para pessoas negras. Sua proposta não era falar sobre os linchamentos de negros no Sul, mas mostrar como essas pessoas viviam no contexto urbano e global do Harlem. O problema era sobre a “licença poética” de um homem branco cuja experiência artística fora alavancada devido às trocas e conexões com artistas negros de seu tempo (SANNEH, 2014). Nesse sentido, era como ele se sentisse autorizado em utilizar tal termo.

Foram inúmeras as críticas, seu pai sugeriu não utilizar o título e o livro foi banido na cidade de Boston. Em dezembro de 1926, Du Bois escreve uma crítica ao livro, considerando-o um soco na cara e uma afronta à hospitalidade dos negros e inteligência dos brancos, além do que

ele considera uma tentativa exacerbada em representar os negros como promíscuos e delinquentes (SANNEH, 2014).

Ao mesmo tempo, Hughes e Wallace Thurman o defenderem publicamente. Em sua resenha, Thurman afirma que,

(...) o autor foi muito justo e simpático em seu tratamento de um grupo de sujeitos há muito maltratados. (...) Mas quando os personagens param de discutir o “problema negro”, quando param de recitar epigramas de igualdade racial e chavões antidiscriminação racial, o romance começa a se mover, começa a pulsar com alguns ritmos genuínos peculiares (...) apenas ao Harlem (...)” (THURMAN, 1926, p. 279, tradução minha).

Olhando em retrospecto, parece-me que o ponto central era como o jogo de representações raciais passava por um contexto social de profunda mudança, informando e sendo informado por ela. As críticas e elogios e críticas posteriores evidenciam que o *Harlem* foi decisivo em mostrar ao mundo as complexidades e heterogeneidade da população negra e sua agência político-cultural.

Nos vale, agora, uma retomada à biografia de Hurston no período de emergência do *Harlem Renaissance* durante a década de 1920.



*Howard University* faz parte das *Historically Black Colleges and Universities* [Faculdades e Universidades Historicamente Negras] (HBCUs). Tal nomenclatura passa a ser utilizado com o *Higher Education Act of 1965* cuja proposta era aumentar o financiamento para instituições de ensino superior brancas e não-brancas.

Contudo, as HBCUs foram fundadas no período da Reconstrução e se localizam, principalmente, mas não só, no Sul do país. Durante mais de um século, pessoas negras foram proibidas de frequentarem universidades e faculdades historicamente brancas e, mais do que isso, estas instituições promoviam e justificavam diferentes e violentas formas de discriminação racial. São inúmeros exemplos: prédios com homenagem a membros da Ku Klux Klan – Saunders Hall na *University of North Carolina* -; financiamento de universidades de elite através do dinheiro do tráfico de escravizados – como é o caso das *Harvard*, *Princeton* e *Brown* -; professores defendendo e tentando justificar a “inferioridade” de africanos e afrodescendentes através do discurso acadêmico, além da incitação de inúmeras formas de violência<sup>23</sup> (HARRIS, 2015, s/p).

Durante este período, as faculdades do Sul e do Norte divergiam apenas na admissão de estudantes: no Sul era completamente proibido e no Norte algumas poucas instituições adotavam políticas de cotas, quando o faziam.

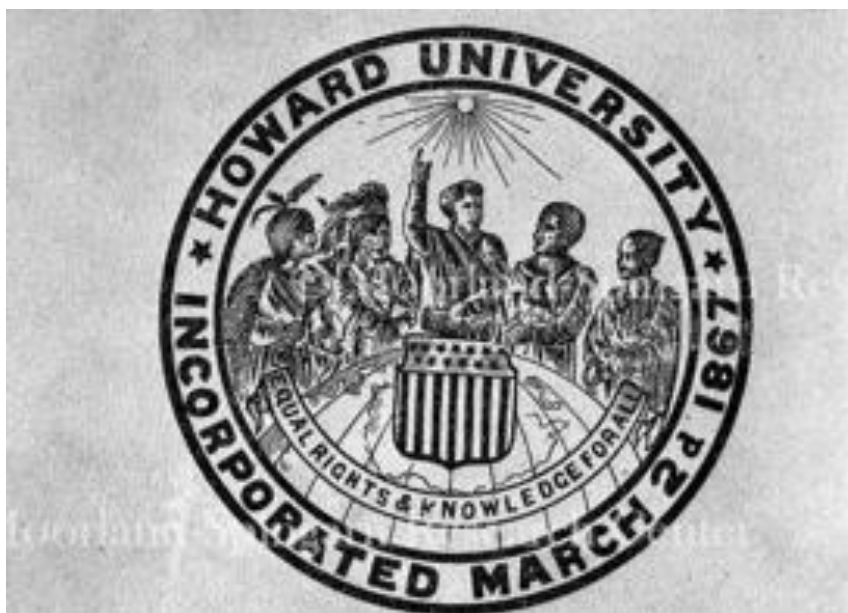
Desta maneira, as HBCUs foram responsáveis pela formação acadêmica e política de estudantes negros e outros grupos cerceados pela segregação. A *Wilberforce University* foi a primeira delas, fundada no estado de Ohio em 1856, pela A.M.E. (WILBERFORCE, s/d).

*Howard University*, fundada em 1867, localiza-se na capital do país, Washington D.C. Seu nome é em homenagem a Oliver Otis Howard, general do *Freedmen's Bureau* que influenciou o Congresso a destinar fundos para a universidade. Apesar de seu foco ser a comunidade negra, a instituição era aberta a todos que quisessem se inscrever – e pudesse pagar - como podemos observar em uma de suas primeiras *logo* (Figura 15):

---

<sup>23</sup> Em 2015, encontraram um caderno verde da fraternidade *Pi Kappa Phi*, com projeção nacional em diferentes universidades, no campus da *North Carolina State University*. No caderno havia pequenos comentários, como: “essa árvore é perfeita para um linchamento”, além de outros referentes à estupro e pedofilia. A naturalidade em escrever coisas tão grotescas ocorre, acredito, com a permissividade histórica em torná-las aceitáveis. Acesso em: <https://archive.thinkprogress.org/fraternity-suspended-over-notebook-detailing-rape-and-lynching-3f871a0d035d/>

Figura 15 - Howard University (logo)



Fonte: Howard University (s/d)

Legenda: Primeira logo da *Howard University*

É possível observar na Figura 15 indígenas, mulheres e homens negra(o)s com os seguintes dizeres: *direitos iguais e conhecimento para todos*. Segundo a instituição, “*Howard prepara homens e mulheres para promover a justiça social e a preservação da liberdade humana*” (HOWARD, s/d, s/p, tradução minha, grifos meus). Para Hurston, “ali se reúnem dinheiro negro [negro money], beleza e prestígio” (HURSTON, 2016, p. 114, tradução minha). Zora se muda para Washington D.C. para morar de favor na casa dos familiares de sua amiga e consegue um trabalho como garçoneiro no *Cosmos Club*, clube frequentado por presidentes, escritores, artistas, jornalistas, entre outros. Logo depois, ela passa a trabalhar como manicure na barbearia *G Street Shop*. Em ambos, suas gorjetas eram fartas por ela ser da *Howard*, como uma forma de incentivo. Desta maneira, é a primeira vez que Hurston consegue viver melhor, não apenas sobreviver, e conseguir estudar.

A instituição era conhecida, naquele período, devido ao seu ensino clássico. É lá que Zora pensa, pela primeira vez, em ser professora escolar de inglês e imagina suas aulas acerca de autores clássicos e europeus, todavia esse “sonho” só se realizaria anos depois e não nesses termos almejados. Seus professores a incentivavam e ela se inspirava neles.

Em sua primeira assembleia na universidade, ela faz uma promessa: “*Sou um pouquinho da sua grandeza. Juro a você que nunca a farei envergonhar-se de mim*” (HURSTON, 2016, p. 114, tradução minha). Ela conseguia manter seus estudos e amizades, apesar de não ter tanto tempo de socializar devido ao trabalho. Ela também ingressa na sororidade *Zeta Phi Beta* da instituição na qual se acreditava que “*o elitismo e a socialização da irmandade não deveriam ofuscar a verdadeira missão de uma organização progressista, que é abordar os costumes sociais, os males, os preconceitos e as preocupações com a saúde*” (HOWARD, s/d, s/p, tradução minha). Naquele período havia três sororidades, segundo Ophelia Settle Egypt (BOYD, 2003): a *AKAs* – cujas meninas se vestiam lindamente -, a *Delta* – cujas estudantes eram negras de pele clara -, e a *Zeta* – na qual o mais importante era o seu cérebro e não sua aparência.

Ophelia Settle Egypt fora assistente social médica e defensora dos direitos das mulheres negras. Seu trabalho mais importante é em relação à saúde reprodutiva e feminina acessível às comunidades negras em Washington D.C. Em relação à Hurston, Egypt afirma: “Ela era mais velha do que nós, eu acho... E, também, era meio solitária (...). Mas ela era brilhante, e ela estava escrevendo já naquela época... Mas nós sempre pensamos nela como uma pessoa um tanto estranha. Ela era inteligente demais para nós” (BOYD, 2003, p. 84, tradução minha).

De fato, às vezes só precisamos de um empurrão de generosidade do universo e das pessoas ao nosso redor para conseguirmos trilhar nosso tortuoso caminho. Em 1920, ela recebe o *associate's degree*<sup>24</sup> da instituição com ênfase em inglês. No mesmo ano, ela inicia um relacionamento com o estudante Herbert Sheen com quem se casaria poucos anos depois. No ano seguinte, ela é convidada para ser um dos dezenove membros do clube literário *The Stylus* da instituição e seus primeiros trabalhos são publicados na revista homônima: *John Redding Goes to Sea* e o poema *O Night*<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> *Associate's degree* é um diploma para cursos superiores com duração de dois anos.

<sup>25</sup> Infelizmente não foi possível localizar o poema.

*John Redding Goes to Sea* conta a história de John, criança considerada “estranha”<sup>26</sup> e, por isso, sua mãe acreditava que ele era amaldiçoado. Seu pai, por outro lado, a repreendia sobre tais pensamentos e palavras. O rio que seu nome homenageava, St. John, passava ao fundo da sua casa, fazendo com que a criança gastasse horas de seus dias brincando em suas margens e o observando. John era uma criança imaginativa cujos sonhos sempre terminavam com ele cavalgando ou em um barco indo para longe em direção ao horizonte (HURSTON, 1921). Algumas vezes, seus navios (galhos) eram barrados de ir ao mar devido à quantidade de ervas daninhas que o rio possuía, o que deixava John triste e com raiva. Um dia, a criança chora devido à essa situação. A frustração era real, apesar da ludicidade referente às “fronteiras” de sua brincadeira. Seu pai, de forma amorosa, pede para ele não chorar (pois isso era coisa de bebês) e o leva para casa. No caminho John promete que um dia irá além, onde o céu toca o chão. Seu pai lhe diz que ele queria o mesmo quando era criança e espera que John tenha mais sorte com isso.

John cresce, estudando, brincando e trabalhando e, mais do que isso, compartilhando seus sonhos e ambições com o pai (HURSTON, 1921). Por outro lado, sua mãe não entendia esse desejo de ir para longe e lugares desconhecidos por eles. Para ela não havia necessidade pois o próprio condado já oferecia tudo que eles poderiam possuir. Sempre que ele tentava conversar com sua mãe sobre esse tema, a conversa terminava em choro e autopiedade. Sua mãe nunca aceitara a ideia.

Ele também era pauta de discussão entre as pessoas do vilarejo, muitos acreditavam que ele se sentia superior aos outros por querer ir além ao invés de ensinar na escola, e por não cortejar as garotas. Seu pai era o único que não acreditava que ele precisava ser “consertado”.

Todavia, em uma primavera, algo inesperado acontece: John se casa. Hurston, que é a narradora, descreve a primavera de Flórida como algo completamente diferente de outros lugares e afirma que “*essas forças vencem até os homens mais velhos*” (HURSTON, 1921, p. 930). Mesmo sob tais forças, o pensamento e desejo de John não mudam, por mais que ele lutasse contra. O

---

<sup>26</sup> No conto, Hurston utiliza a palavra *queer*. Faço a tradução para “estranha” pois, acredito que essa seja a melhor tradução relacionada ao período que Hurston utilizou a palavra. Todavia, durante essa leitura posterior e entendendo que a escrita e a leitura acontecessem em contextos distintos, me pareceu interessante seu uso, principalmente por se tratar de um jovem que não tinha o casamento com uma jovem em sua ordem do dia, além do não cumprimento das ordens vigentes que se esperava a partir das dicotomias de gênero (ainda presentes em nossa sociedade). Hurston não deixa clara sua intenção e a intenção é justamente essa: causar estranhamento.

protagonista não conseguia “(...) *reprimir a saudade da estrada aberta, mares agitados e pessoas e países (...)*” (HURSTON, 1921, p. 931, tradução minha) e sua esposa também se torna relutante com a ideia.

John só consegue partir de forma trágica: em uma tempestade, ele é acionado para ajudar em uma ponte, a ponte cai e ele é levado para o rio. Infelizmente, parte de seu corpo é destruído quando um imenso troco se choca sobre ele. Todos da cidade viram seu corpo e, quando tentam tirá-lo da água, seu pai impede a fim de realizar, mesmo naquele momento lastimo, o desejo do filho.

Hurston nos traz temas que estavam latentes em sua própria trajetória: desejo pelo horizonte, a necessidade pelas andanças no mundo, as expectativas relacionadas ao gênero, o nome do protagonista é em homenagem ao seu pai que, mesmo não apoiando os sonhos da autora, fizera o mesmo movimento de ir além das fronteiras. A mudança nos papéis desempenhados também é observada: o protagonista é um jovem e é de seu pai que vem o apoio sobre seus sonhos e no caso de Hurston é ao contrário. Segundo Boyd (2003), “*de fato, esse conto representou a primeira tentativa de Zora de dar sentido à vida e à morte de seu pai por meio da ficção. Este foi um desafio ao qual ela retornaria mais tarde em sua carreira*” (BOYD, 2003, p. 85, tradução minha).

Outro ponto importante são as crenças no sobrenatural que aparece através das possíveis conjurações e a comunicação com a natureza. Durante a tormenta, uma coruja aterrissa na casa da família de John, fazendo enorme barulho, o que é visto como um presságio da desventura que se seguiria. A natureza enquanto um ser comunicativo e comunicante é algo recorrente na escrita de Hurston.

Outro ponto interessante é o uso do *African-American English* (AAE) ou *black english*, algo perene em sua escrita. A classificação desse tipo específico de inglês passou por mudanças conforme os contextos do país: *ebonics*, *African American Vernacular English*, entre outros. E, mesmo que eles não sejam referentes aos mesmos grupos de falantes, todos tem sua base nas comunidades afro-americanas.

O *black english* é resultado do encontro forçado colonial de diferentes grupos étnicos provindos de África e colonos nos Estados Unidos. Historicamente, houve uma dificuldade de registro desses “dialetos” por serem considerados indignos de preservação (PBS, s/d). Ao mesmo

tempo, a escrita era uma habilidade especializada – e ilegal – para os primeiros afro-americanos. Sob a égide das leis *Jim Crow*, o *black english* foi utilizado como forma de hostilidade e demarcação de uma suposta inferioridade principalmente em produções audiovisuais. Em outras palavras, o *black english* foi utilizado na construção de fronteiras de exclusão, essencialização e racialização da “alteridade” do considerado outro. Segundo a pesquisa *Do You Speak American?* Da PBS,

(...) as circunstâncias extremas de subordinação e segregação levaram ao desenvolvimento de uma *língua crioula*, uma língua especialmente adaptada formada quando grupos que não compartilham uma língua comum precisam se comunicar. Normalmente, o estoque lexical do crioulo vem da língua do grupo socialmente dominante. A hipótese crioula afirma que uma língua crioula baseada no inglês se espalhou por toda a diáspora africana, e hoje os crioulos são falados em regiões que se estendem de países da África Ocidental, como Serra Leoa e Libéria, passando pelo Caribe até as ilhas marítimas da Carolina do Sul e Geórgia (PBS, s/d, s/p, tradução minha).

Apesar das diferenças e mudanças, é possível encontrar características comuns no *black english*: ausência do verbo de ligação *be* [ser] – *You ugly!* -; a perda de sufixos de flexão como o -s em verbos – *She like school* -, possessivos – *The Dog Mouth* -, e plurais – *many time* -; bem como as partículas verbais distintas, como o uso de *done* [feito no particípio passado] para indicar ação concluída – *He done went* -, e o uso o *been* [sido] para indicar um tempo distante – *She been known him Forever*.

No conto, podemos observar o desafio em escrever uma linguagem fundamentalmente vocal na seguinte fala do pai de John acerca da possível conjuração sofrida pelo filho: “*Ah keep on telling yuh, Woman, tain’s so. B’lieve it all you wants tuh, but dontcha tell ma son none of it*” (HURSTON, 1921, p. 925)<sup>27</sup>.

O *black english* é resultado das *zonas de contato* ou das sociedades traduzidas/diaspóricas, ou seja, sociedades de deslocamento e disjunção cujas quais se torna impossível traçar uma origem

---

<sup>27</sup> Eu não sou uma especialista em inglês, muito menos em *black english* – o que diz muito sobre as exclusões presentes no ensino hegemônico do idioma em questão no Brasil -, mas quando me desafiei a ler os trabalhos de Hurston, principalmente os diálogos entre personagens, esse desafio me pareceu mais “fácil” – não, não foi -, quando eu me propunha a lê-los em voz alta. Era nesses momentos que eu conseguia entender melhor sua proposta.

ou autenticidade, mas onde é possível observar os processos de violência real e simbólica que alicerçam nossas sociedades (HALL, 2016). Ao mesmo tempo, ele exemplifica essas rotas culturais, em sua maioria africanas:

Essa é a “África” que está bem viva na diáspora; foi o que a “África” se tornou em toda a parte no Mundo Novo. Suas culturas são produto da complexíssima rede de entrecruzamentos de elementos, sintetizados através do remoinho do sincretismo colonial, um hibridismo cultural forjado no caldeirão colonial (HALL, 2016, p. 50).

Nesse sentido, a linguagem, na cultura, é onde criamos significados e novos mundos que impactam na vida real das pessoas.

Hurston escreve o conto em 1921 e somente na década seguinte há um projeto nacional, o *Works Project Administration* (WPA), com o intuito de mapear e registrar o *black english* através de cartas, entrevistas e gravações de áudio. De qualquer maneira, o que importa é que o *black english* está pulverizado em todo o país, de modo geral, e no Sul, de modo específico. Apesar da segregação e da tentativa de fixação de um “eles/outro” africano ou afrodescendente inferior ao “eu/nós” branco-europeu, ele demonstra que a cultura, bem como os discursos e hierarquias raciais, está sempre aberta à contingência no jogo da(s) história(s). Em outras palavras, o *black english*

É também uma indicação do choque cultural duradouro entre as instituições tradicionais de dominância branca e as pessoas de cor na sociedade americana. Em um sentido importante, não há maior testemunho da durabilidade da cultura afro-americana do que a vitalidade da voz passada e presente do inglês afro-americano (PBS, s/d, s/p, tradução minha)

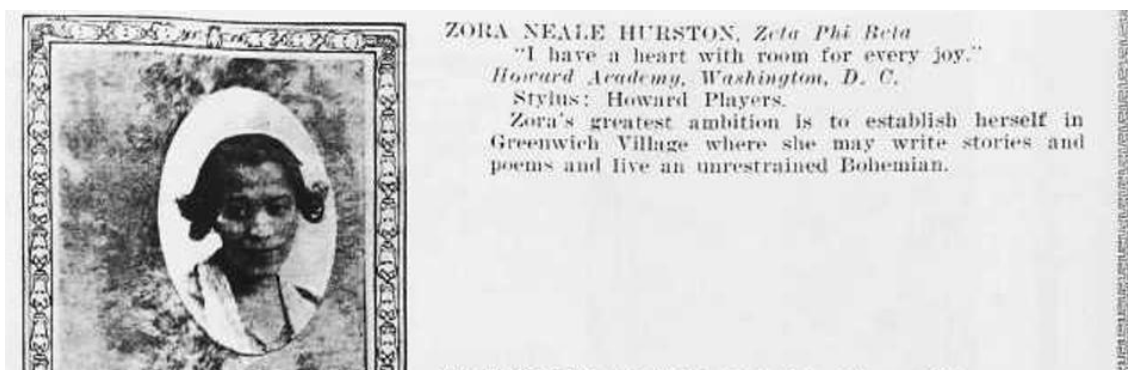
De qualquer maneira, *John Redding Goes to Sea* demonstra a aproximação de Hurston com algo ainda pouco explorado em seu contexto. Hurston vai à Literatura e, depois, Antropologia, para fazer o contraste em relação a essa figura branca abstrata que protagonista tanto a escrita e personagens, além dos lugares do imaginário literário. Ela abriu portas e criou registros para que

as pessoas vissem os afro-americanos, sobretudo da zona rural do Sul, como pessoas com uma cultura viva e criativa.

No ano seguinte, ela publica pela primeira e última vez seus poemas. *Night, Journey's End* e *Passion*, publicados no *Negro World*, trazem como protagonista as manifestações da natureza: cores do céu, amor, pássaros, risos dos riachos, e relaciona o amadurecimento do amor como as mudanças cíclicas da natureza.

Em 1923, Hurston aparece no anuário da *Howard* como membro da *Stylus*, da *Zeta Phi Beta* e da companhia teatral da universidade. Em suas aspirações, ela afirma que queria morar no bairro Greenwich Village, localizado na cidade de Nova York, onde ela escreveria seus contos e poemas e viveria uma vida boêmia desvairada (HOWARD, 1923).

Figura 16 - Zora Neale Hurston no anuário da *Howard* em 1923



Legenda: Zora Neale Hurston no anuário da Howard University em 1923

Fonte: *The Bison*: 1923 (Howard University yearbook).

Neste ano, suas notas oscilaram entre boas, nas matérias e disciplinas que ela gostava, e ruins, nas que ela não gostava. No ano seguinte ela não efetua sua matrícula na instituição devido a um adoecimento e a falta de dinheiro para pagar as mensalidades (HURSTON, 2016). Todavia, ainda em 1924, ela ajuda a fundar o jornal estudantil *The Hilltop* ainda hoje em circulação na universidade. O jornal tem como foco a vida estudantil, bem como questões nacionais e internacionais, como a luta por direitos civis, a Guerra do Vietnã, as lutas por independência no continente africano, entre outros (DIGITALHOWARD, s/d).

Se havia dúvidas sobre sua possibilidade enquanto estudante, o mesmo não ocorria sobre sua vocação para ser escritora. No ano em que ela publica *John Redding...*, o professor e sociólogo Charles S. Johnson a convida para participar de um jantar literário com aqueles que seriam as vozes do *Harlem Renaissance* e, em 1924, ela publica seu conto *Dreched in Light* na *Opportunity*, após pedido de Johnson.

O conto é iniciado com a protagonista Isis Watts recebendo uma bronca, das inúmeras que receberá ao longo da narrativa, de sua avó, Grandma Potts. Isso porque a criança estava sentada no portão de sua casa, na varanda, ao invés de fazer suas obrigações. Novamente, o portão e a varanda *significam* algo: a delimitação do estar dentro e fora. Mais do que isso, ambos *representam* a vida, os horizontes e seus mistérios.

Sua avó lhe faz todo tipo de ameaças e conjurações, como “se ela num tiver no chão inté eu chegar lá, eu vô quebrar ela [a vassoura] no lombo” (HURSTON, 2021, p. 60), ou “você está muito amulherada<sup>28</sup> pulano na cara de todo mundo que passa” (idem), e “Sinhô Deus, você sabe qu’esse demônizinho vai me fazê arrancar as tripa dela fora” (HURSTON, 2021, p. 61).

De qualquer forma, “todo mundo da região, seja branco ou seja de cor, conhecia a pequena Isis Watts, a alegre” (HURSTON, 2021, p. 60). Todavia, enquanto Isis vivia sua infância, sua avó queria que ela se comportasse como uma *moça*, ou pelo menos aquilo que se caracteriza ser uma moça: ela não podia se sentar curvada nem com os joelhos separados, nem assoviar. E mesmo assim ela o fazia. Ela era uma criança experimentando o mundo e como tal, em meio às ameaças de sua avó e afazeres domésticos, imaginava que “(...) montava cavalos brancos, com narinas

---

<sup>28</sup> No livro *Em Busca dos Jardins de Nossas Mães* (2021), Alice Walker define mulherista da seguinte forma: 1. *mulheril* (em oposição à “meninice” como algo frívolo, irresponsável, sem seriedade). Uma feminista negra ou uma feminista de cor. Da expressão popular que as mães negras usam para falar de suas filhas: “você está agindo como o mulherio”, ou seja, como uma mulher. Geralmente, refere-se a um comportamento ousado, audacioso, corajoso ou *obstinado*. Interessada em ir além daquilo considerado “bom” para si. Interessada em questões do mundo adulto. Age como adulta. É adulta. Pode substituir outra expressão popular entre pessoas negras, “você está tentando ser grande”. Responsável. No comando. *Determinada*. 2. *Também*: Uma mulher que ama outras mulheres, sexualmente e/ou não sexualmente. Aprecia e prefere a cultura das mulheres, sua flexibilidade emocional (valoriza as lágrimas como contrapeso natural à risada) e sua força. Às vezes, ama indivíduos homens, sexualmente e/ou não sexualmente. É comprometida com a sobrevivência e a integridade de todas as pessoas, homens e mulheres. Não é separatista, exceto universalista, como em: “Mamãe, por que nós temos pele marrom, rosa e amarela, e nossos primos são brancos, beges e negros?”. Resposta: “Bom, você sabe que as raças de cor são como um jardim florido, as flores de todas as cores estão representadas.” Tradicionalmente habilidosa, como em: “Mamãe, estou indo a pé para o Canadá e vou levar você e um monte de outros escravizados comigo.” Resposta: “Não seria a primeira vez”. 3. Ama a música. Ama a dança. Ama a Lua. Ama o espírito. Ama o amor, a comida e a voluptuosidade. Ama a luta. Ama o povo. Ama a si mesma. *Em qualquer situação*. 4. A mulherista está para a feminista como o roxo está para a lavanda.

rosadas até o *horizonte*, pois ainda acreditava que esse seria o limite da terra (HURSTON, 2021, p. 62, *grifos meus*).

Entre o *espaço de experiência* possível e o *horizonte de expectativa* (SILVÉRIO, 2022) da personagem, Hurston aprofunda um debate que ela também já tinha iniciado em seus escritos acerca das projeções futuras das pessoas negras em seu período. Desta maneira, a literatura, ou seja, a cultura, é local privilegiado de produção de significados entrelaçados que estão além do tempo linear. O que me chama atenção é fazer isso através de uma personagem criança.

Em dado momento, após tentar barbear a avó com uma navalha enquanto ela dormia – claro, com as melhores das intenções –, ela se esconde para lamentar a surra que irá levar, mas logo se distrai com os sons de uma fanfarra e resolver sair para dançar, atravessando os limites de sua casa. Para a sua performance, escolhera a toalha nova que sua avó acabara de comprar como xale e um girassol. Em meio à multidão, ela dançava porque não podia evitar: música para ela significava movimento (HURSTON, 2021). Crianças e adultos param para admirá-la. O governador começa seu discurso, interrompendo a banda, mas Isis é imparável, ninguém ouvia o governador, todos batiam palmas para ela.

Sua avó, sentindo a falta da criança e sabendo da paixão de Isis por música, vai até a festividade e fica de boca aberta: Isis usava sua toalha novinha e cheirava a limão pois “ela *tinha que ter perfume*” (HURSTON, 2021, p. 65). A criança percebe sua avó e foge para um riacho, sua angústia faz com a criança queira “se afogar no riacho”, mas ela opta pela vida e prefere brincar às margens da água. É nesse momento que um carro com pessoas brancas, o motorista e um casal, passa por ela, lhe pedem informação sobre o caminho e ela prontamente aceita ir com eles para lhes mostrar a melhor direção. Para eles, ela conta sobre suas viagens ao horizonte até chegar ao portão de sua casa onde sua avó lhe esperava.

Nesse momento, Isis pede para a passageira ficar com ela que, para salvar Isis da temida surra, dá cinco dólares para Grandma Potts devido ao estrago da toalha, que custara um dólar. Em contrapartida, ela pede que Isis lhe acompanhe até o hotel e dance com a toalha de mesa, já que ela queria *luz* e Isis era embebida em luz. No último parágrafo descobrimos o nome do casal: Helen e Harry. O homem afirma, de forma áspera, que a esposa havia sido adotada e Helen responde: “Ah, eu espero que sim, Harry. (...) Eu quero que um pouco dos raios de sol dela encharquem minha alma. Eu preciso disso” (HURSTON, 2021, p. 68).

Novamente, Hurston usa a ficção como forma de registrar suas memórias e sonhos de infância, todavia, ao contrário de seu primeiro conto, aqui a comunidade é mais receptiva, ao contrário de sua avó. É importante ressaltar que apesar das conjurações e promessas de violência, a única responsável por Isis, Grandma Potts, tentava criá-la de uma maneira, a única que sabia e tinha aprendido para que a criança cumprisse os papéis de gênero impostos para meninas (negras) naquela época. Além disso, o conto evidencia que, mesmo em um contexto de segregação, as fronteiras das relações entre grupos raciais/culturais diferentes não eram tão fixas, mas complexas: por exemplo, na parte final do conto, dois adultos brancos pagam para uma criança negra ficar com eles sem supervisão de adulto responsável. Em contrapartida, mesmo com o valor irrisório, a avó aceita porque a quantia era maior que o valor pago pela toalha.

Por fim, outro ponto relevante é como Hurston apresenta a questão da *luz*. A absorção da luz ocorre quando a radiação eletromagnética visível incide sobre uma superfície de um material ou objeto. Neste sentido, os meios pretos são capazes de absorver um grande espectro de luz visível e, por outro lado, materiais ou objetos brancos refletem a luz devido sua baixa absorção.

Ao mesmo tempo, com a emergência do Iluminismo - sistema classificatório europeu do século XVIII que é base de nossa filosofia e ciências modernas - os modos de ser, viver e observar o mundo foram galgados em um sistema binário existente até hoje. A partir das desigualdades entre o “eu/nós” e “outros”, uma nova empreitada colonial iniciara tendo os considerados europeus/brancos como portadores da *luz*, do conhecimento e da razão e, por consequência, da humanidade. Novamente, é possível observar que tais dicotomias foram utilizadas como justificativas para a empreitada colonial e intensificação da desumanização, transformando as diferenças em desigualdades. Hurston inverte e brinca com tal binarismo: é a pequena Isis que detém a luz e ilumina todos ao redor.

O conto a catapulta para uma audiência nacional. Sua escrita impressiona Charles S. Johnson que a convida para ir morar na cidade de Nova York, local que emergia um dos movimentos culturais-políticos mais importantes do século XX, o *Harlem Renaissance*.

#### **4.1. Fire!!: A emergência de um novo negro**

Hurston se muda para Nova York em janeiro de 1925 apenas “(...) com US\$ 1,50, sem emprego, sem amigos, e muita esperança” (HURSTON, 2016, p. 122, tradução minha). Johnson e sua esposa a ajudavam com alimentação, passagens de ônibus e encorajamento.

Nesse mesmo ano, o movimento artístico *Harlem Renaissance* começa a se consolidar cultural e politicamente, mas é no ano anterior que essas sementes são plantadas: em 1924, Johnson organiza seu famoso jantar literário na cidade. Mais de 110 pessoas entre escritora(e)s, editores e, em suma, intelectuais prestigiam o evento e os artistas negra(o)s:

Então, o simples jantar comemorativo se transformou em um evento transformador com mais de cem participantes. Os afro-americanos foram representados por W. E. B. Du Bois, James Weldon Johnson e outros da intelectualidade negra, junto com Fauset e um grupo representativo de poetas e autores. Os convidados brancos eram predominantemente editores e críticos; Carl Van Doren, editor da revista *Century*, falou por esse grupo convocando os jovens escritores na plateia a fazerem sua contribuição para a "nova era literária" que estava surgindo na América (WINTZ, 2015, s/p, tradução minha).

O crítico Carl Van Doren afirma que aquilo era exatamente o que a literatura americana precisava: cor, música e a livre expressão. Segundo Doren, “se os negros não estão em posição de contribuir com esses itens, eu não sei qual americano está” (BOYD, 2003, p. 90, tradução minha). É nesse mesmo jantar que Paul Kellogg, editor da *Survey Graphic* se oferece para lançar uma edição focada nos artistas negros.

Em março de 1925 é publicada a edição *Harlem: Mecca of the New Negro* pela revista *Survey Graphic*.

Figura 17 - Edição *Harlem: Mecca of the New Negro* (1925)



Legenda: Capa da Revista *Survey Graphic* (março/1925)

Fonte: MET Museum (s/d)

A capa (Figura 17) da edição, concebida por Winold Reiss, emerge não apenas como uma representação visual, mas como um marco emblemático do Renascimento do Harlem. A composição, ao integrar a expressividade de uma imagem central, a ressonância de seu texto e a profundidade de seus elementos gráficos, transcende a mera ilustração, configurando-se como um verdadeiro manifesto estético e ideológico de um grupo específico que emergia.

Central à análise, a escolha do artista Roland Hayes para figurar em destaque na capa é de uma intencionalidade notável. Sua imagem, descrita como “a promessa da nova geração” (SURVEYGRAPHIC, 1925, p. 628), projeta uma visão do novo negro que contraria estereótipos passados. Desta maneira, o *new negro* emerge como experimentação epistemológica e artística que tem seu epicentro durante o movimento político-cultural *Harlem Renaissance*.

Longe de uma representação de submissão ou opressão, o retrato de Hayes irradia uma dignidade intrínseca e uma profundidade que desafia as concepções racistas de seu tempo. O estilo artístico de Reiss, conhecido por sua capacidade de capturar a individualidade e a dignidade de seus modelos (MEHRING, 2010), aliado à valorização da fisionomia negra, eleva ainda mais a

imagem de Hayes, transformando-o em um símbolo metonímico do florescimento intelectual e artístico da comunidade negra.

Paralelamente, a incorporação de padrões, grafismos e um *layout* constitui uma declaração de identidade e ancestralidade. Em um contexto histórico no qual a cultura negra era frequentemente desvalorizada, essa escolha visual celebra e afirma a riqueza da herança africana. Os elementos geométricos e abstratos que adornam as bordas da capa, remanescente de *designs* encontrados em artefatos e têxteis africanos, não são meramente decorativos; eles servem para enraizar a narrativa do *new negro* em uma história cultural vibrante e criativa. O arranjo visual, com o rosto de Hayes centralizado e emoldurado por esses padrões, estabelece uma conexão intrínseca entre o indivíduo negro que emerge nos grandes centros urbanos e à ancestralidade, conferindo-lhe uma aura de sacralidade e reforçando a noção de que o Renascimento do Harlem não era apenas um fenômeno contemporâneo, mas uma continuidade e reinterpretação.

A interação entre imagem e texto complementa essa complexidade. A justaposição do título *Survey Graphic* com o subtítulo *Harlem Mecca of the New Negro* demarca o Harlem como o epicentro cultural e espiritual de uma nova era. A reiteração da palavra *new* no título e na descrição do “Novo Negro” enfatiza uma ruptura com o passado e a emergência de uma identidade renovada. A capa, portanto, atua não só como um documento visual da época, mas como um elemento ativo na construção e disseminação dessa nova narrativa, preparando o leitor para uma imersão na vitalidade e complexidade da comunidade afro-americana.

Em síntese, a capa da *Survey Graphic*, de março de 1925, por meio da maestria de Winold Reiss e da poderosa imagem de Roland Hayes, entrelaçada com a simbologia africana, se estabelece como um registro histórico, um manifesto artístico e uma declaração visual que encapsula os ideais do projeto *new negro* encontrado, sobretudo, no Harlem: a busca por dignidade, a afirmação da identidade negra, a celebração da ancestralidade e a projeção otimista de uma era de prosperidade para a cultura afro-americana.

A ênfase nas artes (negras), incomum pois o escopo focava em filantropia e trabalho social (Rampersad, 1999), fez da edição um destaque para revista, permitindo que ela se transformasse em livro. Assim, no mesmo ano é publicado *The New Negro: An Interpretation*, organizado por Alain Locke, com o material previamente publicado na revista.

Apesar das movimentações de artistas negros que já ocorriam no bairro Harlem em Nova York, é difícil mapear o início de tal movimento. Todavia, os exemplos acima evidenciam que o ano de 1925 nos serve, apenas para fins analíticos, para demarcar a emergência e consolidação do movimento. Me sinto grata e privilegiada por ter esta tese publicada um século depois, em 2025. O livro *The New Negro: An Interpretation* (1925) será nosso ponto inicial para a breve apresentação do *Harlem Renaissance*. Isso porque o livro reuniu pesquisadora(e)s e artistas negra(o)s que se tornariam conhecidos por sua atuação cultural e política participando, ou não, do movimento.

O bairro se torna a “meca do novo negro”, como sugerido pela *Graphic Survey*, não por acaso: um dos fatores principais é a chamada *Great Migration* [Grande Migração] responsável pela mudança de, pelo menos, seis milhões de afro-americanos do sul para o norte, meio-oeste e oeste entre 1910 e 1970 (NATIONAL, s/d). A primeira fase, entre 1910 e 1940, coincide com a participação estadunidense nas duas Grandes Guerras Mundiais. Segundo a *National Library* (s/d), a migração ocorre como forma de escapar da brutalidade racial promovida pelas comunidades brancas, por um lado, e devido ao aumento da busca por mão de obra em indústrias, por outro. Apesar da possibilidade de uma vida melhor para a comunidade negra, não havia imunidade contra a violência racial: em 1919 ocorre o chamado *Red Summer* [Verão Vermelho] em diferentes localidades do país, acentuando as tensões raciais por causa das mudanças demográficas e migração. Na cidade de Chicago, por exemplo, trinta e oito pessoas negras foram assassinadas, além de centena de feridos. Mais de 2 milhões de pessoas negras migraram nos entreguerras: cidades como Nova York e Buffalo (ambos no estado de Nova York), Detroit (Michigan) e Chicago (Illinois) e a capital, Washington D.C., foram alguns dos destinos escolhidos por elas. Mas, sem dúvidas, a primeira cidade, e especificamente o bairro do Harlem, é a principal.

Conforme aponta Rampersad (1999),

Em menos de uma geração, a população do Harlem havia mudado sua aparência de branco-lírio para preto-escuro, ao absorver ondas de imigrantes negros do sul e do Caribe. Apesar da esperança, até mesmo da euforia, que veio com essa migração, os problemas de saúde e moradia, desemprego e criminalidade começaram a surgir. Ademais, esses problemas existiam lado a lado com um florescente renascimento das artes (Rampersad, 1999, p. 10, tradução minha).

O bairro, então, vira ponto de encontro de artistas e, apesar do termo *new negro* já ser utilizado desde o fim do século XIX, ele passa a descrever o espírito dos anos 1920 para muitos afro-americanos. Desta maneira, além de ser um registro das 59 produções artísticas e culturais (Locke, 1999) do *new negro*, a proposta do livro é mudar os significados referentes à inferioridade racial comumente aceitos nas “ciências” humanas.

Contudo,

É justo dizer que, diante da “ciência” racial, a maioria dos colaboradores do volume aceitaram a noção de raça negra e inferioridade cultural em comparação com os mais altos padrões da civilização europeia. A maioria também acreditava, no entanto, que a raça africana estava avançando, que política, econômica e culturalmente, os povos de ascendência africana em todo o mundo estavam engajados nos primeiros estágios de uma transformação que acabaria levando à independência da Europa. A África, agora colonizada pela Europa, acabaria por ser livre (Rampersad, 1999, p. 15-16, tradução minha).

Ao mesmo tempo que o livro se torna um registro histórico de tal mudança paradigma e epistemológica protagonizada pelas comunidades negras, sobretudo, por intelectuais e artistas que se articulavam para *produzir* esses novos significados, ele também é pensado para um público branco ávido, ou seja, *consumidores* que precisavam, de certa maneira, de um novo entendimento da humanidade das pessoas negras. Nesse sentido, o livro também se torna um registro das tentativas de diálogo extra-grupais e demonstração de sensibilidade, inteligência e versatilidade artística da(o)s negra(o)s que ajudariam a acelerar as mudanças sociais necessárias. Apesar do foco nas artes literárias, a segunda parte do livro tem como foco as ciências sociais com ensaios sobre migração, fenômenos semelhantes em outras partes do país, a implicação do *new negro* em escala mundial, entre outros.

O livro, como um *produto* que carrega propositalmente determinados significados, evidencia diferenças sobre questões relativas à cultura, política, sexualidade e geração. Mais que um grupo e movimento homogêneo, a diferença se faz presente nos ideais e propostas. Isso é visível quando, em 1926, é lançada a revista *Fire!!* sem a presença de Alain Locke. A unidade forjada é usada estrategicamente em contexto de visível mudança social em âmbito global na qual a raça delimitava, a partir de similaridades e diferenças, as formas de ser e estar no mundo.

Para Locke (1999), além de evidenciar mudanças internas e externas da vida negra na América, o livro representa retratos de *autoexpressão* nos quais é possível enxergar as realizações e possibilidades que a cultura negra oferecia. Em suma, a proposta era “nos concentrarmos (...) na autoexpressão, força e motivos da autodeterminação. Na medida em que ele é *culturalmente articulado*, vamos deixar o negro falar por si mesmo” (Locke, 1999, p. 24, tradução minha, grifos meus). O autor acredita que existe um novo enfoque espiritual e cultural, com consciência e orgulho renovados.

Para Locke, o *new negro* é o despertar racial nacional e internacional, demarcando o surgimento de um novo povo e um novo espírito com maturidade cultural, denominado por ele de adolescência cultural. Nesse sentido, ele acredita que não é mais possível encontrar “almas bizarras e estranhas como a mente de um selvagem ou mesmo tão ingênuas e revigorantes quanto a mente do camponês ou da criança” (Locke, 1999, p. 25), pois tudo isso era parte do passado. Por outro lado, Hurston tinha como objetivo olhar essas pessoas com “mentes estranhas” que eram consideradas inferiores – “selvagens”, crianças, camponeses – e evidenciar, justamente, o contrário. O que demonstra uma relação ambígua entre os propósitos do movimento, em um sentido de estar dentro e fora, na fronteira pulverizada da cultura.

Entre tantos artistas e intelectuais com escritos presentes no livro, foquemos em três: o conto *Spunk* de Hurston, os artigos *The Negro's Americanism* de Melville J. Herskovits, *The Negro Mind Reaches Out* de W.E.B. Du Bois, e o *The Task of Negro Womanhood* de Elise McDougald

*Spunk* remete ao nome do personagem principal e significa audácia, nervo, coragem, “atrevimento” (HURSTON, 2021c). O conto narra a história de Spunk, homem grande e sem medo que passa a se envolver com Lena, casada com Joe.

Segundo as pessoas que o viam perambulando pela cidade, “*ele num tem medo de nada (...). Ele carrega aqueles troncos na serraria do jeito que passeia por aí com a mulher d'outro homem – num tá nem aí*” (HURSTON, 2021, p. 70). São essas pessoas que, também, indicam ao Joe para onde sua esposa foi e com quem. Mesmo que, segundo eles, o personagem seja medroso e covarde, ele decide ir atrás do casal de amantes com uma navalha. Todavia, ele é assassinado a tiro por Spunk.

Em vida, Joe é o único que enfrenta Spunk e isso acarreta sua morte. Com esse fatídico fim, as coisas ficam mais sombrias: quando Spunk e Lena decidem se mudar de casa, uma *bob-cat* preto gigante passa a rodear casa uivando e

Quando Spunk pegou a arma dele e foi pra janela atirar nela, ele disse que ela [a felina] ficou bem paradinha e olhou na bola do olho dele, e uivou diretamente pra ele. Isso deixou Spunk tão nervoso que ele não conseguiu atirar nela. Mas Spunk falou que aquilo não era *jaguaririca* coisa nenhuma. Ele disse que Joe tinha escapulado do inferno (HURSTON, 2021, p. 75, grifo meu)<sup>29</sup>

A partir do encontro com o *bob-cat*, o atrevimento de Spunk se transforma em medo. E, dado como fato, todos acreditam que o falecido Joe voltara como felino para desafiar Spunk. De medroso e covarde, Joe agora é visto como valente. O protagonista passa a reclamar também da serra que ele manuseia no trabalho e afirma que alguém o tinha empurrado. No dia seguinte é Spunk que morre com a serra quase o dividindo ao meio. Os que trabalhavam junto a ele o deitaram “na pilha de serragem com o rosto virado pro Leste, pra ele morrer melhor” (HURSTON, 2021c, p. 77). Além disso, a morte evidencia o acesso degradante e perigoso que trabalhadores rurais, em sua maioria negros, enfrentavam cotidianamente. Por fim, a história é contada através de conversas entre homens, principalmente, no armazém da cidade e são poucas as vezes que Spunk, Lena e Joe se enunciam.

O artigo de W.E.B. Du Bois é uma análise e reflexão sobre a afirmação que, anos antes, o intelectual havia feito: “O problema do século XX é o problema da linha de cor”. O artigo é escrito após a I Guerra Mundial e tem como proposta analisar as *sombras* coloniais deixadas pelas metrópoles europeias nas então colônias do continente africano a fim de verificar se este problema é uma profecia ou especulação (DUBOIS, 1925). Sua crítica ao colonialismo nos mostra que o sujeito da ação europeia é África e como se constitui essa forma de dominação.

---

<sup>29</sup> Aqui vale ressaltar que o texto faz parte do dossiê especial *Fire!! Textos Escolhidos de Zora Neale Hurston*, publicado em 2021 pela Revista Ayé de Antropologia (UNILAB). As tradutoras optaram por traduzir *bob-cat* – felino de porte médio encontrado na América do Norte – para *jaguaririca* que é mais comum na América do Sul. Na nota da tradutora (10) do conto, *jaguaririca* é “(...) um felídeo selvagem nativo Brasileiro com nome tupi-guarani”. A produção é processo que relaciona identidade e significado (Du Gay et al., 1997). Como explicitado no dossiê *Fire!!* (2021), as traduções de textos da autora foram pensadas a partir da chave teórica interseccional, decolonial, pois, segundo as organizadoras, Hurston produz entre margens e espaços Sul-Sul (Erickson; Böschemeier, 2021).

Tendo em vista que “(...) dissensão e catástrofe mundiais ainda espreitam nos problemas não resolvidos das relações raciais” (DUBOIS, 1925, p. 385, tradução minha), o autor evidencia que o imperialismo e industrialismo modernos têm como cerne o colonialismo. Ele utiliza como exemplos os casos de Portugal, Bélgica, França e Inglaterra e como as tensões globais refletem no continente africano através de acordos, expropriações de terras, exploração e, ainda, dificultam – por negligência – as relações entre trabalhadores negros/africanos em organizações trabalhistas e sindicais.

Se, por um lado, a I Guerra Mundial evidencia, complexifica e intensifica essas relações ainda não resolvidas, por outro, é a partir dela que o desejo por democracias e um mundo sem guerra explodem, sobretudo, no continente africano. Os modos de ser e viver o mundo, bem como as conferências e congressos panafricanos tensionam a maior contribuição europeia na dita sociedade moderna: exploração e militarismo. Ao final de sua análise, ele afirma que, sim, o problema do século XX é o problema da linha de cor.

Tal artigo é importante pois nos mostra uma análise e mapeamento sobre as movimentações provenientes do que chamamos diáspora africana. Mais do que um movimento homogêneo, a diáspora africana é apresentada através de diferentes rotas, acordos e negociações. O contexto de sua escrita é demarcado pela negação aos esquemas mentais e políticos europeus e a virada à África como centro da ação política das comunidades negras ao redor do mundo. Tanto no continente africano, quanto na Europa e Estados Unidos, africanos e seus descendentes possuem diferentes formas de atuação e entendimento do que seria um mundo melhor no futuro.

Já o artigo *The Negro's Americanism* me auxilia como porta de entrada das propostas teórica metodológicas presentes na Antropologia Americana. A afirmação principal é que a comunidade do Harlem era como qualquer outra nos EUA, ou seja, não havia uma posição cultural

anômala<sup>30</sup> do negro que morava no bairro. Ao contrário, Herskovits encontrou escolas, igrejas, bibliotecas, escritórios, agências, etc. A única diferença era o *shade* [tom de pele] (HERSKOVITS, 1999). Não encontrando a “peculiaridade do gênio negro” que ouvira falar, a questão que ele levanta é: *Não será então verdade que o negro se aculturou à cultura branca predominante e desenvolveu os padrões de cultura típicos da vida americana?* (HERSKOVITS, 1999, p. 375).

Essa era a questão do primeiro quarto do século XX. Por trás desse questionamento, está o alicerce fundacional da Antropologia e Sociologia. E, apesar de Hurston e Herskovits<sup>31</sup> compartilharem desta fundação e serem pares contemporâneos, eles trilham caminhos diferentes. Primeiro no âmbito da institucionalização que Hurston não conseguira, como veremos à frente. O segundo aspecto é referente a como tais escritos permitem entender o nosso mundo contemporâneo. Como proposto por Hurston, populações nativas, negras e africanas – e os seus mundos – “sobreviveram” às mudanças. Ao contrário da aculturação, a hibridação permite ver esses fluxos, encontros e negociações centradas nos vastos e complexos esquemas culturais e as contribuições de tais populações na constituição da sociedade, apesar de muitas vezes negligenciadas. Esse é o cerne dos trabalhos de Hurston: talvez pela autonomia pungente, ela conseguira evidenciar a importância dessas *diferenciações* culturais em um contexto de negação e apagamento proposital nas Ciências Sociais.

Em outras palavras, ela inaugura de maneira individual e coletiva – participando de maneira ativa no *Harlem Renaissance* – uma proposta contrária às lentes sociais e culturais do mundo

---

<sup>30</sup> Na virada do século, a sociologia estadunidense se debruçava para as mudanças visíveis nas áreas urbanas, as questões relacionadas à educação, saúde, migração e criminalidade e seus impactos nas vidas das pessoas. A Escola de Chicago era uma das mais influentes e, claro, com muito investimentos. Os pesquisadores associados a ela, cada um à sua maneira, observavam tal contexto com as lentes da patologização e biologização. Há contribuições importantes, como o uso da etnografia para se fazer trabalho de campo em centros urbanos – mesmo que a Escola de Atlanta, por exemplo, liderado por W.E.B. Du Bois, bem como a antropologia, já o fizessem -, todavia, é perceptível o etnocentrismo e racismo em vários escritos. Isso se manifesta na universalização do modelo ocidental através de conceitos como a “desorganização social”, que estigmatizava comunidades imigrantes e minorias, e na idealização da “assimilação” cultural. Além disso, a escola é criticada por um foco patológico em grupos considerados minoritários, ao analisar a segregação urbana sem a devida crítica às práticas e estruturas racistas que a causavam, e por perpetuar estereótipos, muitas vezes excluindo as vozes das próprias comunidades estudadas.

<sup>31</sup> Herskovits é importante para o estabelecimento dos estudos africanos e afro-americanos na academia hegemônica estadunidense. Ele fundou o Departamento de Antropologia (1938) e o *Program of African Studies* (1948) na *Northwestern University*.

branco. Em seus trabalhos, a ideia de assimilação cultural fora transmutada em hibridismo, pois a proposta de hibridação comporta a articulação e diferenciação cultural.

Para Herskovits, após a libertação, houve uma forte tentativa de consciência, ao mesmo tempo que as formas de negócios, de fazer dinheiro e práticas religiosas se aproximavam dos padrões branco/americano. Ou seja, as formas de organizações adotadas pelos negros não são as mesmas de seus antepassados africanos. Três pontos lhe chamaram mais atenção acerca da aceitação do padrão geral, ou seja, do processo de aculturação. O primeiro é sobre a organização socialista/trabalhista: a escala econômica se aplica aos brancos e negros, sendo que ambos os grupos raciais se encontram em organizações sindicais. Ele afirma que, algumas vezes, “elementos peculiarmente negros” se manifestam, como o caso das queixas de trabalhadores negros em relação ao preconceito que os impossibilitam de aproveitar a união branca, devido à linha de cor. Ainda assim, ao participar de uma reunião socialista no bairro, o que se nota é que a atenção era voltada para os motivos econômicos, entre ambos os grupos, e não apenas aos interesses dos negros.

O segundo é em relação aos comportamentos sexuais. A demonstração de aculturação ocorre quando Herskovits, ao conversar com um grupo de pessoas negras acerca do tratamento das mulheres negras [negro Woman] na literatura, comenta que a recusa em aceitar os procedimentos puritanos poderia ser bem-vindo à convencionalidade do sexo contemporâneo. Para ele, não houve dúvida que “(...) a rigidez sexual é o ideal último das relações entre homens e mulheres, e certamente não havia maior indicação de uma inclinação para os costumes encontrados na África ancestral do que seria encontrado em um grupo de brancos” (HERSKOVITS, 1999, p. 376-377).

Por fim, o terceiro exemplo do processo de aculturação diz respeito a(o)s intelectuais e artistas negra(o)s que não escrevem mais sobre “negros”, mas sobre “humanos”. Os ideais não são os contos africanos, mas o estilo expressionista da época. As questões principais acerca desses processos observados, segundo o autor (HERKOVITS, 1999), é se os negros não possuem um modo de vida essencialmente semelhante à comunidade que fazem parte ou se há um gênio cultural distinto que conseguiu se manifestar na América. Em outras palavras, Herskovits busca entender se a cultura trazida pelo “negro de África” é inata ou foi descartada desde o momento que ele foi trazido para a “nossa cultura”, no caso, a cultura branca.

Sua conceituação acerca da cultura evidencia a forma que ele enxerga esse “negro/africano” e/ou “cultura negra/africana”. Utilizo as aspas porque ele mescla essas categorias

e as utiliza de forma corriqueira como, por exemplo, quando afirma que o negro veio de África, não evidenciando a pluralidade e diferenças tanto entre os denominados negros quanto africanos. Há um aceno meu em acreditar que isso ocorre como forma de contribuição do autor ao tensionar e desmistificar as “teorias” eugenistas que comumente utilizavam diferenças fenotípicas para evidenciar uma falsa inferioridade da população negra. Ao mesmo tempo, ele cria uma fronteira “cultural” ao se referir à “nossa cultura”, provavelmente estadunidense, e a “deles”, de “negros e/ou africanos”.

Para Herskovits, a cultura são aqueles elementos feitos à mão pelo homem (HERSKOVITS, 1999), desde as fases “primitivas da vida”: mesmo os homens com as vidas mais simples possuem uma cultura resultado de seus contextos históricos. O artigo nos dá pistas de como a Antropologia Americana que emergia no período, provavelmente devido ao contato com intelectuais negra(o)s e diferentes grupos sociais, criava seu espaço no debate sobre a cultura e a raça: as culturas mudam e são diferentes entre si. Se, por um lado, houve algum acordo pseudocientífico que as raças são fundamentais para a cultura e que elas não se misturam, ele afirma que a “América tem ascendência mista” (HERSKOVITS, 1999, p. 379), mesmo que não deixe claro as contribuições de grupos não-brancos para a constituição da sociedade.

Nesse sentido, o que ele vê de diferente no Harlem e na cultura branca é apenas uma reminiscência da época camponesa do Sul, mas não um vestígio da cultura africana. Como qualquer outro grupo, o negro, absorveu a cultura da América e enfrenta os mesmos problemas de outros grupos: “quando nos voltamos para o Harlem, vemos a sua composição social, econômica e política como parte do todo maior da cidade – separada dela, é verdade, mas ainda essencialmente não diferente de qualquer outra comunidade americana” (HERSKOVITS, 1999, p. 381-382).

O ensaio é complexo para mim e, apesar das leituras, ele continua a me confundir. Todavia, apesar da contribuição para as Ciências Sociais, o que me chama atenção é a diferença no olhar. Mesmo que ele considere a cultura negra como parte dessa comunidade, ao longo do ensaio é possível observar que ele assume diferenças nas quais o “outro” é o negro/africano. Como apontado por Silvério (2022), a diferença, agora, emerge no interior das culturas e resulta, ao mesmo tempo que é resultado, de encontros, novas rotas e possibilidades. As rupturas e mudanças sociais, e os seus significados atrelados a ideia de raça, se intensificaram desde a I Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, esse olhar me parece uma forma de afirmar África, africanos e seus

descendentes fincados em um passado remoto, sem contribuições efetivas na constituição das sociedades estadunidense e global.

Em 1941, Herskovits publica o livro *The Myth of the Negro Past* no qual ele contesta a ideia de que os afro-americanos perderam suas culturas africanas durante a escravização, evidenciando uma mudança de argumentação. Ele afirma que a comunidade negra reteve sua herança de África na música, arte, estrutura social, vida familiar, religiões e mais. Se Boas teve uma mudança epistemológica em sua rota devido ao contato com W.E.B. Du Bois, como argumento a seguir, Herskovits também passou por esse processo pois Hurston abriu caminho para um novo entendimento sobre a centralidade das culturas, os fluxos e movimentos, e a contribuição de outros grupos na sociedade estadunidense.

Por fim, o *The Task of Negro Womanhood* é análise da pensadora e ativista Elise McDougald. O ensaio é considerado um dos germes do feminismo negro e é o único que apresenta o papel central das mulheres negras nas mudanças sociais de tal período. Para ela, as mulheres são o catavento e indicador que mostra para onde o vento do destino sopra (MCDUGALD, 1925).

Para McDougald, o bairro do Harlem possibilita uma análise crítica sobre as mudanças vividas e promovidas pelas mulheres negras por ser considerado um lugar no qual elas experienciam oportunidades nos campos intelectual e industrial, além de estarem livre das formas mais grosseiras de subjugação sexual e racial presentes, sobretudo, no Sul do país. Ao mesmo tempo, isso não significa que as mulheres negras não possuam dificuldades por estarem no bairro do Harlem: mesmo na meca dos negros, as mulheres negras são utilizadas nas propagandas como exemplo da vulgaridade negra e maldade feminina, além dos ideais de beleza que as excluem e desvantagens no mundo do trabalho.

De qualquer maneira, enquanto um grupo plural, suas experiências são diversas, mas a atuação possui um alicerce: a busca coletiva de promoção da qualidade de vida das pessoas que sofrem com as desigualdades. Além de possuírem papel central nos movimentos sindicais, na área da educação e serviço social, elas também estavam florescendo na literatura e com grandes expectativas em relação aos retratos estilísticos e questões em suas obras (MCDUGALD, 1925).

De fato, *New Negro: An Interpretation* se transformou em um registro histórico da pluralidade de pensamento em relação às pessoas negras em um determinado contexto histórico

de profundas mudanças. Ele reúne diferentes gerações de intelectuais e artistas negra(o)s (e brancos) consagrada(o)s naquele momento, sem deixar de lado as diferenças. Os textos selecionados evidenciam as rupturas nas Ciências Sociais, principalmente em torno do debate racial feito por intelectuais brancos e negros: a afirmação de que não há nenhuma diferença entre as comunidades negras e brancas, proposta por Herskovits, tem como cerne evidenciar que pessoas negras são *humanas* e vivem conforme a cultura hegemônica. Ao mesmo tempo, seu escrito evidencia uma cegueira sobre as *diferenças que importam* e são significativas entre ambos os grupos.

Du Bois, por outro lado, evidencia um trabalho amplo e global sobre como o colonialismo ainda afetava as relações raciais e econômicas naquele período. Sua análise nos mostra as diferenças entre grupos raciais e nações, bem como a agência das pessoas negras que, mesmo de maneira contraditória, almejam um futuro melhor para todos. Todavia, o foco nas experiências de mulheres negras, abordado por McDougald, nos garante uma maior complexidade de leitura sobre a comunidade negra que passava e era responsável por mudanças que alicerçam nossa sociedade.

Ao mesmo tempo, é a partir das artes, no caso de Hurston, que fica mais claro a tentativa de romper com os paradigmas impostos tanto fora do grupo quanto dentro. Interessante que sua proposta é representar as tramas do considerado “*old negro*”: pessoas negras de áreas rurais que se comunicam de determinada maneira, cujas relações com os mistérios e magias são vividas cotidianamente e que, por outro lado, não têm medo de mostrar quem são diante dos olhos da comunidade. Em contrapartida, se o livro é dedicado à nova geração, o conto de Hurston pode ser visto como uma forma de registro de memória de um grupo que, naquele período, era visto com seus dias contados.

É com este e a peça *Color Struck* que ela recebe dois prêmios de segundo lugar no concurso literário promovido pela *Opportunity*. Além disso, o conto *Black Death* e a peça *Spears* recebem duas menções honrosas, fazendo com que Hurston fosse a mais premiada da noite. Durante o evento, ela faz uma entrada memorável (Boyd, 2003). Se alguém não a conhecia até aquele momento, após sua entrada passara a conhecê-la. No jantar de premiação, Hurston conheceu

Langston Hughes, que ganhara o primeiro prêmio em poesia, Countee Cullen, Carl Van Vetchen<sup>32</sup>, fotógrafo que registrou algumas personalidades do *Harlem Renaissance* incluindo a autora, e Annie Nathan Meyer, uma das fundadoras da *Barnard College*, que lhe providenciou uma bolsa de estudos na instituição no mesmo ano, trarei isso mais à frente.

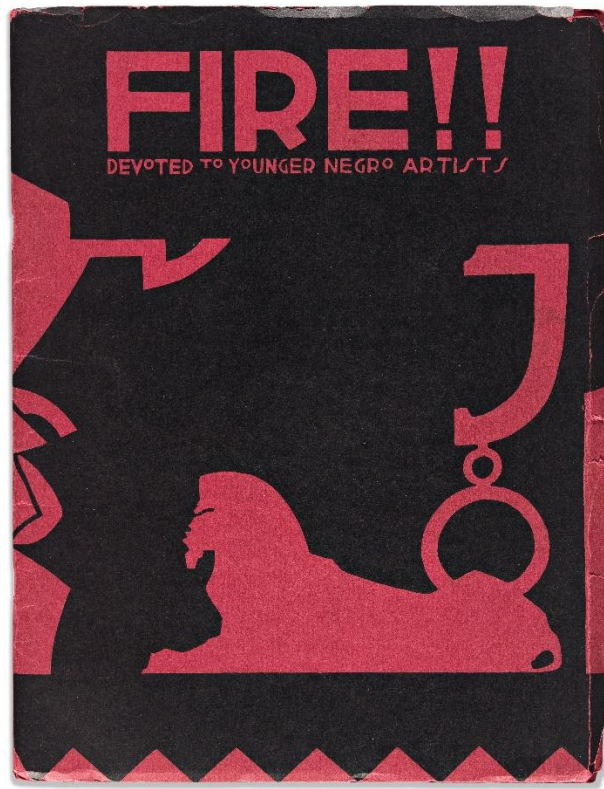
No ano seguinte, ela se junta a Wallace Thurman, Langston Hughes, Gewndolyn Bennett, Richard Bruce Nugent, Aaron Douglas e John Davis na criação da revista *Fire!!*. O grupo se autodenominava *niggerati*, junção do termo pejorativo *nigger* com *literatti*. Para Boyd (2003), este era “(...) um apelido inspirado que era ao mesmo tempo autozombateiro e autoglorificante, e certamente chocaria a burguesia negra enfadonha” (BOYD, 2003, p. 116, tradução minha).

Por trás de termos como *nigger*, *negro*, *afro*, *african* e *black*, desdobra-se a rica história da agência criativa negra. A década de 1920 marcou um ponto de virada crucial, quando a comunidade negra começa a se autodefinir e a se organizar como grupo. Esse período, no entanto, foi apenas o começo de uma jornada de expansão e luta: o desejo de libertar corpo, mente e ação se intensificou ao longo do tempo, impulsionado por reorganizações políticas que culminaram em movimentos como a luta pelos direitos civis e o *Black Lives Matter*, e que certamente continuarão a surgir. Mesmo diante de um sistema opressor que persistentemente tenta aniquilar essas identidades e vidas, a agência criativa negra foi e continua sendo um pilar fundamental na construção e afirmação de uma identidade negra resiliente.

---

<sup>32</sup> Carl Van Vechten fez inúmeros registros de artistas e intelectuais que compunham o movimento cultural citado. As fotografias são belíssimas, retratando cada indivíduo escolhido para a sessão, nos permitindo observar as expressões, ângulos e o fundo. Zora Neale Hurston tem diferentes registros feitos por Van Vechten, e a maioria faz parte de seu acervo na *University of Florida*. Foram estes os escolhidos para a capa desta tese. Quando conversei com Laura Grosso, artista e doutoranda pelo PPGS/UFSCar, falei sobre a importância do olhar de Hurston nas fotografias, pois este é o cerne deste trabalho. A proposta era mostrar o olhar sensível e as diferentes formas de olhar, as artes e o drama. A escolha de Laura também foi estratégica: ela faz suas artes com a técnica de colagens digitais, mesclando diferentes símbolos que remetem ao ancestral. Tal técnica, e isso diz muito à proposta de Laura como pessoa, também significa a junção de elementos distintos e díspares que, nas contingências das circunstâncias, podem oferecer uma imagem harmoniosa e, olhando em retrospecto para os avanços sociais conquistados devido à atuação desse grupo, até esperançosa.

Figura 18 - Revista *Fire!!* (1926)



Legenda: Capa da revista *Fire!!* Por Aaron Douglas

Fonte: YALE (s/d)

Aaron Douglas já havia contribuído com suas artes em diferentes capas de revistas e livros, inclusive aprendendo técnicas de pintura com Reiss, responsável pela capa do *Survey Graphic* e as artes presentes no livro citado. No entanto, sua proposta para *Fire!!* (Figura 18) evidencia o tom radicalmente artístico da revista. A esfinge desenhada possui uma venda nos olhos que remetem as máscaras africanas. Todavia, ao olhar a arte no geral, percebemos que a esfinge é um brinco utilizado por uma pessoa negra/africana. Além da esfinge remontar aos deuses egípcios, poder e força, ela também é uma celebração de um monumento criado em África e até hoje reconhecido por sua beleza, tecnologia e durabilidade. Em outras palavras, a proposta foi mostrar o potencial e prestígio de ser negro tanto no passado quanto no futuro e as contribuições duradouras de África em nossa sociedade.

Se o *New Negro* fora, no ano anterior, “dedicado à nova geração” (LOCKE, 1925), de modo geral, a revista *Fire!!* surge como uma devoção “(...) aos artistas negros mais jovens” (FIRE!!, 1926), de maneira específica. *Fire!!* aparece para incendiar especificamente as artes e abrir diálogo com artistas negra(o)s.

*Fire!!* emerge como um espaço de contestação e ressignificação cultural. Através de suas páginas, as restrições e fixações impostas pela sociedade racista não são apenas abordadas, mas também implodidas de maneira multifacetada.

O grupo utiliza a revista como ferramenta para criticar o intelectualismo que, por vezes, se isola dentro de suas próprias fronteiras. No entanto, essa crítica é paradoxal, visto que o próprio grupo é composto por intelectuais. Essa tensão se manifesta na escolha e abordagem de temas como, por exemplo, homossexualidade e prostituição, historicamente negligenciados e associados a estereótipos negativos pela sociedade racista.

Ao trazer esses temas para o centro do debate, *Fire!!* desafia o enclausuramento imposto à comunidade negra, que se manifesta tanto na marginalização de suas experiências quanto na ausência de representação em espaços intelectuais. A revista, portanto, se configura como um espaço de resistência e afirmação, onde a intelectualidade negra se apropria de sua voz para desconstruir estereótipos e promover a uma visão mais ampla tanto das artes quanto das produções negras.

O prefácio remete ao *spiritual* criado por Hughes no ano anterior e possui o cerne da revista:

*FOGO... flamejante, queimando, cauterizando e penetrando muito abaixo dos elementos superficiais.*  
*FOGO... um grito de conquista na noite, alertando aqueles que dormem e revitalizando aqueles que permanecem nos lugares quietos cochilando.*  
*FOGO... derretendo barras de aço e ferro, enfiando línguas lívidas entre aberturas de pedra e queimando oposição de madeira com uma risada estridente de desprezo.*  
*FOGO... tecendo desenhos vívidos e quentes em um tear com bordas de ébano e satisfazendo a sede pagã por beleza sem adornos... a carne é doce e real... a alma uma descarga interna de fogo... Beleza?... carne em chamas – em chamas na fornalha da vida em chamas (FIRE!!, 1926, p. I, tradução minha).*

O poema (FIRE!!, 1926, p. I) é uma poderosa exaltação à força e ao impacto transformador do fogo. Desde as primeiras linhas, o autor utiliza uma linguagem vívida para descrever o fogo como uma entidade dinâmica: “flamejante, queimando, cauterizando e penetrando”. Ele é retratado não apenas como um elemento físico, mas como um grito de alerta e revitalização, capaz de despertar os adormecidos e revigorar os que estão em inércia. A capacidade destrutiva do fogo é enfatizada com imagens de “derretendo barras de aço e ferro” e “queimando oposição de madeira com uma risada estridente de desprezo”, personificando-o quase como uma entidade viva e com vontade própria. No entanto, a análise do texto revela que o fogo não é apenas destruição; ele também é um criador de beleza e do novo, “tecendo desenhos vividos e quentes” e satisfazendo uma “sede pagã por beleza sem adornos”.

A ambiguidade culmina na ligação entre o fogo e a própria existência humana: “a carne é doce e real... a alma uma descarga interna de fogo... Beleza?... carne em chamas – em chamas na fornalha da vida em chamas”, sugerindo que a vida e a beleza são forjadas nesse processo intenso e por vezes doloroso do fogo. O poema, portanto, é uma meditação sobre o poder dual do fogo, que é ao mesmo tempo destrutivo e criativo, um catalisador de mudança e um espelho da própria essência da existência.

Sem o patrocínio de editoras chefiadas por pessoas brancas, eles se sentiram livres para se expressarem como bem quisessem, e nos trouxeram temas que poderiam ser considerados espinhosos e indignos de registro para as gerações anteriores.

O conto *Cordelia The Crude*, de Wallace Thurman, tem como personagens principais Cordelia, o narrador e o bairro do Harlem. A jovem Cordelia havia migrado do Sul para Nova York com sua família e gastava seus dias cuidando da casa e de seus irmãos e a noite tendo experiências sexuais com os homens que ela encontrava nos bares do bairro. Em dada noite, ela conhece o narrador que, após um beijo, lhe dá alguns dólares. Noites se passam até que eles se encontrem novamente, ele a reconhece dançando e, após se cumprimentarem, ele a escuta falando para suas amigas que ele fora o primeiro que lhe dera dinheiro. No início do conto ela não cogitava se prostituir, mas o faz após o narrador, não sabendo que ela só buscava viver sua sexualidade livremente, lhe dá dois dólares sem razão – ou porque, provavelmente, era esperado que somente uma prostituta viveria naqueles termos.

*Wedding Day*, de Gwendolyn Bennett, narra a história do pugilista negro Paul Watson que migra para Paris em uma tentativa de fugir da discriminação legal dos Estados Unidos. Não tinha nada que ele odiasse mais do que os brancos estadunidenses, especialmente aqueles que se referiam a ele como *nigger*. Aliás, ele era conhecido nos bares e cafés parisienses por causa deste ódio. Todavia, a violência ocorre apenas após o encontro entre ele e um grupo de homens brancos que passam a utilizar termo para se referir a ele. Todos comentaram sobre o fato, ora aumentando ora diminuindo o que ocorreu, mas o que se sabe é que ele quase matou esses homens e destruiu o estabelecimento que estavam. Ele é preso e só ganha liberdade quando, com a I Guerra Mundial, os prisioneiros são soltos para combaterem pela França, sendo ele reconhecido por sua força e bravura e tornando-se um herói. Em dado momento, vagando pela rua, uma mulher branca e estadunidense demonstra interesse por ele que, mesmo tentando se desvincular, acaba cedendo a paixão. Paul e a mulher passam a ter um relacionamento e todos que o conhecem comentam tal mudança. Pouco depois, ele a propõe em casamento e no dia do evento, vestindo um terno cinza, ele tem um lapso de memória e se percebe em um vagão de primeira classe com um bilhete na mão de sua noiva explicando que não poderia se casar com ele.

O *Smoke, Lilies and Jade* é produzido por Nugent, todavia, ele não utiliza seu sobrenome no escrito. O conto semibiográfico conta a história de Alex, jovem negro desempregado que pensa que é um artista. E pensar é a maneira correta pois ele nada produz, e o conto não deixa claro se ele já o fez, apesar de pensar constantemente nisso e se ver como um gênio. Assim como Cordelia, Alex migra para Nova York e participa de maneira ativa da vida noturna do Harlem, especialmente as festas promovidas pelos *niggeratti* cujos membros são citados diversas vezes ao longo do texto. Em uma dada noite, ele vaga pelas ruas do bairro e conhece Adrian, um jovem latino de pele clara com quem passa a ter um relacionamento. Todavia, apesar de amá-lo, Alex também ama Melva e, além disso, o amor de Adrian começa a sufocá-lo. Ele deseja ficar com ambos, mas acha que Adrian não entenderia. Além da temática, nota-se que o autor utiliza uma escrita reticente que transmite as próprias indecisões do protagonista.

Hurston publicou a peça *Color Struck* e o conto *Sweat* na revista. A peça, dividida em quatro atos, tem como protagonista Emmaline, uma jovem negra de pele escura, que namorava John. Ambos eram dançarinos de *cakewalk*, dança de salão realizada em casal. No início do século passado, a dança realizada com passadas animadas e acompanhada por música era comum entre

afro-americana(o)s e realizada através de competições em salões e clubes. O casal que tivesse o melhor desempenho ganhava um bolo (SHRUMM, 2016). Na primeira cena, o casal e um grupo de pessoas estão em um trem, todos animados com a competição e o desejo pela vitória e bolo, já nos primeiros momentos Emmaline demonstra ciúmes por Effie, negra de pele clara, pois tinha a certeza de que John se sentia atraído por ela.

Ao longo da peça, Emmaline fica mais e mais enciumada, transformando a situação em algo constrangedor para as pessoas. Mas, ainda assim havia diversão. Quando ambos são chamados a se apresentar, Emmaline não consegue subir e tenta impedir ao máximo que John não se apresente também pois ela sentia que todas as mulheres com a pele mais clara colocariam a mão nele. Ele se nega a aceitar isso, mesmo porque ambos treinaram por um ano para a competição. Infelizmente ela decide não se apresentar e, às pressas, Effie é colocada em seu lugar. O casal vence.

A última cena remete a uma passagem de tempo de décadas. Emmaline já está velha e mora em um barraco escuro, ela está preocupada com sua filha adoentada. De repente, John bate à sua porta. Eles ainda se amam, e ele quer retomar o relacionamento e se casar o mais rápido possível. Ela fica receosa e, naquele momento, sua maior preocupação é sua filha. Ao chegar próximo à cama da criança, ele percebe a gravidade e pede para que Emmaline chame um médico, provavelmente haveria algum médico negro agora na cidade, mas ela não deixaria jamais um deles cuidar de sua filha. Ao sair em busca do médico, John fica na casa cuidando da criança, ele coloca uma toalha de pano molhada na testa da garota para diminuir a febre. Logo Emmaline volta enfurecida, sugerindo que John gostaria de ter algo com sua filha. John fica atônito: após anos de adoração, ele percebe que ela odeia a própria pele.

Esta peça demonstra as diferentes habilidades estilísticas de Hurston, ela consegue articular diferentes linguagens para nos mostrar as tensões, amores e desafios das pessoas negras. Além disso, ela nos mostra como trazer a cultura de afrodescendentes para o centro de sua escrita através de cores, sentimentos e ricas descrições. Como o nome sugere, a raça, ou neste caso a cor, pode nos fazer ficar presos em situações que nos causam profunda dor e sofrimento e nos impedir de viver, inclusive, o amor. O binômio raça-cor se torna um termo, que reflete a experiência, dúvida já que ele é o enclausuramento em si. Ao mesmo tempo que a experiência negra é, desde sempre,

tangenciada pelo horizonte em liberdade, o uso da raça evidencia seus próprios limites estratégicos, de agência e pelo bem-viver.

*Sweat* é considerado seu melhor conto da década de 1920 (BOYD, 2003) e contém enorme tensão, nuances e complexidades. Delia, uma lavadeira de Eatonville, é casada com Sykes, homem brutal, violento e odiado por todos na cidade. No matrimônio, Delia vive em um ciclo sem fim de “trabalhar e suar, chorar e suar, orar e suar” (HURSTON, 1926, p. 40, tradução minha). Sua rotina se resume em lavar a roupa de pessoas brancas, ir à igreja e apanhar de Sykes que já agrediu tanto a ponto que poderia ter matado três mulheres. Além das agressões ele a trai, utilizando um dinheiro que provavelmente é dela, e, ainda, trouxe uma cascavel para a casa a fim de torturar a esposa que tinha pavor do animal.

O comportamento dele é considerado horrível até para os homens que agridem suas esposas. E, como Joe Clark sugere, não há leis que transformem um homem como ele em um ser desceite. As violências, traições e negligências diários são sabidos e observados por todos na varanda de Clark, o que causa enorme constrangimento à protagonista. Delia só tem paz quando está na igreja ou quando Sykes não está em casa. Em seu último ato de crueldade, Sykes deixa a cobra solta na casa e rouba os fósforos para que Delia sintasse perdida no escuro, provavelmente a intenção era matá-la e culpar o réptil. No entanto, ele não esperava que Delia conseguisse fugir ou enfrentar seu maior medo. Ela passa a noite toda no celeiro até que ele volte. A armadilha recai sobre seu algoz: no escuro Sykes não consegue ver a cascavel que o ataca repetidamente. Delia observa a situação da janela, mas não faz nada. Ela o deixa morrer.

Hurston nos traz os temas como o ressentimento de um homem negro em relação à sua esposa que trabalha (e muito) e sustenta a casa, o ódio que o ódio faz florescer e o triunfo do bem contra o mal, além do papel da comunidade em ajudar ou não um membro, superstições e o *black english*. Para Boyd (2003)

Hurston explorou a linguagem e as sensibilidades de Eatonville para contar uma história original e convincente sobre dois seres humanos danificados. Ao mesmo tempo, “Sweat” é uma variação astuta do conto bíblico de Adão e Eva e a serpente. Em uma última análise, é uma exploração penetrante da luta de uma boa mulher contra o mal, tanto interna quanto externamente. E essa luta, embora particular de Delia na história, é familiar a todos que respiram (BOYD, 2003, p. 138, tradução minha).

Mais do que isso, Hurston nos mostra a importância de ser independente financeiramente para as mulheres, algo que, desde sua juventude, ela buscava.

Apesar de sua edição única e da perda significativa de seu material em um – pasmem - incêndio, a revista *Fire!!* emergiu como um marco no tensionamento dos significados do “novo negro” que prevalecia na época. Este conceito, promovido por intelectuais como W.E.B. Du Bois, buscava apresentar uma comunidade negra “civilizada”, livre dos estereótipos negativos perpetuados pelo racismo. No entanto, a *Fire!!* desafiou essa visão idealizada, expondo as complexidades e contradições da experiência negra.

As reações ao projeto do *new negro* foram diversas. Enquanto alguns o viam como um passo crucial para o progresso e reconhecimento da comunidade negra, outros, como os colaboradores da *Fire!!*, criticavam a tentativa de apagar as nuances e realidades das vidas negras. Eles argumentavam que a busca por uma imagem “limpa” e “civilizada” internalizava os padrões racistas e racializantes que negavam a riqueza e a diversidade da cultura negra.

Em *Fire!!*, germinava um movimento de vanguarda que buscava romper com as convenções e explorar temas tabus como sexualidade, relações interracialis e violência. A revista se propunha a revelar as “partes mais complexas da humanidade” através da literatura, desafiando a censura e o silenciamento que historicamente marginalizavam a comunidade negra. Ao fazê-los, a *Fire!!* inaugurou um espaço para a expressão autêntica e multifacetada, lançando as bases para futuras gerações de artistas e intelectuais negra(o)s.

Entre o livro *New Negro* e a revista *Fire!!* o que nos vale é a tentativa pungente de autoexpressão da comunidade de artistas e intelectuais negra(o)s em um período decisivo para o futuro que vivemos. Mais do que as similaridades, as diferenças e heterogeneidade se fizeram presentes e nos mostra a capacidade crítica e criativa de agência em um mundo que, apesar de não conhecermos mais, vivemos sobre suas bases.

## INTERLÚDIO (CON)TEXTUAL: A EMERGÊNCIA DA ANTROPOLOGIA “AMERICANA”, ENTRE FEIRAS E RAÇA

Conforme brevemente apresentado nos capítulos e interlúdios anteriores, revistas, jornais, aparatos legais e outros meios foram intensamente empregados na criação, modificação, contorno e aceitação dos sistemas classificatórios raciais. Neste interlúdio, o objetivo é demonstrar o papel central da antropologia tanto na formulação desses ideais quanto na tentativa de modificar as representações associadas às comunidades negras estadunidenses em um período de conflitos e guerras. Em ambos os contextos, não se observa um claro distanciamento da disciplina em corroborar ideais supremacistas, mesmo diante dos importantes avanços promovidos pela atuação negra.

Para tal interlúdio, utilizo como referência o livro *From Savage to Negro: Anthropology and the Construction of Race, 1896-1954* (1998), escrito por Lee D. Baker.

Entre os séculos XVI e XVIII, o termo raça era intercambiável com conceitos de nação, tipo, variedade ou estoque e as diferenças culturais eram vistas como diferenças biológicas que definiam a crença anglicana na sacralidade dos direitos de propriedade e indivíduo. Tais ideias foram transferidas para o Novo Mundo e moldaram as identidades e relações coloniais.

É no século XVII que, pela primeira vez, a elite inglesa utiliza a ideia de selvageria para definir o *outro*, no caso os irlandeses. Essa foi a mesma ideia utilizada por espanhóis em relação aos povos indígenas e, de maneira contundente, para classificar afro-americanos e africanos nos séculos seguintes. Segundo Baker (1998), “*a diferença fundamental entre as ideias de selvageria inglesa do século XVII e as ideias do início do século XX nos Estados Unidos era a autoridade: as primeiras eram religiosas, as últimas, científicas*” (BAKER, 1998, p. 12, tradução minha).

Nesse sentido, os antecedentes das noções contemporâneas de raça são encontrados na teologia do paganismo, de salvos e condenados. O século XVIII evidencia essa mudança com a emergência das ciências que desafiavam a moral religiosa. A ciência teve papel fundamental no estabelecimento da selvageria e inferioridade racial como um “fato”. Nos Estados Unidos, tal sistema rígido e hierárquico impulsionou as relações de poder, os objetivos políticos e interesses econômicos existentes.

A “*American School*” of Anthropology emergiu em um cenário de intensa agitação política, financeira e ideológica que culminou na Guerra Civil. Nesse contexto, a ideia da poligênese ganhou força com o aumento das revoltas e conflitos, persistindo mesmo após a publicação de *A Origem das Espécies*. Os primeiros “antropólogos” estadunidenses avançaram na tese da poligênese no período anterior da Guerra da Secessão “(...) e esses esforços visavam separar os negros dos brancos e definir o lugar do negro na natureza” (BAKER, 1998, p. 14, tradução minha). Utilizo as aspas porque esses estudiosos eram de outras áreas já solidificadas, cito três como exemplos: Samuel Morton, era físico e professor de anatomia, possuindo a maior coleção pessoal de esqueletos e crânio humanos. Em seus trabalhos, ele conectou a capacidade craniana com dotações morais e intelectuais em um esquema que colocou o caucasoide de cérebro grande no topo da hierarquia.

Josiah Nott, foi aluno de Morton e, também, físico. Nott acreditava que negros e brancos pertenciam a espécies diferentes. Mais do que isso, ele acreditava que negros eram como crianças que precisavam de disciplina, direção e cuidados de um mestre. Seu livro *Types of Mankind* (1894) foi lançado no mesmo ano que o Congresso decidiu que os estados de Nebraska e Kansas deveriam decidir sobre a questão da escravidão, o que gerou uma revolta que foi o prelúdio da Guerra Civil. Seus “dados” foram utilizados para fortalecer o argumento pró-escravidão.

Louis Agassiz era professor da *Harvard University*, especialista em ictiologia paleontológica. Ele é homenageado em estátuas e monumentos, nomes de escolas, ruas e museus. Sua maior influência foi em relação aos seus estudantes da universidade como, por exemplo, Frederic W. Putnam que estabeleceu o Departamento de Antropologia na mesma instituição e o Museu Peabody de Arqueologia e Etnologia Americana.

Neste sentido, desde antes de ser antropologia, a disciplina já fornecia ferramentas para legitimar as desigualdades sancionadas por leis. Em outras palavras, a disciplina ajudou a “explicar” o problema racial de uma forma que as desigualdades fossem acentuadas.

Durante a Reconstrução, houve um curto período de fortalecimento econômico e político dos afro-americanos no plano federal, todavia, no plano local e estadual, os democratas do Sul e ex-confederados passaram a obstruir esse ínfimo avanço. Os estados do Sul passaram por um período de reescrita de suas constituições para delimitar explicitamente o direito ao voto, conseguindo revogar quase todos os projetos de leis que protegiam este direito durante 1893 e

1894. Ao mesmo tempo, havia uma certa convergência em relação à desigualdade sofrida pela classe trabalhadora: na última década do século XIX, houve mais de 25.000 greves envolvendo mais de 6 milhões de trabalhadores. As tropas federais eram utilizadas tanto para evitar os votos de negros quanto para acabar com as greves.

A reconciliação entre o Sul e o Norte ocorre, justamente, através da aquiescência dos republicanos do Norte às estratégias dos democratas do Sul de privação de direitos, segregação e ideais de inferioridade racial. Em troca, os republicanos receberam apoio dos democratas nas questões internacionais.

Desta maneira, “a Suprema Corte constitucionalizou a segregação baseando grande parte de sua justificativa em concepções populares do darwinismo social” (BAKER, 1998, p. 23, tradução minha). A 14ª Emenda foi vista como uma forma de impor a igualdade entre duas raças que eram diferentes biologicamente. O julgamento *Plessy v. Ferguson* impôs que a segregação deveria ser praticada tanto por negros (que seriam presos) quanto por brancos (que seriam penalizados caso não a praticassem).

Ao mesmo tempo, as ideias de inferioridade racial serviram como ideologia unificadora para guiar a expansão do mercado estrangeiro, a exploração dos recursos naturais, a imposição da civilização estadunidense além de suas fronteiras e a promoção de privação de direitos e segregação sofridas pelas comunidades negras.

E a antropologia reforçou esses aspectos históricos já presentes na sociedade estadunidense. Até 1880, a antropologia/etnologia era um interesse auxiliar de naturalistas e um passatempo para médicos interessados nas raças da humanidade, ela “(...) saiu das margens da área da ciência natural para o centro da academia quando outras áreas da história natural surgiram como disciplinas específicas” (BAKER, 1998, p. 26, tradução minha). Inúmeros departamentos de geografia, física e geologia se proliferaram com desenvolvimento de indústrias como ferrovias, aço e mineração.

As ciências passam a ser exaltadas pelo papel central para o desenvolvimento de tecnologias importantes para as indústrias. Se, por um lado, um grupo seleto de pessoas passaram a enriquecer com tais avanços, a maioria da população teve que lidar com o trabalho infantil desenfreado, doenças infecciosas, pobreza, linchamento de negros e dizimação de vidas e terras

índigenas, por outro. A antropologia enquanto disciplina e profissão surgiu em meio a essas crises para justificar o racismo e fornecer as bases institucionais do campo. No final do século XIX foram criados inúmeros departamentos universitários, organizações e periódicos especializados. A disciplina emerge com poder e prestígio porque os etnólogos articularam teoria e pesquisa ressoantes com o discurso dominante sobre a raça, além de estarem presentes na *American Association for Advancement of Science* (AAAS), universidades de prestígio e na *Smithsonian Institution*.

Em 1895, Daniel Brinton, presidente da AAAS e primeiro professor de antropologia do país, escreveu na *Science* afirmando que a etnologia deveria ser o estudo sobre as raças humanas no artigo *The Aims of Anthropology*. No ano seguinte, John W. Powell, primeiro diretor da *Bureau of American Ethnology* (BAE) na *Smithsonian* concorda com Brinton em uma palestra no *National Museum of Natural History*, administrado pela mesma instituição. Para ambos, as leis da evolução não produziam tipos de homens, mas graus de homens.

Ao mesmo tempo, a Suprema Corte institucionalizou a segregação com base no darwinismo social:

Os princípios do darwinismo social surgiram como temas importantes para a comunidade jurídica, científica e empresarial, servindo para colar umas às outras. Embora as ideias de inferioridade racial e evolução social não fossem novas para os Estados Unidos, as ideias darwinistas tornaram-se cada vez mais dominantes porque eram vistas como científicas em uma era em que a ciência reinava suprema (BAKER, 1998, p. 28, tradução minha).

Seus primeiros defensores reformularam algumas ideias do Iluminismo para a sociedade industrializada: de Thomas Hobbes, a ideia de estado de natureza era um estado de guerra; de Adam Smith, a liberdade e economia *laissez-faire*; e de Darwin a ideia de seleção natural para examinar a cultura e sociedade. Desta maneira, os proponentes do darwinismo social acreditavam que era moralmente errado para o governo e organizações de caridade fornecer educação pública, saúde pública ou salário-mínimo pois esses eram esforços que contribuíam com a preservação artificial dos mais fracos.

A emergência da antropologia *per se* foi moldada por três grandes nomes: John W. Powell, Frederic W. Putnam e Daniel G. Brinton. Todos ocuparam a presidência da AAAS, então

organização científica mais poderosa do país e cada um, a sua maneira, fizeram avançar ideias de superioridade racial e darwinismo social nos Estados Unidos.

Brinton, que também fora presidente da *American Folk-Lore Society*, se tornou referência quando publicou o livro *Races and People* (1890), resultado de uma série de palestras sobre etnografia. Seus estudos focaram na craniologia para classificar raças e conectar os elementos físicos aos chamados elementos sociais e psicológicos da etnografia a fim de ordenar as raças. Ele utilizou a visão lamarckiana para afirmar que as características adquiridas passavam para as gerações posteriores. Seu compromisso era tornar a antropologia em uma disciplina acadêmica com rigor científico, citações de fontes e pesquisa. Ele também angariou inúmeras bolsas de estudo na *American Philosophical Society*, na AAAS, e na *Academy of Natural Science* para estudos sobre inferioridade racial, etnologia e gramática indígena. Seu crescimento fez a etnologia crescer e sua validação tem a ver com seus estudos relacionados à raça, sendo suas pesquisas utilizadas como justificativa dos linchamentos já que, em seus livros, ele defendia que os homens afro-americanos eram selvagens e nutriam uma luxúria bestial por mulheres brancas. Nesse sentido, essas depravações só poderiam ser contidas por tortura e linchamentos.

John W. Powell fora responsável pela criação do BAE e esteve associado à *Anthropological Society of Washington*, ambas sendo as que mais mobilizaram recursos e pesquisadores para etnologia no final do século XIX. Ele era um homem poderoso dos círculos de Washington e, além do BAE, ajudou a estabelecer o *U.S. Geological Survey* (USGS), a *House Appropriation Committee*, e o *Smithsonian Institute* na *National Academy of Society*. Sua base de apoio e aliança continha correspondentes de Washington e naturalistas de Harvard. E tais alianças eram baseadas em favores, contratos e publicações. Ele quase perdeu poder e prestígio quando tentou se distanciar do racismo científico, mas isso durou pouco.

Sua trajetória em relação à aproximação da temática racial difere um pouco das dos outros e, talvez por isso, fez ele enxergar a raça de forma “diferente”. Ele estudou na instituição *Obelin*, reconhecida por uma longa tradição de integração racial e de gênero. Durante a Guerra Civil, foi um dos poucos oficiais que treinou e equipou o regimento de afro-americanos. Após a guerra, angariou fundos para a criação do Museu em Illinois e, para isso, fez mais de trinta expedições em dez anos. Suas expedições fizeram-no ter certa aproximação com os povos indígenas da Rocky Mountains, importante cordilheira que conecta a parte oeste do Canadá ao Novo México. Ele

também tentou convencer a *National Academy of Science* a redigir um projeto de lei que reformasse como o governo federal dispunha de terras indígenas, o projeto não foi aprovado, mas, em troca, conseguiu criar a USGS e o BAE. Apesar de defender que a “selvageria” era um *status* distinto da sociedade com suas próprias instituições, costumes, filosofias e religiões, para ele não havia dúvidas sobre qual raça era superior, o que ele deixou explícito no livro *From Barbarism to Civilization* (1888).

Já Frederic W. Putnam foi fundamental na criação de importantes departamentos antropológicos: o *Department of Anthropology* do *American Museum of Natural History*, em Nova York, o *Department of Anthropology* no *Field Museum of Anthropology*, na Califórnia, e o *Phoebe Apperson Hearst Museum of Natural History*, em Chicago. Para ele, a antropologia abrangia a arqueologia, linguística e etnologia. Além disso, ele foi presidente nas sedes de Salem e Harvard do *Peabody Museum*. Sua maior contribuição foi relacionada às expedições e curadorias de artefatos em diferentes museus e feiras, o que tornou a antropologia como parte da cultura popular estadunidense.

As feiras mundiais tinham como proposta evidenciar o progresso social através de exposições tecnológicas e hierarquias raciais. Elas também representavam os ideais políticos e financeiros entre o fim da Reconstrução e I Guerra Mundial.

A *The World's Colombian Exposition* ocorre em Chicago em 1893, em comemoração à chegada de Columbus ao Novo Mundo. A exposição contou com mais de um milhão de visitantes que foram expostos a uma visão otimista do mundo, além de representar a ascendência dos Estados Unidos entre as potências mundiais como um país que os cidadãos brancos acreditavam ser o mais avançado da história. Ideais de superioridade e inferioridade foram reificados pela arquitetura e *layout* físico da exposição.

Figura 19 - *The World's Colombian Exposition* (1893)



Legenda: Estátua *The Golden Lady* feita para a feira

Fonte: ATLAS (s/d)

A *Golden Lady*, também conhecida como *Republic*, se encontrava na entrada da *World's Columbian Exposition* e representa o ideário da época ao encapsular e promover a ideia de progresso, desenvolvimento e hierarquização racial. A colossal estátua dourada de uma mulher, que remetia às figuras clássicas e personificava a República, foi estrategicamente posicionada como o ápice de uma exposição que celebrava a grandiosidade e o avanço da civilização ocidental. Sua imagem de mulher branca, alta e majestosa, com traços europeus idealizados, não era apenas um símbolo de beleza, mas uma representação visual do apressado civilizatório e da supremacia cultural e racial branca. Ao associar a figura feminina branca à personificação da nação e do progresso, a exposição reforçava, de maneira nada sutil, a ideia de que a “civilização” e o “desenvolvimento” eram intrinsecamente ligados a essa identidade racial, colocando-a no topo de uma hierarquia implícita e qualificando outras culturas e raças como menos desenvolvidas ou “primitivas”. Assim, a *Golden Lady* transcendeu a mera arte para se tornar um poderoso

instrumento de propaganda ideológica, cimentando narrativas de superioridade e destino manifesto presente no alicerce da sociedade estadunidense.

A parte principal da feira foi denominada *White City* e buscava evidenciar o progresso industrial e cultural através do estilo arquitetônico, equipamentos militares e tecnologias de mineração e agricultura. A proposta era colocar a civilização estadunidense no topo do mundo. Do outro lado do rio, se localizava a *Midway* sob a direção de Putnam. Neste local havia shows de “aberrações”, menestréis e faroeste para formar um “estudo prático de etnografia”. Havia exposições de crânios e medidas de raças. O darwinismo social foi exibido de maneira simples e divertida, e continha respostas fáceis para os brancos estadunidenses que não conseguiam explicar – mas buscavam justificar - o caos violento, massacres e linchamentos. Além disso, inúmeros grupos étnicos de outras partes do mundo, como do Reino de Daomé, Japão, Síria, serviam de entretenimento exótico para o público.

Segundo Baker (1998), “*segregar as exposições etnológicas vivas em um gueto escuro e longe da White City era simbolicamente importante: as realizações da mente civilizada – arte, arquitetura e tecnologia – eram contrapostas à ignorância, sujeira, cheiros e corpos morenos*” (BAKER, 1998, p. 56, tradução minha). Além disso, o termo antropologia foi pela primeira vez introduzido para o grande público nesta exposição e serviu como articulação dos ideais imperialistas e racistas do país.

A feira contou com críticas incisivas. Emma Sickles, presidente do *Indian Committee of Universal Peace Union*, protestou contra as exposições etnológicas. Ela teve papel fundamental na aprovação do projeto de lei que destinou verbas federais para a feira. Sickles tentou persuadir o Departamento de Antropologia da feira em relação às imagens e representações pejorativas dos indígenas, mas foi demitida por Putnam por insubordinação.

A imprensa negra apelidou o evento de *The Great American White Elephant* e *The White American's World's Fair*. Inúmeros pensadores e ativistas, incluindo Frederick Douglass e Ida B. Wells, escreveram o *The Reason Why the Colored American Is Not in the World's Columbian Exposition* (WELLS et al, s/d) no qual eles evidenciam o progresso feito pelos afro-americanos apesar das injustiças, violência e perseguição, além de críticas aos organizadores.

Dois anos depois, em 1895, Booker T. Washington surge como liderança após discurso de abertura na *Cotton State and International Exposition* que ocorreu em Atlanta. Denominado *Atlanta Compromise*, o discurso tinha como objetivo angariar apoio financeiro para o *Tuskegee Institute*, além de defender que os membros da raça branca poderiam ajudar no progresso se utilizassem mão de obra negra ao invés de trabalhadores imigrantes em suas indústrias:

Para aqueles da raça branca que esperam a chegada de pessoas de nascimento estrangeiro e língua e hábitos estranhos para a prosperidade do Sul, se me permitisse, repetiria o que disse à minha própria raça: Jogue seu balde onde você está. Coloque-o entre os oito milhões de negros cujos hábitos você conhece, cuja fidelidade e amor você testou nos dias em que se mostrar traiçoeiro significava a ruína de suas lareiras. Jogue seu balde entre essas pessoas que, sem greves e guerras trabalhistas, cultivaram seus campos, limpam suas florestas, construíram suas ferrovias e cidades e trouxeram tesouros das entranhas da terra e ajudaram a tornar possível esta magnífica representação do progresso do Sul (WASHINGTON, 1895, s/p, tradução minha).

No trecho acima é possível observar que os negros – e Washington deixa explícito em outras partes que refere-se ao “valor da masculinidade do negro americano” – são representados como a base material e até afetiva do progresso da raça branca, em um sentido de quase servidão, abdicação e adoração. O “jogar o balde” explicita, ao mesmo tempo, que é a raça branca que irá salvar a raça negra. Nesse sentido, seria melhor “salvar os negros” que, mesmo sendo odiados e menosprezados pelos brancos, possuíam a lealdade que os imigrantes – com suas diferentes culturas – não teriam. Os negros representariam o progresso do sul desempenhando papéis de subordinação similares aos já existentes e disponíveis na época.

Todavia, essa exposição não teve o apoio financeiro e abrangência social que a anterior. Apenas em 1904 que outra exposição teria tanto ou mais impacto na sociedade estadunidense.

A feira *The Louisiana Purchase Exposition* ocorreu em St. Louis e foi anunciada como a maior feira do mundo, tendo quase o dobro de visitantes e investimento. Novamente a antropologia foi usada para a criação e perpetuação de representações de inferioridade racial. A proposta antropológica era retratar os povos “bárbaros” e “semibárbaros” do mundo, o mais “próximo” de seus ambientes comuns e nativos (BAKER, 1998).

W.J. McGuee, geólogo autodidata, foi o escolhido como responsável do Departamento de Antropologia da feira. Ele já havia trabalhado no USGS e no BAE, todavia foi demitido por má

gestão fiscal. Desta maneira, a feira surge como oportunidade de manter sua posição no campo e criar uma identidade nacional a partir de sua ideia de progresso. Seu artigo *The Trend of Human Progress*, publicado na *American Anthropology* em 1899, foi utilizado anos depois nesta feira por representar o seu discurso e ideário antropológico sobre a raça: nele, os quatro graus de cultura humanas – representadas pelas cores branca, preta, amarela e vermelha –, que ele utilizou em correspondência com as raças, evidenciariam a selvageria, barbarismo, civilização e iluminação (MCGUEE, 1899). A iluminação seria o estágio no qual o branco estadunidense, e não outro branco, estaria. Neste mesmo artigo, ele defendeu que a miscigenação era um mal, principalmente se feita com raças inferiores. Para ele, “de longe, a maior parte dos acasalamentos interraciais foram ilícitos e entre espécimes inferiores de uma ou ambas as linhagens de sangue, de modo que o mal da miscigenação pode muito bem ter sido intensificado” (MCGUEE, 1998, p. 419, tradução minha).

Foi neste mesmo artigo que ele expressou o “fardo do homem branco”, ou seja, a luta do homem branco (estadunidense) em elevar as outras raças. Esse mesmo discurso foi utilizado para que a antropologia defendesse o imperialismo no Pacífico e no Caribe, e o Jim Crow no Sul. O fardo do homem branco, o imperialismo, o senso de nacionalismo serviram de mote da exposição de 1904.

McGuee colocou em prática sua teoria e mobilizou inúmeros agentes para levar “selvagens e bárbaros” para St. Louis. Os termos antropológicos de classificação da época foram: pigmeus do Congo, gigantes da Patagonia, ainus primitivos do Japão, uma variedade de indígenas e mais de 1200 filipinos (BAKER, 1998). Para a exposição foram criados laboratórios psico e antropométricos para medir a inferioridade a partir da força, resistência, sensibilidade à temperatura, entre outros. Nomes como Franz Boas e Clark Wissler, da *Columbia University*; Ales Hrdlicka, diretor de antropologia física da USNM; e Frederick Starr, da *University of Chicago*, deram aprovação aos laboratórios e exposição. Inclusive, Starr deu pontos nas notas finais de estudantes que participassem da feira.

Entre a feira de Chicago e de St. Louis, a antropologia mudou das coleções de museus para a instrução universitária, ou seja, a antropologia passou a ser vista com mérito científico e valor como educação. E, neste sentido, a política partidária continuou a utilizá-la em suas agendas: por um lado, os democratas protecionistas viram todos esses povos como naturalmente inadequados

para assumir responsabilidades da cidadania e, por isso, o país não deveria ter interesse na expansão imperialista.

Por outro, os republicanos, na figura de Theodore Roosevelt, tentaram convencer o eleitorado que o país deveria permanecer nas Filipinas para ajudar a civilizar as ilhas.

Foi nessa exposição que Ota Benga, trazido do Congo, ficou famoso. A história é incerta, mas ele e alguns garotos foram levados à exposição e, ao retornarem ao país de origem, Benga percebe que já não possuía familiares devido ao genocídio sofrido no país durante a colonização belga. Ele retorna aos Estados Unidos com S.P. Verner, explorador que o havia encontrado anteriormente, e, ao chegar no país, Benga é vendido ao Zoológico do Bronx, em Nova York. Lá, ele é exposto em uma jaula com um orangotango. Como dito, a história é incerta, mas sabe-se que sua vida se encerra em suicídio. A instituição pediu desculpas oficiais somente em 2020 (CBS, 2020).

Mesmo que as feiras colocassem os homens brancos em um nível social e racial mais elevado que os nativos de outros lugares, logo notou-se o plano *laissez-faire* político e econômico e a deferência dada à “sobrevivência do mais apto” desafiados. Preocupações agrárias, ativismos trabalhistas, entre outros movimentos, ganharam força na virada do século com o intuito de regular as indústrias e finanças.

Uma nova geração de profissionais surge com a proposta de regulação do governo: economia passa a ter o objetivo de regular a indústria e finanças, a sociologia tinha o foco no planejamento urbano e agências de assistência. E a antropologia?... A antropologia estava mais interessada na regulação dos corpos e órgãos reprodutivos das pessoas, especificamente das mulheres. “Fraquezas mentais”, crimes, comportamentos amorais e alcoolismo eram vistos como problemas sociais com fonte genética que poderiam ser controlados.

Assim, a antropologia e a eugenia foram usadas para ajudar a desenvolver restrições à imigração e leis de esterilização.

Na virada do século, havia uma crença otimista que os anglo-saxões tinham a capacidade notável de assimilar raças semelhantes e absorver suas qualidades mais valiosas. Neste período, houve uma importante mudança: 80% dos imigrantes eram oriundos do norte e oeste da Europa. Todavia, no mesmo período o aumento de imigrantes do leste e sul europeu cresceu duzentas vezes

(BAKER, 1998). Neste contexto, as categorias raciais também passam a abranger grupos não negros através da lei: *Chinese Exclusionary Act* (1882) – que restringiu a imigração chinesa em dez anos -, *Dawes Act* (1887) – que impôs limitações ao direito à terra para indígenas - e o *Insular Cases* (1901) – relacionado à administração colonial nas ilhas outrora da Espanha – foram utilizados para imigrantes do Leste Europeu.

As mídias também tiveram papel importante para a alimentação da retórica de medo dos imigrantes. Exemplo disso, é o artigo *Restriction of Immigration* publicado na *Atlantic Monthly* em 1896 no qual Francis Walker sugere que essa nova onda de imigração iria destruir a pureza nórdica (WALKER, 1896). Esses *outros* imigrantes representavam o que já estava presente na sociedade estadunidense: aumento de doenças em cidades empobrecidas e lotadas, trabalhos por salários baixos e pouco ou nenhum acesso a direitos.

Mais do que isso, as diferenças culturais geraram um medo de perda do “estoque” genético e moral estadunidense. Nesse sentido, a eugenia cai como uma luva em uma sociedade que, novamente, via na “ciência” o local de respostas fáceis para problemas complexos:

Os eugenistas compartilhavam com os progressistas a noção de que a sociedade não podia mais se dar ao luxo de ser governada por princípios de *laissez-faire*, que ela tinha que ser planejada e administrada de acordo com os princípios modernos de antropologia, sociologia e biologia. Os eugenistas também compartilhavam a justificativa de que o planejamento e a legislação rigorosa produziriam uma sociedade melhorada (BAKER, 1998, p. 90, tradução minha).

Em 1883 o termo eugenia é usado pela primeira vez no artigo *The Possible Improvement of the Human Breed under their Existing Conditions of Law Sentiment* publicado nas revistas *Nature* e *Science Monthly*. O artigo é resultado de uma palestra realizada por Francis Galton, primo de Darwin, no *British Anthropological Institute*. Nele, Galton argumenta sobre a necessidade de aumentar a produtividade do melhor estoque e reprimir a produtividade do pior (GALTON, 1901). Seu artigo gerou uma onda de interesse pelo tema nos Estados Unidos no exato momento em que muitos temiam essa nova onda de imigração.

Nos anos seguintes, inúmeros periódicos e bolsas de estudos foram criados e angariadas, além de organizações e sociedades estabelecidas com o objetivo explícito de promover a eugenia.

Psicólogos, antropólogos, juristas, escritores, entre outros utilizaram as leis de dominância e segregação de Mendel para explicar as hierarquias “naturais” na sociedade.

O maior porta-voz da eugenia na antropologia foi Ales Hrdlicka, fundador dos *American Journal of Physical Anthropology* e *American Association of Physical Anthropologists*. Para ele, a evolução não deveria ser deixada para a natureza, mas deveria ser assistida e regulada pelo homem e a eugenia, quando aplicada à antropologia e medicina, traria benefícios para a humanidade (BAKER, 1998).

A eugenia criou um lobby poderoso no Capitólio e nos estados, ajudando a criar leis anti-imigrantes, como a *Immigration Restriction* (1924), e de esterilização. Na virada do século, mais de vinte e cinco estados possuíam leis de esterilização. E em 1912 foi criado o Comitê Internacional de Eugenia no país, onde eugenistas do mundo todo eram treinados.

Ao mesmo tempo que a Suprema Corte utilizava a XIV Emenda para aplicar o *laissez-faire* na não regulamentação da saúde, segurança e trabalho, ela utilizava a eugenia para controlar os direitos reprodutivos por meio da esterilização. Exemplo disso é o julgamento *Buck v. Bell* de 1927 no qual Carrie Buck, estuprada e grávida, foi confinada com sua mãe no *Virginia's State Colony for Epileptics and Feeble-Minded* por ambas terem uma pontuação baixa no teste de Quociente de Inteligência (Q.I.). Albert Priddy, superintendente da instituição, estava entrincheirado no movimento eugenista e acreditou que Carrie havia herdado sua baixa moral e seu baixo Q.I. de sua mãe e os passaria para sua filha. O estado de Virginia autorizou o corte de suas trompas sem seu consentimento.

Claro, que essas ideias de inferioridade racial foram contestadas por intelectuais. Na antropologia, Franz Boas emerge como um aliado político da agenda de demolição do edifício racial da população negra. Para Baker (1998),

Boas orquestrou essa mudança na teoria racial dentro da antropologia ao distinguir raça de cultura e linguagem e ao provar que hierarquias raciais eram cientificamente insustentáveis. Com a ajuda de seus alunos, ele efetivamente orquestrou uma mudança paradigmática na disciplina e, subsequentemente, nas ciências sociais, e a Suprema Corte eventualmente adotou as “novas” alegações científicas sobre igualdade racial, acabando com a segregação de Jim Crow em escolas públicas em 1945 (BAKER, 1998, p. 100, tradução minha).

Boas participa como chefe assistente na *World Columbian Exposition* e se torna curador assistente de Putnam no *American Museum of Natural History*, além de fazer parte do corpo docente da *Columbia University* a partir de 1899.

Baker argumenta que sua virada epistemológica ocorre através do contato com W.E.B. Du Bois, bem como sua aproximação com a NAACP.

Em 1894, ele faz seu primeiro discurso público no qual evidenciou o racismo antropológico. Denominado *Human Faculty as Determined by Race*, o discurso deixa explícito a importância da difusão cultural para a criação de diferentes sociedades e que a principal causa da desigualdade dos afro-americanos era o racismo. Dois anos depois, ele publica o *The Limitations of the Comparative Method of Anthropology* na *Science* no qual demonstra preocupação com a falta de rigor metodológico na etnologia e evidencia que o método comparativo só tentava vincular características díspares e falhava em estudar as culturas de maneira holística (BOAS, 1896).

Em 1907, Boas participa como um dos três cientistas na *Dillingham Commission*, ou Comissão de Imigração dos Estados Unidos, cuja qual deveria informar os impactos da nova onda de imigração no país e julgar se ela deveria ser restringida. O relatório continha quarenta volumes e no *Changes in Bodily Forms of Descendants of Immigration*, Boas argumenta que a chamada inferioridade dos imigrantes do Leste Europeu era errônea. Além de utilizar estatística e rigorosidade que não estavam presentes nos outros artigos (BOAS, 1913). O relatório foi condensado em dois volumes e seu escrito foi excluído da publicação final, só sendo publicado em 1913 na *Nature*. Mesmo com a rejeição, seus trabalhos ajudaram a atenuar o debate no ambiente científico.

Na década seguinte, o *New Negro Movement* também auxiliou na mudança paradigmática dentro da antropologia que foi vista como ferramenta para criar identidades e validar a cultura afro-americana. Entre as guerras mundiais, o folclore afro-americano se torna uma das principais abordagens metodológicas da disciplina. Para Baker (1998), “(...) os antropólogos que se aprofundaram no folclore afro-americano levaram a sério a difusão, a contribuição e a continuidade cultural das culturas africanas nas Américas” (BAKER, 1998, p. 126, tradução minha). A Grande Migração tornou as cidades do Norte, especialmente Nova York, um ponto de encontro frutífero de culturas do Sul, Caribe e regiões de África.

A importância do folclore afro-americano é evidente na relação entre os membros da *American Folk-Lore Society* (AFLS) e os promotores do *New Negro*. Entre 1917 e 1937, foram lançadas 14 edições dedicadas exclusivamente ao folclore afro-americano/negro. Ao mesmo tempo que o folclore negro era visto como importante, havia impasses na instituição principalmente em relação ao financiamento de trabalhos de campo no Sul do país. E, durante a primeira década do século XX, Boas transformou a JAFL em um canal de publicação de dissertações de seus estudantes, diminuindo o espaço do folclore negro.

Segundo Baker (1998), Boas vira-se novamente ao folclore após ele sofrer inúmeras censuras no âmbito político e acadêmico devido suas críticas às guerras. E, na década de 1920, Boas consegue o apoio financeiro de Elsie Clews Parsons, pesquisadora e patrona fascinada pelo folclore negro. No mesmo período, inúmeras organizações como *Harmon Foundation*, *Social Science Research Council*, *Rosewal Fund* e a *Association for the Study of Negro Life and History* aumentaram o financiamento para pesquisas sobre as comunidades negras.

Parece que Boas percebeu que precisava de “pessoas de dentro” para facilitar a coleta de dados físicos sobre pessoas negras, o que demonstra que ele continuava interessado pela antropologia física, além de querer realizar medições a fim de defender as alegações sobre a plasticidade fenotípica. Para realizar essas pesquisas, Boas angariou uma bolsa de estudos para Melville J. Herskovits na *National Research Council* (NRC) e quis recrutar um pesquisador negro para trabalhar com ele.

Com o apoio financeiro de Carter G. Woodson, presidente da *Association of Negro Life...*, ele organizou um concurso nacional para o recrutamento na *Columbia University* cujo prêmio seria 200 dólares. E o selecionado foi Arthur H. Fauset.

Fauset foi o primeiro negro a utilizar a JAFL como plataforma para validar a cultura negra através do folclore. Parsons financiou inúmeras das pesquisas que ele realizou no Sul, no Caribe e na Nova Escócia, além de suas publicações. Ele emerge como uma das lideranças no folclore negro na década de 1920, o que fez ele se tornar conselheiro no Departamento de Antropologia na *University of Pennsylvania*.

Sua preocupação era criar registros e coletar contos, músicas, enigmas e piadas, mas sem comentários analíticos, o que, segundo Baker (1998), evidencia que, neste primeiro momento,

Boas e Parsons utilizava os pesquisadores negros como técnicos e, ao mesmo tempo, Fauset queria que as pessoas falassem sobre si.

Em seu livro *Folklore from New Scotia* (1931), no entanto, ele argumentou que os afro-americanos da região não assimilaram simplesmente a cultura dominante e que suas contribuições culturais eram observadas em toda a região.

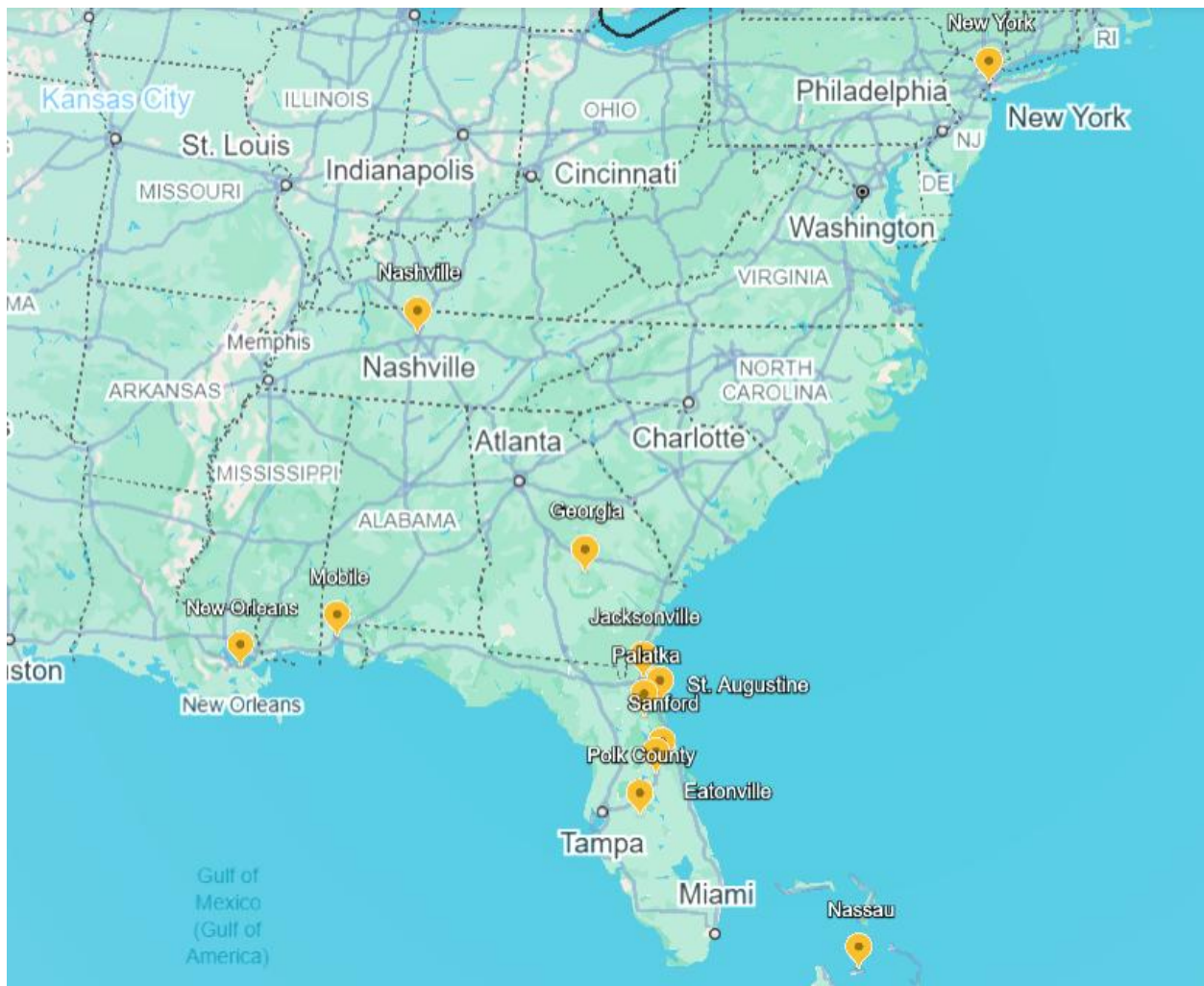
De maneira geral, o folclore serve como base epistemológica e prática para se observar o relativismo cultural de cada grupo em suas especificidades. O trabalho de campo intensivo servira para criar documentações de preservação culturais antes que elas desaparecessem, como se esperava. Fauset rompe com a ideia de desaparecimento cultural, mas é Zora Neale Hurston a principal responsável por evidenciar que o folclore é algo do (nosso) presente. É a África viva na diáspora.

## 5. DÉCADA DE 1920 (PARTE II): PESQUISA É CURIOSIDADE FORMALIZADA

*Então eu vim para Nova York através da Opportunity, e através da Opportunity para a Barnard*

(Hurston, 2010, p. 122, tradução minha)

Mapa 6 - Caminhada pessoal de Zora Neale Hurston



Legenda: Mapa com marcações (em amarelo) para demonstrar as rotas que Hurston traçou durante a segunda metade da década de 1920.

Fonte: Produção pessoal a partir do *Google Earth* (2025).

Como dito anteriormente, Hurston foi a mais premiada no concurso literário promovido pela revista *Opportunity* em 1925. Seu talento, e a oportunidade que ela agarrou, lançou um holofote sobre Hurston: ela consegue o trabalho de secretária de Fannie Hurst, importante escritora e, no período, já reconhecida nacionalmente; e uma bolsa de estudos na *Barnard College* ofertada por Annie Nathan Meyer, uma das fundadoras da instituição.

No final do século XIX, a *Columbia University* não permitia o ingresso de mulheres. Mesmo que, após mobilização, tenha se criado um programa para que mulheres pudessem frequentar a instituição, ela proibia que as estudantes frequentassem as aulas regulares. Após anos de luta do movimento de mulheres, a *Columbia* criou uma faculdade filiada, a *Barnard College* em 1889 (BARNARD, s/d). Até 1925, a *Barnard* não possuía nenhuma estudante ou pesquisadora negra, sendo Hurston a primeira.

Hurston se tornou a “vaca preta sagrada” (HURSTON, 2010) da instituição. Ela foi instruída a pegar disciplinas de Belas Artes, Economia e Antropologia por “razões culturais” (HURSTON, 2010), já que ela possuía um repertório de Literatura, Ciência Política e História. Durante as aulas, ela conhece Franz Boas, denominado por todos como Papa Franz. Em sua autobiografia, Hurston afirma que ele era “(...) cheio de juventude e diversão, e abomina[va] argumentos maçantes e enfadonhos. Vá direto ao ponto é a ideia dele. Não levante um ponto que você não pode defender. Ele quer[ia] fatos, não palpites (...)” (HURSTON, 2010, p. 123, tradução minha).

E, em relação à *Barnard College*, ela sentia que era altamente privilegiada e estava determinada a aproveitar ao máximo. Ela não queria demonstrar para os brancos que ela tinha cérebro, pois ela tinha certeza de que eles já o sabiam.

Poucos meses antes de conseguir seu diploma na *Barnard*, em 1928, Hurston angaria uma bolsa de estudos para estudar o folclore negro no Sul do país através de Boas. Ela já fazia parte da AFLS e, mais tarde, foi convidada a participar da *American Ethnological Society* e da *American Anthropological Society*. A bolsa de estudos, que totalizava US\$ 1400, é resultado da parceria com a *Association for the Study of Negro Life and History*, citado previamente.

Seu trabalho de campo foi realizado entre os meses de fevereiro e agosto, e se constituiu em uma coleção de contos, músicas, danças, piadas e costumes das comunidades negras do Sul. Sua escolha não poderia ser outra, a Flórida. Ela esteve em Jacksonville, Palatka, Sanford e Eatonville.

Para Hurston, “*pesquisa é curiosidade formalizada. É cutucar e bisbilhotar com um propósito. É uma busca para que aquele que deseja possa conhecer os segredos cósmicos do mundo e aqueles que nele habitam*” (HURSTON, 2010, p. 126, tradução minha). Mas, mesmo assim, esses meses de pesquisa foram decepcionantes.

Apesar de sua curiosidade nata, sua forma de coletar materiais e conseguir interlocutores eram informadas pelo sotaque formal *bernardese*, o que causava um afastamento tremendo com as pessoas que, outrora, ela conseguia conversar. As pessoas possuíam ricos materiais, mas elas se negavam a conversar com Hurston e, por isso, ela conseguiu uma quantidade irrisória (HURSTON, 2010).

O problema de seu *bernardese* logo foi solucionado, mas outro lhe apareceu: a dificuldade de equilibrar seus interesses, às vezes, conflitantes como antropóloga e escritora literária. Apesar de ter coletado pouco material, o que desagradou Boas, ela estava feliz porque poderia utilizá-los em seus trabalhos literários que planejava com Hughes. Além disso, ela estava trabalhando em uma nova edição da *Fire!!* (que nunca se materializou), e no livro *Black Souls* a convite de Meyer que lhe prometeu parte dos *royalties* caso o livro fosse publicado (BOYD, 2003). *Black Souls* foi lançado na década seguinte em formato de peça teatral e estreado na Broadway em 1932. Infelizmente, não consegui encontrar as informações em relação à parte dos *royalties* para Hurston.

Durante suas viagens, Hurston lidava com outro problema: a possibilidade de violência no Sul do país, especialmente na posição de viajante solitária. Além da possibilidade de estupro, havia chances de linchamento – mesmo que se cometesse mais contra homens negros, as mulheres não estavam a salvo. A Flórida foi o estado do Sul onde mais se cometeu linchamento per capita, com 0,6 linchamentos para cada 100.000 habitantes (DOWNS, 2015). Para se proteger, Hurston possuía uma pistola cromada (Figura 20).

*Figura 20 - Zora Neale Hurston com sua arma*



Legenda: Zora Neale Hurston em vestido branco com uma pistola presa em seu ombro e seu Ford ao fundo

Fonte: arquivo pessoal coletado na SASC

A imagem de Zora Neale Hurston em pé, ostentando um chapéu de abas largas e uma postura confiante com as mãos na cintura, ganha uma camada dramática e reveladora quando confrontada com o parágrafo anterior. O fato de Hurston possuir uma pistola cromada para se proteger de violências sublinha a dualidade de sua existência como pesquisadora de campo. A aparente calma e o estilo distinto de sua pose na fotografia, que poderiam sugerir uma viajante despreocupada, são subvertidos pela realidade brutal dos riscos que ela enfrentava diariamente no Sul segregado. Essa justaposição revela que sua independência e ousadia eram intrinsecamente ligadas a uma necessidade premente de autodefesa, transformando cada viagem em um ato de coragem e sobrevivência em um ambiente profundamente hostil para uma mulher negra solitária.

Provavelmente, poucos de seus amigos e conhecidos de Nova York teriam a coragem de ir Sul adentro como ela.

Apesar das dificuldades de seu primeiro trabalho de campo, Hurston consegue tempo para se casar com Herbert Sheen em St. Augustine em maio de 1927, após mais de cinco anos de relacionamento à distância. Todavia, Hurston foi tomada por dúvidas:

St. Augustine, Flórida, é um cenário lindo para uma coisa dessas. Mas não foi o meu dia mais feliz. Fui assaltada por dúvidas. Pela primeira vez desde que o conheci, perguntei a mim mesma se realmente estava apaixonada, ou se isso tinha sido um hábito. Tive uma sensação desconfortável de irrealidade. O dia e a ocasião não destacaram nenhuma característica da natureza ou circunstância, e me perguntei por quê. Quem cancelou o tão anunciado passeio à lua? Alguém jogou uma mangueira no sol. O que eu tinha considerado eternidade acabou sendo um momento caminhando em sono profundo. (...) Um vento cheio de memórias soprou do passado e trouxe uma névoa gelada. Este não era o amanhecer brilhante esperado. Pelo contrário, algum raio vagabundo pregou uma peça na noite. Não consegui me abrir e contar a ele meus pensamentos. Simplesmente não consegui, não importa o quanto tentei, mas eles estavam me sufocando de todos os lados (HURSTON, 2010, p. 179, tradução minha).

Hurston observara como os casamentos de sua mãe com seu pai, e de sua irmã destruíram as perspectivas e sonhos das mulheres com a ilusão do amor romântico. Além disso, ao contrário delas, ela experimentou uma *liberdade* ainda muito rara em seu tempo. Segundo Boyd (2003), apenas após três dias do casamento, ela já voltara ao seu trabalho e não contara para ninguém sobre o feito.

Um dos últimos trabalhos exigidos por Woodson e Boas fora uma entrevista com Olualê Kossola, conhecido no período como o último sobrevivente do último navio “negreiro”, *Clotilda*, a atravessar o Atlântico. Kossola morava em Mobile, Alabama. Uma das exigências do primeiro era que Hurston coletasse materiais de tribunais e transcrevesse materiais históricos sobre Fort Mose em St. Augustine que, como citado em capítulo anterior, fora o primeiro assentamento negro do que se considera a Flórida.

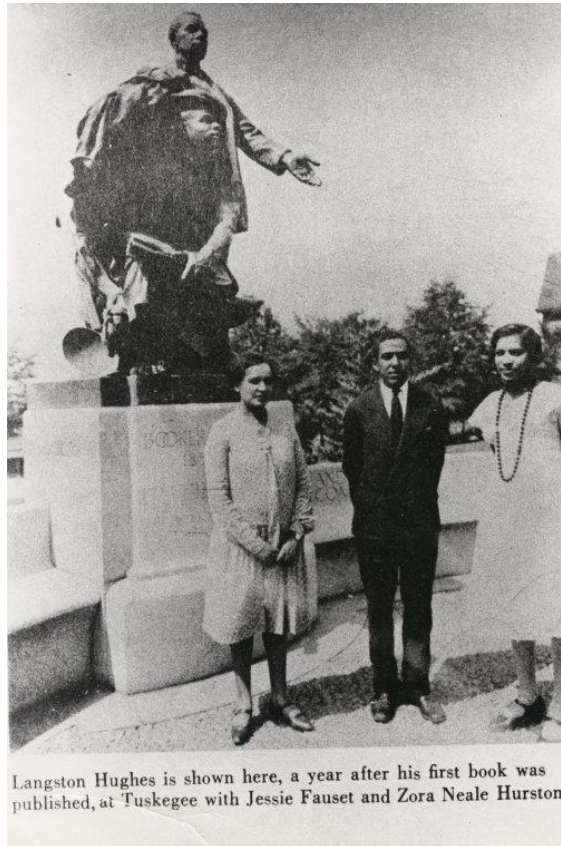
O material coletado foi publicado na edição de outubro de 1927 do *Journal of Negro History*. Na mesma edição, é publicado o artigo *Cudjo's Own Story of the Last African Slaver*, também resultado de seu trabalho de campo. Neste segundo, ela comete o maior erro ético em trabalhos acadêmicos: inúmeras partes foram plagiadas do livro *Historic Sketches of the South* de

Emma L. Roche, publicado em 1924. Segundo Boyd (2003), a descoberta foi feita pelo linguista William Stewart em 1972 e exposto na biografia *Zora Neale Hurston: a Literary Biography*, escrita por Robert E. Hemenway em 1977. Infelizmente, não consegui achar nenhum material relacionado a William Stewart e Zora Neale Hurston referente ao caso. A única fonte encontrada foi a *Nota da editora* no livro *Olualê Kossola: As palavras do Último Homem Negro Escravizado*, publicado no Brasil em 2021. Na *Nota*, Deborah G. Plant, conhecida por seus trabalhos relacionados à Hurston, afirma que a autora “(...) utilizou o *Historic Sketches*, de Emma Langdon Roche, mas faz referência indireta a essa obra, e a citação tirada desse livro, assim como de outras fontes que ela usou, são inconsistentes” (PLANT, 2021, p. 31).

Não se sabe ao certo os motivos de Hurston ter quase destruído sua carreira antropológica que mal iniciara. De qualquer maneira, o plágio só foi reconhecido quase duas décadas depois de seu falecimento.

Durante esses meses de bolsa, Hurston visitou Jacksonville – onde reencontrou seu irmão e comprou seu Ford usado, denominado Sassy Susie (é possível ver o carro ao fundo na imagem acima) -; Eatonville; St. Augustine – onde se casou com Sheen -; e Mobile, no Alabama – onde entrevistou Olualê Kossola. Em julho, ela se encontra com Langston Hughes e participa de um recital de poesia em homenagem ao autor na HBCU *Fisk University*, Tennessee. Ambos vão ao encontro da escritora Jessie Fauset, outro nome proponente do *Harlem* e irmã de Arthur Fauset, e participam de algumas palestras na *Tuskegee University*, Alabama (Figura 21, abaixo, dos três em frente à estátua de Booker T. Washington). Além disso, Hurston e Hughes passam por Georgia, onde visitam uma *plantation* que inspirou o livro *Cane* (1923) de John Toomer, conversam com trabalhadores rurais e doutores *hoodoo* e em setembro chegam à cidade de Nova York.

Figura 21 - Hurston com Langston Hughes e Jessie Fauset (1927)



Legenda: Jessie Fauset (esquerda), Langston Hughes (centro) e Zora Neale Hurston (direita) em frente à estátua de Booker T. Washington na Tuskegee University (1927)

Fonte: The New York Public Library (1927)

Em relação ao seu primeiro campo, Hurston não explicita os pormenores de suas dificuldades, desafios ou até prazeres que experienciou durante esses meses. Ao contrário, em sua autobiografia (2010), Hurston lhes reserva apenas duas páginas vagas na qual ela deixa claro que chorou quando se encontrou com Boas devido às decepções de não ter coletado tudo que ela poderia. Além do *bernardese*, a dificuldade de coletar forma e método das práticas culturais e artísticas também foram presentes. Em outras palavras, a observação *não-participante*, ou a objetividade, também foram uma pedra em seu trabalho antropológico. Quando Hurston volta ao Sul, local que ela conhecia tão bem, ela já não era mais a mesma. Essa sensação de deslocamento e não pertencimento, tão presente na experiência da diáspora africana, em sua “própria casa” também podem ter dificultado a realização de seu trabalho. E, somado a isso, as tensões entre

expectativas e possibilidades entre seus contratantes e Hurston. De qualquer maneira, Hurston afirma que esse período fora de aprendizado que foi utilizado em seus trabalhos futuros.

## 5.1 Patronagem e pesquisa

Ainda em setembro de 1927, Hurston conhece Charlotte Osgood Mason por meio de Langston Hughes e Alain Locke. Logo que se conheceram, ambas fecharam um contrato de US\$ 200 mensais para que Hurston fizesse trabalhos de campo por dois anos.

Autointitulada antropóloga amadora, Mason tinha como principal interesse as dimensões “primitivas” da cultura negra. Todavia, antes de chegar às culturas negras, ela dedicou anos entre os indígenas da região Great Plains na divisa com o Canadá. Ela defendia que o “primitivismo” era uma forma de essencialismo racial enraizado na convicção de que as pessoas negras poderiam salvar as brancas da aridez da civilização (BOOTH, 2006). Neste sentido, Mason acreditava que havia uma raiz cultural-biológica-cósmica primitiva pertencente às comunidades não-brancas que deveria ser resgatada. Em outras palavras, seu foco era em uma suposta autenticidade que somente um grupo delimitado de pessoas teriam. E, para isso, ela financiou inúmeros pesquisadores e artistas negros associados ao movimento do Harlem: o pesquisador Alain Locke, o pintor Aaron Douglas, o escultor Richard Barthe, o músico Hall Johnson e os escritores Claude McKay, Arthur Fauset e Langston Hughes eram alguns deles.

Segundo Boyd (2003), “*vendo seu patrocínio como uma espécie de missão espiritual, a carismática Mason exigiu que todos aqueles que se beneficiassem de sua benevolência a chamassem de “Madrinha”*” (BOYD, 2003, p. 158, tradução minha).

Em sua autobiografia, Hurston afirma que ambas tinham uma ligação psíquica e que Mason eram apenas uma pagã igual a ela (HURSTON, 2010). À primeira vista, Hurston tece elogios à Mason, mas com um olhar atento, a autora também deixa claro os desconfortos provenientes da relação: “algumas vezes, eu me sentia um coelho em uma convenção de cachorros” (HURSTON, 2010, p. 127, tradução minha). Inúmeras vezes, Hurston precisava performar as danças e contos em jantares promovidos por Mason para a elite branca novaiorquina (BOYD, 2003). Performar

nunca foi um problema para a autora, inúmeros materiais escritos por e sobre ela evidenciam que ela adorava isso. Todavia, fazê-lo *obrigatoriamente* poderia dar uma sensação de estar em uma jaula sendo devorada por olhares canibais. A analogia de coelho e cachorros não poderia fazer mais sentido.

Se Mason não gostasse de seu trabalho, ela esbravejaria: “Isso não é nada! Não tem alma” (HURSTON, 2016, p. 128, tradução minha). Ou seja, além de sua patronagem, ela buscava uma padronização, ou certa forma de regulação, do que ela considerava cultura (primitiva) negra: essência, raiz, fixação, pureza... são algumas categorias que podemos associar à Mason e, por que não, na fundação da modernidade. As categorias culturais biologizadas e binárias fazem, negativas ou “positivadas”, parte do constructo de nossa sociedade.

Em maio de 1928, é publicado o ensaio auto-biográfico *How It Feels...* na *World Tomorrow*. Em capítulo anterior, o ensaio foi apresentado para evidenciar a importância de Eatonville na trajetória de Hurston. Segundo Boyd (2003), a publicação serviu como alerta para a relação que Charlotte O. Mason esperava de Hurston.

A patrona fica furiosa porque a autora quebrou o acordo de não publicação de materiais. Todavia, essa questão é nebulosa pois Hurston acredita que Mason se referia ao material coletado durante o contrato. O ensaio autobiográfico não tinha nada a ver com a patrona em si, na verdade, como se supõe, tem a ver com Hurston enquanto protagonista e escritora. Mas, o contrato implícito proibia Hurston de publicar *todo* e qualquer material. Para apaziguar a situação, Hurston lhe explica que ela havia submetido o artigo antes de ambas se conhecerem.

Novamente, Hurston não deixa claro os pormenores e possíveis tensões entre ambas, o que pode gerar uma sensação de “cegueira” da autora em relação à Mason. Como apontado por hooks (2019), há leituras que sugerem que ela não se dava conta do ponto de vista supremacista de sua patrona. Mesmo com um silêncio superficial em sua autobiografia (2010), Hurston escreve de maneira estratégica, a fim de não causar problemas futuros com os poucos que financiavam seu trabalho.

Neste sentido, Hurston buscava seu caminho na antropologia em um período no qual duas visões discrepantes, mas articuladas, eram defendidas em estudos: a busca por uma essência originária de África que tinha como representantes a comunidade negra, sobretudo do Sul,

promovida por pessoas como Mason; ou uma desconexão com o continente devido à aculturação total que apagou qualquer resquício de África no país, como proposto por Herkovits.

Hurston assina seu contrato com Mason em dezembro de 1927 e inicia seus trabalhos de campo no início do ano seguinte. Até a virada da década, Hurston se manteve em campo, coletando materiais, conversando e entrevistando e, em suma, vivendo a partir de sua curiosidade inata – e agora formalizada. O contrato com Mason permitiu que ela voltasse ao Sul e se reinventasse como pesquisadora, evitando os erros passados. Durante o período, ela visitou Mobile (Alabama), Ponky County (Flórida), New Orleans (Louisiana) e o país insular caribenho Bahamas.

### 5.1.1 MOBILE (ALABAMA): ENCONTRO ENTRE A DIÁSPORA FORÇADA E A DIÁSPORA VOLUNTÁRIA

Antes de iniciar seus trabalhos de campo, ela retorna à Mobile, Alabama, para conversar novamente com Olualê Kossola. Sem a necessidade de ir aos arquivos históricos, ela tem mais liberdade de dialogar com Kossola, fazendo com que ela conseguisse material rico que só fora publicado em livro em 2018.

Na Introdução, a autora argumenta que houve um crescimento de uma literatura historiográfica sobre “(...) *o capítulo mais dramático da existência humana*” (HURSTON, 2021, p. 57). Todavia, os arquivos foram produzidos, principalmente, por aqueles que, de alguma forma, corroboraram para a manutenção do comércio e escravização de ambos os lados do Atlântico. Dessa maneira, a etnografia com Kossola possibilita dar voz àqueles que nunca foram escutados.

O que mais chama atenção é que Hurston chama Kossola por seu nome em yorubá, ao invés de Cudjo Lewis, nome dado quando ele chega aos Estados Unidos. E ela não busca “corrigi-lo”, ao contrário, ela permite que ele se expresse conforme ele quer e deixa claro isso em seu livro. Esse ponto é importante por ser um dos motivos que o livro não fora publicado enquanto ambos estavam vivos.

Em todo o livro, Kossola demonstra uma profunda solidão e sensação de não-pertencimento, além de uma vontade pungente de tentar ser reconhecido em sua terra natal. Ele

inicia sua história a partir de África, especificamente atual Benin, evidenciando os costumes e rituais, e como música, canto e dança são a base de sua sociedade. Se Du Bois (1903), teoriza sobre a contribuição cultural da população negra/africana a partir da música, Hurston o faz, de maneira prática, com Kossola.

Na época, Kossola morava em Africatown, cidade vizinha à Mobile. A cidade é fundada em 1860, cinco anos antes da abolição da escravidão, pelas pessoas que foram levadas pelo navio Clotilda. Com a liberdade, a primeira opção era trabalhar e juntar dinheiro para o retorno à África. Todavia, a exploração era tanta que percebem a impossibilidade de realização do sonho e desejo. Então, eles se organizam e compram um pedaço de terra de Timothy Meaher, um dos responsáveis por tê-los levado aos Estados Unidos.

Em sua velhice, Kossola se torna o *griô* de Africatown, passando as histórias, parábolas e brincadeiras que ele conhecia para as gerações futuras. Hurston reúne tais materiais no apêndice do livro de 2018 e, também, no livro *Every Tongue Got to Confess*, originalmente denominado *Negro Folk–Tales from the Gulf States*, também publicado postumamente em 2001.

A narrativa de Kossola evidencia que a pior cicatriz humana, a escravidão e tráfico de africanos, também foi corroborada por alguns poucos personagens africanos. O Rei de Daomé era comerciante de escravos e organizou um massacre surpresa utilizando, inclusive, artilharia francesa durante o ataque. O relato chocante de violência, guerra e morte é, até aquele momento, inédito e contado vividamente por alguém que nunca conseguiria esquecer. Ele narra sua chegada em Abomei, atual capital de Benim e demonstra aflição ao lembrar a quantidade de crânios expostos na entrada do reino como demonstração de poder bélico e vitórias. Segundo Kossola, “não é permitido que ele [o guerreiro] fale sobre qualquer vitória, a menos que tenha as cabeças para mostrar” (HURSTON, 2021e, p. 117). Seus familiares e amigos que foram decapitados tiveram suas cabeças levadas junto com os sobreviventes para Abomei, o que causou terror em todos capturados.

Ele e outros capturados ficam em barracões até serem selecionados e raptados por comerciantes brancos. Ao embarcarem no navio, eles são obrigados a ficarem nus e, por isso, são chamados de selvagens ao chegarem aos Estados Unidos.

As leis contra o comércio transatlântico não impediram os inúmeros barcos e navios de chegarem à costa de África e levar para o Novo Mundo milhares de pessoas sequestradas. Todavia, o Clotilda foi planejado para ser o navio mais rápido do mundo naquele período. Isso permite com que eles façam a viagem em, aproximadamente, três meses. Quando eles chegam aos Estados Unidos, são levados a outro barco e o Clotilda é queimado pois há um medo dos responsáveis de serem pegos pelo governo<sup>33</sup>. Os africanos são divididos entre os conspiracionistas Foster e irmãos Meaher. Ao contar esse momento, Kossola diz que são tantos pesares que era impossível não chorar quando tudo ocorreu e enquanto ele relembrava. Todos choram e entoam músicas de acalanto, provavelmente a semente das *spiritual songs*.

Kossola detalha sua experiência no Novo Mundo: escravização, exploração, roubo, violência e brutalidade racial são contadas com sabor de lágrimas salgadas que não cessam de vir durante as conversas. Seu acalanto é em sua comunidade, nas músicas e contações de histórias.

Hurston passou dois meses com Kossola, tentando encontrar respostas para inúmeras perguntas. Muitas vezes comiam juntos e conversavam, algumas vezes somente um ou outro. Outras, nenhum dos dois porque ele queria ficar sozinho e resolver suas coisas. Para ela, “*o presente era muito urgente para deixar o passado se intrometer*” (HURSTON, 2021, p. 162).

A narrativa de Kossola oferece uma lente crucial para desvelar a complexidade das experiências dentro da diáspora africana e, naquele período, permite transcender as narrativas de homogeneização imposta à coletividade negra. Ela revela que, apesar das projeções idealizadas de um *novo negro* com a África como horizonte comum, a realidade era atravessada por profundas identificações e lealdades étnicas originárias. Essas distinções geravam não apenas diferentes narrativas, mas também divergências ideológicas e, por vezes, antagonismos, demonstrando que as complexidades e divisões presentes nas sociedades africanas pré-coloniais persistiram e foram resignificadas no contexto da escravidão e pós-abolição, levando um grupo étnico a considerar outro como “estrangeiro” ou até mesmo “inimigo” dentro das comunidades negras, como é argumentado por ele ao lembrar olhares e maldizeres de afro-americanos em relação aos africanos como ele (HURSTON, 2021).

---

<sup>33</sup> Em 2019 os destroços do navio foram encontrados no rio que corta Mobile, no Alabama. Para saber mais, acesse: <https://myabc15.com/news/local/clotilda-last-known-slave-ship-to-the-us-discovered-in-mobile-river>,

A saudade profunda e a sensação de perda e luto são pungentes na narrativa de Kossola ao longo do livro. Como afirma Hartman (2020), tais sensações informam a diáspora africana e, por isso, as narrativas de retorno à África estão presentes em trabalhos de diversos intelectuais afro-americanos. Todavia e de fato, Kossola é um dos milhões de africanos que passaram pela Passagem do Meio e foram separados de seus familiares para serem escravizados no Novo Mundo. Mesmo que o evento passado delimite profundamente a experiência diaspórica individual (do protagonista) e coletiva, o foco é nele no presente e nas criações de estratégias de (sobre)vivência.

O livro evidencia uma possibilidade única: o encontro da diáspora forçada e da diáspora voluntária africana. Hurston exerceu um papel crucial de intervenção na acadêmica e definiu o terreno do que hoje conhecemos como etnografia e Antropologia (hooks, p. 90, 2019). O rompimento com a noção de objetividade e a proposta de seguir um padrão de observação participante informou todo seu trabalho antropológico em um contexto no qual se defendia que a distância entre o “pesquisador” e “objeto” era o que garantiria a rigorosidade e objetividade científica.

O título *Barracoon: The Story of the Last “Black Cargo”* remete ao momento de ruptura vivenciada por Kossola e por milhões de outros africanos: dos barracões aos navios. Mas, também remete ao que eles levaram para os Estados Unidos: modos de ser e estar no mundo, línguas, crenças, brincadeiras, rituais, em suma, culturas que, como Hurston evidencia, estão presentes e vivas nas Américas. Em outras palavras, o “*black cargo*” não são apenas africanos desumanizados, mas sim as contribuições culturais que estão presentes em nosso cotidiano e que foram trazidas por eles, apesar da maior tragédia humana.

### 5.1.2 POLK COUNTY (FLÓRIDA): “ONDE A ÁGUA TEM GOSTO DE CEREJA”

O condado de Polky está localizado na região central da Flórida. Essa região era conhecida por ter inúmeras serrarias [*saw-mill*], campos de terabina [*turpentine camps*] e trabalhos para construções de ferrovias. Tais locais eram a base da industrialização que despontava – e era tão elogiada como ápice da civilização (branca) – no país.

Hurston afirma que sua busca por conhecimento a levou por inúmeros lugares diferentes, aventuras e, muitas vezes, perigos (HURSTON, 2010). Estes, segundo ela, eram locais “sem lei” e com muitas pessoas que já haviam sido presas ou eram fugitivas. Em sua maioria pessoas negras. Ao mesmo tempo, eles eram conhecidos pela exploração e falta de direitos promovidos pelos donos e supervisores, todos brancos. As servidões por dívidas eram comuns. No período sucessor da Reconstrução uma pessoa negra poderia ser presa por cuspir no chão ou por simplesmente não ter um emprego e, caso ela não conseguisse pagar, sua multa era comprada por empresas madeireiras onde ela trabalharia até que a dívida fosse liquidada (SHOFNER, 1981). Em verdade, era prática de muitos xerifes locais enviarem pessoas negras para esses locais que pertenciam a homens poderosos, como é o caso do campo de exploração do ex-senador estadual Thomas Jefferson Knabb. No campo de sua família havia um rastro de morte de pessoas negras que haviam sido torturadas e assassinadas (MARINO, 2018).

Em reportagem do *Miami Daily Metropolis* de 1923 (Figura 22), denuncia-se que nove pessoas foram mortas no campo de Knabb. Na reportagem, se delata a prática generalizada de trabalho forçado, prisões forjadas, entre outros (FLORIDAHISTORYNETWORK, s/d).

Figura 22 - Reportagem do *Miami Daily Metropolis*



Legenda: Na segunda reportagem (à direita), é possível ler o título *Nine Dead On Knabb's Farm 'Pen' In 1 Year*

Fonte: Florida History Network (s/d)

É também em Polk County que se encontra a extração da terebintina, fluido obtido da resina colhida de pinheiros. A terebintina era de suma importância para a indústria naval, pois era utilizada na selagem dos barcos (HERALD-TRIBUNE, 2004). A extração da terebintina remete ao período colonial e teve um novo crescimento entre guerras. Durante a Reconstrução e após a destruição de florestas no norte do país, principalmente nos estados Carolina do Norte e do Sul, as empresas de extração foram para a Flórida, estado conhecido por ter cerca de 10% de sua força de trabalho composta por trabalhadores forçados e condenados. E, durante a década de 1920, muitos campos de extração se converteram em serrarias.

Hurston (2010) afirma que esses homens negros sangravam as árvores cujo produto resultava em tinta, explosivo, suprimentos navais, perfumes e tantas outras coisas que eles nunca ouviram falar.

Além dos perigos em si: cobras, jacarés, os maquinários perigosos e as próprias árvores que poderiam, por desventura, cair e esmagar algum trabalhador, os supervisores não hesitavam em utilizar punições físicas contra eles. Não havia dúvidas das condições difíceis em Polk County, mas, conforme ela registrou, as canções afirmavam: “*Polk County! Ah!// Onde a água tem gosto de vinho de cereja/Onde eles derrubam grandes árvores com machado e força*” (HURSTON, 2010, p. 129, tradução minha).

Hurston chega ao *Everglades Cypress Lumber Company* em 1928 em busca “(...) *daquilo pelo qual a alma vive*” (HURSTON, 2008, p. 24, tradução minha).

Em Polk County, homens negros ou, como ela os denomina, “poetas da lâmina oscilante” (HURSTON, 2010), cantam e dançam enquanto trabalham. Músicas, ritmos e movimentos se orquestram com o trabalho pesado realizado com os machados e serras. É assim o dia todo e a noite toda (HURSTON, 2010). Conforme ela observou, após o dia de trabalho, todos vão para o *jook*. Segundo ela, esse espaço é uma mistura de bordel, puteiro, salão de danças, jogos e bebidas (HURSTON, 1934). São nesses locais onde amores são feitos e desfeitos, há danças e flertes, e tentativas de se tornar herói ou vilão. Para ela, o *jook* é o lugar mais importante do país pois é nele que surge o *blues*. O canto, a música e as contações de histórias e mentiras são conhecidas como *jooking* [brincadeiras]. Ao contrário de seus primeiros trabalhos de campo, Hurston consegue uma aproximação com a comunidade, tendo a liberdade de promover duas competições de “mentiras” [lore/lying] no *jook* local.

Todavia, sua aproximação também lhe trouxe perigo. Em uma noite ela quase foi morta por Lucy que tivera uma relação com Slim, homem com quem Hurston conversava frequentemente para sua pesquisa. Slim era cantor e conhecia inúmeros contos e folclore. Além do possível ciúme, Hurston possuía um carro e uma câmera fotográfica, algo raro para as pessoas que trabalhavam nesses campos. Como ele era uma fonte importante para seu trabalho, Hurston às vezes lhe dava caronas.

Contudo Hurston tinha uma aliada: Big Sweet, uma mulher grande que todos tinham medo, inclusive os supervisores. Big Sweet não gostava de Lucy e se afeiçoou por Hurston. Quando Hurston contou sobre seu trabalho, Big Sweet lhe apresentou todos que poderiam ter o que autora precisava, mesmo que ela não entendesse a importância desse material. Em relação à Lucy, Big Sweet alertou a autora que ela não saberia se defender e que seria morta se estivesse sozinha. Assim, Hurston e Big Sweet se tornam inseparáveis.

Todavia, um dia Hurston vai ao *jook* local sozinha e Lucy a espera perto da saída com uma faca. Contudo, Big Sweet também vai a festa e quando Lucy tenta atacar Hurston, ela a defende. Hurston foge, deixando o campo para traz e indo em direção à New Orleans. Hurston foge por sua vida após quatro meses em Polk County.

### 5.1.3. NEW ORLEANS (LOUISIANA): “ACREDITAR EM MAGIA É TÃO ANTIGO QUANTO ESCREVER”

Antes de chegar à New Orleans, ela fica entre junho e julho em Magazine, Alabama, coletando mais materiais: histórias e contos, cartas de amor, e algumas “palavras duplas”, ou seja, palavras enfáticas e redundantes que caracterizam o *black english*. Em troca de correspondência, ela afirma a Hughes que tinha material suficiente para escrever alguns volumes de livros e, ao mesmo tempo, pede segredo ao amigo por medo de perder o financiamento que recebe de Mason (BOYD, 2003).

Hurston passa quase um ano coletando materiais sobre o folclore no Sul, ela sabia a limitação financeira para continuar trabalhando em um projeto tão extenso, por um lado, e ainda não havia coletado nenhum material sobre *hoodoo* (HURSTON, 2008), por outro. A escolha da

cidade, então fez sentido: “Nova Orleans é e sempre foi a capital do *hoodoo* na América” (HURSTON, 2008, p. 183), ela afirma.

*Hoodoo* é importante manifestação religiosa-cultural que resulta do encontro colonial. Ele inclui rituais, uso de magia e conhecimentos herbais, praticado desde, pelo menos, o século XVI. Também há influência explícita do *voodoo* haitiano, sobretudo após a Revolução do Haiti. Suas origens remetem às práticas religiosas de Gana, Togo, Congo e Benin, mas o *hoodoo* é exemplo, ainda vivo, do hibridismo cultural de diferentes grupos étnico-raciais, ou seja, ele também tem influência cristã e indígena.

A magia é parte essencial da experiência afro-americana e, desde a escravização, o *hoodoo* serve como uma defesa contra a opressão (CHIREAU, 2003). Em um sistema que a violência racial está na ordem do dia, muitas vezes, é necessário a busca por proteção, cura e, inclusive, morte dos inimigos através do culto aos espíritos, ancestrais e santos. Devido a pulverização das fronteiras classificatórias, o “bem” e o “mau” são ambas parte importante das práticas e rituais, sendo esta uma das razões das perseguições e proibições no estado da Louisiana. Exemplo disso, é o *Code Noir* promulgado por Luis XVI que obrigava a conversão ao cristianismo de todos os descendentes de africanos das colônias francesas em 1685. Quando os Estados Unidos assumem o poder de Louisiana, a prática passa a ser perseguida de outra maneira: escravizados poderiam dançar apenas em dias de domingo e em locais específicos. Apesar da perseguição implícita, o que fica claro era o medo de insurgências influenciadas pela Revolução do Haiti.

Durante o século XIX, as mulheres desempenharam papel fundamental no *hoodoo*, principalmente com a venda de ervas secas, amuletos e objetos em lojas especializadas, além da realização de trabalhos espirituais. A mais conhecida é Marie Laveau. Há inúmeras lendas e mitos sobre seu poder. Quando em campo, Hurston conhece Luke Turner que se identificava como sobrinho de Laveau.

Conforme narrado por Turner (HURSTON, 2008), Laveau fez parte de uma linhagem de doutoradas raízes – um dos nomes dados às/aos mestres do *hoodoo* -, e seu poder ascende ainda na juventude quando uma cobra lhe aparece durante o banho e ambas conseguem conversar. Inúmeras vezes a polícia tentou prendê-la, mas nada acontecia a ela por causa de seus poderes. Vários de seus consulentes faziam longas viagens para se consultar com ela, inclusive a Rainha

Vitória. Entre mitos e fatos, New Orleans é conhecida por tal prática: há museus, passeios, peças teatrais relacionadas ao tema espalhados pela cidade.

O reconhecimento não é recente, Hurston (2008) afirma que já havia itinerários em guias de viagem relacionados ao *hoodoo*. Ao mesmo tempo, devido à perseguição, a prática tem como fundamento o *segredo*:

Ninguém sabe ao certo quantos milhares na América são aquecidos pelo fogo do hoodoo, porque a adoração é mantida em segredo. Não é a teologia aceita da Nação e, portanto, os devotos escondem sua fé, irmão da irmã, marido da mulher. Ninguém pode dizer onde começa ou termina. As bocas não se esvaziam a menos que os ouvidos sejam simpáticos e conhecedores (HURSTON, 2008, p. 185, tradução minha).

No estado da Flórida, ao indagar sobre o *hoodoo*, Hurston ouviu de sua vizinha um forte apelo para não se aprofundar no assunto, e sim focar na fé em Deus. Conforme a conversa continua, logo a vizinha fala que tem amuletos em seu jardim para sua proteção (HURSTON, 2008). Nesse sentido, apesar do segredo e, muitas vezes, da negação (e abominação), o *hoodoo* estava presente no cotidiano ritualístico das pessoas. É essa mesma vizinha que indica a primeira pessoa com quem Hurston poderia iniciar suas pesquisas. Eulalia é indicada pois “ela não faz nada além do bem” (HURSTON, 2008, p. 187, tradução minha).

Eulalia era especializada em casos matrimoniais e as pessoas se consultavam para amarrações amorosas ou cortes de vínculo. Com Eulalia, Hurston faz um trabalho para que uma consulente tivesse o amor de seu marido de volta. O marido já estava com outra pessoa e a consulente acreditava que essa outra mulher havia feito um feitiço para a separação de ambos. Por ser uma mulher cristã (HURSTON, 2008), Eulalia faz o trabalho, especialmente por defender que o matrimônio não deveria ser rompido por feitiço. Ambas vão a casa dele e em cada cômodo fazem um ritual enquanto ele não estava presente. Elas utilizam óleos de flores, pimentas, velas, água benta. Cada cômodo recebe uma reza e materiais diferentes.

Hurston conhece Luke Turner de tanto perguntar para as pessoas de New Orleans sobre Maria Laveau. No primeiro encontro, ela lhe pergunta se pode ser sua pupila, mas ele nega. Em verdade, ele não via sinceridade no desejo de Hurston. E, ao mesmo tempo, “a cidade de New

Orleans tem a lei contra cartomantes, doutores hoodoo e coisas do tipo” (HURSTON, 2008, p. 192, tradução minha). Ela precisou voltar algumas vezes à casa de Turner para que ele a aceitasse.

Para Hurston, Turner conta tudo que presenciou com Laveau: ela fazia festas de celebração a São João, por ser católica e praticante do *hoodoo*; desaparecimento e surgimento nas águas do lago; a cobra de Laveau cantando... Nos últimos dias de Laveau, Turner sentiu o chamado para ocupar o lugar dela. A cobra trocou de pele e desapareceu. Turner fica com a pele da cobra para ter mais poder. Após contar a história de Laveau e seus feitos, os espíritos deixaram que Hurston fosse sua pupila.

Hurston foi coroada com uma pele de cobra consagrada. Tudo é consagrado, caso contrário são apenas materiais (HURSTON, 2008). Foram nove dias de preparação e purificação. Nos últimos três, ela precisou ficar deitada nua com acesso apenas à água para que seu espírito não fugisse ou fosse capturado. Nesses três dias, os outros membros da escola de doutores *hoodoo*, coordenada por Turner, foram responsáveis por fazer vestimentas com as peles de cobra que haviam sido solicitadas para Hurston: a coroa, um xalé e um cinto. As vestimentas ficaram no altar para serem consagradas e utilizadas por ela depois.

Os espíritos lhe batizaram de *Rain-Bringer* [Portadora da Chuva], pois eles mostraram para Turner que Hurston conquistaria o que quisesse, realizando com o relâmpago e fazendo sua estrada com o trovão (HURSTON, 2008, p. 200). Assim que ela foi renomeada, Turner pintou um relâmpago em suas costas, do ombro direito ao quadril esquerdo. Os espíritos se comunicariam com ela através das tempestades.

Além disso, Hurston narra:

Depois que me vesti, um par de olhos foi pintado nas minhas bochechas como um sinal de que eu podia ver de mais de uma maneira. O sol foi pintado em minha testa. Muitos entraram na sala e realizaram atos cerimoniais, mas nenhum falou comigo. Nem eu pude falar com eles enquanto véu cobria meu rosto. Turner cortou o dedo mindinho da minha mão direita e pegou o sangue jorrando e uma taça de vinho. Ele adicionou vinho e misturou com o sangue. Então, ele e todos os cinco líderes também deixaram o sangue [deles] sair e o misturaram com o vinho em outra taça. Fui levada a beber da taça contendo seus sangues misturados, e cada um deles, por sua vez, começando por Turner, bebeu o meu (HURSTON, 2008, p. 200, tradução minha).

Cada médico/líder *hoodoo* faz a iniciação de um jeito diferente, não há regras claras – como dito acima, o *segredo* é fundamental nessa prática –, e o que funciona para um pode não funcionar para outros. Hurston fez outras iniciações que envolveram tomar banhos herbais e realizar rezas, caçar e cozinhar um gato preto para ter um osso de proteção, sacrificar uma ovelha e colocar pedidos em sua boca. Como dito, cada iniciação fora diferente, mas todas envolviam tomar o sangue um dos outros, provavelmente para a criação de um laço com os espíritos que regem os participantes de determinada casa. O *segredo*, é o principal artifício para que as informações sejam dadas de maneira nebulosa e vaga por Hurston (propositalmente).

Ela acompanhava e auxiliava nos trabalhos e consultas, comprava e colhia as plantas e objetos necessários para os trabalhos solicitados. Pessoas pediam por vinganças e amarrações. Sem dúvidas, o relato mais impactante lido em *Mules and Men* (2008) foi uma vingança realizada por um homem negro contra a família de seu antigo contratante. Toda a família do homem negro trabalhava para esse senhor branco, inclusive a filha que foi morta cruelmente pelo senhor. Quando o assassinato ocorre, o homem negro coleta parte do sangue de sua filha e toda a família vai embora. Todavia, com o trabalho espiritual feito, ele passa a atormentar o seu antigo contratante com visitas indesejadas e, ao mesmo tempo, a família do segundo – sua esposa e filhos – tentam matá-lo diversas vezes. Não importa para onde o homem branco vá, o homem negro o encontra. Sua família foi destruída assim como ele destruiu a família negra.

Muitas pessoas também procuram os doutores para a cura de doenças. Hurston presenciou esses trabalhos, principalmente, quando estava fazendo suas pesquisas no Sul da Flórida. A medicina tradicional não chegava à população pobre e negra. Então, “eles fazem remédios, e uma multidão de pessoas brancas e de cor procuram ansiosamente pelas curas” (HURSTON, 2008, p. 281, tradução minha). Prescrições para gonorreia, sífilis, problemas na bexiga, reumatismo, entre inúmeros outros foram coletados e apresentados ao público no livro citado acima.

#### 5.1.4. NASSAU (BAHAMAS): ENTRE FIRE DANCES E FURACÃO

Assim que Hurston deixa Louisiana, ela vai para Miami, Flórida, e ouve um grupo de Bahamas dançando e cantando. Isso fez com que ela não tivesse dúvidas sobre seu próximo destino e, antes que Charlotte O. Mason pudesse ser contra, ela navegou até Nassau, capital de Bahamas.

Bahamas possui mais de 700 ilhas, *cayos* e ilhéus e se encontra ao norte de Cuba, Haiti e República Dominicana e a sudoeste do estado da Flórida. Originalmente habitadas por indígenas da etnia Tainos, as Bahamas foram o primeiro local de desembarque de Cristovão Colombo no Novo Mundo. A colonização e tráfico dos lucaianos quase os extinguiu das ilhas. As Bahamas se tornaram colônias da Coroa Britânica em 1718 e, após a Guerra de Independência dos Estados Unidos, inúmeros apoiadores da Coroa e escravizados migraram para a ilha. A escravatura foi abolida em 1834 e a maioria da população é composta por descendentes destes escravizados. As ilhas também foram destino de fugas dos *black seminoles* durante as guerras que ocorreram no estado da Flórida. As Bahamas conquistaram sua independência em 1973.

Hurston vai às Bahamas pois acreditava que as músicas dos negros bahamianos eram mais “originais” que as dos afro-americanos. Ela aprendeu o *jump-in dance* que

(...) é popular entre crianças e adultos. É realizado em formação de anel com dançarinos interagindo com movimentos improvisados em compasso de quatro por quatro. O dançarino central escolhe um parceiro e eles pulam no anel para se apresentar (BAHAMAS, s/d, s/p, tradução minha).

E passou a ir em todos os lugares nos quais pudesse praticar. Além de aprender as danças, durante seu trabalho, Hurston presenciou o furacão com duração de cinco dias que matou quase 200 pessoas das ilhas. Segundo Hurston (2010): “*Foi horrível em sua intensidade e duração. Vi pessoas mortas sendo levadas pelas ruas quando acabou. Você podia sentir o cheiro de animais mortos também. Mais de trezentas casas foram destruídas somente na cidade de Nassau*” (HURSTON, 2010, p. 139, tradução minha).

Nessa mesma viagem, ela conheceu Leon Walton Young, legislador da Câmara. Como apresentado por Hurston (2010), ele era considerado herói ou um negro marginal a depender dos grupos que se referiam a ele. Para os britânicos, ele era um atrevido. Mesmo com as campanhas consecutivas contra suas posses, Young ficou no cargo entre 1915 e 1942, se tornando um porta-voz contra a presença britânica nas ilhas.

Em 1930, Hurston publica o *Dance Songs and Tales from Bahamas* no *The Journal of American Folklore*. O ensaio contém inúmeras canções com partituras e 20 contos com diferentes temáticas: desde a criação de Adão e Eva, criação e motivos de animais serem como são, entre outros. Em relação às músicas e danças, ela explica que, normalmente, os tocadores de tambor fazem uma fogueira que serve tanto para afinar os tambores quanto para chamar atenção do público que quer dançar. As danças começam quando os tocadores iniciam as palmas e são acompanhados pelo público. Não há uma ordem exata ou músicas pré-selecionadas para o encontro, então os tocadores e cantores gritam as músicas que querem ouvir. As pessoas dançam em círculo e cada um entra na roda, ou anel, para dançar em duplas.

## **5.2. Sumarização de seus primeiros trabalhos antropológicos**

Hurston passou, ao menos, metade da década de 1920, coletando materiais, entrevistando e vivendo as experiências que os trabalhos de campo lhes permitiram. Os únicos trabalhos que ela publicou nesse período foram os referentes aos realizados sob a tutela de Franz Boas e Woodson.

Todavia, com uma *madrinha* tão rigorosa que a proibira de publicar, seus materiais só chegaram ao público no decorrer da década de 1930, com os livros *Seus Olhos Viam Deus e Mules and Men*. Além disso, seus trabalhos também resultaram em peças teatrais pois, para serem completamente apreciados, era necessário a performance. Dito isso, ela dirigiu *The Great Day* e *From Sun to Sun*, também na década seguinte.

Nesse capítulo quis evidenciar as dificuldades e possibilidades de ser antropóloga negra. Sendo cientista social, sei que muitas vezes conseguimos encontrar nossos materiais em acervos, publicações acadêmicas e outros. Todavia, fazer trabalho de campo é um mar de possibilidades e desafios que nos faz ver como as *experiências*, anteriores aos conceitos, são vividas cotidianamente. Imagino como deve ter sido uma das *primeiras* a fazer isso em um contexto de violências, mas, também, de pulsão de vida através da cultura.

Hurston cometeu erros, experienciou conflitos, medos e inseguranças, no primeiro momento. Mas, com certa autonomia, conseguiu alcançar autoconfiança e realizar o que estava disposta (e foi contratada para): coletar folclore.

Acredito que sua inserção no grupo de artistas e intelectuais do movimento do Harlem, bem como seu desenvolvimento e dedicação enquanto antropóloga, lhe fez enxergar a importância de seu trabalho com a comunidade negra: o que ela via e vivia, as histórias contadas, os locais visitados, as conexões e dificuldades provavelmente propiciaram uma sensação de pertencimento, mesmo através da sutura ou articulação características de uma identidade/identificação que sempre é contingente.

## INTERLÚDIO (CON)TEXTUAL: CRISE DE 1929 E O NEW DEAL

A virada da década 1920 para a 1930 demonstra uma ruptura política, econômica e cultural que marcou profundamente o mundo e, sobretudo, os Estados Unidos da América. Se entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, criou-se uma ideia do país como a potência e o espelho do desenvolvimento econômico, a Crise de 1929 evidencia os limites de uma sociedade fundada na exploração generalizada.

A Crise fora um sonho que se tornara pesadelo: vivia-se o *american way of life* - empregos, preços baixos, expansão da política de créditos e empréstimo, aumento de poder de compras, aumento da produção agrícola e produtos industrializados, exportação para países devastados pela guerra e, por isso, houve uma expansão no mercado de ações. Seus preços subiam, o mercado estava em alta. Pessoas investiam seus títulos líquidos em outros títulos, muitos hipotecaram suas casas pois o lucro era “garantido”.

No verão de 1929, entre junho e agosto no hemisfério norte, os preços das ações começam a cair com queda livre no final de outubro. O crescimento da Europa, a queda da exportação, maior oferta de mercadorias que demanda, preços baixos, retração das indústrias, aumento do desemprego, são alguns pontos que influenciaram na queda das ações da bolsa e a tentativa geral de suas vendas. Entre 28 e 29 de outubro, o mercado fechou em queda de 12,8% e mais de 16 milhões de ações foram negociadas. A recessão se tornou visível e só piorou na década seguinte: a taxa de desemprego chegou a 25%, a produção industrial caiu 47%, e o produto interno bruto caiu 30% (SMITH, 2008).

Em 1932, a corrida presidencial se inicia entre o então presidente Hebert Hoover e Franklin D. Roosevelt (FDR). Assim que o segundo assume, é iniciado o *New Deal*, nome dado ao conjunto de programas de recuperação da economia e auxílio para a população. A peculiaridade é que, pela primeira vez, o governo federal fora o responsável pela subsistência das pessoas: até então, não havia seguro-desemprego ou Previdência Social, nenhuma regulamentação do mercado de ações, nenhuma garantia federal de depósitos bancários ou direito dos trabalhadores de negociar. Nenhum salário-mínimo nacional ou horas máximas, nenhum compromisso federal com alto emprego e

nenhum suporte de preço para fazendeiros ou fundos federais para energia elétrica para a população (PBSSoCal, s/d).

Alguns programas são importantes de serem apresentados. O *Civil Conservation Corps* (CCC) foi responsável pela contratação de mais de 3 milhões de jovens entre 17 e 23 anos para trabalhar nas florestas e construções de parques estaduais. Esses jovens foram responsáveis por criações de trilhas, construção de reservatórios e plantio, e catalogação de árvores. Entre eles está o *Everglades National Park*, situado no sul da Flórida e responsável pela preservação de 20% de Everglades (Mapa 7), região natural de pastagens inundadas.

Mapa 7 - Localização de Everglades na Flórida



Legenda: Mapa de localização (em verde) da região natural Everglades no sul da Flórida

Fonte: United States Map (2023).

*Everglades National Park*, e toda a região, é alimentado pelo lago Okeechobee e mais de trinta espécies ameaçadas são protegidas por ele. A autorização para a criação do parque se dá em 1934, como parte do CCC do *New Deal* e desde 1979 ele é considerado Patrimônio Mundial pela UNESCO. Em 1937, Everglades e o lago se tornam alguns dos protagonistas de *Seus Olhos Viam Deus*, escrito por Hurston.

O *Nation Industrial Recovery Act* (NIRA) e o *National Recovery Administration* (NRA) foram responsáveis pela regulação das horas trabalhadas por semana e pela proibição do trabalho infantil. O *Federal Emergency Relief Administration* (FERA) deu US\$ 3 bilhões aos estados para programas de assistência ao trabalho. O *Agricultural Adjustment Act* subsidiou fazendeiros com empréstimos para aqueles que declarassem falência. E o *Works Progress Administration*, o principal programa de assistência ao trabalho do *New Deal*, ficou conhecido por empregar mais de 8,5 milhões de pessoas para a construção de pontes, estradas, edifícios públicos, parques e aeroportos (PBS, s/d). Voltaremos a este último a seguir.

O debate racial é importante pano de fundo para se entender como o *New Deal* afetou a população negra através de um panorama político alicerçado pelo Jim Crow.

Na década de 1930, o Partido Democrata, partido de FDR, era uma coalização de liberais do Norte e brancos democratas do Sul. Até então, essa coalização era impensável e, por isso, deve ser vista como uma contingência das circunstâncias. De qualquer maneira, Roosevelt deveria manter os democratas do sul ao seu lado (PBS, 2021). Uma forma de fazer isso era ignorar a política de linchamento praticada na região e não apoiar os direitos civis. Outra era fazer vista grossa para a discriminação racial sofrida pela população negra nos programas do *New Deal*. Por exemplo, a proteção de salários e horas trabalhadas excluía trabalhadores agrícolas e domésticos que, naquele período, eram pessoas negras, em sua maioria.

Nesse período, os afro-americanos foram desproporcionalmente afetados pelo desemprego: foram os primeiros a serem demitidos e os últimos a serem contratados (PBS, 2021).

No editorial do jornal *Opportunity* de outubro de 1933, Jesse O. Thomas apresenta como a imprensa branca foi utilizada em prol de empresários brancos sulistas e contra os direitos trabalhistas propostos pelo *New Deal*. Segundo Thomas (1933):

Muitas pessoas brancas no Sul são dogmaticamente opostas à participação de negros em igualdade com pessoas brancas em quaisquer medidas benéficas; e eles insistem que na administração de assistência e na aplicação da escola de salário-mínimo deve haver uma exceção à regra geral quando se trata de negros (THOMAS, 1933, s/p, tradução minha).

Em jornal da Geórgia, defendia-se que essa abordagem era uma forma de penalizar negócios levando-os à falência. No *Atlanta Constitution*, fora escrito que as condições de vida eram mais baratas entre os negros e, por isso, tais políticas seriam injustas. A maioria dos exemplos trazidos por Thomas (1933) advogam que a população negra seria prejudicada porque os empresários e donos de negócios brancos iriam preferir contratar pessoas brancas. Em outras palavras, o *New Deal* fora, muitas vezes, um mau negócio para a população negra: as políticas de moradia reforçaram a segregação nos bairros, FDR se recusou a apoiar a legislação anti-linchamento introduzida na Câmara e no Senado e milhares de trabalhadores agrícolas negros tiveram que deixar suas terras devido à falta de acesso às políticas públicas (BEITO, 2023).

Todavia, isso não quer dizer que pessoas negras não fossem contratadas para trabalharem em algum dos programas do Projeto. E, se por um lado, havia uma movimentação clara para que a política pública não alcance parte da população, por outro, as tensões raciais ocorriam dentro dos programas quando ela conseguia ser cumprida.

Mesmo que fosse estipulado pelo governo federal a não discriminação por raça, cor ou credo, o CCC (WOTIPKA, 2023) possuía 10% das vagas reservadas para afro-americanos, mas estados do Sul como a Geórgia e a Flórida não inscreveram nenhum candidato não-branco no programa. Quando houve pressão do governo federal, muitas campanhas do CCC criaram grupos segregados. Isso porque a seleção, recrutamento e treinamento eram realizados pelos governos locais e estaduais. Até em estados que não havia segregação, trabalhadores negros eram discriminados. Esse é o caso da criação do *The Angeles National Forrest*, que contou com duas frentes segregadas para pessoas negras em Los Angeles. O parque é um dos maiores do país e, atualmente, inúmeros pesquisadores tentam mapear tais trabalhadores cujos nomes e importância foram apagados dos registros oficiais (WOTIPKA, 2023).

Agora voltemos para o *Works Progress Administration*. Como dito há alguns parágrafos, esse programa é mais conhecido pelas construções realizadas. Todavia, sob sua égide havia um

outro programa guarda-chuva denominado *Federal Project Number One*, responsável pelos projetos *Federal Art*, *Federal Music*, *Federal Theater* e *Federal Writers*. Esses programas foram de suma importância por empregarem todos os tipos de artistas.

Hurston fora contratada como instrutora de dramaturgia no *Negro Unit*<sup>34</sup> do *Federal Theater Project* em 1935 (HADDAD, 2017). Nele, ela produziu a peça *Walk Together Chillium*, todavia seu nome não aparece nos créditos do folheto de divulgação (WILSON, 1935). Ela deixa sua posição devido à bolsa de estudos Guggenheim que ela recebera no mesmo período (esse tópico será apresentado no capítulo seguinte).

Entre todos, o *Federal Writers Projects* recebeu maior investimento do governo, totalizando US\$ 27 milhões entre 1935 e 1942. O resultado foi a série panorâmica *American Guide*, uma coleção de guias locais e estaduais com histórias locais, histórias orais, rotas turísticas, recursos naturais, comidas “típicas” e culturas. Cada estado era responsável pelas pesquisas de campo, entrevistas, coleta de dados e edição dos materiais. O *Federal Writers Project* fora um programa de registro histórico sem precedentes nos Estados Unidos e muito dos materiais encontram-se disponíveis na *Library of Congress*.

Além disso, o FWP foi conhecido pela empreitada coletiva de registrar histórias de escravizados. Ainda na década de 1930, muitos estadunidenses se recordavam vividamente do período da Reconstrução, sobretudo, africanos e afro-americanos escravizados. A partir dos trabalhos de campos, muitas histórias de vida e materiais relacionados ao folclore foram apresentados por diferentes entrevistados de diferentes origens. “E as coleções de folclore, histórias de vida e materiais sobre a vida afro-americana deram ímpeto à coleção de narrativas de escravizados” (LOC, s/d, s/p, tradução minha).

Desta maneira, o programa apresentou uma oportunidade única de realizar pesquisas sobre essas temáticas em nível nacional. Sob a coordenação de John A. Lomax, conhecido no período como o mais importante folclorista do país, a coleta de materiais folclóricos e narrativas tornaram-se uma das características principais do projeto.

---

<sup>34</sup> Também conhecido como *The Negro Theatre Project*, as *Negro Unit* possuíam escritórios em vinte e três cidades espalhadas pelo país. O projeto teve uma curta duração, entre 1935 e 1939, mas proporcionou empregos e agregou inúmeras atrizes e atores, diretora(s), técnica(s) de teatro e dramaturga(o)s negra(o)s. Para saber mais: <https://www.blackpast.org/african-american-history/federal-theatre-project-negro-units/>.

As pressões dos jornais e movimentos negros fizeram com que artistas e escritora(e)s negra(o)s fossem nomeada(o)s para cargos nas agências que coordenavam o FWP. O *Office Negro Affairs*<sup>35</sup> foi criado para que a população negra e suas histórias não fossem negligenciadas. Por isso, entre todos os programas do *New Deal*, o FWP contou com a maior participação de pessoas negras: dos 4.500 escritores e entrevistadores, 106 eram negros, entre eles: Ralph Ellison, Arna Bontemps, Richard Wright, Margareth Walker, Katherine Dunham e Zora Neale Hurston. Em um período de acirramento de violência e desconfiança racial, muitos entrevistados não se sentiam a vontade de relatar suas experiências de maneira verossímil. Como acertado por Hurston (2022), a população negra utilizava da simpatia e risadas performáticas para acobertar as “coisas reais” que permanecem invisíveis ao olhar branco. Em outras palavras, entrevistadores negros se mostraram mais eficazes na coleta, organização e divulgação desses materiais (LOC, s/d).

Aqui, o importante é que esse trabalho resultou em mais de 2.300 narrativas, mil documentos relacionados e outros materiais catalogados, como anúncio de jornais com leilões, caça a negros fugidos, leis e projetos de leis, entre outros. Eles foram organizados e denominados *Slave Narrative Collection*. Todavia, muitos ficaram guardados em acervos federais e locais por décadas, até se tornaram domínio público e serem disponibilizados no acervo digital da *Library of Congress*.

Seu impacto é sem precedente: além dos milhares de materiais coletados, muitos foram utilizados como fonte para produções artísticas e históricas, vide os seguintes exemplos: *Drums and Shadows: Survival Studies Among the Georgia coastal Negroes* (1940), *Lay My Burden Down* (1945), *Gumbo Ya Ya: Folk Tales of Georgia* (1984). Em 1972, a maior parte da coleção foi trazida a público pela Greenwood Press sob o título *The American Slave: A Composite Autobiography*. E, mais recentemente, as narrativas foram utilizadas na produção do documentário *Unchained Memories: Readings from the Slave Narrative* (2003), da HBO; como apresentado por Henry Louis Gates Jr., na edição de 2008 de seu programa *African American Lives*, a bisavó de Morgan Freeman, Cindy Anderson, fora uma das entrevistadas para o projeto; e tais narrativas impactaram o movimento *Black Lives Matter*, fazendo com que o grande público procurasse os materiais em

---

<sup>35</sup> O *Black Cabinet* foi um termo informal aplicado a uma rede de administradores e conselheiros negros do *New Deal*. Dois grupos foram criados para se discutir questões relacionadas à população negra: o *Interdepartmental Group Concerned with the Special Problems of Negroes*, em 1934, e o *Negro Affairs*, entre 1937 e 1939.

busca de respostas e rotas para o enfrentamento das injustiças e discriminações raciais (SMITH, 2021).

Apesar dos investimentos, participação “ampla” de escritora(e)s e pesquisadora(e)s negra(o)s, e materiais ricos até hoje utilizados, as tensões raciais eram evidentes dentro do FWP. Zora Neale Hurston exemplifica isso.

Hurston fez parte do *Florida Writers Project*, comissão regional do estado da Flórida, entre 1938 e 1939. O projeto era dirigido por Carita Dogett Corse, pesquisadora branca, e era um dos três estados que continha o *Negro Unit*, endereçado para escritora(e)s negra(o)s e para a produção de volumes focados nas comunidades negras da Flórida. Quando Hurston retorna à Eatonville, para produzir seu livro *Tell My Horse*, resultado de suas pesquisas na Jamaica e Haiti, ela é convidada pelo diretor executivo federal, Henry Alsberg, para participar do projeto.

Nesse período, ela já era nacionalmente conhecida por suas pesquisas relacionadas ao folclore, além dos nomes associados a ela. Sua importância no projeto era evidente e, mesmo sendo convidada para ser uma das responsáveis pela *Negro Unit* por Alsberg, Carita Corse a contrata como entrevistadora júnior. Hurston fica sob a coordenação de Stetson Kennedy, famoso folclorista do estado. Todavia, durante o projeto, ele tinha apenas 20 anos, havia largado a graduação na *University of Florida* e, muito provável, conseguiu o emprego por ser filho de um oficial dos Confederados. Mesmo sem experiência, ele fora contratado com o salário de US\$ 75/mês. O salário de Hurston era de US\$ 67/mês.

Hurston, com sua experiência em entrevistas, escrita e edição, além de seus contatos, foi responsável por adquirir maquinários de gravação do governo federal que somente ela sabia usar (HADDAD, 2017). Além disso, a *Negro Unit* tinha como sede uma cozinha comunitária distante da sede regional do estado, em Jacksonville. A verdade, é que as pesquisas e pagamentos eram trocados a partir dos correios, evidenciando a promoção da segregação no projeto federal.

Diante dessas situações, e sabendo de sua própria importância, Hurston não frequentava a *Negro Unit*, preferindo trabalhar de Eatonville, o que lhe garantia mais autonomia e foco nos projetos que ela já estava desenvolvendo. Seus materiais, mesmo sendo enviados de forma esporádica, causavam tremenda comoção e deleite do escritório oficial. Do escritório segregado, é produzido *The Florida Negro* (1938), Hurston e seus trabalhos não são citados nenhuma vez,

apesar do capítulo *V* ser dedicado às canções de trabalhadores negros em exercício de suas funções – principalmente nas construções de estradas de ferro –coletadas por ela (HADDAD, 2017). No documento, nota-se uma narrativa de avanço da comunidade negra desde a escravização. Como se ela tivesse caminhado passo-a-passo a trajetória linear do progresso. Provavelmente os textos de Hurston foram ignorados por causa das discrepâncias de escrita e registro que ela e os agentes do governo gostariam de evidenciar para o grande público.

O apagamento de sua participação não acaba aí: Hurston produziu materiais importantes – que me debruçarei no próximo capítulo: *Art and Such* e *Folklore*, além das gravações de áudio de músicas e entrevistas. Nenhum desses materiais foi explicitamente citado ou creditado, sobretudo no *Florida: A Guide of the Southernmost State*, o guia do estado lançado em 1939.

*Florida: A Guide...* (1976) é dividido em quatro partes: a primeira refere-se ao pano de fundo do estado e contém sessões sobre o meio de transporte, música, trabalho, folclore e teatro; a segunda contém informações sobre as doze cidades mais conhecidas, como Daytona Beach, Orlando, Miami, Palm Beach; a terceira é sobre os circuitos turísticos da Flórida; e a quarta é um apêndice com cronologia, bibliografias e lista de pessoas entrevistadas. Hurston é citada na primeira e terceira partes como escritora de Eatonville, além de seu romance *Their Eyes...* ser citado na parte turística de Everglades. Todavia, como dito anteriormente, nenhuma de suas contribuições fora devidamente citada.

O guia (1976) retratou a Flórida como um paraíso tropical, cheio de pomares de laranjeiras e palmeiras e, como proposto, omitiu linchamentos e discriminações de suas páginas, inclusive não citando uma das mais importantes escritoras que fez parte do projeto. Os materiais coletados por Hurston foram utilizados nos capítulos sobre folclore e música (HADDAD, 2017). Ao mesmo tempo, ela foi peça chave para a realização dos trabalhos de campo, mesmo recebendo menos do que seus pares brancos que desempenharam a mesma função.

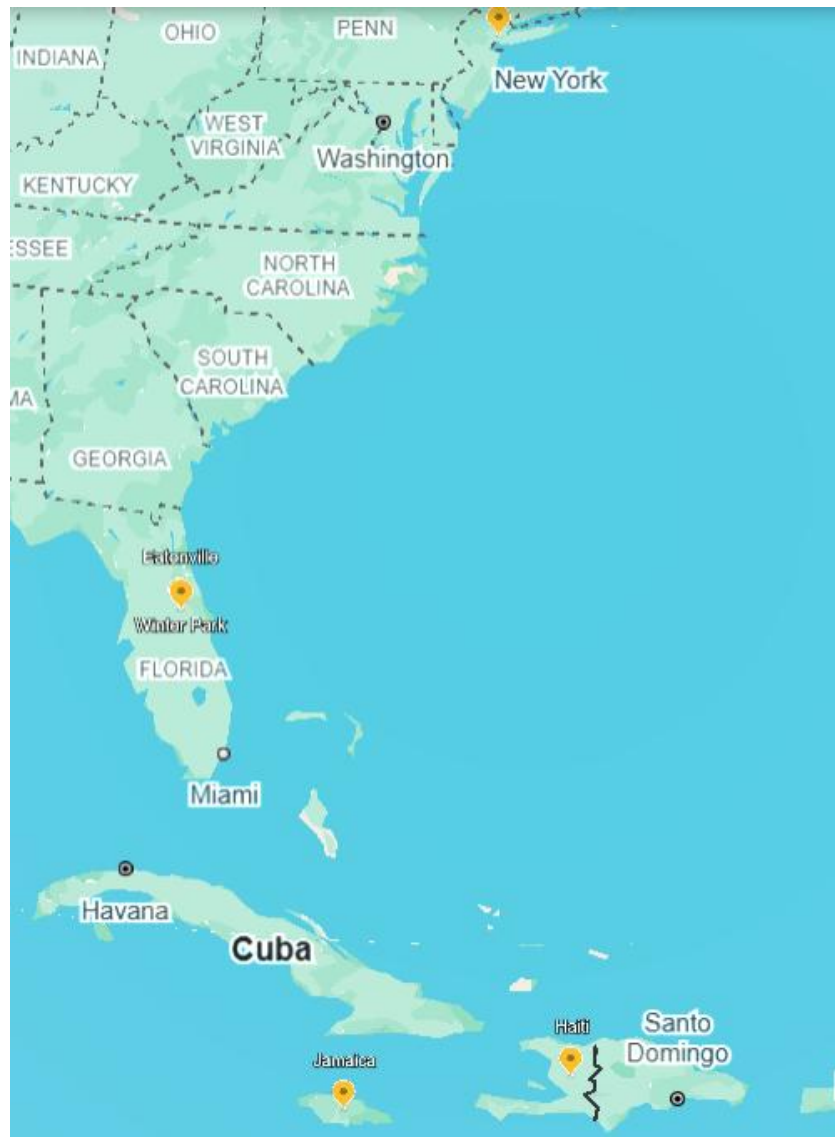
Hurston evidencia os limites das políticas públicas quando não há o objetivo de aniquilar, de fato, a discriminação racial. Mesmo com sua participação em um projeto político tão importante e defendido por muitos como uma “salvação” da sociedade estadunidense, ela nunca citara colaboração no Projeto, nem em cartas disponíveis nem em sua autobiografia. Parece-me que fora apenas uma fase que não valeu a pena o registro. Os manuscritos de tais materiais estão disponíveis

no acervo da *University da Florida*. Apesar dessas tensões, a década de trinta foi o período no qual seus principais trabalhos foram escritos. Sigamos.

## 6. DÉCADA DE 1930: CRIANDO CONEXÕES AFRO-DIASOPÓRICAS A PARTIR DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS-ARTÍSTICAS FINANCIADAS

*É emocionante se manter o centro do palco nacional, com espectadores não sabendo se riem ou lamentam (HURSTON, 2021, p. 49)*

Mapa 8 - Caminhada pessoal de Zora Neale Hurston



Legenda: Mapa com marcações (em amarelo) para demonstrar as rotas que Hurston traçou durante a década de 1930

Fonte: Produção pessoal a partir do *Google Earth* (2025)

A década de 1930 é caracterizada pelo período no qual Zora Neale Hurston publica seus materiais mais conhecidos após seus trabalhos de campo realizados na década anterior: são artigos, livros, peças teatrais, entre outros. Além disso, é o período no qual seu horizonte de expectativas apontava para um doutoramento, que não se concluiu. Os percursos que ela traça serão trazidos de maneira detalhada a seguir.

A primeira tentativa foi a escrita e produção da peça teatral *Mule and Bone* realizada em conjunto com Langston Hughes. A comédia – que antes seria uma ópera negra – situada em Eatonville, conta a história de dois caçadores que matam um peru com segundos de diferenças e, então, iniciam uma discussão sobre quem matou o animal. No calor da disputa, um deles acerta o outro com o osso do jarrete de uma mula morta, deixando o segundo inconsciente.

O caçador agredido, Dave, exige que seu agressor, Jim, fosse levado a julgamento no dia posterior, na Igreja Batista – maior local de encontro e reunião da cidade. O julgamento vira uma espécie de “guerra santa”: Dave era batista e Jim, metodista. Como sabemos, em Eatonville havia apenas duas igrejas e, na comédia, os fiéis estavam alinhados a elas: o líder metodista, Reverendo Simms, argumenta que o osso de uma mula não é uma arma porque não é considerada como tal nem na bíblia nem na “lei dos brancos”. Já o reverendo da Batista, Elder Long, argumenta que Sansão matou milhares com a queixada de um jumento. No final, Jim é condenado por agredir Dave com uma arma mortal. Ele é expulso da cidade e proibido de retornar por dois anos. Para apaziguar os ânimos dos que assistiam o julgamento, o prefeito convida aqueles que desejam lutar entre si para o fazerem na rua, mas, claro, sem armas, navalhas e ossos de mula.

Como apresentado antes, Hurston e Hughes almejavam lançar algum material juntos e uma peça teatral seria perfeito para que o público conseguisse observar as performances e dramatização vivida pela população negra, especificamente, Eatonville. Todavia, a tentativa de produção e escrita da peça se tornou o motivo do fim da amizade entre ambos. Segundo Boyd (2003), Hughes queria mudar o motivo da disputa, tirando o peru e colocando uma mulher entre os protagonistas. Louise Thompson, datilógrafa de ambos paga por Charlotte O. Mason, também virou motivo de disputa entre os artistas. Hurston acreditava que Hughes estava diminuindo sua contribuição e Thompson o ajudava. Essa situação perdurou o ano de 1930, até a virada do ano, quando Hughes escreve para Hurston afirmando que uma companhia teatral negra de Cleveland, seu local de

nascimento, estava ensaiando a peça *Mule Bone* com a assinatura de Hurston. Ele acredita que Zora vendeu a peça sem consultá-lo, já que a autoria era dela. Hurston acredita que ele havia o feito, já que a peça estava sendo produzida na cidade de Hughes. No final das contas, Carl Van Vechten recebera o manuscrito de Hurston que queria saber a opinião do amigo e ele, sem autorização, envia para Barrett Clark, produtor da peça em Cleaveland que, mesmo sabendo que era um trabalho não finalizado, defendeu que a peça já estava pronta para ser produzida. Hughes e Hurston não tiveram sua intelectualidade e criatividade respeitada por duas pessoas brancas e isso acentuou o afastamento de ambos. Hurston o comunica que iria reescrever a peça sem as contribuições dele.

Por fim, a questão econômica também fora um fator determinante para o fim da amizade: ambos comunicam a “madrinha” sobre o desentendimento. Mason, além de não aprovar a peça pois ambos não haviam lhe pedido autorização, acredita que Hurston deveria focar na produção de seus livros e organização de seus materiais. Em relação a Hughes, ela corta seu financiamento (BOYD, 2003).

De maneira estratégica, Hurston volta para o Sul do país para finalizar seus trabalhos e não virar um foco de Mason. Em setembro de 1930, ela publica o *Dance Songs and Tales From the Bahamas* no *Journal of American Folk-Lore*. O artigo contém onze canções com partituras e uma explicação prévia: “*essas músicas acompanham a dança folclórica extremamente africana chamada dança do fogo*” (HURSTON, 1930, p. 294, tradução minha). Hurston nos explica que os tocadores de tambor formam círculo, com uma fogueira que serve para afinação, definição de roda e símbolo que a dança, batuque e cantoria irá começar. Há palmas, e as músicas seguem o estilo de repetição (o tocador principal canta um verso e o restante repete) e/ou resposta (o tocador canta um verso e o restante responde com outro). Além disso, o tocador inicia dentro da roda, chamando um(a) sucessor(a) para dançar o segundo verso e assim por diante. O que Hurston chama de uma dança (e música) “extremamente” africana é encontrada, com similaridades e diferenças, em todo o território brasileiro, desde o jongo, até a umbigada, passando pelo coco e pelo samba, entre inúmeros outros. E só consigo fazer essa conexão diaspórica por causa do trabalho de Hurston, pois, infelizmente, não consegui achar nenhum outro material audiovisual e acadêmico sobre a *fire dance*.

No mesmo artigo (1930), há dezenove contos populares coletados em sua viagem de campo. Neles, é possível observar a maior conexão com os contos que ela ouvira desde pequena em Eatonville e, quando adulta, no Sul dos Estados Unidos. Tais contos criam outras narrativas bíblicas e as peripécias do diabo, como o *Adam and Eve*: Eva teve uma relação com o diabo no pé da macieira. Eva mente para Adão, dizendo que havia apenas deitado e conversado sob o pé da árvore com o diabo, mas quando Caim nasce, Adão percebe que ele era igual ao diabo. Abel era filho de Adão e os irmãos não se gostavam por não serem do mesmo pai. Após Caim matar Abel, ele se casa com um gorila e todos seus descendentes possuem esse sangue, inclusive Matusalém. “Conforme o tempo passa, aquele velho sangue animal se esgota e deixa o sangue humano. É por isso que dizem que estamos ficando mais fracos e sábios” (HURSTON, 1930, p. 301, tradução minha).

Ou trazem questões de gênero, como *How Man Got His Moustache*. Esse conto é curto e vale a pena lê-lo na íntegra:

O homem costumava ter pelos no rosto, mas não bigode. Naquela época, as mulheres tinham pelos ao redor do ânus, como os homens. Mas um dia a Mulher disse ao Homem: “você não tem pelos nos lábios e acho que ficaria melhor com alguns no lábio superior. Agora, tenho alguns pelos que estão muito para trás para me fazer bem, então vou dar a você”. Então a mulher se rouba e dá isso de presente ao homem. Não era conveniente para ela, então ela os colou na boca dele e ainda está lá (HURSTON, 1930, p. 303, tradução minha).

E o conto *Why Women talk so much* que narra a decisão de deus após reclamações de Adão: quando deus criou Eva, ele a fez muda e Adão não gostou. Para fazer com que Adão parasse de reclamar, deus corta o rabo de um coelho e o transforma em língua para Eva. Eva passa a mover constantemente sua língua para tentar tirar e não se engasgar com os pelos do bicho, por isso mulheres falam demais.

E, também, as narrativas envolvendo animais: no conto *Why All Animals Look Down* explica que, antes, todos os animais andavam com a coluna ereta, olhando para frente, todavia, após a cobra seduzir Eva, deus puniu todos os animais fazendo com que eles não conseguissem ficar de pé igual aos humanos para que soubessem que eles não são humanos. Já no *The Snake and the Gum Mallmie Tree*, uma cobra dormia em um pé de eucalipto até que ela cai e começa a culpar a árvore, dizendo que ela havia sido empurrada. A árvore tenta explicar, mas a cobra não ouve.

Então, com muita raiva, ela dá uma bronca na cobra e, agora, nenhuma cobra sobe na *Gum Mallmie*.

Os contos foram coletados em sua viagem para Bahamas e se utilizam de brincadeiras e piadas para narrar alguns tópicos que são lidos de maneira séria e direta, principalmente no que tange os contos bíblicos.

Entre todos, o que me chama atenção é em relação ao ato sexual de Eva com o diabo e, mais tarde, ao de Caim com um gorila. Como sabemos, tal narrativa ajudou a criar um imaginário que associa o tom de pele de africanos e seus descendentes com o primeiro pecado, como se a cor escura da epiderme fosse uma punição. No primeiro conto apresentado aqui, a situação é mais complexa: primeiro, todos os seres humanos descendem de Caim e daquele gorila. Nele não se conecta de forma racista as fisionomias, ou seja, não há nenhuma citação ou tentativa de conectar feições e fenótipos – algo que ocorre até hoje -: do gorila se ganha apenas a força. Ao mesmo tempo, é possível perceber uma certa linearidade: quanto mais longe os genes do gorila ficam, mais sábios ficam os seres humanos. No período da coleta desses contos, como apresentado anteriormente, as teorias eugenistas e evolutivas estavam no ápice e, em sua maioria, se acreditava nessa evolução do mundo da natureza para o mundo da “civilização”. Nesse sentido, esses contos ajudam, de forma caricata, irônica e engraçada, a recontar temas que estavam postos na ordem do dia. Esse processo presente de recontar é feito, sobretudo, por pessoas comuns que Hurston encontrara em suas viagens.

No ano de 1931, a *mecca negra* já não era gloriosa e vívida. O Harlem continuava a atrair pessoas de outros locais, tornando-se uma das áreas mais populosas do país. Todavia, as oportunidades eram limitadas: o desemprego no bairro era cinco vezes maior do que no resto dos Estados Unidos e a renda familiar média do Harlem despencou 43,6% durante os três primeiros anos da Depressão (BOYD, 2003).

Claro que o movimento artístico-cultural mais importante do país também sofreria fazendo com que seus cérebros (e corações) optassem por outras rotas. Aqui alguns exemplos apontados por Boyd (2003): Charles S. Johnson sai da revista *Opportunity* para se tornar professor na *Fisk University*; Jessie Fauset, editora literária da *The Crisis*, se casa e muda-se de cidade para ser professor de ensino médio; Alan Locke focara suas atividades na *Howard University*; Hughes angaria uma bolsa da *Harmon Foundation* e vai à Cuba.

Para Hughes (2022),

Aquela primavera para mim (e, eu acho, para todos nós) foi o fim do Harlem Renaissance. Não estávamos mais em voga, de qualquer forma, nós, negros. Nova-iorquinos sofisticados se voltaram para Noel Coward. Atores negros começaram a passar fome, editores educadamente rejeitaram novos manuscritos e patronos encontraram outros usos para seu dinheiro (HUGHES, 2022, p. 310, tradução minha).

Hurston exemplifica a situação com o mercado editorial: o manuscrito de *Barracoon* é recusado pela editora *Boni and Viking*. Além disso, o editor-chefe da *Knopf*, Harry Block, que conhecera Hurston em uma festa promovida por Van Vechten, acreditava que seus manuscritos não resultariam em bons livros (BOYD, 2003).

Todavia, a rejeição de sua obra não é tangenciada apenas pela Depressão. Conforme defendido por Messias Basques na *Introdução à edição brasileira* do livro *Olualê Kossola* (2021), a obra não recorre ao dualismo pendular entre vilões e vítimas. O trabalho de Hurston complexifica narrativas sobre a escravização e tráfico, nos convidando a refletir o papel que diferentes grupos exerceram durante o período. Soma-se a proposta de respeitar a forma que Olualê se expressa e seu uso das palavras. Não há necessidade de “corrigir” o inglês pois o idioma é vernacular e vivo.

Esse livro rico em detalhes, experiências, dores e esperanças permaneceu inédito por quase noventa anos, se tornando “(...) leitura obrigatória bibliográfica de cursos de etnografia e métodos de pesquisa em departamentos de antropologia de instituições como a Universidade de Harvard e na Universidade de Brasília” (BASQUES JR, 2021, p. 48). Interessante pensar que a publicação nos Estados Unidos e sua tradução no Brasil ocorrem com quatro anos de diferença, 2018 e 2021, respectivamente. Este contexto é marcado pelo protagonismo do movimento global *Black Lives Matter*, a luta de estudantes e professores para a democratização das leituras nas disciplinas acadêmicas e, por fim, a ampliação do escopo de publicação de livros escritos por intelectuais negra(o)s e com a temática étnico-racial.

Hurston aceita que não conseguiria ter um livro nas prateleiras tão cedo (BOYD, 2003), pelo menos é nisso que ela acredita. E, muito importante, percebe que o “salário” de Mason se findava. Ainda em 1931, Zora escreve diversos esquetes teatrais para a revista *Fast and Furious*.

Daí ela consegue os direitos autorais de algumas delas, como: *Poker, Lawing and Jawing, Woofing e Forty Yards*. Como admitido para Mason (BOYD, 2003), ela acreditava que essas publicações a tornariam conhecida do grande público (negro), não apenas em grupos acadêmicos ou literários.

Infelizmente, quando lançada, a peça foi duramente criticada. Um dos únicos elogios refere-se a uma das enquetes que Hurston escrevera sobre um prisioneiro negro sentenciado a nove anos em um canteiro de melancias com uma mordaca, considerado um “entretenimento genuíno” (BOYD, 2003). De qualquer maneira, ela esperava receber US\$ 525 em *royalties* e recebera apenas US\$ 75.

No mesmo ano ela publica *Hoodoo in America* no periódico *The Journal of American Folk-Lore*. O artigo de cem páginas, contém uma breve explicação contextual do termo *hoodoo* e outros associados a ele como *conjuración e raízes*, sendo eles conectados ao *juju*, um sistema espiritual de crenças baseados em incorporações, amuletos e feitiços praticados em países da África Ocidental como Benin, Angola, Nigéria, Togo e Congo (DICKSON, 2020). Apesar dessas práticas serem encontradas em toda América – para Hurston, o país, e, aqui, o continente -, seu foco resulta de suas viagens de campo em Nova Orleans, Flórida, Louisiana, Alabama e Bahamas. Como dito no capítulo anterior, em cada lugar, ela teve a possibilidade de entrevistar, se “converter/batizar” e efetuar trabalhos religiosos e espirituais.

O que me chama atenção é como ela consegue provar que essas práticas estão presentes, mas escondidas, em sociedades nas quais o cristianismo é hegemônico e cada tópico (local) é referido por uma vertente religiosa dominante: Nova Orleans/Católica; Nova Orleans/Protestante; Louisiana/sem afiliação religiosa; Flórida/protestante; e Alabama/protestante. Isso, mais uma vez, evidencia que as práticas religiosas de matriz africana estavam, e ainda estão, pulverizadas na sociedade estadunidense, mas não só, e são vividas mesmo na ou sob a égide da religião cristã.

Além da explicação introdutório sobre o *hoodoo* e os contextos locais, há contos, feitiços e receitas medicinais e de cura ensinadas pelos doutores a ela.

Tanto *Hoodoo in America* quanto *Dance Songs and Tales From the Bahamas* evidenciam seu reconhecimento e importância na área da Antropologia. Todavia, Hurston sentia que o rico material que tinha em mãos não deveria ser limitado às publicações acadêmicas. Segundo Boyd (2003), “(...) esse material (...) pertencia ao palco, onde poderia ser exposto a um público mais

amplo e apresentado no contexto da vida negra popular.” (BOYD, 2003, p. 226-227, tradução minha). A partir de minhas leituras sobre Hurston e sua proposta intelectual e artística, defendo que o teatro, o drama e a performance são tidos como uma das melhores maneiras de comunicar os significados e representações que os folclores, contos e músicas carregam. Os limites da escrita não permitem que a audiência capte as complexidades, negociações, interpretações e modos de ser e estar no mundo específicos das comunidades negras.

Para isso, Hurston junta dezesseis dançarinos de Bahamas e pede auxílio musical de Hall Johnson – um dos mais importantes compositores e arranjadores dos Estados Unidos. A parceria não dera certo, pois os imigrantes bahamianos ficavam muito tempo ociosos. Além disso, ouviam comentários depreciativos vindos dos membros negros do coral de Johnson (BOYD, 2003). Assim, ela passa a realizar seus ensaios em casa e com a participação de outros cantores. Ela consegue fundos de Mason, mesmo com críticas de Locke a priori. E estreia a peça *The Great Day* em 10 de janeiro de 1932, no *John Golden Theatre*, cidade de Nova York.

A peça apresentou arranjos musicais de Porter Grainger, importante compositor, pianista e dramaturgo, e foi estreada por Leigh Whipper, conhecido por ter atuado na peça *In Abraham's Bosom*, apresentada na premiação *Pulitzer* de 1926. Todavia, a divulgação de *The Great Day* tentou distinguir esta dos sucessos da Broadway. A proposta da peça era mostrar para o grande público a riqueza cultural e artística por muito tempo escondida ou ignorada das comunidades negras rurais. Segundo a sinopse da peça (1932),

É uma amostra rara dos materiais puros e sem verniz dos quais a tradição do palco e do concerto foi derivada; e deve mostrar o quanto mais únicas, poderosas e envolventes as coisas folclóricas negras genuínas realmente são. Que esse legado não tenha sido irrevogavelmente perdido ou completamente sobreposto é uma boa notícia da mais alta espiritual e prática para todos que desejam conhecer e entender os verdadeiros elementos do coração e da alma do negro (LOCKE, 1932, s/p, tradução minha).

Nota-se uma tentativa clara de se afastar das classificações e representações negras mais visíveis na cidade de Nova York – tanto trazidas no *Harlem* quanto peças menestréis e racistas -, apresentando aspectos contraditórios, engraçados, tensos e complexos. Em outras palavras, Hurston provoca o público a não buscar respostas simples e a utilizar um caleidoscópio para que

se consiga, justamente, observar a riqueza cultural salvaguardada pelas pessoas comuns e que são fundamentos da dramatização e performance teatral encontrada nesses locais que as negam.

Na primeira parte, *The Great Day* retrata um dia na vida em um campo de trabalho na Flórida. Nela são dramatizadas as canções de trabalho cantadas nas construções de ferrovias. No fim do dia, os trabalhadores retornam para seus alojamentos onde seus filhos brincam jogos tradicionais presentes no estado da Flórida. Há também um sermão revigorante realizado para as famílias. A segunda parte se inicia em um *jook*, onde homens e mulheres se deliciam com jogos, *blues* e praticam o *fire dance*. Os trabalhos de campo, entrevistas e anotações realizadas por Hurston serviram de base para a peça.

Figura 23 - Apresentação da peça teatral *The Great Day* em 1923



Legenda: Apresentação da peça *Great Day*, no qual é possível observar Hurston em palco à direita

Fonte: arquivo pessoal coletado na SASC

A imagem acima (Figura 23) retrata uma cena da peça produzida por Zora Neale Hurston, presente na extremidade direita da fotografia. A performance, rica em elementos culturais e visuais, parece capturar um momento de intensa atividade e expressão. A fotografia sugere que a

cena capturada possa pertencer a essa segunda seção mais performática e ritualística associada ao *blues, jook e fire dance*, dada a vestimenta e a movimentação dos participantes. A peça demonstra a importância da performance teatral como um veículo para transcender as limitações da escrita. Por meio da dramatização, *The Great Day* não apenas evidenciou as complexidades e vicissitudes da vida cotidiana das pessoas negras, mas também celebrou sua riqueza cultural de uma maneira vívida e imersiva, dando voz e corpo a narrativas que, de outra forma, poderiam permanecer abstratas no papel. Essa fotografia me fez conectar os elementos estéticos, sobretudo representados nas vestimentas repletas de fitas de alguns dos atores, com uma das práticas que mais amo, o maracatu, especificamente o Maracatu Rural<sup>36</sup>, acredito que as fitas podem ter dado um toque de ludicidade, magia e encanto que são tão comuns nas práticas culturais de matriz africana.

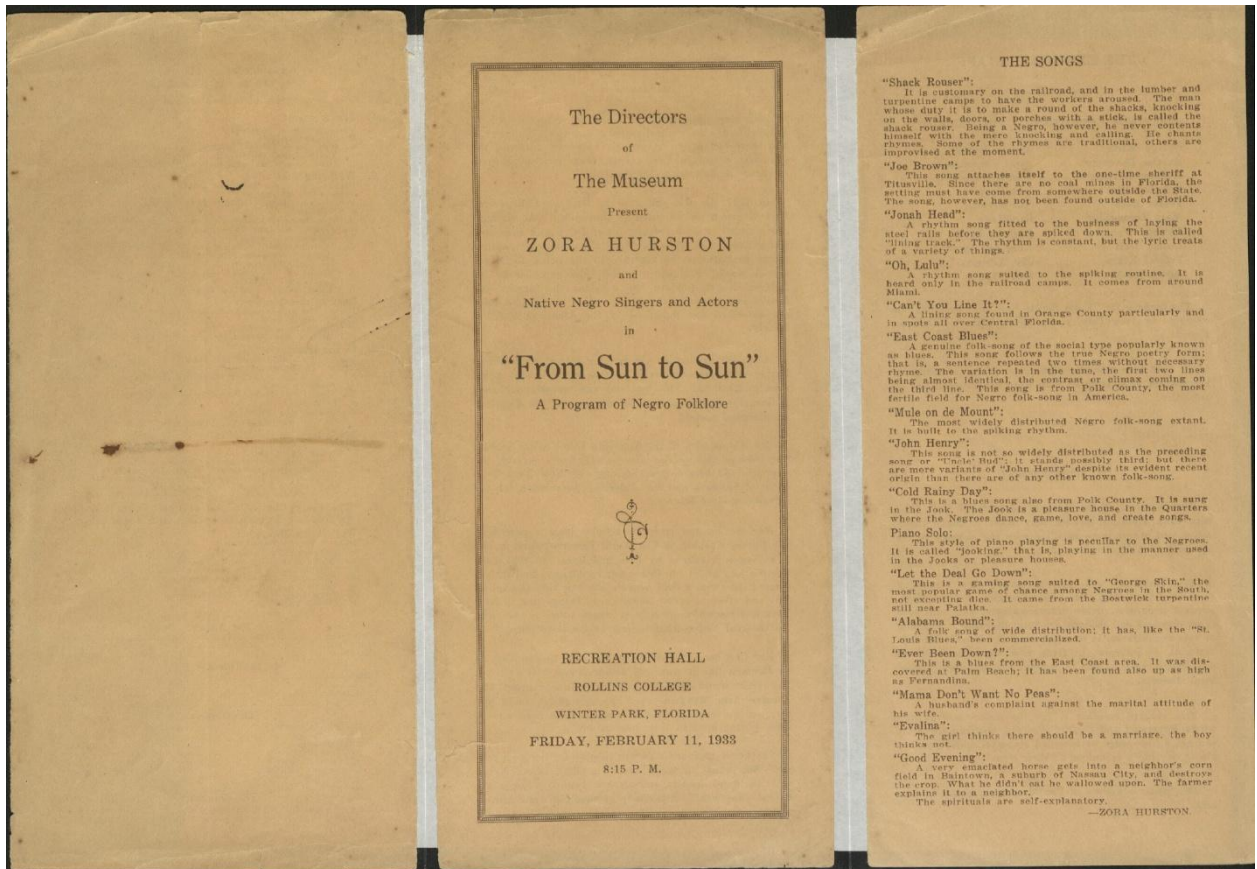
Apesar da peça ser um sucesso (BOYD, 2003), Hurston termina devendo pelas performances. O dinheiro arrecadado na bilheteria não paga o empréstimo de Mason para a produção, com quem ela negociou sobre quais materiais poderiam ser ou não utilizados pois Mason detinha os direitos sobre eles. As conjurações, por exemplo, foram proibidas de serem apresentadas.

Para conseguir driblar alguns dos impeditivos, Hurston muda o nome da peça para *From Sun to the Sun* (Figura 24), retratando uma tarde na vida dos trabalhadores negros do sul. As performances foram realizadas entre 1932 e 1933 em teatros como a *New School for Social Research*, na *Folk Dance Society*, no *Vanderbilt Hotel*, todos em Nova York. Após as apresentações, Hurston retorna para a Flórida. Nesse momento ela corta as relações trabalhistas com Charlotte Osgood Mason que tanto a ajudou financeiramente ao mesmo tempo que tentou controlá-la de todos os modos. Com o retorno, ela consegue realizar algumas apresentações no *Rollins College*, em Winter Park, cidade vizinha a Eatonville, e no *Hungerford School* em 1933. Na Flórida, as performances retornam para aqueles que serviram de inspiração para a peça.

---

<sup>36</sup> Ambos os Maracatus, Nação e Rural, são expressões culturais vibrantes de Pernambuco, enraizadas na herança afro-brasileira, mas divergindo em suas origens e formas. O Maracatu Nação, ou de Baque Virado, remonta aos cortejos reais africanos, com forte ligação religiosa e uma sonoridade imponente das alfaias, onde reis, rainhas e a sagrada Calunga desfilam em vestes luxuosas. Em contraste, o Maracatu Rural, ou de Baque Solto, emergiu das zonas canavieiras, misturando influências africanas, indígenas e europeias, caracterizado por seu ritmo acelerado e pela figura icônica do Caboclo de Lança, cuja indumentária exuberante e o manuseio da lança são o centro da festa, acompanhado por uma orquestra de sopros. Em 2014, o Maracatu foi registrado como Patrimônio Imaterial do Brasil pelo IPHAN.

Figura 24 - From Sun to the Sun (folheto)



Legenda: Panfleto da peça *From Sun to the Sun* realizada no Rollins College em 1933

Fonte: Arquivo pessoal coletado na SASC

Hurston volta à Eatonville em busca de “(...) uma atmosfera quieta e uma existência econômica” (BOYD, 2003, p. 236, tradução minha), sabendo que ela ainda precisava produzir seus livros acertados com Mason. Ao mesmo tempo, essa mudança lhe serve como oportunidade para conseguir um emprego no *Rollins College*. Hurston conhecera Edwin Osgood Grover, professor de artes criativas na instituição, no mesmo período e sugere que a peça seja apresentada no colégio. A gestão escolar gosta da ideia e, para a realização da peça, Hurston convida amigos e conhecidos de Eatonville para fazerem parte do corpo dramático, incluindo seu tio, Reverendo Isaiah Hurston, que dramatiza o sermão.

Com o sucesso da peça entre estudantes e professores, ela é convidada para dar palestras no *Rollins*. Apesar de ampliar seu reconhecimento, agora na área teatral e da dramatização, o dinheiro não entrava: ela conseguira fazer algumas dezenas de dólares em clubes de mulheres no estado, mas isso não pagava suas contas básicas (BOYD, 2003). Ao mesmo tempo, ainda havia espaço para sonhar: criar um teatro negro autêntico na instituição. Infelizmente, *Rollins College* não cumpre os anseios de Hurston.

Mesmo assim a sorte vem: Hurston escreve o conto *The Gilded Six-Bits* (2013) e um dos diretores do colégio o envia para os editores da revista *Story*. Havia sete anos desde que seu último conto, *Sweat* (1926), fora publicado. E, aqui também, a narrativa é sobre uma mulher obstinada em uma relação que envolve amor, infidelidade e redenção. Assim, como o casal de *Sweat*, Missy Mae e Joe Banks vivem em Eatonville. Missy é uma pessoa artística e sua casa reflete isso: decoração com garrafas e flores servem para *adornar*. O casal vive bem, mas Missy tem um caso extraconjugal com Slemmons, dono de uma recém-aberta sorveteria. Missy se sente atraída pelo comerciante devido ao ouro que ele ostenta que, ao prometer um relógio para ela, consegue transar com Missy. Quando Joe os encontra, ele quebra o relógio e o guarda em seu bolso, como forma de sempre recordar da infidelidade.

Após três meses, o casal se reaproxima, Missy engravida e Joe a perdoa. Uma cena breve me chama atenção: ao ir à quitanda da cidade, propriedade de um homem branco, Joe está feliz e compra uns doces para Missy. Ao sair, o dono comenta: “Gostaria de ser como esses negrinhos. Rindo o tempo todo. Nada os preocupa” (HURSTON, 2013, s/d, tradução minha). Esse excerto nos dá uma ideia que Hurston estava desenvolvendo: o comerciante era completa e propositalmente cego à complexidade das vidas negras.

Missy vive sua vida sexual sem tabus e não se encaixa aos estereótipos de mulheres negras: a mãe, a mulata trágica ou a promíscua (BOYD, 2003). Ela é sexualmente complexa e cometeu um erro. Hurston não a condena. A felicidade e o amor ainda tangenciam o conto, apesar das dores causadas pela traição.

Logo após a distribuição da edição da revista, Hurston recebe quatro cartas de editoras lhe questionando sobre manuscritos de ficção e romance que ela consideraria publicar. A carta gentil de Bertram Lippincott, da *J.B. Lippincott Co.*, é a que mais lhe chama atenção. Ela mente afirmando que já tinha um manuscrito (HURSTON, 2010). Na semana seguinte, ela muda-se para

Sanford para escrever *Jonah's Gourd Vine*. A ideia do livro, já apresentado em capítulo anterior, já tinha feito morada em sua mente na década anterior, quando esse sonho parecia distante:

Enquanto eu estava no campo de pesquisa em 1929, a ideia de *Jonah's Gourd Vine* veio a mim. Eu tinha escrito alguns contos, mas a ideia de tentar um livro parecia tão grande, que eu olhava para ele no silêncio da noite, mas o escondia até de mim mesmo durante o dia. Por um lado, parecia desafinado. O que eu queria contar era uma história sobre um homem, e pelo que eu tinha lido e ouvido, os negros deveriam escrever sobre o Problema Racial. Eu estava e estou completamente farta do assunto. Meu interesse está no que faz um homem ou uma mulher fazer isso e aquilo, independentemente de sua cor. Pareceu-me que os seres humanos que conheci reagiam praticamente da mesma forma aos mesmos estímulos. Idiomas diferentes, sim. Circunstâncias e condições com poder de influência, sim. Diferença inerente, não. Mas eu disse a mim mesmo que não era isso que se esperava de mim, então eu estava com medo de contar uma história do jeito que eu queria, ou melhor, do jeito que a história se contava para mim (HURSTON, 2010, p. 150, tradução minha).

A história também tange as temáticas sobre amor, infidelidade focados em suas experiências como observante do relacionamento de seus pais. A redenção é mais pessoal: uma forma de lidar com uma história dolorosa que mudou os rumos de sua vida. O manuscrito foi finalizado em outubro de 1933 e o livro publicado em 1934. Como adiantamento, Hurston recebera US\$ 200, um valor bem abaixo dos US\$ 5000 pagos à amiga Fannie Hurst pelo seu primeiro manuscrito (BOYD, 2003).

Ainda assim, em carta para Edwin O. Grover, Lippincott afirma “Eu nunca li nada parecido com JONAH’S GOURD VINE. Há um estilo e ritmo que um escritor branco simplesmente não consegue fazer e não vejo como isso pode deixar de causar uma grande impressão” (LIPPINCOTT, 1934, s/p, tradução minha).

O livro fora bem elogiado, conforme é possível observar nas recomendações e resenhas lançadas sobre ele em diferentes jornais do período: no *Herald-Tribune* (1934), Pinckney afirma que

Ela escreve sobre o seu povo com honestidade, com simpatia, sem desculpas. O homem branco é pouco retratado e, quando aparece, é sem amargura. Este é um romance sobre negros, e ela não se deixa desviar por controvérsias de sua preocupação com seus personagens como matéria-prima da arte (PINCKEY, 1934, s/p, tradução minha).

Já no *New York Times* (1934), Chamberlain reflete que as descrições dos sermões realizados por John é poesia antropológica e que as fantasias e humor estão cadenciados pelos ritmos bíblicos.

Além de *Jonah's Gourd Vine*, em 1934 Hurston escreve dois ensaios que considero os mais importantes para se entender sua proposta analítica e conceitual, além de evidenciar seu amadurecimento epistemológico, centralizando-a no *rol* dos campos disciplinares que atua (de maneira tão decisiva).

O primeiro, *The Characteristics of Negro Expression* (Quadro 1), é publicado no livro *The Negro: An Anthology*, editado por Nancy Cunard. O ensaio é uma tipologia sobre as expressões culturais artísticas negras separadas em: drama, vontade de adornar, angularidade, assimetria, dança, folclore, heróis culturais, originalidade, imitação, ausência do conceito de privacidade, *jook* e dialeto. Esses tipos se mesclam e, como sugerido por Du Gay et al (1993) ao nos apresentar o *circuito da cultura*, tais separações são sugeridas para fins de análise pois, no cotidiano, estão todos em articulação. Dito isso, o quadro resume os principais pontos de cada um deles.

Quadro 1 - Tipologia sobre as expressões culturais negras

<b>Tipos (Expressão Negra)</b>	<b>Características</b>
<b>Drama</b>	Palavras em ação; ato descrito em termos de outros; permeia todo o ser; população negra adiciona ação às palavras de seu vocabulário; interpretação da língua através de imagens.
<b>Vontade de adornar</b>	Não segue convenções, mas serve para satisfazer a alma; contribuições para a língua inglesa: 1) uso de metáforas e similaridades, 2) uso de descrições duplas, 3) uso de substantivos verbais; indica o desejo pela beleza através da autonomia.
<b>Angularidade</b>	Tudo que o negro toca se tornar angular: observável nas esculturas, doutrinas e danças africanas.
<b>Assimetria</b>	Característica definitiva da arte negra. Exemplo: esculturas e entalhes cheias de beleza assimétrica. Também presente na literatura (prosa e poesia). A música é paradoxal: há presença de ritmo e falta de simetria.
<b>Dança</b>	Sugestão dinâmica e insinuante que permite o espectador acompanhar e criar narrativas outras. Em outros termos, a audiência participa da performance porque as representações nas danças negras deslizam e escapam, abrindo espaço para interpretações.

<b>Folclore</b>	“O folclore negro não é algo do passado. Ainda está em formação” (HURSTON, 1934, p. 84). Sua variedade demonstra a adaptabilidade das pessoas negras: nada é novo ou velho demais, nacional ou estrangeiro demais, alto ou baixo demais para seu uso. Os personagens representam pessoas comuns, situações e a natureza como coisas em comunicação e disputa constante.
<b>Heróis Culturais</b>	Os heróis não são divindades de reflexão interna e sutil, são ativos e com desejos. Exemplos: diabo (o principal, afável e cheio de humor), Jack (mais esperto que todos, incluindo deus e diabo), Pedro (apóstolo mais ativo), além de bichos.
<b>Originalidade</b>	Modificação de ideias, pois não é possível encontrar a origem. Na sociedade eurocêntrica, os negros reinterpretaram tudo a seu próprio uso: modificação na linguagem, na preparação de alimentos, na prática da medicina e religiosidade, entre outros. Abertura para trocas infinitas entre diferentes grupos.
<b>Imitação</b>	Negros amam imitação porque é uma arte em si. Imitam pessoas, situações, animais e até objetos. Imitação faz com que eles interpretem a realidade artisticamente. Em contrapartida, o autodesprezo faz com que negros tentem imitar a classe média branca.
<b>Ausência do conceito de privacidade</b>	Pessoas negras voltadas para a comunidade: amor, amizade, brigas e combates são performados abertamente. Mulheres negras participam da esfera pública em “pé de igualdade” porque trabalham tanto quanto os homens.
<b>Jook</b>	Combinação de bordel, salão de jogos, música e dança. Foi no <i>jook</i> que nasce o <i>blues</i> . As músicas, danças e teatro fazem parte da experiência no <i>jook</i> . Assim, as pessoas comuns vivem as artes de maneira cotidiana e ordinária.
<b>Dialeto</b>	Palavras arrastadas, acentuações diferentes, uso de conectivos que “não fazem sentido” transformaram o <i>black english</i> em algo peculiar e rico.

Legenda: Quadro sobre os tipos da expressão cultural negra produzida a partir de ensaio de Zora Neale Hurston

Fonte: *The Characters of Negro Expression* (1970)

A importância analítica deste ensaio refere-se à destruição de estereótipos predominantes relacionados à cultura negra, mostrando que ela é complexa, diversa e criativa. As expressões negras são formas distintas e valiosas de arte e comunicação. Além disso, ela evidencia características específicas da estética negra que são expressões de uma visão de mundo única que relaciona corpo, brincadeira, música e narrativa. Por fim, ela analisa como a cultura negra mantém

vínculos com as culturas africanas ao mesmo tempo que se adapta e se reinventa no contexto estadunidense.

Em relação à sua importância conceitual, nota-se a centralidade da autodefinição cultural, ou seja, a cultura negra deve ser definida em seus próprios termos e não através de lentes racializantes. Hurston defende a autonomia cultural e valorização de tais expressões. Além disso, embora a autora evidencie as singularidades culturais, ela também nos mostra que a estética e formas de expressão negras influenciaram e enriqueceram a cultura estadunidense como um todo, demonstrando o protagonismo da população negra, por um lado, e as interconexões culturais, por outro.

Já o ensaio *You Don't Know US Negroes* faz parte da coleção homônima editada por Genevieve West e Henry L. Gates Jr., lançada em 2021. Inicialmente, ele deveria ter sido publicado na *American Mercury* em 1934, mas não se sabe os impedimentos que o fizeram permanecer inédito por quase noventa anos. Logo no início, Hurston defende que a década de 1920 foi a era da margarina da escrita negra, isso porque a margarina é amarela, gordurosa, tem tudo que se assemelha a manteiga, exceto pela manteiga em si. Parte dos escritos desta década pareciam segurar um espelho que refletia o que era negro, exceto pela negritude<sup>37</sup> (HURSTON, 2021). Mesmo assim, muitas pessoas irão preferir a margarina. E, no caso dos negros, ela afirma: “mostre a algumas pessoas um pouco de negritude e elas empinaram e darão coices como uma mula” (HURSTON, 2021, p. 106, tradução minha).

Hurston afirma que os séculos de submissão e os conflitos entre o que as pessoas negras queriam fazer e o que elas eram obrigadas não destruíram suas almas, como se almejava. Na verdade, intensificou suas vidas subjetivas e espirituais. Todavia, a sociedade de modo geral, e algumas pessoas negras, enxergam toda uma comunidade conforme essa visão superficial e equivocada. Criou-se regras, regulamentos e convenções – ou sistemas classificatórios de regulação (DU GAY et al., 1997) – que, quando se tenta escapar, os editores não acreditam ser reais. Os enquadramentos também são fenotípicos: negros com olhos arregalados de medo, raiva,

---

<sup>37</sup> Hurston utiliza o termo *negroneess*. Apesar de traduzi-lo para “negritude” não me refiro ao movimento estético e político que leva este nome. Aqui ele é refere-se à identidade negra e seus aspectos culturais, históricos e sociais de maneira geral e não a um contexto específico.

insegurança ou alegria. As casas editoriais buscam materiais que evidenciam isso, como se fosse uma verdade universal. Quando se tenta fugir desses sistemas classificatórios, ocorre a rejeição.

Por causa da aceitação desse sistema editorial que massacra as diferenças e diversidades, a autora defende que a maioria dos brancos que assistem shows não conhecem as vidas e pessoas negras. Os menestréis e *black face* são o suficiente para esse público (HURSTON, 2021). Em contrapartida, essas atitudes por parte das editoras e produções afetam de maneira profunda os trabalhos de escritora(e)s negra(o)s. Em síntese:

Essa literatura quase negra é consequência da generalização apressada de que nós, negros, somos óbvios e simples porque, à primeira vista, parecemos assim (...). Eles acham que se uma pessoa abre a boca para rir, o espectador casual pode olhar para a garganta do riso e ver todas as emoções profundas, incluindo o fígado. Depois desse olhar, é claro, o observador sabe tudo e conta mais (HURSTON, 2021, p. 108, tradução minha)

No entanto, essa representação limitada não significa a ausência de autonomia e agência entre as pessoas negras comuns. Há, na verdade, uma decisão consciente de não revelar tudo, empregando sistemas de criação de mundos – ou seja, os significados culturais compartilhados que estruturam a vida ordinária – como uma estratégia de proteção e manutenção de suas existências frente a percepções hierarquizantes.

Se diz o que se quer ouvir e se mostra muito menos. Pessoas negras respondem perguntas, riem, são educadas, mas de maneira superficial, como se fosse uma brincadeira com aqueles que as querem definir (e acham que conseguirão): “*Veja, nós conhecemos o homem branco o suficiente para saber que nada lhe agrada mais do que descobrir o que ele sempre pensou ser a verdade. Então é isso que torna as respostas fáceis*” (HURSTON, 2021, p. 109, tradução minha).

De qualquer maneira, se escritores brancos gostavam de escrever sobre negros rindo de maneira aleatória e caricata, Hurston defende que alguns escritores negros focam no “(...) lamento prolongado sobre a tragédia de ser negro” (HURSTON, 2021, p. 112, tradução minha), o que também é uma imagem insincera. Outra mentira seria a tentativa de mestiços (*mixed bloods*) de se passarem por brancos. Segundo Hurston, a maioria vive suas vidas, despreocupados em serem lidos ou agirem como negros porque eles o são e não têm vergonha disso.

A escrita do texto é uma tentativa de profetizar que aqueles seriam os últimos dias de escritores ignorantes aos assuntos negros pois a realidade da população negra é muito mais interessante, imaginativa e divertida do que grande parte da literatura da época se propunha a fazer.

O ensaio rompe com visões monolíticas das pessoas negras baseadas em estereótipos insustentáveis. Ao mesmo tempo, Hurston celebra a capacidade estratégica e criativa das comunidades negras de criar cultura e arte apesar da adversidade. Após uma década na qual o *negro* estava em voga, Hurston evidencia que pouco se sabe sobre a realidade da população negra devido aos sistemas classificatórios ainda vigentes e difíceis de se sobrepor em razão das representações fáceis que o mercado editorial e parte do público entendem como corretas e verdadeiras.

No mesmo período em que inicia sua escrita de *Johna's...*, Hurston se inscreve para angariar uma bolsa na *John Simon Guggenheim Foundation*. A instituição, uma das maiores no país, começa a oferecer “(...) bolsas de estudo a indivíduos (...) em qualquer área do conhecimento e criação em qualquer forma de arte, nas condições mais livre possíveis” (GUGGENHEIMFOUDATION, s/d, s/p, tradução minha) em 1925.

Em 1934, Hurston sentia-se uma artista e acadêmica madura para angariar o financiamento para uma residência na Nigéria e atual Gana com o objetivo de explorar as raízes africanas do *hoodoo* e outras práticas culturais negras estadunidenses (BOYD, 2003). Como a maioria das instituições que ofertam bolsas de estudos e pesquisas, era necessário cartas de recomendação e, para isso, Hurston escolhe Carl Van Vechten, Ruth Benedict, Franz Boas, Fannie Hurst e Max Eastman. Sua lista de recomendação ser branca é compreensível pois intelectuais negros cânones como W.E.B. Du Bois, James Weldon Johnson, Alain Locke eram considerados intelectuais marginais no período – e, apesar de mudanças significativas relacionadas ao que é ou não considerado cânone, ainda hoje o são. Entretanto, “Hurston certamente teria obtido recomendações melhores desses homens (mesmo aqueles com quem ela teve desentendimentos) do que recebeu das referências que listou” (BOYD, 2003, p. 251, tradução minha). As cartas, no período eram confidenciais, mas a biografa Valerie Boyd conseguiu acessá-las durante sua pesquisa para o livro *Wrapped in Rainbows: The Life of Zora Neale Hurston*. Van Vechten disse apenas coisas positivas em duas frases:

Entre os negros acho que não conheço ninguém tão bem-preparado para trabalhar com material folclórico quanto Zora Neale Hurston. Ela já demonstrou sua habilidade nessa direção por uma massa de material coletado do qual ela selecionou o suficiente para compor vários programas de palco (BOYD, 2003, p. 251, tradução minha).

Hurst elabora vários elogios estranhos: “ela é uma trabalhadora errática”, “uma jovem talentosa e peculiarmente capaz” e “ela é um exemplo bastante curioso de uma mente negra sofisticada que manteve muitas características do tipo humilde e fora de moda” (ibdem) são frases utilizadas em sua carta.

Benedict e Boas foram mais claros, a primeira afirmar que “ela [Hurston] não tem nem o temperamento nem o treinamento para apresentar esse material de forma ordenada” (BOYD, 2003, p. 252, tradução minha); já seu orientador argumenta que “não tenho a impressão de que ela tenha o calibre certo para uma bolsa Guggenheim” (ibdem).

Como afirma o professor Messias Basques em entrevista realizada por mim em 2021, eles ofereceram a Hurston cartas de *desrecomendação*. Acredito que essas pessoas, muito queridas por Hurston, a viam como uma pessoa qualificada na disputa pelas representações culturais, epistemológicas, conceituais, sociais, literárias e antropológicas, ou seja, no campo no qual eles estavam inseridos. Talvez, por isso, o boicote tenha sido estratégico. Ainda assim, acredito que eles poderiam ter se negado a fazer as cartas e dado uma chance melhor para a aplicação de Hurston. É provável que esse seja um dos principais motivos para ela não ter conseguido a bolsa.

De qualquer maneira, ela angaria uma bolsa da *Julius Rosenwald Fund* que ficaram impressionados com suas peças teatrais (BOYD, 2003). Sua bolsa lhe garantiu uma vaga na *Columbia University* para um doutorado em Antropologia. O montante final da bolsa era de US\$ 3.000 por dois anos que cobria taxas da universidade, moradia, alimentação e viagens de campo. Hurston e Boas decidem que ela deveria fazer disciplinas relacionadas à etnografia por três semestres e, depois, embarcar rumo ao Haiti para realizar seus trabalhos de campo. Mesmo com a aprovação de seu plano de estudos por Boas, um ponto que deveria ser atendido para angariar a bolsa, *Rosenwald* corta o financiamento previamente acordado por não acharem que ela precisava de um termo longo. A bolsa fora cortada de forma arbitrária para US\$ 700, limitando-se a um período de sete meses (BOYD, 2003).

Hurston fica mortificada com essa mudança abrupta e pede ajuda de Boas que escreve uma carta em 20 de março de 1935 afirmando que se sente envergonhado pela situação, pedindo maiores informações sobre o que, de fato, a instituição deseja e finaliza afirmando: “(...) espero que me diga que garantia deseja da minha parte para levar adiante seu compromisso com ela” (BOAS, 1935, s/p, tradução minha). No dia 06 do mesmo mês Boas recebe a resposta, os representantes do instituto ficavam angustiados com a suposta “(...) falta de tendência à erudição séria e discreta” (EMBREE, 1935, s/p, tradução minha) de Hurston. O problema não era a quantidade de meses necessários para realizar as disciplinas, era a *personalidade* da autora. E, ainda, a falácia de falta de erudição e seriedade. Em resposta, Hurston aceita a mudança, continua matriculada na *Columbia*, mas para de frequentar as aulas. Ela utiliza o dinheiro para financiar sua vida como escritora.

Após duas tentativas falhas de financiamento e continuação de seus estudos, e sua carreira como escritora crescendo, Hurston afirma em carta de 14 de maio de 1935 a Grover: “Perdi meu entusiasmo por um doutorado. Definitivamente decidi que nunca quero ensinar, então qual é a utilidade do diploma? Parece que estou desperdiçando dois bons anos da minha vida quando deveria estar trabalhando” (HURSTON, 1935, s/p, tradução minha).

Trabalhar significava fazer trabalho de campo e escrever. Com um pouco mais de um mês após a publicação de seu livro em 1934, a editora Lippincott aceita *Mules and Men* como segundo livro de Hurston. E, ao mesmo tempo que o produzia, ela encontrou tempo para realizar um trabalho de campo para coleta de músicas e folclore com Alan Lomax e Mary E. Barnicle para a *Library of Congress* em junho, e se juntar ao *Federal Theater Project*, parte do WPA do *New Deal* em setembro.

Em trabalho de campo, Hurston, Lomax e Barnicle conseguiram gravar quarenta músicas. Em diferentes momentos, Lomax afirma que Hurston fora a responsável por conseguir os materiais e abrir caminho para eles (BOYD, 2003).

Figura 25 - Hurston em conversa com dois músicos em trabalho de campo



Legenda: Foto de Hurston (de costas) com dois músicos de *blues* registrado por Alan Lomax

Fonte: Arquivo pessoal coletado na SASC

De volta a Nova York, ela finaliza o livro *Mules and Men* publicado em outubro de 1935. O livro é dividido em duas partes: a coleção de contos e a parte sobre *hoodoo*. Além disso, contém um apêndice com materiais publicados anteriormente no *Journal of American Folklore*. O material é resultado das pesquisas realizadas durante a década anterior. No Prefácio, Boas afirma que

(...) o material apresentado é valioso não apenas por dar a reação do negro aos eventos cotidianos, à sua vida emocional, seu humor e paixões, mas também por destacar a amálgama peculiar das tradições africanas e europeias que é tão importante para compreender o caráter da vida do negro americano (BOAS, 2008, p. X, tradução minha).

Além de elogiar a escrita e as maneiras que Hurston conseguiu seus materiais. Segundo Boyd (2003), o livro oferece um “(...) vislumbre de como era a vida negra sulista quando os brancos não estavam assistindo” (BOYD, 2003, p. 281, tradução minha). Para mim, o enriquecedor está no que tange a inserção pulverizada do *hoodoo* no Sul dos Estados Unidos: devido à falta de acesso digno a um sistema de saúde, os doutores desempenhavam um papel central no tratamento de enfermidades sem discriminação racial. Ou seja, a população branca também se beneficiava das práticas medicinais tradicionais de origem africana.

O título do livro também é um deleite e está aberto para inúmeras interpretações: primeiro, ele sugere a dualidade da experiência afro-americana. Por um lado, o fardo histórico racial de serem lidos como um grupo de pessoas que realiza apenas trabalho braçal e, por outro, evidencia a capacidade artística e religiosa como forma de lidar com as opressões na parte mais profunda e nas entranhas da sociedade – e do livro. Segundo, ao mesmo tempo que sugere uma dualidade em olhar: como os negros do Sul são vistos pela sociedade em geral, e a realidade - a celebração da resiliência, estratégia, conexões africanas e diaspóricas e importância social das práticas negras no contexto dos Estados Unidos. E, terceiro, pode trazer relações de gênero ao registrar a ideia de que as “mulheres negras são as mulas do mundo” evidenciando as próprias dicotomias superficiais das experiências negras e, ao mesmo tempo, se negando a aceitar tal falácia – que de tempos e tempos volta para o discurso público, como apresentarei na conclusão deste trabalho -, devido ao papel central desempenhado por mulheres negras em tais práticas religiosas.

Com dois livros aclamados nacionalmente, Hurston se sente confiante para realizar outra aplicação para a *Guggenheim*. E, ao contrário da primeira tentativa, suas cartas de recomendação foram, de fato, cartas positivas (BOYD, 2003).

A bolsa também permitiria que ela fosse direto a campo, mas o resultado não seria um produto acadêmico científico. Em sua inscrição, ela afirma que utilizaria o material coletado no Caribe, especificamente Jamaica e Haiti, para a produção de uma literatura que desse conta da riqueza e complexidade da vida negra. Em âmbito acadêmico, ela promete depositar seu material nas bibliotecas da *American Folk-Lore and American Ethnological Societies*. Em sua primeira inscrição, ela afirma que seu campo de atuação era na Antropologia. Na segunda, ela escolhe a Literatura.

A bolsa no valor de US\$ 2000 permite que ela embarque para a Jamaica em abril de 1936. Sua ida ao Caribe também marca o fim do romance avassalador e violento com Percy Punter, cantor que trabalhou em uma de suas peças. Na ilha, Hurston observa algumas poucas coisas: a questão da mestiçagem, o papel das mulheres e os *maroons*. Em verdade, *Tell My Horse*, resultado do financiamento da *Guggenheim*, é dividido em três partes: a primeira refere-se à Jamaica e as outras ao Haiti.

Neste período, a Jamaica ainda era uma colônia britânica, algo que mudaria apenas em 1962. Somente 2% da população era branca e “os outros 98% todos os graus de mistura entre branco e preto” (HURSTON, 1990, p. 6, tradução minha). Hurston afirma algo que Hall também avalia anos depois: por ser uma colônia inglesa, ela era muito britânica (HURSTON, 1990). Ou ao menos tentava ao máximo se aproximar desse *status*. “Então, na Jamaica, o objetivo de todos é falar inglês, agir como inglês e parecer inglês” (ibidem). Todavia, a tentativa de aproximação cultural com a metrópole tem os limites fenotípicos e da cor. Por isso, a questão da mestiçagem, como em qualquer lugar do continente marcado pelo colonialismo, era tão presente. Segundo a autora, ter a pele clara dá algum prestígio, mesmo sendo o resultado de infidelidade, traição ou estupro: os mulatos falam de seus pais britânicos e escoceses, mas nunca sobre as mães negras. É como se os galos chocassem os ovos (HURSTON, 1990).

Para ela, essa questão era algo curioso de se observar sendo afro-americana, era como voltar ao período da escravização e rendição nos Estados Unidos e ver pessoas negras se unidos aos senhores para trabalhar dentro de casa ao invés de realizar o trabalho no campo (HURSTON, 1990). O ponto-chave para Hurston é que os negros continuam sendo negros e lembrando de onde os mestiços, também negros, vêm. O que pode causar confusões. Ela relembra que, em algumas situações, ela teve que se afirmar como mulher negra, causando estranhamento em pessoas que não queriam “ofendê-la”.

Lembro do documentário *The Stuart Hall Project* (2013), quando o pensador afirma que decidiu ir embora do país porque sua irmã fora proibida de ter um relacionamento com um médico negro, o que a levou à loucura. Ao mesmo tempo, a tentativa de transformar África em um termo ausente (HALL, 1996) cria o que Hurston observa: a negação de uma identidade cultural que está pulverizada, apesar de negligenciada. O que permite reestabelecer conexões com África é a arte e a cultura, no caso da Jamaica, com a emergência do cinema (HALL, 1996).

O papel das mulheres também era algo amplamente discutido e Hurston fora atravessada de diferentes maneiras, principalmente por ela estar sozinha, trabalhando. Para os homens que a abordaram, as mulheres que trabalhavam eram o pior tipo de pessoas por serem inúteis como... mulheres, um afirmou. Para ele, as mulheres afro-americanas eram um desperdício pois elas eram lindas e vivazes, mas queriam, também, ser inteligentes (HURSTON, 1990). Hurston entra em uma discussão com esse desconhecido, todavia ela resolve ouvi-lo pois, no final das contas, ela estava ali para coletar informações. Ao se sentir ouvido, ele explica que algumas mulheres desempenhavam um papel importante na sociedade jamaicana: preparar jovens e adolescentes para o casamento. Em casas reservadas para isso, essas jovens aprendiam todos os artifícios para satisfazer por completo seus futuros maridos. No final da imersão, que se encerrava no dia do casamento, elas tomavam banhos de ervas e raízes para remover qualquer negatividade que pudesse afetar o matrimônio.

Ao ler essas narrativas, reflito que se África era o termo ausente (HALL, 1996), as complexidades das mulheres também o eram por representar essa conexão com o continente “esquecido”. Se os homens não conseguiam rememorar suas mães, como poderiam criar representações positivas para as mulheres de modo geral?

Por fim, ela se aventura indo a Accompong, um assentamento histórico de *maroons*. O assentamento foi criado por ex-escravizados fugidos que procuravam autonomia e liberdade no século XVIII (WRIGHT, 1992). Na carta de Proclamação (STATEOFACCOMPONG), afirma-se que os *marrons* são

descendentes de africanos escravizados, mouros e indígenas tainos. Os Marrons fugiram dos proprietários de plantações espanhóis quando os britânicos tomaram a ilha da Jamaica da Espanha em 1655. Eles fugiram para as áreas montanhosas da Jamaica, onde era difícil para seus donos de escravos segui-los e capturá-los, e formaram comunidades independentes com homens e mulheres livres (STATEIFACCOMPONG, 2013, s/p, tradução minha).

Mapa 9 - Accompong (Jamaica)



Legenda: Representação cartográfica de Accompong e região.

Fonte: Jamaican Caves

O local fica no alto de uma colina (Mapa 9) que, para chegar, Hurston precisou cavalgar uma mula que claramente não gostava dela (HURSTON, 1990). Ao chegar em Accompong, Hurston afirma:

Aqui estava o mais antigo assentamento de libertos no mundo ocidental, sem dúvida. Homens que se livraram das amarras da escravidão por sua própria coragem e engenhosidade. A coragem e ousadia dos Maroons atinge como um raio roxo toda a história da Jamaica (HURSTON, 1990, p. 22, tradução minha).

Hurston conhece o local através de indicação de Herskovits. Katherine Dunham havia feito trabalho de campo lá antes, mas, diferente dela, Hurston decide viver no assentamento por três meses (BOYD, 2003). No primeiro momento, os *maroons* se disponibilizaram para encenar algumas danças para Hurston, mas ela se negou, pois, por experiência própria, as performances encenadas não são as mesmas que as capturadas de forma “espontânea” (HURSTON, 1990). Com eles, a autora construiu fogões a lenha, se afeiçãoou por uma criança que não era amada pelo avô e participou de rituais com o Medicine Man, conhecido em toda a Jamaica.

Com ele, Hurston aprendeu sobre os *duppies*, espíritos e fantasmas que vivem em árvores de amêndoas e algodão (HURSTON, 1990). Por isso, não se deve plantar essas árvores perto de casa, pois eles jogarão calor nas pessoas para perturbá-las. Para não ser tocado por eles, é necessário beber um chá de semente espírito (*spirit weed*) – *eryngium foetidum* – conhecido como no Brasil como chicória-do-Pará.

Durante sua estadia, uma mulher relatou o aparecimento do Whooping Boy, um *dupy*, conhecido por assustar as vacas com seu cavalo de três pernas e um chicote. Seu cavalo gostava de participar das festividades nas quais os homens se fantasiavam de cavalos e vacas, assim ele não seria reconhecido. Ao ouvir os relatos, e perceber os segredos, Hurston confabula que

No geral, pelo que ouvi, tenho a forte convicção de que o Cavalo de Três Pernas é um símbolo sexual e que sua celebração é um fragmento de alguma cerimônia de puberdade da África Ocidental para meninos. Todas as mulheres o temiam. Todas tinham sido instruídas a temê-lo. Mas nenhum dos homens tinha medo algum. Talvez sob aquelas máscaras e túnicas dos foliões masculinos haja algum segredo cultural que valha a pena conhecer. Mas era bem certo que meu sexo me impedia de obter algo mais do que as outras mulheres sabiam (HURSTON, 1990, p. 26, tradução minha).

Embora contos sobre cavalos sejam facilmente encontrados online, não consegui confirmar a afirmação. O mistério persiste, ou talvez nunca tenha existido.

Seu contato com o Medicine Man fez com que ele se sentisse aberto a falar sobre sua profissão e, logo, Hurston foi autorizada a observá-lo trabalhando. Com ele, a autora aprende sobre os benefícios e perigos de diversas ervas presentes na região. Durante sua estadia, Hurston também participa de um ritual de caçada a um javali com os *maroons* encabeçado pelo doutor. O ritual servia para mostrar bravura e poder masculino. Com quarenta e cinco anos, Hurston carregava seu

caderno de anotações e alguns materiais para higiene. Após alguns dias, eles encontram o animal que é abatido.

Atualmente, Accompong e região são reconhecidas como uma das últimas áreas remanescentes de floresta intocada na Jamaica, contendo bacias hidrográficas, fauna e flora ricas e preservadas. Isso ocorre devido ao compromisso irrevogável de proteção que os *marrons* têm sobre o território (STATESOFACCOMPONG, 2013).

Hurston deixa a Jamaica em 22 de setembro. No livro *Tell My Horse* há apenas cinco capítulos sobre sua experiência no país, apesar de acreditar que os estudos sobre os *maroons* precisariam de um ano inteiro. Seu interesse era partir para o Haiti e entender as práticas do *voodoo*. Após três semanas no Haiti, ela solicita a renovação da bolsa devido a quantidade de materiais e tempo necessário para coletá-los.

Durante sua estadia na Jamaica, ela se dedica ao trabalho de campo. No entanto, ao chegar no Haiti, além de aprender *criolo* – uma mistura de francês e dialetos africanos –, conhecer os deuses do *voodoo* e alguns sacerdotes, ela se dedica à escrita.

Na *Part II: Politics and Personalities of Haiti*, Hurston dedica-se à análise política e histórica do Haiti. Ela explora como o legado da escravidão, colonialismo e Revolução Haitiana moldou o país. No tópico *The Rebirth of Nation*, ela afirma que a Revolução foi o renascimento do Haiti e um marco na história mundial, sendo a primeira revolução bem-sucedida que resultou na criação de uma nação independente. A fé cristã e as práticas religiosas de matriz africana foram fundamentais e articuladoras para a Revolução, “*a voz indignada do Haiti havia mudado de um soluço para um uivo*” (HURSTON, 1990, p. 72, tradução minha) e trouxe esperança na paz e liberdade. No entanto, a Revolução trouxe consequências duradouras: isolamento global, ocupação estadunidense (1915 – 1934), ressentimento e mais.

No tópico *The Next Hundred Years* ela aborda a política haitiana no início do século XX. Devido as segmentações sobre como e quais seriam os próximos passos do país, muitos políticos tinham boas intenções, mas elas “(...) foram frustradas por egoístas e saqueadores de tesouros que os cercam” (HURSTON, 1990, p. 74, tradução minha). Além disso, ela explica que menos de dez por cento das pessoas sabiam ler e escrever, o que dificultava a participação da maioria da população no sistema político. Hurston defende que o Haiti nunca fora visto como uma

democracia, o que influenciou uma narrativa perversa sobre o país e sua ocupação. Todavia, ela evidencia que a situação dos Estados Unidos não era tão diferente: as crises econômicas e falta de emprego faziam com que demagogos chegassem ao poder e definissem os nortes da nação. Em suma, a ocupação acentuou as crises internas e minou a soberania haitiana.

Além disso, o livro traz narrativas heroicas de personalidades como Celestina Simon, denominada pela autora como a Joana D'Arc negra, e o presidente Michel Cincinnatus Leconte. Simon tem sua vida marcada por contos e mitos sobre como ela utilizava o *voodoo* para definir os caminhos da política haitiana. Acreditava-se que seu pai, François C. A. Simons, detinha enorme poder por causa da ajuda de sua filha. Todavia, após a morte dele, ela é expulsa do palácio haitiano por Leconte, sofrendo ostracismo da vida pública. Esse ponto é interessante pois releva que, mesmo que seja verdade o uso do *hoodoo*, pouco se considerava a diplomacia e estratégia política de Simon.

O último capítulo dessa parte narra as histórias que Hurston escutou sobre a morte do presidente Leconte, bisneto do Jean-Jacques Dessalines, revolucionário e primeiro governador do Haiti independente. Segundo ela, a história oficial narra que ele morreu em uma explosão que destruiu o palácio. Alguns narram, por exemplo, que ele morreu pois não aceitavam que ele subisse ao poder sendo um filho ilegítimo. De qualquer maneira, Hurston, analisando os relatos coletados, acredita que “não se deve inferir (...) que Leconte era um tirano. Pelo contrário, ele é creditado por iniciar inúmeras reformas e geralmente tomar medidas progressistas. Ele estava apenas no caminho da ambição de outros homens em virtude do cargo que ocupava” (HURSTON, 1990, p. 104, tradução minha).

De modo geral, nesta segunda parte do livro (1990), Hurston faz uma análise histórica e crítica desde a Revolução Haitiana até a ocupação dos Estados Unidos. Sua ida ao país ocorre dois anos após o fim da ocupação, o que lhe garantiu observar como os rearranjos políticos estavam se dando após inúmeras crises. Ela coloca a ilha como central na dinâmica global, evidenciando como a Revolução possibilitou que o Haiti fosse um exemplo de luta pela liberdade e autodefinição negra, ao mesmo tempo que ele se torna um alvo de cobiças internas e externas.

Na leitura do livro fica evidente que a terceira parte, *Voodoo in Haiti*, era a mais almejada por Hurston. Ela ocupa quase metade das páginas do livro. O título do livro *Tell My Horse* tem um significado profundo e está diretamente relacionado às suas experiências e estudos sobre o *voodoo*

no Haiti. A frase *Tell My Horse* (em crioulo haitiano, "Parlay Cheval Ou") refere-se à ideia de um espírito ou *loa* (divindade do *voodoo*) possuir uma pessoa durante uma cerimônia. A pessoa possuída é chamada de "cavalo" (*cheval*) porque é "montada" pelo espírito. Quando o espírito fala através do "cavalo", ele está essencialmente "dizendo ao cavalo" o que fazer ou o que revelar. O termo cavalo é amplamente utilizado por religiões de matriz africanas presentes no Brasil para se referirem às experiências citadas acima. É um título intrigante que evoca o mistério, o êxtase e a comunicação com o divino que Hurston explorou em sua obra.

Para ela, o *voodoo* é mais antigo que o início de tudo, "é o velho, velho misticismo do mundo em termos africanos" (HURSTON, 1990, p. 113, tradução minha). O *voodoo* é a adoração das forças naturais. Os deuses, chamados de *loa*, são infinitos, podendo estar presentes em todo o país ou apenas em territórios específicos. E cada fenômeno natural, conhecido ou não, é a representação de um *loa*. Além disso, há duas classes de deidades: os *Rada* (ou *Arada*) são os deuses bons e têm origens no atual Benin; e os *Petro*, aqueles que fazem os trabalhos ruins e oriundos, segundo seus interlocutores, de Congo. Como ela sugere, o livro não "(...) pretende dar um relato completo do *voodoo* ou dos deuses do *voodoo*" (HURSTON, 1990, p. 131, tradução minha). Todavia, ela apresenta alguns dos mais conhecidos, como é o caso de Damballah Ouedo.

Damballah é identificado como Moisés e representado por uma serpente (HURSTON, 1990). Para Hurston, essa adoração a Moisés, encontrada entre os negros do Sul dos Estados Unidos, nas então colônias britânicas e no Haiti, evidencia as conexões afro-diaspóricas na região, pois "é quase impossível que todos eles tenham surgido espontaneamente nessas áreas amplamente separadas sobre os negros que entraram em contato com o cristianismo após chegarem às Américas" (HURSTON, 1990, p. 116, tradução minha).

Sua adoração se dá através da beleza na natureza: flores, perfumes, galinhas brancas, milho e ovos. Além da explicação, Hurston apresenta duas canções de adoração à Damballah. Ele tem uma parte feminina, denominada *Erzulie Freida*, deusa do amor e da fertilidade.

As narrativas relacionadas aos deuses também são utilizadas no livro para contar histórias do próprio Haiti. Por exemplo, a ilha de La Gonave é uma baleia que permaneceu adormecida por tanto tempo no litoral haitiano que virou uma ilha. Ela servia como transporte das esposas de Damballah, Aïda e Cilia, para levarem ao povo haitiano a fórmula da paz.

Ao descrever esses deuses, Hurston indaga por que os cientistas sociais negligenciaram um estudo ostensivo de suas relações, bem como das representações e identidades que entrelaçam indivíduos, territórios, fé e cultura.

O capítulo 13, da parte III, dedicado aos zumbis, é o que mais me chama atenção. Isso porque o primeiro livro que tive acesso no acervo da *University of Florida* fora o *Voodoo Goods*, versão britânica do *Tell My Horse*. Nesse capítulo, ela narra sua experiência face-a-face com um zumbi. “Eles são corpos sem alma. Os mortos-vivos. Uma vez eles estavam mortos, e depois disso eles foram chamados de volta à vida” (HURSTON, 1990, p. 179, tradução minha).

O medo dos zumbis é real e faz parte da narrativa nacional: há acusações de roubo de dinheiro, trabalhos malignos para terceiros, gritos de familiares que veem seus entes queridos já mortos nas escadas de entrada das casas. O medo dos zumbis está presente no imaginário das classes mais baixas às mais altas, mas as segundas preferem esconder.

Hurston acredita em tais narrativas por ela ter visto, em pleno dia, no pátio de um hospital, Felicia Felix-Mentor, dada como morta, em pé e soltando grunhidos. Hurston conhecia inúmeras histórias sobre zumbis e sua ida ao Haiti, entre os outros motivos, é para entender e analisar a situação. Ela chega ao hospital após ser informada pelo médico-geral que um zumbi entrara na instituição. Os trabalhadores do local tentaram lhe oferecer comida e espantá-lo, mas ele se mostrava defensivo e com medo. Com autorização, Hurston consegue fazer um registro fotográfico (Figura 26).

Figura 26 - Foto de Felicia Felix-Mentor



Legenda: Registro fotográfico um zumbi feito por Zora Neale Hurston

Fonte: Hurston (1939)

Segundo Hurston, “(...) a visão era terrível. Aquele rosto vazio com os olhos mortos. As pálpebras estavam brancas ao redor dos olhos, como se tivessem sido queimadas com ácido (...) e a visão desses destroços era demais para suportar por muito tempo” (HURSTON, 1990, p. 195, tradução minha).

Conforme levantamento de Hurston, a mulher em questão havia sido encontrada em uma fazenda que ela alegava ser de seu pai. O chefe da fazenda logo a reconhece: era sua irmã que havia morrido há quase trinta anos. Os médicos supunham que ela havia sido drogada assim que morreu e que o antídoto poderia ter sido enterrado com ela. Destemida, Hurston afirma que faria

o possível para achar a resposta e recebe uma advertência: “Talvez isso lhe custe mais do que você está disposta a pagar, talvez sejam exigidas coisas de você que você não pode suportar” (HURSTON, 1990, p. 205, tradução minha). O aviso era porque isso poderia matá-la. Muitos pesquisadores haitianos têm a mesma curiosidade, mas possuem escrúpulos para não se envolverem nesse assunto (HURSTON, 1990).

Hurston não sabia os motivos, mas aceita de bom grado a advertência. Sua maturidade enquanto pesquisadora é também entender que o campo possui limites e que a pesquisa não vale a vida.

A temática dos zumbis sempre me afeiçãoou. Eu já assisti inúmeros filmes e séries que retratam diferentes perspectivas sobre apocalipses, pessoas voltando dos mundos dos mortos e, por isso, também gosto de assistir vídeos que trazem para o centro de análise o tema. Foi assim que achei o vídeo *Coronavírus, Apocalipse Zumbi e Colonialismo* do youtuber Thiago Guimarães.

O vídeo contextualiza como esse tema representa ansiedades sociais localizadas em contextos históricos específicos. Durante a ocupação estadunidense no Haiti, os Estados Unidos passam a ter contato com as histórias sobre zumbi que permeiam o imaginário haitiano e, segundo Guimarães (2021), foi esse fascínio fetichizado que permite inúmeras produções sobre a temática em Hollywood. Um dos primeiros filmes é o *White Zumbi* de 1932 no qual uma jovem mulher branca é transformada em zumbi pelo homem que a “amava”. A trama também se passa no Haiti e demonstra o medo primordial relacionado a uma pessoa que volta a vida se acentuando quando isso acontece com uma mulher branca transformada em algo coisificado. No mesmo vídeo, Guimarães dialoga (2021) sobre a necessidade perversa dos colonizadores em decapitar líderes que lutavam contra a colonização e escravização para que suas ideias morressem com eles, como é o caso de Zumbi dos Palmares – nesse sentido, a ideia de Zumbi se refere aos ideais que nunca morrem. Nesse encontro entre Estados Unidos e Haiti, Hollywood se utiliza do medo do *outro* racializado para refletir sobre o medo de insurgências negras.

Em suma o relato de Hurston traz profundo estranhamento que entra no meandro da falta de explicações lógicas para algo que ocorreu. De qualquer maneira, acredito que ele nos revele suas tentativas de lidar com os desafios que aparecem durante trabalho de campo, bem como os limites e perigos.

Durante a viagem, Hurston se mantém em contato com Henry Moe, responsável por seu financiamento na *Guggenheim* e, ainda na Jamaica, ela lhe informa que precisaria prolongar sua estadia por não conseguir organizar todo o material coletado e transformá-lo em livro no período estipulado. Entendendo a situação, A Fundação renova sua bolsa para o ano seguinte (BOYD, 2003) e, assim, ela consegue finalizar o livro *Tell My Horse*, lançado em 1938. O reconhecimento da importância de seu trabalho está aqui demonstrado: é raro – e, em verdade, não mapeei nenhum caso similar -, de renovação de financiamento por parte da instituição.

Mesmo enfrentando desafios na organização e produção do livro, Hurston encontrou no Haiti o tempo necessário para lidar com o término de seu relacionamento. Foi durante sua estadia no país que ela produziu sua obra-prima, *Seus Olhos Viam Deus*, em apenas sete semanas, a pedido da editora Lippincott após o sucesso de *Jonah's Gourd Vine*.

No início do doutoramento, entre 2021 e 2022, realizei um levantamento bibliográfico com as palavras-chave “Zora Neale Hurston” na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e na plataforma *Google Acadêmico* a fim de mapear as produções científicas sobre a autora e suas obras. Na BDTD, todos os seis trabalhos encontrados eram sobre *Seus Olhos Viam Deus*, traduzido para o português em 2002. Na segunda plataforma, foram encontrados dezesseis artigos e, novamente, a maioria dos trabalhos são sobre o livro. Em ambos, as áreas disciplinares principais são Literatura e Letras.

De modo geral, tais trabalhos refletem sobre a construção identitária e desenvolvimento pessoal de Janie, a protagonista; os paradigmas de personagens femininas nesta e em outras obras de escritoras negras; e o uso do inglês vernacular.

O livro é resultado da tentativa pungente de Hurston em caminhar por entre as fronteiras da antropologia e literatura, refletindo de forma crítica e sensível o uso da ficção para lidar com suas observações e experiências no Sul dos Estados Unidos, com foco em Eatonville e Everglades.

O ápice do livro ocorre em Everglades, após Janie e seu terceiro esposo, Tea Cake, encontrarem morada e trabalharem na colheita de feijão às margens do lago Okeechobee. A fim de trazer uma outra contribuição sobre o livro, me foco neste aspecto.

No livro, a plantação separava o alojamento do lago. Para Janie,

Tudo nas Everglades era grande e novo. O grande lago Okeechobee, feijões grandes, canas, grandes, mato grande, tudo grande. O mato (...) ali tinha dois metros e meio e muitas vezes três. Um solo tão rico que tudo virava bravo. A cana que brotava espontânea tomava tudo. Estradas de terra tão rica e negra que um quilometro teria fertilizado um campo de trigo do Kansas. Cana brava dos dois lados da estrada, escondendo o resto do mundo. Gente brava também (Hurston, 2021, p. 165).

Com um olhar antropológico afiado e sensível, Hurston tenta registrar não só as pessoas, por meio de seus personagens, mas a paisagem presente no Sul do país, especificamente no estado da Flórida.

É em Everglades que, em meio ao trabalho, Janie consegue o que quer: encontrar *peessoas*. Assim como o casal, são inúmeros os migrantes que buscam uma vida melhor nas plantações, trazendo consigo *blues*, dança, briga, canto, amor, riso e derrota (Hurston, 2021). A casa dos dois se torna ponto de encontro das pessoas, “os homens discutiam muito ali, como faziam na varanda da loja. Só que ali ela podia ouvir, rir e mesmo falar um pouco, se quisesse” (HURSTON, 2021, p. 171). Tal citação parte da reflexão da protagonista referente às mudanças experienciadas por ela em relação com seu antigo marido, Joe Starks, que utilizava a arena pública, no caso a varanda da loja, para humilhá-la, o que não ocorria em Everglades.

Quando a temporada de colheita se encerra e as pessoas vão embora, o casal fica mais uma estação. Janie passa a prestar mais atenção às pessoas e coisas que não notara antes. Nesse contexto, ela conhece músicos das Bahamas e a Sra. Turner. Nos atentemos aos primeiros:

Durante o verão, quando ouviu o ritmo sutil, mas contagiante dos batuqueiros de Bahamas, aproximou-se para ver as danças. Não riu de desprezo dos “Saws” como escutara as pessoas fazerem durante a temporada. Passou a gostar muito, e toda noite estava lá com Tea Cake, até os outros caçoar deles por isso (Hurston, 2021, p 179).

Foi a partir do casal que os afro-americanos e as pessoas de Bahamas se aproximam. Os primeiros aprenderam a dançar e passaram a gostar do *saws* [serrotes] e as festas iam noite adentro.

Os serrotes são utilizados, juntos a tambores (membranofones) e acordeão (aerofones), como instrumento musical em gêneros como *ripsaw*<sup>38</sup> e *rake-and-scrape*<sup>39</sup> no país insular do Caribe. Danças como *Quadrille Bahamian*, *heel-toe-polka* e *ring dance* acompanham o ritmo. Segundo o *site* governamental do país (BAHAMAS, s/d), esses ritmos perderam a popularidade. Ainda assim, é possível achar vídeos e músicas em plataformas digitais e perceber que outros instrumentos foram acrescentados, como por exemplo: bateria, guitarra e teclado (BAHAMAS, s/d), evidenciando as próprias mudanças presentes em manifestações culturais consideradas “tracionais”.

Conforme a autora apresenta no livro – “Muitos dos americanos aprenderam a dar aqueles saltos” (Hurston, 2021, p. 197) -, as músicas são acompanhadas por danças que, a meu ver, têm os calcanhares como parte do corpo principal a fim de realizar os pulos que acompanham o ritmo.

Se, por um lado, música e dança representem respeito e o convívio em meio às diferenças, por outro, a Sra. Turner simboliza a biologização das diferenças culturais e como isso atravessa as identificações intergrupais. Sra. Turner encontra em Janie, negra de pele clara, uma aproximação à sua própria “brancura” da qual tinha tanto orgulho. Não perdoara Janie por se relacionar com alguém “tão escuro” como Tea Cake e queria que Janie se casasse com seu irmão, jovem e mais claro. Seu assunto favorito era sobre o quanto ela detestava os negros. A resposta de Janie era: “nós é um povo misturado e tudo tem parente preto e parente mulato” (Hurston, 2021, p. 181). Tal frase, em um contexto de “afirmações científicas” de pureza racial, me parece corajosa. De qualquer forma, Sra. Turner vê em Janie a possibilidade de aproximação o paraíso onde havia anjos e serafins loiros, de cabelo liso e lábios finos, ao mesmo tempo que considerava o casamento de Janie com Tea Cake uma conspiração do divino (Hurston, 2021).

---

<sup>38</sup> Apresentação da banda *The Five Cays Under the Tree Ripsaw*: [https://www.youtube.com/watch?v=EFItEqe8D3Y&ab\\_channel=WhatGoesOnnn](https://www.youtube.com/watch?v=EFItEqe8D3Y&ab_channel=WhatGoesOnnn).

<sup>39</sup> Apresentação do trio *Bo Hog and the Rooters*: [https://www.youtube.com/watch?v=1EvYKYqCoH4&ab\\_channel=BentleySmith%2CMD](https://www.youtube.com/watch?v=1EvYKYqCoH4&ab_channel=BentleySmith%2CMD)

Em relação à dança, encontrei essa aula de dança relacionada ao *rake-and-scrape*: [https://www.youtube.com/watch?v=SzkXKhlR7AY&t=33s&ab\\_channel=IslandSchoolBahamas](https://www.youtube.com/watch?v=SzkXKhlR7AY&t=33s&ab_channel=IslandSchoolBahamas)

Suas ideias eram tão odiosas e suas tentativas de separar Janie de Tea Cake eram tantas que isso se torna um problema. Um problema para Janie.

Enciumado e, possivelmente, se sentindo ferido com tais investidas, Tea Cake bate em Janie como demonstração de poder para os irmãos Turner,

Não porque o comportamento dela justificasse seu ciúme, mas aliviara aquele medo que ele sentia por dentro. O fato de poder bater nela reassegurou-o de sua posse. (...) Apenas lhe deu uns tapas para mostrar quem mandava ali (Hurston, 2021, p. 189).

A agressão fez florescer a inveja de homens e mulheres: dos primeiro porque apreciavam as marcas no corpo de Janie e porque acreditavam que ela não revidara. As mulheres por causa da maneira que ele a paparicava como se “aqueles dois ou três tapas a tivesse matado” (Hurston, 2021, p. 189). Se no primeiro com Starks, ele não precisara tornar a violência física pública, pois já possuía enorme poder em Eatonville, neste, com Tea Cake, isso muda e vira assunto entre as pessoas.

Como dito antes, inveja e agressão fazem parte da narrativa, assim como dança e música. No dia seguinte, após noite de danças em torno da fogueira, Janie observa grupos grandes de *seminoles* indo embora em direção a Palm Beach, cidade ao norte.

Apesar de Janie observar movimentações de indígenas e animais, ela e alguns resolvem ficar pois não acreditavam que algo estava por acontecer. Segundo Tea Cake, “(...) os índios num sabe muito de nada, pra falar a verdade. Senão eles ainda era dono desse país. Os brancos num tá indo pra lugar nenhum” (Hurston, 2021, p. 199). Outros trabalhadores, por um lado, preferiram partir e as despedidas eram relacionadas à morte e reencontro em África, a citar: “Se eu num te vê mais na terra, me encontro com ocê na África” (Hurston, 2021, p. 200).

Logo começa a chover e trovejar e,

Isso acordou o velho Okeechobee, e o monstro começou a rolar na cama. A rolar e a queixar-se como um mal-humorado mundo resmungando. As pessoas nos alojamentos se sentiram nervosas, mas seguras, porque havia os muros do cais para conter o monstro alucinado em sua cama (Hurston, 2021, p. 202).

O *clímax* do livro narra a passagem de um furacão e as inundações do lago em 1928. O vento fez Okeechobee ultrapassar as barreiras do dique que o separava da parte terrena de Everglades. Milhares de trabalhadores não-brancos morreram afogados. Ao menos duas mil pessoas morreram com a passagem do furacão (NATIONALWEATHERSERVICE; s/d). Mais de setecentos afro-americanos foram enterrados em valas sem identificação ou tiveram seus corpos queimados (PBCHISTORY, 2021). Hurston apresenta o título – *Their Eyes Were Watching God* - do livro durante esta parte da narrativa, quando Janie, Tea Cake e outros personagens observam a fúria da natureza, a materialização de deus, diante de seus olhos.

O casal também foge rumo à Palm Beach a pé<sup>40</sup> e, durante a fuga, Tea Cake é mordido no rosto por um cachorro enquanto tentava salvar Janie de um afogamento. Quando chegam na cidade, percebem que “a devastação os esperava lá de boca escancarada” (Hurston, 2021, p. 211). Tea Cake fora obrigado a ajudar no enterro dos mortos. Aqui, Hurston também se utiliza da literatura para recontar este acontecimento a partir de histórias negligenciadas: após a destruição causada pelo furacão, os sobreviventes negros foram forçados a recuperar os corpos dos mortos e apenas os que o fizessem seriam alimentados. Alguns que se recusaram foram baleados (EJI, s/d). As vítimas brancas receberam, apesar da simplicidade, caixões para serem enterrados nas proximidades de West Palm Beach. Em contrapartida, as pessoas negras ou não identificadas devido ao estágio avançado de decomposição dos corpos foram queimadas, foram jogados em valas coletivas. No livro, os personagens eram obrigados a separar as pessoas a partir da textura do cabelo quando não era possível identificar se as vítimas eram brancas ou negras (Hurston, 2021).

Após três semanas, e de volta a Everglades, Tea Cake é diagnosticado com raiva por causa da mordida de cachorro que recebera. Quando Janie descobre que possivelmente ele morreria ou a machucaria, ela fica desolada:

Ficou olhando fixo para o céu por um longo tempo. Em algum lugar além do seio azul do éter sentava-se Ele. Estaria notando o que se passava por ali? Devia estar, porque sabia

---

<sup>40</sup> Por curiosidade, pesquisei a distância entre os dois locais, por aproximação já que Hurston não especifica em qual parte de Everglades os personagens estão. Dito isso, o aplicativo virtual de mapas da *Google* deu a distância de, aproximadamente, 147 km entre ambos. Apesar de ser tratar de uma ficção, acredito que muitas pessoas que viveram essa tragédia fizeram, ou tentaram, este percurso e outros percursos para fugir.

tudo. *Pretendia* Ele fazer aquilo com Tea Cake e ela? Não era nada que ela pudesse combater. Podia apenas sofrer e esperar. Talvez fosse uma grande brincadeira, e quando Ele visse que já fora longe demais lhe fizesse um sinal. Olhava fixo, esperando que alguma coisa lá em cima se mexesse como um sinal. Uma estrela à luz do dia, talvez, ou que o sol gritasse, ou mesmo um murmúrio de trovão. Ergueu os braços em desesperada súplica por um minuto. Não era exatamente um pedido, eram perguntas. O céu permaneceu severo e calado, e ela entrou em casa (Hurston, 2021, p. 224-225).

Com o coração corroído pelo ciúme e pela fofoca, Tea Cake, em alucinação, passa a sentir raiva de Janie por acreditar que ela estava tendo algum caso com o irmão da Sra. Turner. Com medo crescente, Janie passa a esconder as armas da casa e deixa uma próxima ao fogão como forma de se precaver. Em dada discussão, Tea Cake aponta uma arma para Janie que faz o mesmo, acreditando que ele não teria coragem de atirar nela. Ambos disparam ao mesmo tempo, mas Tea Cake acerta a viga de madeira acima de Janie e ela lhe acerta o coração. Fora Tea Cake que ensinara Janie a atirar logo quando chegaram em Everglades. A dor era imensa e inevitável. Apesar da morte de seu amor vir de suas mãos, ela lutara por sua própria vida, como é possível observar ao longo do livro.

No dia seguinte Janie estava na cadeia. Devido ao acontecimento, ela foi a julgamento no dia posterior. Brancos e negros foram assistir a decisão. Os homens negros ficaram contra ela e as mulheres brancas ricas – diferente das mulheres brancas pobres que a conheciam (HURSTON, 2021) - se compadeceram. Janie foi inocentada, o que causou raiva nos homens, gerando o seguinte diálogo:

- Ah, ocês sabe que aquelas branca num ia fazer nada contra uma mulher que parece com elas.
- Ela num matou um branco, matou? Bem, enquanto ela num atirar num branco, pode matar quanto preto quiser
- É, as preta pode matar todos os homem que elas quer, mas é melhor num matar nenhuma delas (...)
- Bom, ocês sabe o que eles diz, um homem branco e uma mulher preta são as coisas mais livre do mundo. Eles faz o que quer (Hurston, 2021, p. 237)

No diálogo acima, acredito que a autora tenta demonstrar como a raiva e ódio podem confundir nosso entendimento da realidade e complexificar o debate racial. Tais homens amavam Tea Cake e sentiram sua perda e, entendendo isso, Janie os convida para o enterro em Palm Beach. Eles, por outro lado, envergonhados, pedem para que Janie fique mais um pouco na cidade, mas

ela prefere retornar à Eatonville. A narrativa do livro se inicia com esse retorno. Ela rememora e narra sua história para Phoeby, sua melhor amiga na cidade.

Ao terminar, Janie afirma que foi até o horizonte e voltou. Sua casa já não estava mais vazia, pois estava cheia de pensamentos. Janie autoriza Phoeby a contar sua história para os outros, talvez porque a amiga seria escutada, ao contrário dela. Ela acredita que falar e mostrar – ou seja, ficar sentada na varanda como é de costume nas comunidades negras, de maneira geral, e Eatonville, de maneira específica - não adianta. É preciso ir, ver e viver. Isso vale para o amor pois ele “(...) num é que nem pedra de amolar, que é a mesma coisa em toda parte, e faz a mesma coisa em tudo que toca. O amor é que nem o oceano. É uma coisa que se move, mas memo assim toma a forma da praia que encontra, e é diferente em toda praia” (Hurston, 2021, p. 242).

O livro encerra com Janie, em meio às recordações, recolhendo seu horizonte como uma rede de pesca, havia tantas coisas que chamou sua alma para ver (Hurston, 2021).

Vejo *Seus Olhos Viam Deus* como um dos resultados mais bonitos de uma vida de indagações, memórias, tentativas de autodeterminação, relações, conflitos e negociações raciais e extra-grupais, além de evidenciar como uma sociedade racista lida com desastres ambientais. *Seus Olhos...* é um registro do que Hurston vira e sonhara.

No final da década, apesar do lançamento de obras literárias e antropológicas importantes e até hoje reverenciadas, sua vida financeira não mudara. E, por isso, ela aceita trabalhar no *Federal Writers' Project*. Dentre as gravações realizadas por Hurston e cadernos de campo não publicados para o projeto, *Go Gator and Muddy the Water*, ou simplesmente *Folklore*, e *Art and Such* são os materiais mais intrigantes e resultados dos esforços de Hurston em refletir conceitualmente sobre a importância das artes e do folclore na comunidade negra.

Em *Go Gator* (1938), ela abre o ensaio com a seguinte afirmação:

O folclore é o suco fervido da vida humana. Ele não pertence a nenhum tempo, lugar ou povo especial. Nenhum país é tão primitivo que não tenha folclore, e nenhum país se tornou tão civilizado que nenhum folclore esteja sendo feito dentro de suas fronteiras (HURSTON, 1938, s/p, tradução minha).

Essa citação evidencia, de modo sutil, a ruptura presente com a Antropologia vigente: o folclore não estava com seus dias contados e nem pertencia aos considerados primitivos. Ele representa as tentativas de diferentes grupos em lidar com sua realidade, sobre “(...) o que está acontecendo ao redor de suas portas” (ibdem). Para ela, isso demonstra um refinamento cultural e civilizatório que permite que esses grupos controlem o que e como veem o mundo, classificando-o e ordenando-o. O folclore, para ela, é “a arte das pessoas antes que elas descubram que existe algo como arte, e elas a fazem a partir do que encontram à mão” (HURSTON, 1938, s/p, tradução minha). Em suma, o folclore, a contação de histórias, as brincadeiras representam a arte ordinária feita por pessoas comuns que observam o mundo com curiosidade e atenção.

No manuscrito (1938), Hurston ainda afirma que, apesar da universalização do folclore, cada local oferece novos sabores e narrativas para as histórias. E, assim, ela encerra com alguns contos encontrados que ela já trabalhara anteriormente.

Já *Art and Such* (1938) é uma tentativa de contextualização histórica, embora breve, sobre o papel desempenhado por pessoas negras nas artes e o papel das artes em suas vidas. Para ela, quando o escopo da arte do país é visto como um todo, “(...) as contribuições do negro são consideradas pequenas” (HURSTON, 1938, s/p, tradução minha). Durante a escravização, inúmeros artistas morreram e sabemos isso porque os contos populares e músicas os registraram, evitando seu esquecimento.

Já durante a Reconstrução, “a boca negra se tornou mais vocal” (HURSTON, 1938). Esse período reflete a tentativa das pessoas negras em lidar com sentimentos e pensamentos que tiveram durante séculos de silêncio. Para ela, esse período foi uma matriz da qual surgiram ideias sobre a criação artística, bem como outras formas de expressão negra. Ele demarca, também, o surgimento de grandes lideranças conhecidos como “campeões da raça”, com padrões de discursos tão fixos que se tornaram populares.

Para ela, isso gera uma tentativa de se enquadrar em um padrão de produção artística: muitos se combatem a cantar sobre uma manhã bonita porque precisam falar sobre as tristezas coletivas, problemas raciais e linchamentos (HURSTON, 1938). Esse período causou o efeito de fixar um molde que impedia a originalidade e criação artística.

Alguns conseguem escapar. Nos *jooks*, por exemplo, muitos músicos trazem melodias leves e frívolas de comédia em seus trabalhos. Ao mesmo tempo, isso não significa que não haja talentos negros espalhados pelo país e, no caso deste ensaio, no estado da Flórida. Todavia, sua crítica é sobre o tempo e expertise gastos para algo que limita o fazer artístico.

No *Interlúdio (Con)Textual* anterior, busquei evidenciar a negligência e apagamento das contribuições de Hurston no *Federal Writers Project*, bem como sua luta constante de conseguir dinheiro através da vida que ela escolhera: ser uma artista-intelectual em um período de profundas mudanças.

A produção de Hurston não se encerra nesta década e outros escritos importantes podem ser encontrados posteriormente, mas defendo que ela é o ápice de sua contribuição nos registros históricos e culturais, bem como uso de diferentes linguagens – acadêmica, teatral e literária – como forma de registro de um mundo rico, complexo e contraditório: o das pessoas negras comuns.

## 7. CONCLUSÃO OU VIAS DE INICIAÇÃO

*(...) me sinto como uma mala de miscelânea marrom apoiada contra a parede. Contra uma parede na companhia de outras malas, brancas, vermelhas e amarelas. Derrame fora o conteúdo e se tem descoberto um amontoado de pequenas coisas inestimáveis e valiosas. Um diamante precioso, um carretel vazio, um pouco de vidro quebrado, comprimentos de corda, a chave para uma porta que há muito tempo desmoronou, uma lâmina de faca enferrujada, sapatos velhos salvos para uma estrada que nunca foi nem nunca vai ser, uma unha dobrada pelo peso de coisas muito pesadas para unhas, uma ou duas flores secas, ainda um pouco perfumadas. Em suas mãos está a mala marrom. No chão está a confusão que ela detinha*

(HURSTON, 2021, p. 52)

Hurton falece em 28 de janeiro de 1960, Fort Pierce (FL), pouco depois de completar 69 anos. Seus últimos anos não foram fáceis: a falta de dinheiro, perene em sua trajetória, se intensifica com a velhice e com as restrições provenientes de um acidente vascular cerebral sofridos pouco tempo antes. Ainda assim, em suas últimas décadas, ela tentou viver e sobreviver, força motriz de sua vida, à sua maneira: voltara a ser trabalhadora doméstica, deu algumas aulas, produziu artigos jornalísticos – o caso de Ruby McCollum e a ajuda de Hurston em relação ao caso é o que mais me chama atenção - e escrevera livros cujos manuscritos estão resguardados na *University of Flórida*, além de ter morado em um barco por um tempo e ter jardins e hortas ao redor da última casa na qual vivera.

Ao partir, seus amigos e vizinhos se organizaram financeiramente para realizar seu funeral.

*Figura 27 - Fotografias do funeral de Zora Neale Hurston (1960)*



*Flower girls, Hurston's funeral (Fort Pierce Chronicle, 1960)*



*Hurston's gravesite processional with Sara Creech in the forefront (Fort Pierce Chronicle, 1960)*



*Hurston's funeral procession with pallbearers (Fort Pierce Chronicle, 1960)*

Legenda: Três registros fotográficos do funeral de Zora Neale Hurston em Fort Pierce, Flórida

Fonte: Moylan (2011)

As fotografias acima contradizem narrativas usuais em relação à autora: de solidão e abandono. Mesmo já não presente em vida, ela fora auxiliada com dignidade e mais de duzentas

peessoas prestaram homenagens e condolências no evento (MOYLAN, 2011). As comunidades que tanto ajudara a registrar em seus escritos, lhe retribuíram com amor, carinho e cuidado.

Meu último trabalho de campo foi uma *roadtrip* à Fort Pierce com Debora Hendrix, Tiffany R. Pennamon e Angelica McGee. Minha proposta era realizar uma visita guiada, pois a cidade possui um circuito turístico dedicado à autora denominado *Zora Neale Hurston Dust Tracks Heritage Trail*. Todavia, apesar de inúmeros *e-mails* e telefonemas, não obtive qualquer resposta positiva dos responsáveis da prefeitura. Em verdade, ao chegarmos na biblioteca pública que leva o nome da autora, fomos ignoradas de maneira estranha – mesmo que polida. Diante disso, optamos por seguirmos nossa jornada sozinhas<sup>41</sup>. Quando cheguei à cidade e vi aquele mar tão azul que me impossibilitava identificar a divisão entre ele e o céu, pensei: “este seria um bom lugar para se passar os últimos de vida”. Eu gostava da Flórida por causa de Hurston: há violência, mas há natureza, comunidades, risadas, sotaques, dialetos e culturas. Fora seus escritos que me preparam para essa experiência. E fico feliz de tê-lo feito antes da intensificação da violência racial e xenofóbica promovida pela extrema-direita e representada subjetiva e politicamente por Donald Trump.

Visitamos a casa na qual ela passou seus últimos anos e o cemitério que jaz seu corpo. A casa, fechada para visitação, é pequena e havia sido transportada de lugar pois, antes, ela estava no terreno do outro lado da rua, hoje uma escola. Tentamos bisbilhotar tudo, subindo umas nas outras para tentar enxergar o que aquela casa guardava: alguns poucos móveis divididos entre uma cozinha e um quarto. Foi nesta parte da visitação que iniciamos uma conversa com o vizinho à esquerda: ele nos contou sobre a falta de recursos e incentivos para se manter a memória de Hurston viva na cidade e como foi o processo de atear fogo em seus materiais após seu falecimento – que seu pai participara. A verdade é que poucos sabiam da trajetória intelectual e acadêmica de Hurston enquanto ela viveu em Fort Pierce, mesmo assim ela foi querida enquanto ser humano. Os vizinhos adoravam conversar com ela e ela amava ouvi-los (WALKER, 2021; MOYLAN, 2011).

---

<sup>41</sup> A viagem fora gravada e está disponível no seguinte link: [https://www.youtube.com/watch?v=1pvR3ht3c8&t=2238s&ab\\_channel=SPOHP111](https://www.youtube.com/watch?v=1pvR3ht3c8&t=2238s&ab_channel=SPOHP111).

O momento mais aguardado foi a ida ao *Garden of Heavenly Rest Cemetery*. O cemitério não está em funcionamento, mas, devido sua importância histórica, ele se mantém preservado, algo propiciado devido à atuação de Alice Walker, relatado em artigo sobre sua busca por Hurston e o encontro do local no qual ela foi enterrada (WALKER, 2021). Eu já havia visto registros fotográficos de sua lápide, mas ao chegar me deparei com uma pedra pequena, uns 50 centímetros, com os dizeres *Zora Neale Hurston “A Genius of the South” 1901 – 1960 Novelist, Folklorist, Anthropologist*. O desejo de Walker era uma lápide maior em mármore negro, mas, ao se deparar com o valor, ela escolheu algo que condizia com o dinheiro que possuía.

Figura 28 - Registro fotográfico realizado em Fort Pierce - Flórida



Legenda: Registro da lápide de Zora Neale Hurston, localizada em Fort Pierce – Flórida

Na imagem acima é possível ver três rosas vermelhas. Consigo observar que elas foram depositadas recentemente por causa da vivacidade das flores. Há um jarro de porcelana com flores azuis artificiais, do lado direito, e um catavento, do lado esquerdo, que não foi registrado. Fiz essa fotografia em posição de cócoras, após observação minuciosa dos objetos, da cor da grama, da grafia e uma oração de agradecimento. Havia moedas, conchas. Eu deixei uma carta. Tiffany levou flores brancas e amarelas.

Mesmo pequena e singela, a lápide é monumental em significado: ela ecoa a pungência e a dedicação histórica de mulheres negras que, incansavelmente, lutam para que as trajetórias das que as precederam jamais sejam apagadas ou esquecidas.

Hurston falece em uma década decisiva: a luta por direitos civis no país ganhava proporções cada vez maiores. O final de tal período, especificamente 1968, é considerado crucial para o ativismo de estudantes negra(o)s no país e marca uma transição significativa que radicalizou e redefiniu a luta por direitos civis (COLLINS, 2009). Entre os principais motivos, podemos citar: assassinato de Martin Luther King Jr. e ascensão do movimento *black power* que, através do ativismo estudantil, exigia mais que apenas integração e fim da segregação. Se buscava autodeterminação; criação de departamentos e currículos com foco nas contribuições e história afro-americana, que culminou no *Black Studies* – e suas recomposições em outros departamentos como o *African American Studies* -; e diversidade nos campi universitários com ingresso de estudantes e contratação de docentes negra(o)s em universidades historicamente brancas. Além disso, esse ano é marcado por protestos generalizados contra as violências raciais e guerras imperialistas.

Alice Walker e tantas outras escritoras amplamente traduzidas para o português – como Toni Morrison, bell hooks, Patricia Hill Collins, e mais – viveram intensamente essa mudança de paradigma e se viram diante de um mundo acadêmico que fazia questão de não evidenciar as contribuições de intelectuais negra(o)s. No caso de Walker, ela conhece Hurston através de uma nota de rodapé sobre a autora enquanto realizava pesquisas sobre o *voodoo*, instigando a então estudante a buscar mais sobre sua vida e obra. Em relação a esse encontro ela afirma:

(...) juntei fios históricos e psicológicos da vida de meus ancestrais e, ao escrevê-los, senti força, alegria e minha própria comunidade. Tive a sensação maravilhosa, que os escritores têm de vez em quando, de estar *com* um grande número de pessoas, espíritos antigos, todos muito felizes de me ver consultá-los e reconhecê-los, e ansiosos por me mostrar, por meio da celebração de suas presenças, que eu, de fato, não estou sozinha (WALKER, 2021, p. 19)

A citação acima exemplifica como a curiosidade, em um contexto no qual o horizonte de expectativa se ampliava paulatinamente, pode nos conectar com trajetórias que nos convidam à mudança subjetiva, cultural e histórica. De maneira pessoal, foi ao reler essa citação que consegui criar coragem e achar palavras para escrever sobre algo que me aconteceu.

Meu coração transbordou de alegria quando percebi que faria o doutorado sanduíche na Flórida. Como agradecimento pela sorte, decidi procurar um terreiro para jogar búzios e cumprir o que fosse solicitado. As religiões de matriz africana sempre estiveram presentes em minha vida, ora mais próximas, ora à distância. Por alguma razão, senti que em 2023, finalmente, eu me tornaria parte de uma comunidade.

Foi então que Tamires Cristina dos Santos, doutoranda em Antropologia pela UFSCar, me indicou o Centro Cultural Orunmilá, em Ribeirão Preto (SP). Cheguei lá com o coração leve, cheio de alegria e gratidão, e senti uma paz imensa ao adentrar o espaço. Após um tempo, Iya Neide Ribeiro me chamou em um pequeno quarto para o jogo de búzios. Ela compartilhou um pouco de sua história e, em seguida, perguntou meu nome completo e data de nascimento. Assim que o jogo foi aberto, ela exclamou: "Nossa, você está indo para fora estudar uma ancestral nossa, não é?"

Eu fiquei de boca aberta, para mim isso foi a confirmação certa de que tudo daria e estava dando certo. Foi este jogo que também me disse que sou filha de Oyá – o que me deu a peça do quebra-cabeça que faltava para eu me entender no mundo, eu senti em mim que sim. Poucos dias depois, me preparei para alimentar minha cabeça e coração com um bori e, após o ritual, fui convidada a fazer parte da família.

Somente em 2025 eu perguntei o que significava *ancestralidade* para a Iya Osuniwe, filha da Mãe Neide, pois queria registrar isso em minha tese. Em áudio via *WhatsApp*, ela explica que

Ancestralidade é nossa via de identidade histórica. Sem ela não sabemos quem somos nem quem queremos ser. Então isso é muito importante porque é uma ancestral que deixou seu legado e sua história para ser contada. É uma pessoa que reverencia aqueles que fizeram história e que tem uma visão de mundo coletiva e de reconhecimento (OSUNIWE, 2025).

As conexões cíclicas entre escritoras e intelectuais negras se tornam mais visíveis em contextos históricos nos quais os esquemas do espaço de experiência limitado são tensionados pelas possibilidades de um novo horizonte de expectativas. Algumas respostas para nossas questões contemporâneas já foram dadas há tempos e se faz necessário olhar para trás com um olhar atento, curioso e carinhoso para criarmos significados outros que nos ajude em confabulações e elaborações sobre quais rotas e percursos alternativos queremos percorrer (e aqueles que não queremos).

Sou um dos inúmeros resultados das movimentações promovidas, sobretudo, por mulheres negras. Com acesso à educação pública de qualidade, cultura e o apoio de diversas pessoas, tornei-me pesquisadora em um contexto específico: a ampliação de acesso a direitos desde a Constituição de 1988. Represento a primeira geração com direitos e deveres resguardados desde o nascimento (Lei nº 8.069/1990); minha formação também foi moldada pela educação voltada à correção de injustiças (Lei nº 10.639/2003) e pela democratização do ensino superior (Lei nº 12.711/2012).

E é nesse contexto que Hurston chega ao Brasil e eu estou preparada para ser uma da(o)s inúmeras(o)s pesquisadora(e)s que se debruçam sobre sua trajetória e obras.

A chegada de Hurston ao Brasil ocorreu com a tradução do livro *Seus Olhos Viam Deus* em 2002. Segundo Basques (2022), Hurston chega ao Brasil como “fruto do acaso”: a editora Record, responsável pela publicação, consegue os direitos autorais deste e de outros livros que tinham sido sucessos no programa “Clube de Livro da Oprah” [Oprah’s Book Club]. É importante ressaltar uma contradição que encontrei depois: nas listas de livros selecionados para o programa não é citado o livro de Hurston. Todavia, o livro é considerado um dos mais importantes para Oprah Winfrey e foi transformado em longa metragem pela apresentadora em 2005. De uma forma ou de outra, parece que a obra é traduzida devido à relação com a apresentadora, sem que a editora Record estivesse atenta para as diferentes identificações - de gênero e racial, mas não só - entre ambas.

A segunda edição do livro ocorre em um contexto diferente e racialmente informado: devido ao crescimento mundial do movimento *Black Lives Matter* e de inúmeros outros movimentos sociais, os responsáveis da editora buscaram em seu catálogo livros de autora(e)s negra(o)s como forma de divulgação dos debates raciais e, claro, aumento de vendas. Foi nessa busca que reencontraram a obra de Hurston com os prazos dos direitos autorais quase vencendo. Ao entrar em contato com a Harper Collins, editora estadunidense que possui os direitos do livro, ficou acordado que haveria a renovação se, também, publicassem em português o livro *Olualê Kossola* (2021). Segundo Renata Pettengill (2022)<sup>42</sup>, editora executiva da Record, “[foi] uma negociação que envolvia a renovação dos direitos de *Seus Olhos Viam Deus* e a aquisição desse que é o original *Barracoon*”.

*Olualê Kossola* é resultado das primeiras pesquisas antropológicas realizadas por Hurston. O livro original foi publicado postumamente em 2018 - quase noventa anos após suas pesquisas. Basques foi responsável pela revisão de tradução e *Introdução à edição brasileira* do livro. O convite foi realizado devido à divulgação científica promovida por ele sobre Zora Neale Hurston - voltarei a esse ponto depois. Na edição brasileira se optou por mudar o nome do livro de *Barracoon: The Story of the Last “Black Cargo”* para *Olualê Kossola: As Palavras do Último Homem Negro Escravizado*, o que ele considerou uma vitória sobre a editora. Tal mudança é significativa por ir ao encontro do objetivo tanto de Hurston quanto de Kossola em registrar a *experiência* e memórias dele.

De qualquer maneira, se Hurston chega ao Brasil como fruto do acaso, sua reinserção e leituras são informadas pelas mudanças ocorridas no mercado editorial brasileiro.

Entre 2009 e 2019, o faturamento do setor editorial encolheu 27,3%, sendo que entre 2014 e 2018 o faturamento caiu 46% (PAGEL, 2019). É nesse mesmo período que a Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP) se mostrou mais receptiva à temática étnico-racial, evidenciando sua importância (e negligência histórica), por um lado, e possibilidade de aumento de vendas, por outro: na “FLIP da diversidade”, de 2017, o livro *Na minha pele* de Lázaro Ramos foi o mais vendido na história do evento, e entre os dez livros mais vendidos, oito eram de

---

<sup>42</sup> A conversa com Renata Pettengill ocorreu de maneira informal através da rede social/digital *Instagram*. Entrei em contato com ela após entrevista com Messias Basques a fim de entender, justamente, o contexto de publicação da primeira edição de *Seus Olhos Viam Deus*. Infelizmente, ela não possuía informações mais aprofundadas sobre esse processo.

escritora(e)s negra(o)s/africana(o)s, além da homenagem ao Lima Barreto (MURARO, 2017). No ano seguinte, entre os livros mais vendidos estavam dois da filósofa Djamila Ribeiro – *O que é lugar de fala?* e *Quem tem medo do feminismo negro?* –; além dos livros *O sol na cabeça*, do escritor Geovani Martins, revelado na Feira Literária das Periferias; e *Memórias de porco-espinho*, do escritor congolês Alain Mabanckou (MURARO, 2018). Em 2019, dos cinco autores mais vendidos na edição daquele ano, 4 eram negros e 1 era indígena (FOLHA, 2019). Em 2020, devido à pandemia que assolava o mundo, a Feira, que ocorreu em formato *on-line/remota*, contou com a maioria de negra(o)s entre suas/seus convidada(o)s (PORTO, 2020). No ano em que a FLIP volta a ser presencial, em 2022, sua homenageada é Maria Firmina dos Reis (MELLO, 2022).

Conforme apresentado brevemente no panorama acima, afirmo que a temática racial, atrelada às questões de gênero, remodela produções e traduções de livro de autoras negras.

Considero o implemento das Ações Afirmativas no ensino superior a vitória democrática mais importante de nossa contemporaneidade. O acesso de diferentes pessoas em um espaço monocromático (LES BACK; TATE; 2020) fez com que nacionalmente os currículos fossem questionados. Democratizar o espaço da produção de conhecimento também nos dão pistas sobre a recepção acadêmica de Hurston no Brasil.

No início do doutorado, fora realizado um levantamento bibliográfico utilizando o termo-chave “Zora Neale Hurston” nas plataformas *Google Acadêmico* e *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações* (BDTD) a fim de entender o que já havia sido produzido sobre a autora e como seria minha inserção no campo. Na primeira plataforma, foram mapeados dezesseis artigos sobre Zora Neale Hurston publicados entre 2012 e 2021, em contraste com a ausência de resultados na base *SciELO*. Os textos foram distribuídos entre as áreas de Letras/Literatura (8 artigos), Antropologia (6 artigos) e revistas multidisciplinares (2 artigos). A análise temática permitiu o agrupamento dos trabalhos em quatro eixos principais: identidade/representação, tradução, antropologia e resgate, evidenciando um diálogo recorrente entre esses campos.

O primeiro eixo, mais presente nas publicações da área de Literatura, concentra-se nas análises sobre identidade e representação, sobretudo a partir da obra *Seus Olhos Viam Deus* (2002). Trabalhos como os de Nigro e Chatagnier (2012), Versonesi e Silva (2015), e Soares, Ruffini e Stankiweicz (2019) exploram o desenvolvimento identitário da protagonista Janie, destacando sua trajetória como ruptura de paradigmas femininos clássicos da literatura. Outros estudos abordam

contos da autora, como *Sweat* e *How It Feels to Be Colored Me*, focando nas construções de gênero e na subjetividade negra a partir de referenciais teóricos dos estudos culturais e pós-coloniais.

A temática da tradução aparece como articulação entre Literatura e Antropologia. Salgueiro (2012; 2014) discute os processos tradutórios como espaços de construção identitária e os desafios envolvidos na tradução da negritude. Em 2020, Boschermeier et al. aprofundam o debate ao tratar da tradução de textos antropológicos de Hurston, questionando os cânones disciplinares sob uma perspectiva decolonial.

O eixo do resgate está relacionado, primeiro, ao reconhecimento literário de Hurston promovido por Alice Walker nos anos 1970, como apontam Reyes e Laguardia (2013), e Oliveira (2016). Esses trabalhos evidenciam o papel fundamental do resgate na consolidação dos estudos sobre mulheres negras e no surgimento do feminismo negro. A partir de 2019, observa-se um segundo momento de resgate, agora centrado na Antropologia. Basques (2019a; 2019b) destaca a relevância da produção etnográfica de Hurston, marco de uma virada interpretativa no Brasil. Desde então, outros autores, como Woberto (2020), Corrêa (2021), Nascimento (2021) e Bermeguy (2021), têm contribuído para reposicionar Hurston como uma intelectual multifacetada, ressaltando sua atuação como cineasta, viajante, etnógrafa e crítica dos paradigmas epistemológicos da antropologia tradicional.

O conjunto dos artigos evidencia uma ampliação no interesse acadêmico por Zora Neale Hurston no Brasil, com destaque para o uso de referenciais teóricos contemporâneos, como os estudos pós-coloniais, a interseccionalidade e a decolonialidade. A análise demonstra uma crescente valorização de sua obra tanto no campo literário quanto no antropológico, apontando para uma recepção crítica mais ampla e contextualizada da autora no cenário intelectual brasileiro.

Na segunda plataforma, os trabalhos de conclusão de curso referentes à autora encontram-se na área de Literatura/Letras, sendo eles focados na análise comparativa de *Their Eyes (...)* e escritos de escritoras negras como Alice Walker, Toni Morrison, Gloria Naylor, Maya Angelou, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, destacando a construção de identidades e representações de mulheres negras.

As pesquisas analisam temas como sensualidade, feminilidade, racismo, tradução e mercado editorial, muitas vezes vinculando essas análises ao contexto político e cultural, como o impacto da Lei nº 10.639/2003 em nossa sociedade. Embora a biografia de Hurston seja

mencionada, o foco está nas personagens de suas obras e nos significados culturais que elas evocam. As palavras-chave utilizadas pelos trabalhos indicam que a representação e a construção de identidade são os principais eixos analíticos, com ênfase na literatura feita por mulheres negras e sua recepção no Brasil.

O crescimento de produções sobre Hurston, mesmo que de forma incipiente, é resultado de uma parcela de lutas políticas seculares de movimentos negros em relação à educação: a Lei nº 12.711/2012 demarca um dos avanços democráticos mais importantes da contemporaneidade. É a partir da democratização de ingresso no sistema superior de ensino que estudantes negra(o)s puderam adentrar em massa em diferentes cursos.

Esse ingresso, que nunca fora o suficiente, fez com que os currículos monocráticos (LESBACK; TATE, 2020) fossem e ainda sejam profundamente criticados e questionados. Se, antes, os currículos já não davam conta de refletir sobre as complexas experiências humanas, no atual contexto se torna impossível.

Além disso, a organização política de estudantes negra(o)s resultou em centenas de Coletivos Negros nas universidades brasileiras com o objetivo de se ter um espaço de acolhida e de discussão e leitura de textos que focassem na temática racial em suas diferentes abordagens. Exemplo disso é o Coletivo Negro Zora Neale Hurston, criado por pós-graduanda(o)s da Universidade de Brasília (UnB) em 2017. O Coletivo, além de organizar debates sobre autora(e)s negra(o)s, é responsável por um curso preparatório anual para a seleção de mestrado e doutorado em Antropologia Social da universidade.

Basques (2021), através de sua experiência docente, evidencia tais mudanças sociais e acadêmicas das últimas décadas: em 2018, no período que entrou na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) como professor substituto, ocorria uma mobilização estudantil para que fossem inserida(o)s ao menos um(a) autor(a) negra(o) nas disciplinas do curso de Ciências Sociais. Quando eles se encontram sem querer em frente ao auditório da universidade, tais estudantes o questionam sobre sua identificação racial. Ele, por sua vez, que sempre pensou nisso, mas não havia se auto-identificado, se assume enquanto negro. Em relação a esse primeiro encontro, ele afirma:

Aí quando eles me perguntaram, eu tive que dar uma resposta. Eu disse que sim, mas eles não queriam saber se eu era ou se eu não era, eles queriam perguntar se eu podia ajudar

nessa coisa de... incluir autores negros. Então, a história da minha vida passa por essa cena, assim né... foi um portal. Eu cruzei esse portal [risos] e virei outra pessoa porque... eu passei a refazer, né? Os meus compromissos a partir dali (BASQUES JUNIOR, 2021, em entrevista).

Esse é aquele tipo de interpelação que possibilita novas agências e ressignificações no plano subjetivo, dentro da universidade e, de modo geral, na sociedade. Ele afirma que teve uma *deformação acadêmica*, por não ter acesso a pensadora(e)s negra(o)s durante toda sua trajetória (BASQUES JUNIOR, 2021).

Desta maneira, Basques se junta a(o)s estudantes para organizar uma disciplina cujo currículo fosse composto totalmente por escritora(e)s negra(o)s. Enquanto professor substituto, ele não poderia criar disciplina, então decide usar o código da disciplina “Identidade e Diferença: Raça, Gênero e Classe” que não era ofertada há tempos e, coletivamente, criam a ementa curricular.

O que me chama atenção é o protagonismo de jovens estudantes negra(o)s para a democratização do ensino superior por vias do questionamento e tensionamento acerca de um currículo que segrega, ignora e negligencia pensadora(e)s importantes para se entender o mundo no qual vivemos. Ao mesmo tempo, é fundamental que a comunidade acadêmica, de modo geral, esteja disposta a enfrentar décadas de negligência para que possamos, de forma contundente, transformar nossa sociedade através de pesquisas que levem em consideração a ampla contribuição de intelectuais não-branca(o)s.

O ponto a seguir é interessante para pensar o contexto pós-Ações Afirmativas no qual houve o aumento de 400% de estudantes negra(o)s no ensino superior em dez anos (FGV, 2022). Para criar a disciplina, Basques e a(o)s discentes apenas jogaram as seguintes palavras-chave no Google: “antropólogos negros”, “antropólogas negras” e descobriram Zora Neale Hurston entre inúmeras(o)s outras(o)s. Ele narra (2021):

A Zora eles tinham descoberto da maneira mais ridícula possível que é a maneira que também nós descobrimos autores negros pra pôr na disciplina depois. Ridícula no sentido assim: quando dizem que “aah não conheço”, “aah não temos acesso” é porque as pessoas não se dão ao trabalho, essa coisa da indolência da branquitude, né? Eu costumo brincar que a branquitude não tem pressa. Ela não precisa ter pressa porque ela não tá perdendo nada (BASQUES JUNIOR, 2021, em entrevista).

A fala acima é significativa para se pensar no pouco esforço que o corpo docente universitário, de maneira geral, tem para que se inclua pensadora(e)s não-branca(o)s nos currículos disciplinares. Se houve algum crescimento em relação isso, ocorreu devido esforços intergeracionais (COLLINS, 2009) para que tais estudantes estivessem nesse espaço de *produção* do conhecimento. O processo de *regulação* é uma tentativa de manutenção da ordem vigente (DU GAY et al., 1997) através dos sistemas classificatórios binários forjados, posso dizer, desde o encontro colonial. As Ciências Sociais têm papel fundamental na legitimação de tais sistemas. Por outro lado, estudantes e pesquisadora(e)s negra(o)s protagonizam as lutas pela diluição de fronteiras binárias e antagônicas, que também fazem parte dos processos de *regulação* sobre o que é válido, importante e canônico, ou não, para as disciplinas.

Provavelmente, o trabalho coletivo mais significativo é o dossiê *Fire!! Textos Escolhidos de Zora Neale Hurston* (2021) publicado pela Ayé: Revista de Antropologia (UNILAB). São sete textos selecionados entre contos, uma carta escrita para John A. Lomax e o “O Sistema “Negro de Estimação”, além de artigo de Alice Walker. Também há a Apresentação e alguns ensaios e artigos produzidos pelas organizadoras do dossiê. Ele é resultado de um trabalho cuidadoso de busca e tradução narrado no artigo de Boschmeier *et al.* (2020). O que me chama atenção é a utilização da lente decolonial ao afirmarem: “Zora Neale Hurston, uma gênio do Sul global” (ERICKSON et al., 2021, p. 6). Tal leitura me faz pensar sobre como Hurston esteve no *centro* de mudanças significativas e, mais, enquanto *agente histórica*. A leitura na chave dicotômica entre centro-margem ou através da lente da “subalternidade” não condiz com sua proposta de escrita, de vida e, em suma, agência da autora.

Sua apresentação no Brasil é concomitante com a ampliação de produções audiovisuais que descentralizem a experiência branca. Conheci Hurston assistindo o primeiro episódio da série *Ela Quer Tudo* (2017) produzido por Spike Lee e Tonya Lewis Lee, e protagonizado por DeWanda Wise. O primeiro episódio da segunda temporada é iniciado com Nola Darling, personagem principal, recitando o livro *Seus Olhos Viam Deus*. Naquele momento não me atentei a isso, confesso. Estive pronta para Hurston, pouco tempo depois, quando assisti a palestra virtual *Zora Neale Hurston: Etnografia e Escrita na Trajetória de uma Antropóloga Negra*, organizada pelo Coletivo Negrada (UFES) e pelo professor Basques. Nesse segundo momento, eu já estava com os olhos treinados para encontrar Hurston e reassisti o episódio. Além disso, alguns poucos podcasts sobre ela podem ser achados em plataformas como *Spotify*.

Entre essas diferentes recepções, a que mais me chama atenção é a descrita por Savana, irmã do meu melhor amigo, Valentim: no início de 2023 fui à Universidade de São Paulo (USP) para encontrar uns amigos e ficar de bobeira na Praça do Relógio. Esse meu amigo também convidou a irmã e, em dado momento, ela perguntou o que eu estudava no doutorado e eu disse que minha pesquisa era referente à Zora Neale Hurston. Ela, com 17 anos, ficou feliz em saber e disse que adorava Hurston. Eu fiquei surpresa pois ela é muito nova, mas não perguntei nada e deixei essa informação guardada. No processo de escrita da tese, retomei essa conversa e pedi para Valentim perguntar para Savana sobre sua aproximação com a escritora.

Savana me mandou um áudio via *WhatsApp* explicando que o primeiro contato com Hurston foi igual ao meu: assistindo a série dirigida por Spike Lee. Todavia, por ela estudar no colégio particular São Domingos, ela teve que fazer uma monografia no 2º ano do ensino médio, como forma de preparação para o ingresso na universidade. Ela se interessou pelo *voodoo* haitiano e reencontrou Hurston neste processo. Como os trabalhos da autora sobre a temática ainda não foram traduzidos, ela optou por livros em português. Este caso específico é contextual e diz sobre uma experiência específica de uma jovem negra que não corresponde, acredito, com a maioria desta parcela da população: estudar em um colégio particular, e ter pais ligados à dita “cultura popular negra” e às práticas religiosas de matriz africana. Ainda assim, isso demonstra a agência criativa da juventude negra em busca de diferentes produções intelectuais, culturais, artísticas, etc. protagonizada por pessoas negras. É essa agência que fez ela chegar em Hurston. E eu também.

Todavia, a série não é a única que se conecta com Hurston, mesmo que de forma indireta. Em 2022, é lançado o longa *Medida Provisória*, adaptação da tragicomédia *Namíbia, Não!*, com direção de Lázaro Ramos e atuação de Tais Araújo, Alfred Enoch e Seu Jorge. Em dado momento, a personagem de Taís Araújo grita: “a mulher negra é a mula do mundo”. Durante a exibição no cinema, me recordei que não era a primeira vez que escutava tal frase, durante meus anos de ativismo, já havia ouvido em marchas, reuniões e congressos promovidos por entidades negras.

O primeiro registro encontrado sobre o termo é, justamente, *Seus Olhos Viam Deus*, quando a avó da protagonista afirma

(...) o branco manda em tudo desde que eu me entendo por gente. Por isso o branco larga a carga e manda o preto pegar. Ele pega porque tem que pegar, mas num carrega. Dá pras

mulher dele. As preta é as mula do mundo até onde eu vejo. Eu venho rezando pra num ser assim com ôce. Senhor! Senhor! Senhor! (Hurston, 2021d, p. 34).

Nanny, a única responsável por Janie, faz essa afirmação para explicar a importância do casamento arranjado e sem amor para a neta. A frase também é utilizada posteriormente, no artigo *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica para o feminismo negro* de Patricia H. Collins, traduzido em 2016. No artigo, a socióloga explora três temas interligados – autodefinição e autoavaliação das mulheres negras; natureza interligada das opressões; importância das culturas das mulheres afro-americanas – para o feminismo negro e como as pensadoras negras utilizam de forma criativa a marginalidade em ambientes acadêmicos para produzi-lo.

Entre outros pontos, neste artigo a pensadora nos apresenta como as imagens de controle estereotipadas, negativas ou positivas, são nocivas para as mulheres negras. No caso específico do sexismo, as mulheres negras eram/são vistas como mulas e as brancas como cachorros. Mesmo que ambas sejam desumanizadas, as mulheres negras se recusam a aceitar o status do “outro” (COLLINS, 2016). Em suas palavras,

Para usar a metáfora de Nancy White, a mulher negra enquanto “mula” sabe que é vista como animal. Em contraste, a mulher branca enquanto “cachorro” pode ser similarmente desumanizada e, apesar disso, pode achar que faz parte da família, quando na realidade é apenas um animal de estimação bem cuidado (Collins, 2016, p. 107).

Como dito, a frase fora difundida para explicar a experiência das mulheres negras no mundo. Hurston, enquanto pessoa atenta aos significados e representações das comunidades negras, faz esse registro em seu livro mais aclamado. Todavia, isso ocorre ainda no início da narrativa pois, ao longo da trama, Hurston constrói a personagem a partir da autodeterminação, em busca de seus próprios desejos e horizontes. Nesse sentido, ela rompe com essa ideia ainda em 1937. No longa citado, parece que, ao contrário, há esse reposicionamento que, inclusive, não faz jus às experiências históricas das mulheres negras. As obras de Hurston se fazem ainda mais necessárias neste contexto de emergência de termos que enclausurem as vidas e possibilidades.

Outra produção relevante de 2022 é *A Mulher Rei*, dirigido por Gina Prince-Bythewood e estrelado por Viola Davis, Thuso Mbedu e Lashana Lynch. O filme narra a história das Agojie, guerreiras do Reino do Daomé no século XIX, e sua luta para defender o reino de invasores europeus.

Apesar de ser uma trama ficcional, o filme nos leva a questionar como eventos históricos importantes são reencenados para criar narrativas de heroísmo. O trabalho de Hurston, em contraste, revela a violência que o próprio Reino do Daomé infligia às comunidades vizinhas. A narrativa de Olualê Kossola, por sua vez, nos oferece um olhar mais crítico sobre o período colonial e o tráfico transatlântico na região, buscando nos fazer, como sociedade, confrontar e rejeitar um passado doloroso.

Em 2025 é lançado o filme de terror *Pecadores*, estrelado por Michal B. Jordan, que narra a história de uma comunidade no Mississippi após a I Guerra. A narrativa aborda as contradições e disputas em torno de diferentes formas religiosas, como o protestantismo e *hoodoo*, além de evidenciar a luta contra a violência racial que infligia os estados do Sul no período. Mesmo que não se tenha ligação direta com Hurston, seus trabalhos sobre práticas religiosas de matriz africana no Sul servem de base para se entender tal contexto e suas recepções, adaptações e diálogos no presente.

Como dito anteriormente, finalizo esta tese em celebração do centenário da emergência de uma nova forma subjetiva, política e cultural sobre as comunidades negras, o *new negro*. Neste mesmo ano, ocorre o MET Gala, evento anual para angariar fundos para *Metropolitan Museum of Art* em Nova Iorque, com tema *Superfine: Tailoring Black Style*. Monica L. Miller, citada no parágrafo sobre o acervo de Hurston, fora uma das curadoras, devido às suas pesquisas relacionadas à estética, artes e artistas afrodiáspóricas. A exposição fora estruturada em torno das 12 características do dandismo negro delineadas por Hurston em *Characristics of Negro Expression* (1934). O evento demonstra a importância do *Harlem Renaissance* e de Zora Neale Hurston para se pensar o nosso presente e debates ainda em voga (CHISHOLM, 2025).

Em suma, as produções midiáticas citadas acima exemplificam como a recepção recente de Hurston, de forma direta ou indireta, são informados cultural e ciclicamente. As primeiras dizem respeito às diferentes formas que a autora é representada e as identificações que pesquisadora(e)s contemporânea(o)s querem criar com seus trabalhos - áreas, abordagem teórica, linhas de pesquisa, releituras, etc -. O segundo se refere ao processo contínuo de criação de significados feito, também,

através do consumo. Conforme apontado por Du Gay et al. (1997), as fronteiras entre produção e consumo são mais intercambiáveis. É mais interessante falar sobre as disputas e negociações observáveis a partir da recepção de Hurston no século XXI, que ocorre em um contexto de lutas e conquistas referentes à democratização de diferentes esferas públicas protagonizadas pela população negra.

Como sugerido por Silvério (2022), a diáspora africana são essas experiências históricas das quais pode-se traçar genealogias da agência criativa e do protagonismo da população negra na luta por outras formas de ser e estar no mundo. Em retrospecto, longe de buscar uma essência autêntica, Zora Neale Hurston foi uma das responsáveis pela emergência e produção de novas imagens para a figura da(o) negra(o). A cultura foi seu palco. E seus resgates posteriores também são informados pelas ressignificações das representações e identificação do que é (ou não) ser negra(o).

Como evidenciado nesta conclusão (ou iniciação), as conexões com os escritos de autoras negras e até o Feminismo Negro são possíveis pois Hurston está no germe desses movimentos que demonstram a centralidade e agência de mulheres negras nas artes. Todavia, o que mais me importa é seu papel fundacional dos Estudos Culturais por ela inaugurar, em âmbito acadêmico, a centralidade da cultura para se entender as articulações, ações, negociações e rupturas com a sociedade racista. A cultura ainda é o palco principal de disputa de significados e suas representações. Hurston abre caminho para uma Antropologia baseada nas *diferenciações* que importam, no fazer científico respeitoso e na observação atenta das pessoas e culturas comuns.

A presente tese conclui que Zora Neale Hurston, ao operar entre os limites do espaço de experiência imposto por uma sociedade segregacionista e o horizonte de expectativas aberto pelas movimentações políticas e culturais negras, constrói uma trajetória intelectual marcada pela agência, complexidade e inovação. Seus escritos e práticas culturais colocam a cultura no centro das disputas por significado, criando fissuras nos discursos hegemônicos sobre raça e gênero. Ao articular saberes da antropologia, da literatura e das artes, Hurston antecipa discussões fundamentais dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, tornando-se referência inescapável para a compreensão das formas criativas de existência negra. Sua vida e obra constituem, portanto, um marco epistemológico e político que atravessa séculos e fronteiras, reafirmando a centralidade das mulheres negras como produtoras de conhecimento, memória e transformação social.

Espero que este trabalho sirva, de alguma maneira, para ampliar os debates sobre a centralidade de nossas ancestrais negras na tentativa de construção de uma sociedade que não seja alicerçada pelos enclausuramentos impostos e que o horizonte de expectativa seja pautado pelos desafios do bem-viver.

**ANEXO I – MATERIAIS FÍSICOS ENCONTRADOS NA BIBLIOTECA *GEORGE SMATHERS* – UNIVERSITY OF FLORIDA**

<b>Decada</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo de Material</b>	<b>Título</b>	<b>Publisher</b>	<b>Cidade</b>	<b>Estado</b>
1920	1927	document	Marriage License with Hebert A Sheen			
1920	1929	drama play	From Sun To Sun			
1930	1939	book	Voodooos Gods: Na Inquiry into Native Myths and Magic in Jamaica and Haiti	JM Dent & Sons Ltd	Londres	
1930	1934	document	Book News from The Daily News by Dorothy Dockstader		Illinois	Chicago
1930	1938	letter	From Carita Corse to Max Hunter		Tampa	Florida
1930	1934	newspaper	Miscellaneous - about her drama play			Chicago
1930	1939	newspaper	Zora Neale Hurston	Wilson Library Bulletin	NYC	NY
1930	1933	drama play	From Sun To Sun	Rollins College	Winter Park	Florida
1930	1934	newspaper	Worried "De Lawd"			
1930	1939	drama play	The Fire Dance	FWP	Orlando	Florida
1930	1934	review about her work	A Pungent, Poetic Novel About Negroes	New York Herald Tribune	NYC	NY
1930	1934	review about her work	Books and Things	New York Herald Tribune	NYC	NY
1930	1934	review about her work	Book of the Times	The New York Times	NYC	NY
1930	1937	newspaper	Book of The Month Awards Prizes To Four Writers	New York Herald Tribune	NYC	NY
1930	1937	newspaper	Books and Things	New York Herald Tribune	NYC	NY
1930	1937	review about her work	Books of the Times	The New York Times	NYC	NY
1930	1937	review about her work	The Full, True Flavor of Life in the Negro Community	The New York Times	NYC	NY
1930	1938	review about her work	Down in Haiti			

1930	sd	manuscript	Photographing the Turpentine Industry at Cross City	FWP	Cross City	Florida
1930	1938	manuscript	Art and Such			
1930	1939	manuscript	Cross City: Turpentine	FWP	Cross City	Florida
1930	sd	manuscript	Go Gator and Muddy the Water	FWP		Florida
1930	sd	manuscript	Folklore	FWP		Florida
1930	sd	transcription	WPA Recording Transcription by Tiffany Pennamon (2023)	FWP		Florida
1940	1941	newspaper	Girl Stalks Negro Lore	New York World Telegram		NY
1940	1943	letter	To McBride from Zora		Daytona Beach	Florida
1940	1942	review about her work	From Eatonville, Fla to Harlem	New York Herald Tribune	NYC	NY
1940	1942	review about her work	Zora Neale Hurston's Story	The New York Times	NYC	NY
1940	1943	short story	High John De Conquer	American Mercury	NYC	NY
1940	1942	audio record	Zora Neale Hurston Lomax			
1950	1950	newspaper	Famous Negro Author Working As Maid Here Just 'To Live A Little'	Miami Herald	Miami	Florida
1950	1955	newspaper	Voice of the Multitude		Orlando	Florida
1950	1951	document	Contract Rent		Eau Gallie	Florida
1950	1956	document	Florida State Bank		Eau Gallie	Florida
1950	1948	document	Attucks Republican Club		NYC	NY
1950	1952	document	Royalty Statement JB Lippincott Co	JB Lippincott Co	NYC	NY
1950	1956	document	Bethune Cookman College		Daytona Beach	Florida
1950	1958	document	Recommendation Letter to be Teacher			Florida
1950	1959	document	Credit Information - Deadline Information		Fort Pierce	Florida
1950	1959	document	Fort Pierce Memorial Due		Fort Pierce	Florida
1950	1959	document	Unemployment Compensation		Tallahassee	Florida
1950	1955	letter	To Harry from Norman Williams			
1950	1955	newspaper	Says Integration Has Had Bad Effect at the DC	Richmond Times Dispatch	Richmond	Virginia

1950	1956	newspaper	The Big Question	The Augusta Courier (reprint from Community Citizen - negro newspaper)	Augusta	Georgia
1950	1956	newspaper	This Ain't No Time for Scrappin' and Fussin' -- This is Prayin Time'	Memphis Press Scimitar	Memphis	Tennessee
1950	1951	letter	To The Editor of the Florida Times Union from Zora			Florida
1950	1955	letter	From George E Stratemeyer to Zora		Winter Park	Florida
1950	1950s	manuscript	Sketch book - Herold The Great			
1950	1950s	manuscript	Herold the Great - Introduce Preface [part I]			
1950	1950s	manuscript	Herold the Great - Introduce Preface [part II]			
1950	1950s	manuscript	Herold the Great - Introduction A B			
1950	1950s	manuscript	The Woman in Gaul			
1950	1955- 1958	manuscript	The Enemy - Unique Personal			
1950	1958	manuscript	The Elusive Goal - Brotherhood of Mankind			
1950	1950	opinion	I Saw Negro Votes Peddled	The American Legion Magazine		
1950	1950	opinion	The Conscience of The Court	Saturday Evening Post		
1950	1955	opinion	A Negro Deplores the Segregation Decision	Orlando Sentinel	Orlando	Florida
1950	1955	opinion	Court Order Can't Make Races Mix	Orlando Sentinel		
1950	1959	opinion	Hoodoo and Black Magic	The Chronicle		
1950	1950s	opinion	Writer Thinks Court Insulted	The Greenville News	Greenville	South Carolina
2020	2023	documentary	Zora Neale Hurston: Claiming for Space			
1960	1960	biography	Zora Neale Hurston: A personality with Sketch	Library Gazette - Yale University	New Haven	Connecticut

1970	1974	issue	Black Women Image Makers	Black World/Negro Digest	Illinois	Chicago
1960	1960	newspaper	Seek \$ For Zora's Funeral	Fort Pierce News Tribune	Fort Pierce	Florida
1960	1960	newspaper	Miscellaneous - about her passed			
1970	1975	biography	Zora Hurston Interpreted Southern Black Experience	Gainesville Sun	Gainesville	Florida
1970	1978	newspaper	Fellowship Honors Zora Neale Hurston	Gainesville Sun	Gainesville	Florida
1970	1798	newspaper	Woman's Achievement Week begins Oct 17	Sentinel Star	Orlando	Florida
1980	1988	newspaper	A Great American Flowering - Book Review	The New York Times	NYC	NY
1980	1988	newspaper	Linguistic look back at Zora Neale Hurston	Gainesville Sun	Gainesville	Florida
1990	1990	newspaper	A Folklorist Who Insisted on Black Pride	The New York Times	NYC	NY
1990	1990	newspaper	Renaissance For a Pioneer Of Black Pride	The New York Times	NYC	NY
1990	1991	newspaper	Charred Manuscripts Tell Zora Neale Hurston's Poignant and Powerful Story	The Chronicle of Higher Education		Washington DC
1990	1992	newspaper	Hurston festival a bid to save town	Gainesville Sun	Gainesville	Florida
1990	1992	newspaper	Retaining the spirit of Hurston	Gainesville Sun	Gainesville	Florida
1990	1993	newspaper	Hurston's work rises from the ashes	Alligator	Gainesville	Florida
1990	1993	newspaper	Literary Treasure Discovered	Gainesville Today	Gainesville	Florida
2010	2019	newspaper	Works of Zora Neale Hurston to be Celebrated	Gainesville Guardian	Gainesville	Florida
1990	1997	drama play	Polk County: A Comedy of Negro Life in a Sawmill Camp	LOC		Washington DC
1960	1969	review about her work	Black Folktales	Orlando Sentinel	Orlando	Florida
1970	1979	review about her work	Biblical Story in Negro Rhythm	New York Herald Tribune	NYC	NY
1990	1990	newspaper	Young people get 'Zora book' of their own	Gainesville Sun	Gainesville	Florida

1990	1995	review about her work	"Let My People Go"	Orange County Chief	Apopka	Florida
1980	1986	newspaper	Van Vetchen collection shown	Florida Times Union	Jacksonville	Florida
2000	2005	biography	A Memoir For Zora Neale Hurston		Gainesville	Florida
1990	1993	unkown	unkown	Gainesville Today	Gainesville	Florida
2020	2022	magazine	Zora Neale Hurston Festival		Eatonville	Florida
Sd	sd	newspaper	Great Florida Negro Author Forgotten			
1970	1977	biography	Zora Neale Hurston: A Literary Biography	University of Illinois Press	Illinois	Chicago
2000	2005	biography	Zora Neale Hurston and American Literary Culture	University of Press Florida	Gainesville	Florida
2010	2010	biography	The Inside Light: New Critical Essays on Zora Neale Hurston	Praeger	Santa Barbara	California
2010	2011	biography	Zora Neale Hurston's Final Decade	University of Press Florida	Gainesville	Florida
Sd	sd	manuscript	A New Florida Novelist: Zora Neale Hurston Scores a Hit			
Sd	sd	manuscript	No Race Champion			
Sd	sd	manuscript	Memories of Zora Neale Hurston			
Sd	sd	manuscript	Zora Neale Hurston: Novelist			
Sd	sd	biography	Zora Neale Hurston			
Sd	sd	manuscript	The Story of Zora Neale Hurston			
Sd	sd	manuscript	Zora Neale Hurston			
Sd	sd	manuscript	Zora Neale Hurston			
Sd	sd	review about her work	Florida Local Color			
Sd	sd	review about her work	In Search of Negro Folk-Lore			
Sd	sd	review about her work	Some Reviews of Zora Neale Hurston's Previews Book	JB Lippincott Co		
Sd	sd	review about her work	Their Eyes Were Watching God by Zora Neale Hurston			
Sd	sd	card	I'm A Segregationist Because			
Sd	sd	envelope	unkown		Orlando	Florida

Sd	sd	excerpt	The Printer That's Dedicated to God - Norman Lee Williams			
Sd	sd	letter	Western Union			Florida
Sd	sd	letter	I am getting old and a little tired			
Sd	sd	letter	You Could Never Understand Me			
Sd	sd	letter	Dear Ms. Hurston As I Am to review your book			
Sd	sd	letter	United States Day Commitee Tulsa		Tulsa	Oklahoma
Sd	sd	letter	Story mentioned by Zora			
Sd	sd	manuscript	Creative Negro Literature in Florida			
Sd	sd	manuscript	Some Comments on Miss Hurston's Two Books			
1930	sd	manuscript	Extracts from newspaper clipping			
Sd	sd	manuscript	Florida's Migrant Farm Worker			
Sd	sd	manuscript	Richard III of England			
Sd	sd	manuscript	Test - Como iniciar um livro			
Sd	sd	manuscript	The Seventh Veil			
Sd	sd	manuscript	The South Was Had			
Sd	sd	newspaper	Southern Clubwomen Better Living Conditions Of Negroes			
Sd	sd	newspaper	The Ugly Truth About The NAACP		Atlanta	Georgia
Sd	sd	newspaper	The Washington Treadmill			
Sd	sd	drama play	Sun to Sun		Orlando	Florida
Sd	sd	poem	At the Camp Meeting			
Sd	sd	poem	Reading the Deck			
Sd	sd	unkown	Cuban Music			
Sd	sd	event	Negro Folk Lore in America and Some of Her Own Writings			Chicago
Sd	sd	letter	Ocoee Incident	FWP		Florida
Sd	sd	opinion	Negroes Without Self-Pity	American Mercury		
Sd	sd	newspaper	Zora Hurston Chanters Offer Concert Sponsered by Rollings Folk-Lore Group		Winter Park	Florida
Sd	sd	letter	Unkown			
Sd	sd	manuscript	The Feiry Chariot			

Sd	sd	manuscript	Take For Instance Spessard Holland			
----	----	------------	---------------------------------------	--	--	--

**ANEXO II – FOTOGRAFIAS DISPONIBILIZADAS NO ACERVO DIGITAL DA  
BIBLIOTECA GEORGE SMATHERS – UNIVERSITY OF FLORIDA**

<b>Folder</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>		<b>Cidade</b>	<b>Estado</b>
1	sd	portrait of Zora wearing large dark colored beret, white shirt with emroidery, smiling			
1	sd	Hurston young, seated on fountain, wearing dark coat with white accents, looking off to the side			
1	1956	Zora waring white dress, white flower necklace, haircut with bangs		Eau Gallie	Florida
1	1939	Zora smoking a cigarette, looking at the camera. She sits on the porch of a cabin at Aycock and Lindsay turpentine camp		Cross City	Florida
1	1958-1959	Hurston sits with two women, a small girl, and a dog		Fort Pierce	Florida
1	1958	Publicity photo for Seraph on the Suwannee. Wearing dark dress with white accents, white leaf earrings			
2	sd	Young Zora, sits in white blouse with dark scarf around her neck			
2	sd	Hurston wearing dark top and skirt, seated in a chair in what appears to be a living room. Waving and smiling at the camera			
2	sd	Zora in college (?) - leaning on a tree, with ukulele, wearing a window pane coat, hat with broach. Smiling at camera			
2	sd	Zora "flapper" outfit, wearing large light colored hat, white shirt, dark belt, and white knee-high socks. Standing akimbo, outdoors			

2	sd	Zora wearing white dress, white hat. Standing in front of palm plants, gazing at the sky			
2	1938	Zora at FWP exhibit. Reading from a book entitled American Stuff. Wearing metallic dress, dark hat with veil, and gloves			
2	sd	Zora close-up, in automobile. Wearing beret off the side, gazing forward			
2	sd	Zora close-up, in automobile. Wearing same outfit, holding cigarette in right hand, laughing			
2	sd	Zora copy of magazine photo (?) Wearing beret off to the side and patterned top. Looking at the camera, gently smiling			
2	sd	Unidentified black gentleman, wearing circular glasses, a white collared shirt, and a dark jacket. Looking at camera			
2	sd	Friend of Zora with dolls		Washington DC	Washington
2	sd	Zora with a child. Photo is out of focus			
2	sd	Zora with friend and doll		Washington DC	Washington
2	sd	Zora and others on porch. Zora stands between two women and behind a boy and a girl. Everyone is dressed in dark colored clothing			
2	sd	Zora and friend, close-up and out of focus			
2	sd	Young Zora, outdoors. Leaning against a chain-linked fence, wearing a light dress with black sash at the waste. Smiling at camera			
2	sd	Young Zora, outdoors, wearing overcoat, holding a hat and purse in her hand. Looking at camera			
2	sd	Young Zora standing with a friend, hands in coat pocket, wearing dark overcoat. Outdoors			

2	sd	Young Zora with dolls, sitting on same street from photo 11 e 13		Washington DC	Washington
2	sd	Young Zora standing with two female friends. Arms around them, standing outside			
2	sd	Young Zora stading on porch with three men, two women sitting on steps			
2	1932	scene from play, The Great Day. Zora is at the far right			
2	sd	Dell's Café, Eatonville		Eatonville	Florida
2	sd	Small Frame Building, school (?)		Eatonville	Florida
2	1935	Zora wearing straw hat, looses dress		Eatonville	Florida
2	1930s	Zora in front of a boat being rowed by a black man, collecting folklore			
2	sd	Zora before a fountain, holding a dark hat in her hand and wearing healed shoes, looking at camera. Student at Howard		Washington DC	Washington
2	sd	Close-up of Zora. Staining in front of the same fountain			
3	1934	Zora in a fur coat, left hand resting on her stomach, wearing a gray hat with a feather on it. Smiling at camera			
3	1934	Zora in fur coat. Silimar to C1			
3	sd	Zora wearing dark skirt and top, wearing dark hat, sitting in a chair, smilling, waving at camera			
3	sd	closed up of Zora holding flowers, wearing beaded necklace			

3	sd	Zora wearing the clothing from C4, patterned background, looking off to the left			
3	sd	Zora wearing the same clothing from C4 e C5, wearing a fedora, head turned to the side, looking at camera. Hands folded in lap			
4	1935	Bill Tatnall with a guitar, sitting on porch		Frederica	Georgia
4	1935	Miscellaneous photo strip, two of which are of Bill Tatnall		Frederica	Georgia
4	1935	Gabriel Brown and Rochelle French playing guitar		Eatonville	Florida
4	1935	Gabriel Brown and Rochelle French looking at camera		Eatonville	Florida
4	1935	Gabriel Brown and Rochelle French playing guitar		Eatonville	Florida
4	1935	Zora listens while Rochelle French and Gabriel Brown sing and play the guitar		Eatonville	Florida
4	1935	Roger Mathews, Booker T Sapps and two women, Mathews and Sapps play harmonica		Belle Glade	Florida
4	1935	Roger Matthew and Booker T Sapps. Half-length portrait		Belle Glade	Florida
4	1935	Roger Matthew (harmonica), Willie Flowers (guitar), Booker T Sapps (harmonica)		Belle Glade	Florida

**ANEXO III – ACERVO DIGITAL DISPONIBILIZADO PELA BIBLIOTECA  
GEORGE SMATHERS – UNIVERSITY OF FLORIDA**

<b>Ano</b>	<b>Tipo de Material</b>	<b>Título</b>	<b>Publisher</b>	<b>Cidade</b>	<b>Estado</b>
1958	letter	To Mitchell Ferguson (Coordinator State Department of Education)		Fort Pierce	Florida
1956	letter	From Madeline Wiltz		Woodstock	NY
1957	letter	From Grace Davis		NYC	NY
1957	letter	From Iva Hurston		NYC	NY
1960	about her work	From Hubert Johnson (LB Lippincott) to Edwin O Grover		Philadelphia	Pennsylvania
1958	letter	John Scott Mahon to Zora		NYC	NY
1958	about her work	George Bebee (Miami Herald) to Doug Silver		Fort Pierce	Florida
1958	letter	From DE Williams (Department of Education)		Tallahassee	Florida
1958	letter	From King Clennon		Lorman	Mississippi
1958	letter	From DE Williams (Department of Education)		Tallahassee	Florida
1958	letter	From Marie Hart			
1958	letter	From Mitchell Ferguson (Department of Education)		Tallahassee	Florida
1958	letter	From King Clennon - about his search		Lorman	Mississippi
1958	letter	From TC Boston Beam		Yanceyville	North Carolina

1960	about her work	Clark Maxwell (Office of the City Manager) to EO Grover		Eau Gallie	Florida
1957	letter	Nelson Rutledge (General Eletrics Company)			
1957	letter	From Frederick Augustine			Florida
1957	letter	From Ronald Cutler		Gainesville	Florida
1957	letter	From Everett Hurston		NYC	NY
1957	card	From Mary Holland			
1957	letter	From Ronald Cutler 2		Gainesville	Florida
1957	letter	From Eva		Riverside	California
1957	letter	From William Knowland (Senate)			Washington DC
1957	letter	From Juanita Ruell			Washington DC
1960	about her work	EO Grover to Mr Maxell		Winter Park	Florida
1957	letter	From M Heggernan		NYC	NY
1957	letter	From Iva Hurston 2		NYC	NY
1957	letter	From Everett Hurston 2		NYC	NY
1956	card	From Margrit Sabloniere			
1956	letter	From Katharane		LA	California
1956	letter	To Sabloniere		Cocoa	Florida
1956	about her work	Maurice Michale to Margrit de Sabloniere		London	UK
1956	letter	From BH Dennis			NY
1956	letter	From Martin Anderson (Orlando Sentinel)			Florida
1956	letter	From Alexander Jack (Saturday Evening Post)		Philadelphia	Pennsylvania
1960	about her work	EO Grover to Mr Maxell 2		Winter Park	Florida

1960	about her work	EO Grover to Maxwell (City Manager Winter Park)		Winter Park	Florida
1956	letter	From PH Goddard		Cocoa	Florida
1956	about her work	Irene Traffero to Orlando Sentinel			
1956	letter	From Levi Miller (The Methodist Church)		Baltimore	Madison
1956	letter	From Larry Eliseberg (Men and Mules)		Nashville	Tennessee
1956	about her work	Harold Gartley (Lippincott) to Margrit Sabloniere			
1956	letter	To Sabloniere 2		Eau Gallie	Florida
1956	letter	From Martin Andersen		Orlando	Florida
1956	letter	From Larry Eliseberg (Methodist Youth Camp)		Leesburg	Florida
1956	letter	From Margrit Sabloniere 2			
1959	letter	From Clennon King		Campton	California
1956	letter	To Margrit Sabloniere		Eau Gallie	Florida
1956	letter	From Margrit Sabloniere 3		London	UK
1956	letter	From Mary B Wolfe			
1955	card	From EE Owen		Palatka	Florida
1955	letter	From Edna Savoya (Miami Public Library)		Miami	Florida
1955	letter	From Juanita Ruell		Seattle	Washington
1955	letter	To Margrit Sabloniere 4		Eau Gallie	Florida
1955	card	From Dorothy Owen			
1955	letter	From John K Crippen part 1 e parte 2]			

1955	letter	From Martin Andersen (Burker Kuipers e Mahoney - Newspaper Representatives)		Orlando	Florida
1955	letter	From HR Oehmler		Pittsburgh	Pennsylvania
1955	letter	From William Morgan			Alabama
1955	letter	From Hoyt Fuller		Chicago	Illinois
1955	letter	From Joseph C Keeley (American Legion Magazine)		NYC	NY
1955	letter	From Willie Brown			Florida
1955	letter	From Alma Hetherington		Cloud	Florida
1955	about her work	From Josephine Leighton to "Fellow" New York (Guggenheim Memorial Foundation)		NYC	NY
1955	letter	From Richard Bardolph (The Woman's College of The University of North Carolina)			
1955	letter	From TL Hill		Newberry	South Carolina
1958	letter	From Frank Alexander (Treasurer Office State of Florida)		Tallahassee	Florida
1955	about her work	WW Taylor (North Carolina Advisory Committee on Education) to Editor of Orlando Sentinel			North Carolina
1955	letter	From WW Taylor (North Carolina Advisory Committee on Education)			North Carolina
1955	letter	From Eva Lynd		Melbourne	Florida

1955	about her work	From Virginus Dabney to Martin Andersen Richmond (Orlando Sentinel)		Richmond	Virginia
1955	letter	From Louis Waldaman (conselors at law)		NYC	NY
1955	letter	From Burdell Bixby		NYC	NY
1958	letter	From Edwin J Larson (Treasure Office State of Florida)			
1955	letter	Fom Huie William		Bethesda	Marylando
1955	card	From VanBergens			
1954	card	From H Barley			Spain
1954	letter	From Waldo E Sexton (Vero Beach Realty Company)		Vero Beach	Florida
1954	letter	From Marjorie Meyer (David McKay Company)		NYC	NYC
1953	letter	From Sheen Constance			Chicago
1953	letter	From David Lawrence (H S News e World Report)			Washington
1953	letter	To Mr William Nunn		Eau Gallie	Florida
1953	letter	From Jean Parker Waterbury (Mavis McIntosh - Elizabeth McKee - Literary Representatives)		NYC	NY
1953	letter	From Maudie H Warfel		Wilmington	
1953	letter	From Nancy Hammond (G P Putnam Sons)		London	UK
1953	letter	From Prudence Hetherington			
1952	card	From J C Hurston			
1952	letter	From William Nunn (Courier Manging Editor)		Pittsburgh	Pennsylvania

1952	letter	From F C Lokko		Harbel	Liberia
1952	letter	From Frederick Nelson (Saturday Evening Post)		Philadelphia	Pennsylvania
1952	letter	From Woodrow Darden (Board of Public Instruction Brevard County)		Titusville	Florida
1952	letter	From Jean Parker Waterbury (Mavis McIntosh - Elizabeth McKee - Literary Representatives) 2		NYC	NY
1952	letter	To Jean Waterbury		Eau Gallie	Florida
1952	letter	To Jean Waterbury 2		Eau Gallie	Florida
1952	letter	To Jean Waterbury 3		Eau Gallie	Florida
1954	card	From Helen and Burroughs Mitchell		Piermont	NY
1951	letter	To Jean Waterbury 4		Eau Gallie	Florida
1951	letter	To Jean Waterbury 5		Eau Gallie	Florida
1951	letter	To Jean Waterbury 6		Eau Gallie	Florida
1951	letter	To Jean Waterbury 7		Eau Gallie	Florida
1951	letter	From Jean Waterbury 3		NYC	NY
1951	letter	To Jean Waterbury 8		Eau Gallie	Florida
1951	letter	To Jean Waterbury 9		Belle Glade	Florida
1951	letter	To Mavis McIntosh - Elizabeth McKee - Literary Representatives)		Belle Glade	Florida
1951	letter	To Jean Waterbury 10			Florida

1951	letter	To Mavis McIntosh - Elizabeth McKee - Literary Representatives) 2		Belle Glade	Florida
1954	card	From Ralph Hartman			
1951	letter	To Jean Waterbury 11			Florida
1950	letter	From LeRoy Collins (State of Florida - Executive Department)		Talalhassee	Florida
1950	about her work	From Angus Graham (Graham Keeling Corporation) to The City Editor		Miami	Florida
1950	letter	From H A Leonard (Florida State Nurses Association)		Miami	Florida
1943	letter	To E O Grover		Maitland	Florida
1943	letter	To Hamilton Holt		Daytona Beach	Florida
1943	letter	From Hamilton Holt		Philadelphia	Pennsylvania
1942	letter	To E O Grover		Daytona Beach	Florida
1942	letter	From E O Grover		Winter Park	Florida
1942	letter	From E O Grover 2		Winter Park	Florida
1954	letter	From William Nunn (Courier Manging Editor) 2		Pittsburgh	Pennsylvania
1942	about her work	E O Grover to Mr Pfiffer (JB Lippincott)			
1942	about her work	F Pfiffer (JB Lippincott) to E O Grover		Philadelphia	Pennsylvania
1942	about her work	From E O Grover to Earl C Osborne			

1942	card	To E O Grover (vice-president Rollins College)		Winter Park	Florida
1941	letter	To E O Grover (Paramount Pictures) 2		LA	California
1940	about her work	From Fanny Hurst to E O Grover		NYC	NY
1939	letter	To E O Grover		Durhan	North Carolina
1938	letter	To Carita Corse			
1937	about her work	From Lippincott to E O Grover			
1937	letter	To E O Grover 2		Long Island	NY
1936	letter	To E O Grover 3		Long Island	NY
1954	letter	From George Smathers US Senate)			Washington
1936	letter	To Stanley Hoole (Birgminham- Southern College)		NYC	NY
1935	letter	To E O Grover 4		NYC	NY
1934	letter	To E O Grover 5		Chicago	Illinois
1934	about her work	Lippincott to E O Grover		Philadelphia	Pennsylvania
1933	letter	From E O Grover			
1933	letter	To EO Grover 6			
1932	letter	To E O Grover 7		Maitland	Florida
1932	letter	To E O Grover 8		Eatonville	Florida
1932	letter	To E O Grover 9		Eatonville	Florida
1954	letter	To Saturday Evening Post		Eau Gallie	Florida
1926	letter	From Constance Sheen			
1926	letter	To Connie Sheen			

1926	letter	To Connie Sheen 2		NYC	NY
sd	letter	From Jesse V Bates		LA	California
sd	letter	From Ronald Cutler (University of Florida)		Gainesville	Florida
1960	about her work	From Robt N Enns to Mr Moore			
sd	letter	From Neail Gandy			
sd	letter	From Prudence Hetherington			
sd	letter	From William Huie		Jacksonville	Florida
sd	letter	To E O Grover		NYC	NY
1954	letter	From William Huie		Garden City	Alabama
sd	letter	From E Kahn Jr			
sd	letter	From Dorothy Owen		Arlington	Florida
sd	letter	From Thomas Scott		Charleston	West Virginia
sd	letter	From T J Seller (NY Amsterdam News)			
sd	letter	From Lna Smathers			
sd	letter	From Waldo E Sexton (Vero Beach Realty Company)		Vero Beach	Florida
sd	letter	From Frank Smathers		Miami	Florida
sd	letter	From Frank Smathers 2		Miami	Florida
sd	letter	From Lna Smathers 2		Wayneville	North Carolina
1955	letter	To Mary Holland		Eau Gallie	Florida
1954	letter	From Rosina MacLusk			New Jersey
1957	letter	To Mary Holland 2		Eau Gallie	Florida
1957	letter	To Mary Holland 3		Eau Gallie	Florida
1958	letter	To Mary Holland 4		Fort Pierce	Florida



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A FEARLESS History. **Barnard College**, New York, s/d. Disponível em: <<https://barnard.edu/boldly-barnard/fearless-history>>. Acesso em: 20/05/2024.

ABOUT Eatonville. **Town of Eatonville**, Eatonville, s/d. Disponível em: <<http://www.townofeatonville.org/about-eatonville>>. Acesso em: 16/07/2023.

ABOUT EATONVILLE. **Town of Eatonville**, Eatonville. Disponível em: <https://www.townofeatonville.org/about-eatonville>. Acesso em: 11/02/2024.

ABOUT The Fellowship. **Guggenheim Foundation**, New York, s/d. Disponível em: <<https://www.gf.org/about-us/>>. Acesso em: 21/07/2024.

ABOUT the Smathers Library. **Special & Area Studies Collections**, Gainesville, s/d. Disponível em: <<https://sasc.uflib.ufl.edu/about-us/about-smathers/>>. Acesso em: 18/05/2024.

ABOUT the Smathers Library. **Special & Area Studies Collections**. [Gainesville]. s/d. Disponível em: <<https://sasc.uflib.ufl.edu/about-us/about-smathers/>>. Acesso em: 21/04/2024.

ABOUT. **Wilberforce University**, Ohio, s/d. Disponível em: <<https://wilberforce.edu/about-wilberforce/>>. Acesso em: 15/04/2024.

ALABAMA Constitution of 1901. **Encyclopedia of Alabama**. Disponível em: <<https://encyclopediaofalabama.org/article/alabama-constitution-of-1901/>>. Acesso em: 27/05/2024.

ALADRÉN, Gabriel. Bajo mi protección y amparo: os decretos espanhóis de liberdade de escravos fugitivos e os conflitos imperiais no Atlântico, 1680-1791. **Topoi**, Rio de Janeiro. 18, n. 36, p. 514-536, set./dez. 2017. Disponível em: <[scielo.br/j/topoi/a/mTTzhStcfRqTcfNqJNSFN4j/?format=pdf&lang=pt](https://scielo.br/j/topoi/a/mTTzhStcfRqTcfNqJNSFN4j/?format=pdf&lang=pt)>. Acesso em: 22/02/2024.

ALL-Time 100 Novels. **Time**, New York, 11 jan. 2010. Disponível em: <<https://entertainment.time.com/2005/10/16/all-time-100-novels/slide/their-eyes-were-watching-god-1937-by-zora-neale-hurston/>>. Acesso em: 16/07/2023.

ALVA, R. C. Zora Neale Hurston & Their Eyes Were Watching God: a construção de uma identidade afro-americana feminina e a tradução para o português do Brasil. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - [Programa de Pós-Graduação em Letras](#). Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <<https://www.btdt.uerj.br:8443/handle/1/6434>>. Acesso em: 10/05/2021.

ALVES, É. F.; FERREIRA, G. D. F.; SANTOS, C. R. Identidade e Subjetividade no Ensaio How It Feels To Be Colored Me. **Humanidade e Inovação**, Palmas, v. 6, n. 5, 2019. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1016>>. Acesso em: 18/05/2021.

APPLY for a SASC Travel to Collections Grant. **Special & Area Studies Collections**. [Gainesville]. 15 mar. 2024. Disponível em: <<https://sasc.uflib.ufl.edu/2024/03/15/apply-for-a-sasc-travel-to-collections-grant/>>. Acesso em: 21/04/2024.

ARAO, Brian. Roles of Black Women and Girls in Education: A Historical Reflection. **School of Education**, San Francisco, 2016. Disponível em: <[https://repository.usfca.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1012&context=listening\\_to\\_the\\_voices](https://repository.usfca.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1012&context=listening_to_the_voices)>. Acesso em: 18/03/2024.

ATHENA in Jackson Park (The Golden Lady). Produção: Daniel Chester French. Chicago: **ATLAS**, s/d. Disponível em: <<https://sites.northwestern.edu/atlas/2015/02/18/whos-that-lady-the-golden-lady-of-jackson-park/>>. Acesso em: 28/07/2024.

ATLAS da Violência. **IPEA**, Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>>. Acesso em 02/02/2024.

BACK, Les; TATE, Maggie. A Cor da Imaginação Sociológica: W.E.B. Du Bois, Stuart Hall e a Sociologia De-Segregante. *Revista ABPN*, São Paulo, v. 12, n. 33, p. 623 - 648, ago., 2020. Disponível em: <<https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1022/897>>. Acesso em: 01/05/2022.

BAKER, LEE. D. **From Savage to Negro: Anthropology and the Construction of Race, 1896-1954.** Los Angeles: University of California Press. 1998.

BASQUES, M.M. Diários de antropologia griô: etnografia e literatura na obra de Zora Neale Hurston. **Anthropológicas**, Recife, v. 30, n. 2, ano 23, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/244086>>. Acesso em: 20/05/2021.

BASQUES, M.M. Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais (texto de apresentação). **Ayé: Revista de Antropologia**, Redenção, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/288>>. Acesso em: 25/05/2021.

BEITO, David. How the New Deal Harmed Black Americans. **Independent Institute**, Oakland, 5 set. 2023. Disponível em: <<https://www.independent.org/news/article.asp?id=14660>>. Acesso em: 17/09/2024.

BERMEGUY, T. Lendo Zora Neale Hurston: a obra *Mules and Mene* sua relação com a teoria e a história da antropologia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 30, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/183139/173862/502561>>. Acesso em: 15/05/2021.

BOAS, Franz. [Correspondência]. Destinatário: Edwin Embree. 20 mar. 1935. **Women of Rosenwald Fellowship**, Springfield. Disponível em: <<https://womenofrosenwaldfellowship.omeka.net/exhibits/show/zora-neale-hurston/item/1343>>. Acesso em: 20/08/2024.

BOAS, Franz. Changes in Bodily Form of Descendants of Immigrants. **Nature**, New York, n. 90, 1913. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/090667a0#:~:text=One%20of%20the%20most%20remarkable%20of%20the%20facts>>. Acesso em: 28/06/2024.

BOAS, Franz. Some recent criticism of physical anthropology. **American Anthropologist**, New York, v. 1, n. 1, 1899. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/d8645236-3347-3854-8bc5-eab56231aa79?seq=1>>. Acesso em: 29/03/2024.

BOAS, Franz. The Limitations of the Comparative Method of Anthropology. **Science**, New York, v. 14, n. 103, 1896. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/pdf/1623004.pdf>>. Acesso em: 22/06/2024.

BOOKS That Shaped America: Their Eyes Were Watching God. **C-Span**, Washington D.C., 6 nov. 2023. Disponível em: <<https://www.c-span.org/program/books-that-shaped-america/their-eyes-were-watching-god/631120>>. Acesso em: 02/12/2023.

BOOTH, Melinda. Charlotte Osgood Mason: Politics of Misrepresentation. **Oakland Journal**, Oakland, n. 10, 2006. Disponível em: <<https://our.oakland.edu/items/df197286-2f0e-45d2-b75f-34f83a21e662/full>>. Acesso em: 14/07/2024.

BORDIN, M.I. Identities in context : gender and race in William Faulkner's Light in august and Zora Neale Hurston's Their eyes were watching god. **Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pelotas. 2015. Disponível em:** <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131632>>. Acesso em: 10/05/2021.

BÖSCHEMEIER, A. G. E.; CABANILLAS, N.; ERICKSON, S. S. F.; BARBOSA, V. D.; NASCIMENTO, F. F.; COSTA, M. T. La traducción de Zora Neale Hurston al canon antropológico: prácticas de extensión universitaria desde una perspectiva feminista e interseccional. **Mutatis Mutandis**, v. 13, n. 2, 2020, jul./dez. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/4992/499272738003/499272738003.pdf>>. Acesso em: 15/05/2021.

BOYD, Valerie. **Wrapped in Rainbows: The Life of Zora Neale Hurston**. New York: Scribner, 2003.

BRINTON, Daniel G. The Aims of Anthropology. **Science**, New York, v. II, n. 35. 1895. Disponível em: <<https://archive.org/details/jstor-1623796/page/n1/mode/2up?view=theater>>. Acesso em: 19/06/2024.

CANDIA, M.R. '**Signifyin(g) womanhood: the short fiction of Zora Neale Hurston and Alice Walker**'. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008. Disponível: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-03092008-163701/pt-br.php>>. Acesso em: 10/05/2021.

CAPTAINCY General of Cuba. [Mapa]. **Open Historical Map**. s/d. Disponível em: <<https://www.openhistoricalmap.org/relation/2841673#map=4/34.45/-92.11&layers=O&date=1925-03-15&daterange=1825-01-01,2025-12-31>>. Acesso em: 21/04/2024.

CARDOSO, Rafael. Imprensa Negra: 190 anos de luta antirracista ligam passado e presente. **Agência Brasil**, Brasília, 14 set. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/imprensa-negra-190-anos-de-luta-antirracista-liga-passado-e-presente>>. Acesso em: 19/03/2024.

CHAMBERLAIN, John. Books of The Time. **The New York Times**, 1934.

CHIREAU, Yvonne P. **Black Magic: Religion and the African American Conjuring Tradition**, Los Angeles: University of California Press, 2003.

CHISHOLM, N. J. Monica Miller to Guest Curate ‘Black Dandyism’ Exhibit at Met. **Barnard Magazine**, winter 2025. Disponível em: <<https://barnard.edu/magazine/winter-2025/monica-miller-guest-curate-black-dandyism-exhibit-met>>. Acesso em: 30/05/2025.

COLLINS, Patricia H. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18/05/2023.

\_\_\_\_\_. Freedom Now! 1968 as a Turning Point for Black American Student Activism. BHAMBRA, G. K. (org.) **1968 in Retrospect: History, Theory, Alterity**, Palgrave MacMillan, Londres, 2009.

COMMUNICATIONS. **The Journal of Negro History**, Chicago, v. 12, n. 4, 1927. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/epdf/10.1086/JNHv12n4p664>>. Acesso em: 29/03/2024.

CÔRREA, E. Itinerários de Mulheres Negras na Antropologia: Pensando Viagens com Zora Neale Hurston e Lélia Gonzalez. **Ayé: Revista de Antropologia**, Redenção, v. 3, n. 1. 2021. Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/753>>. Acesso em: 18/05/2021.

COTERA, M.E. Inventando a Nação. **Ayé: Revista de Antropologia**, Natal, v. 1, n. 1, mar. 2021. Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/668/355>>. Acesso em: 16/07/2023.

DE OLIVEIRA, R. S. P. ALICE WALKER E ZORA NEALE HURSTON: RESGATE E CIRCULAÇÃO DE ESCRITOS INVISIBILIZADOS. **Revista PINDORAMA**, [S. l.], v. 6, n. 06, p. 16, 2018. DOI: 10.55847/pindorama.v6i06.421. Disponível em: <<https://publicacoes.ifba.edu.br/Pindorama/article/view/421>>. Acesso em: 18/07/2021.

DICKSON, Prince C. Nigeria Under the Spell of Juju. **The Nation**, Matori, 13 jan. 2020. Disponível em: <<https://thenationonlineng.net/nigeria-under-the-spell-of-juju/>>. Acesso em: 28/08/2024.

DOS 5 autores mais vendidos na Flip, 4 são negros e 1 é indígena. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 jul. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/07/dos-5-autores-mais-vendidos-na-flip-4-sao-negros-e-1-e-indigena.shtml>>. Acesso em: 13/07/2023.

DOWNS, R. Florida Lynched More Black People Per Capita Than Any Other State, According to Report. **Broward Palm Beach**, Palm Beach, 11 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.browardpalmbeach.com/news/florida-lynched-more-black-people-per-capita-than-any-other-state-according-to-report-6470940>>. Acesso em: 17/06/2024.

DU BOIS, W. E. B. **The Negro Church**. Atlanta: The Atlanta University Press. 1903. Disponível em: <<https://archive.org/details/negrochurchrepor1903dubo/page/2/mode/2up?ref=ol&view=theater>>. Acesso em: 22/02/2024.

DU BOIS, W.E.B. The Negro Mind Reaches Out. In: LOCKE, A. (ed.) **The New Negro: Voices of Halem Renaissance**. New York: Touchstone Books. 1999.

DU BOIS, W.E.B. **The Souls of Black Folk**. Oxford: Oxford University Press, 2007. Disponível em: <https://files.libcom.org/files/DuBois.pdf>. Acesso em: 09/05/2023.

DU GAY; et al. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman**. 1 ed. Londres: SAGE Puplications. 1997.

DURING the Fellowship: Zora Neale Hurston. **Women of Rosenwald**, New York. Disponível em: <<https://womenofrosenwaldfellowship.omeka.net/exhibits/show/zora-neale-hurston/during-the-fellowship>>. Acesso em: 29/08/2024.

EATONVILLE SPEAKER. **Eatonville Speaker**, 22 jun. 1889. Disponível em: <<https://richesmi.cah.ucf.edu/omeka/items/show/4199>>. Acesso em 10/08/2024.

EATONVILLE SPEAKER. **RICHS**, Orlando, 22 jun. 1889. Disponível em: <<https://richesmi.cah.ucf.edu/omeka/items/show/4199>>. Acesso em: 24/02/2024.

EATONVILLE. **Eatonville's Heritage Trail**. [Eatonville], s/d.

EATONVILLE. [Mapa]. **Google Maps**, s/d. Disponível em: <<https://maps.app.goo.gl/Y8KGF78uTzKMZCaB9>>. Acesso em: 21/04/2024.

EDWARDS, Brent Hayes. The Uses of Diaspora. **Social Text** 66, v. 19, n. 1, Spring, 2001. Disponível em: < <https://readthinkwriteteach.files.wordpress.com/2012/07/19-1edwards.pdf>>. Acesso em: 16/07/2023.

ELLIS, C. A. **Zora Neale Hurston and the Strange Case of Ruby McCollum**. Singapura: Gadfy Pub. 2009.

EMBREE, Edwin. [Correspondência]. Destinatário: Franz Boas. 26 mar. 1935. **Women of Rosenwald Fellowship**, Springfield. Disponível em: <<https://womenofrosenwaldfellowship.omeka.net/exhibits/show/zora-neale-hurston/item/1344>>. Acesso em: 20/08/2024.

ENFORCEMENT Act of 1870. **United States Senate**, 27 mai. 1870. Disponível em: <[https://www.senate.gov/artandhistory/history/common/image/EnforcementAct\\_1870\\_Page\\_1.htm](https://www.senate.gov/artandhistory/history/common/image/EnforcementAct_1870_Page_1.htm)>. Acesso em: 05/08/2024.

EVERGLADES. Mapa da Flórida com o parque Everglades ao sul. [Mapa]. **United States Maps**, 2023. Disponível em: <<https://unitedstatesmaps.org/everglades-national-park-map/>>. Acesso em: 21/01/2024.

EVERGLADES. **National Park Service**, Homestead, s/d. Disponível em: <<https://www.nps.gov/ever/index.htm>>. Acesso em: 21/01/2024.

EXECUTIVE Order 8802: Prohibition of Discrimination in the Defense Industry. **National Archives**, jun. 1941. Disponível em: <<https://www.archives.gov/milestone-documents/executive-order-8802>>. Acesso em: 28/04/2024.

FDR and The New Deal. **PBS**, Arlington County, s/d. Disponível em: <<https://www.pbs.org/tpt/slavery-by-another-name/themes/fdr/>>. Acesso em: 27/07/2024.

FIRE!! Devoted to Younger Negro Artists. Nova York, 1926. Disponível em: <<https://collections.library.yale.edu/catalog/15947166>>. Acesso em: 05/03/2023.

FLORIDA. [Constituição (1885)]. **Constitution of 1885**. Tallahassee. Disponível em: <https://library.law.fsu.edu/Digital-Collections/CRC/CRC-1998/conhist/1885con.html>. Acesso em: 18/05/2024.

FLORIDA. Department of Commerce and Labor Bureau of the Census. **Thirteenth Census of the United States Taken in the Year 1910: Statics for Florida**. 1910. Disponível em: <<https://www2.census.gov/library/publications/decennial/1910/abstract/supplement-fl.pdf>>. Acesso em: 22/02/2024.

FLORIDA: A Guide to the Southernmost State. **State of Florida Department of Public Instruction**, New York: Oxford University Press. 1976 Disponível em: <<https://archive.org/details/floridaguidetoso0000fede/page/n7/mode/2up?view=theater>>. Acesso em: 07/07/2024.

FORT Mose Historic State Park. **Florida State Parks**, Tallahassee, s/d. Disponível em: <<https://www.floridastateparks.org/parks-and-trails/fort-mose-historic-state-park>>. Acesso em: 15/03/2024.

FOTOGRAFIA de Zora Neale (de costas) e dois cantores de *blues* (não identificados). [Fotografia]. **Special & Area Studies Collections**, Gainesville, s/d. Acesso em: 15/12/2023.

FOTOGRAFIA de Zora Neale Hurston. [Fotografia]. **Special & Area Studies Collections**, Gainesville, s/d. Acesso em: 15/12/2023.

GAST, John. American Progress, 1872. **Theatry Collections**. Disponível em: <[https://collections.theatry.org/mwebcgi/mweb.exe?request=image:hex=92\\_126\\_1.jpg;link=68550](https://collections.theatry.org/mwebcgi/mweb.exe?request=image:hex=92_126_1.jpg;link=68550)>. Acesso em: 30/05/2025.

GARVEY, Marcus. The Principles of The Universal Negro Improvement Association. **Black Past**, Seattle, 22 mar. 2007. Disponível em: <<https://www.blackpast.org/african-american-history/1922-marcus-garvey-principles-universal-negro-improvement-association/>>. Acesso em: 07/07/2024.

GORDON, Francis. The Possible Improvement of the Human Breed Under the Existing Conditions of Law and Sentiment. **Nature**, New York, n. 64. 1901. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/064659b0#citeas>>. Acesso em: 18/05/2024.

HADDAD, Katharine G. **Race and Reputation: Looking for Zora Neale Hurston on the Florida Federal Writer's Project**. 2010. Dissertação. História, University of Florida. Disponível em: <[ufdcimages.uflib.ufl.edu/AA/00/05/79/26/00001/thesis\\_final.pdf](https://ufdcimages.uflib.ufl.edu/AA/00/05/79/26/00001/thesis_final.pdf)>. Acesso em: 29/08/2024.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 1997. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361>>. Acesso em: 25/07/2023.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFGM, 2011.

HALL, S. Que “negro” é esse na cultura popular negra?. **Lugar Comum**, Rede Universidade Nômade, n. 13/14, ago, p. 147-159. 2001. Disponível em: <[http://uninomade.net/wp-content/files\\_mf/112410120245Que%20negro%20%C3%A9%20na%20cultura%20popular%20negra%20-%20Stuart%20hall.pdf](http://uninomade.net/wp-content/files_mf/112410120245Que%20negro%20%C3%A9%20na%20cultura%20popular%20negra%20-%20Stuart%20hall.pdf)>. Acesso em: 16/07/2023.

HALL, Stuart. ¿Qué es lo “negro” en la cultura popular negra?, *In*: RESTREPO, E., et al (org.). **Stuart Hall: Sin Garantías**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2010.

HALL, Stuart. Diásporas, ou a lógica da tradução cultural. **Matrizes**, São Paulo, 10, n. 3, set./dez. -2016, Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/124647>>. Acesso em: 22/01/2023.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista Patrimônio Histórico e Artístico Cultural**, Brasília, n. 24, p. 68-75, 1996. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat24.pdf>>. Acesso em: 16/07/2023.

HALL, Stuart. Race, Articulation, and Societies Structured in Dominance. *In*: HALL, C.; SCHWARZ, B. (ed.). **Essential Essays: The Foundation of Cultural Studies**. London: Duke University Press, 2019, p. 172 - 222.

HARLEM, Mecca of the New Negro. **Survey Graphic**, mar./1925. Disponível em: <<https://collections.library.yale.edu/catalog/17368696>>. Acesso em: 22/05/2024.

HARRIS, Leslie M. The Long, Ugly History of Racism at American Universities. **New Republic**, 26 mar. 2015. Disponível em: <<https://newrepublic.com/article/121382/forgotten-racist-past-american-universities>>. Acesso em: 30/02/2024.

HARTMAN, Saidiya. Tempo da Escravidão. **Revista Contemporânea**, São Carlos, v. 10, n. 3, p. 927 - 948, set./dez., 2020. Disponível em: <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1017/pdf>>. Acesso em: 01/05/2022.

HERNÁNDEZ, G. Multiple Meditations in Zora Neale Hurston's Mules and Man. **Critique of Anthropology**, London, v. 13, n. 4, p. 351-362. 1993. Disponível em: <[https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/67224/10.1177\\_0308275X91300404.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/67224/10.1177_0308275X91300404.pdf?sequence=2&isAllowed=y)>. Acesso em: 16/07/2023.

HERSKOVITS, Melville J. The Negro's Americanism. *In*: LOCKE, A. (ed.) **The New Negro: Voices of Halem Renaissance**. New York: Touchstone Books. 1999.

HISTORY of Hungerford site is worth fighting for. **Orlando Sentinel**, Orlando, 12 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.orlandosentinel.com/2023/03/12/history-of-hungerford-site-is-worth-fighting-for-editorial/>>. Acesso em: 22/02/2024.

HISTORY of Lynching in America. **NAACP**, Baltimore, s/d. Disponível em: <<https://naacp.org/find-resources/history-explained/history-lynching-america>>. Acesso em: 22/01/2024.

HISTORY of Lynching in America. **NAACP**. Disponível em: <<https://naacp.org/find-resources/history-explained/history-lynching-america>>. Acesso em: 25/08/2024.

HISTORY of the Collection. **Latin American and Caribbean Collection**, Gainesville, s/d. Disponível em: <<https://lacc.uflib.ufl.edu/about/history/>>. Acesso em: 19/05/2024.

HISTORY of the Collection. **Latin American and Caribbean Collection**. Gainesville, s/d. Disponível em: <<https://lacc.uflib.ufl.edu/about/history/>>. Acesso em: 21/04/2024.

HISTORY of Tuskegee University. **Tuskegee University**, Tuskegee, s/d. Disponível em: <<https://www.tuskegee.edu/about-us/history-and-mission>>. Acesso em: 18/05/2024.

HISTORY. **Howard University**, Washington D.C., s/d. Disponível em: <<https://howard.edu/about/history>>. Acesso em: 21/01/2024.

HISTORY: Where we came from. **Seminole Tribe of Florida**, Hollywood, s/d. Disponível em: <<https://www.semtribe.com/stof/history/introduction>>. Acesso em: 21/12/2023.

HISTORY: Where we came from. **Seminole Tribe of Florida**. Disponível em: <<https://www.semtribe.com/history/introduction>>. Acesso em: 21/06/2024.

HOLLAND, Mary. [Correspondência]. Destinatário: Zora Neale Hurston. **Special & Area Studies Collections**, Gainesville, s/d. Acesso em: 02/12/2023.

hooks, b. **Anseios: Raça, Gênero e Políticas Culturais**. Elefante: São Paulo, 2019.

hooks, bell. preservar a cultura popular: Zora Neale Hurston como antropóloga e escritora. *In*: \_\_\_\_\_. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Elefante, 2019, p. 264 - 280.

HUGHES, Langston. **The Big Sea**, Toronto: Ryerson Press, 1940. Disponível em: <<https://pressbooks.library.torontomu.ca/thebigsea/>>. Acesso em: 13/05/2024.

HUNDREDS of Black Victims of Hurricane Denied Proper Burial in West Palm Beach, Florida. **Equal Justice Initiative**, Montgomery, 16 set. 2018. Disponível em: <<https://calendar.eji.org/racial-injustice/sep/16>>. Acesso em: 25/02/2024

HURSTON, Z.N. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, Natal, v. 1, n. 1, mar. 2021. Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/658>>. Acesso em: 16/07/2023.

HURSTON, Zora N. [Correspondência]. Destinatário: Edwin Grover. **Special & Area Studies Collections**, Gainesville, s/d. Acesso em: 02/12/2023.

HURSTON, Zora N. Art and Such [Manuscrito]. **Special and Area Studies Collections**, University of Florida, Gainesville, 1938. Acesso em: 30/01/2024.

HURSTON, Zora N. Dance Songs and Tales from the Bahamas. **The Journal of American Folklore**, Bloomington, v. 43, n. 169, jul./set. 1930. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/534942?read-now=1&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/534942?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 22/04/2024

HURSTON, Zora N. Drenched In Light. **Opportunity**, Nova York, v. 2, n. 24, p. 371-374, dez. 1924. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=wu.89073162208&seq=360&q1=zora+neale+hurston>>. Acesso em: 20/01/2023.

HURSTON, Zora N. **Dust Tracks On A Road**. New York: Amistad, 2010.

HURSTON, Zora N. Folklore 1 Version [Manuscrito]. **Special and Area Studies Collections**, University of Florida, Gainesville, s/d. Acesso em: 30/01/2024.

HURSTON, Zora N. From Sun To Sun [Folheto de Peça Teatral]. **Special and Area Studies Collections**, University of Florida, Gainesville, 1933. Acesso em: 29/01/2024.

HURSTON, Zora N. Go Gator and Muddy the Water. [Manuscrito]. **Special and Area Studies Collections**, University of Florida, Gainesville, 1938. Acesso em: 30/01/2024.

HURSTON, Zora N. Hoodoo in America. **The Journal of American Folklore**, Bloomington, v. 44, n. 174, out./dez. 1931. Disponível em: <[Hoodoo in America on JSTOR](#)>. Acesso em: 20-11/2024.

HURSTON, Zora N. John Redding Goes to Sea. **The Stylus**, New York, mai. 1921. Disponível em: <[https://loa-shared.s3.us-west-2.amazonaws.com/static/pdf/Hurston\\_John\\_Redding.pdf](https://loa-shared.s3.us-west-2.amazonaws.com/static/pdf/Hurston_John_Redding.pdf)>. Acesso em: 19/07/2024.

HURSTON, Zora N. **Jonah's Gourd Vine**. London: Virago Press, 1987. Disponível em: <<https://archive.org/details/jonahsgourdvine00hurs/page/8/mode/2up>>. Acesso em: 18/07/2024.

HURSTON, Zora N. Journey's End. **Lehigh University**, Bethlehem, 1922. Disponível em: <<https://scalar.lehigh.edu/african-american-poetry-a-digital-anthology/zora-neale-hurston-journeys-end-1922>>. Acesso em: 22/07/2024.

HURSTON, Zora N. **Mules and Men**, New York: HaperCollins, 2008.

HURSTON, Zora N. Night. **Lehigh University**, Bethlehem, 1922. Disponível em: <<https://scalar.lehigh.edu/african-american-poetry-a-digital-anthology/zora-neale-hurston-night-1922>>. Acesso em: 22/07/2024.

HURSTON, Zora N. **Olualê Kossola**: As palavras do último homem escravizado. Record: São Paulo, 2021.

HURSTON, Zora N. Passion. **Lehigh University**, Bethlehem, 1922. Disponível em: <<https://scalar.lehigh.edu/african-american-poetry-a-digital-anthology/zora-neale-hurston-passion-1922>>. Acesso em: 22/07/2024.

HURSTON, Zora N. **Seus Olhos Viam Deus**. São Paulo: Record. 2021.

HURSTON, Zora N. Spunk. **Ayé: Revista de Antropologia**, Acarape, mar. 2021. Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/669/356>>. Acesso em: 20/01/2022.

HURSTON, Zora N. **Tell My Horse**. New York: HaperCollins, 1990.

HURSTON, Zora N. The Characters of Negro Expression. *In*: CUNARD, Nancy. **Negro: An Anthopology**, New York: Frederick Ungar Publishing Co., 1970. Disponível em: <<https://archive.org/details/negroanthology0000cuna/page/n5/mode/2up?view=theater>>. Acesso em: 15/03/2024.

HURSTON, Zora N. The Gilded Six-Bits. **Biblioklept**. 2013. Disponível em: <<https://biblioklept.org/2013/02/02/the-gilded-six-bits-zora-neale-hurston/>>. Acesso em: 25/03/2024.

HURSTON, Zora N. The Great Day: A Program of Original Negro Folklore. **Smithsion Institution**, New York, 1932. Disponível em: <<https://www.aaa.si.edu/collections/items/detail/great-day-program-original-negro-folklore-7929>>. Acesso em: 28/07/2024.

HURSTON, Zora N. The Woman in Gaul. [Manuscrito]. **Special & Area Studies Collections**, Gainesville, s/d. Acesso em: 02/12/2023.

HURSTON, Zora N. **Voodoo Gods: An Inquiry into Native Myths and Magic in Jamaica and Haiti**. Londres: J. M. Dent & Sons LTD, 1939

HURSTON, Zora N. You Don't Know Us Negroes. *In*: GATES Jr. Henry G. **You Don't Know Us Negroes and Others Essays**, New York: Amistad, 2021.

HURSTON, Zora Neale. *Olualê Kossola: As Palavras do Último Homem Negro Escravizado*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record. 2021.

HURSTON, Zora Neale. Sweat. **Fire!!**, New York, 1926. Disponível em: <<https://collections.library.yale.edu/catalog/15947166>>. Acesso em: 29/04/2024.

HURSTON, Zora N. The Eatonville Anthology. **The Messenger**, v. III, set./nov., 1926. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/cache/epub/75183/pg75183-images.html>>. Acesso em; 20/04/2023.

JEFFERSON County, Alabama, Memorializes Lynching with Marker Dedication. **EJI**, Montgomery, 14 set. 2019. Disponível em: <<https://eji.org/news/jefferson-county-alabama-memorializes-lynchings/>>. Acesso em: 25/05/2024.

JOHNSON, Abby A. A. Forgotten Pages: Black Literary Magazines in the 1920s. **American Studies**, London, v. 8, n. 3, 2009. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/27553130?read-now=1&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/27553130?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 19/07/2024.

JOHNSON, Thomas A. Nation's First All-Black City Facing a Fiscal Collapse. **New York Times**. Nova York, 21 out. 1976, p. 18. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1976/10/21/archives/nations-first-allblack-city-facing-a-fiscal-collapse.html>. Acesso em: 18/04/2024.

KAMARA, A. Their Eyes Are Watching God: Critical Reception. Schollar Blogs, 2017. Disponível em: <<https://scholarblogs.emory.edu/eng210zoranealehurston/2017/02/21/their-eyes-are-watching-god-critical-reception/>>. Acesso em: 16/07/2023.

KING Jaja of Opobo. **ADF**. 2 ago. 2016. Disponível em: <https://adf-magazine.com/2016/07/king-jaja-of-opobo/>. Acesso em: 11/02/2024.

LANGSTON Hughes no Tuskegee Institute with Jessie Fauset (esquerda) e Zora Neale Hurston (direita). [Fotografia]. **The New York Public Library Digital Collections**, New York, 1927. Disponível em: <<https://digitalcollections.nypl.org/items/6fb56aa0-8c9e-0b9f-e040-e00a18061b62>>. Acesso em: 14/02/2024.

LES BACK, TATE, M. A cor da imaginação sociológica: W.E.B. Du Bois, Stuart Hall e a sociologia de-segregante. **Revista ABPN**, São Paulo, v. 12, n. 33, jun./ago., 2020. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1022>>. Acesso em: 13/07/2023.

LIKE a Day Without Sunshine: The Past and Future of Florida Citrus. **Institute of Food and Agriculture Sciences**, Gainesville, s/d. Disponível em: <<https://blogs.ifas.ufl.edu/ifascomm/2014/09/12/like-a-day-without-sunshine-the-past-and-future-of-florida-citrus/>>. Acesso em: 25/08/2024.

LIPPINCOTT, J.B. [Correspondência]. Destinatário: Edwin O. Grover. 1934. **Special & Area Studies Collections**, Gainesville, s/d. Acesso em: 05/12/2023.

LOCKE, ALAIN (ed.). **The New Negro: Voices of Harlem Renaissance**. New York: Touchstone Books. 1999

MANGUEIRA, J.V.; LEITE, F.E.G. Representação do feminino no conto “Sweat” de Zora Neale Hurston. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 33, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/134819>>. Acesso em: 20/07/2021.

MARGO, Robert A. Teacher Salaries in Black and White: Pay Discrimination in the Southern Class. *In: \_\_. Race and Schooling in the South, 1880-1950: An Economic History*, Chicago: University of Chicago Press, 1990. Disponível em: <<https://www.nber.org/system/files/chapters/c8794/c8794.pdf>>. Acesso em: 11/11/2023.

MARINO, Matt. The Brutality of Florida’s Turpentine Industry. **Flowriter**, 9 nov. 2018. Disponível em: <<https://flowriter.net/2018/11/09/the-brutality-of-floridas-turpentine-industry/>>. Acesso: 25/01/2024.

MARYLAND. Art. 77, 1904. High Schools – Colored Schools, Volume 393, P. 1745. Disponível em: <https://msa.maryland.gov/megafile/msa/speccol/sc2900/sc2908/000001/000393/html/am393--1745.html>. Acesso em: 09/02/2024.

MCDUGALD, Elise Johnson. The Task of Negro Womanhood. *In: LOCKE, A. (ed.) The New Negro: Voices of Halem Renaissance*. New York: Touchstone Books. 1999.

MCGEE, William J. The Trend of Human Progress. **American Anthropologist**, New York, v. 1, n. 3. 1899. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/658811?seq=19>>. Acesso em: 29/04/2024.

MEHRING, F. The Visual Renaissance; or, Winold Reiss in Mexico. **African American Literary Studies**, Universitätsverlag Winter Heidelberg. , v. 55, n. 4, 2010. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/18468275.pdf>>. Acesso em: 20/09/2024.

MELLO, P. C. Flip tem mesa que resgata Maria Firmina do racismo e do apagamento da história. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 nov. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/11/flip-tem-mesa-que-resgata-maria-firmina-do-racismo-e-do-apagamento-da-historia.shtml>>. Acesso em: 13/07/2023.

MELO, C.N.; SOUSA, K.A. “Porque Guilhermina é Esperança”: O *slam* e o protagonismo da juventude negra. **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 49, mai./ago., 2022.

Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/50538>>. Acesso em: 16/07/2023.

MERCENÁRIOS Irlandeses. **BND.** Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/irlandeses-no-brasil/mercenarios-irlandeses/>. Acesso em: 21/06/2024.

MINOR Civil Division. **Census**, Washington, 1900. Disponível em: <https://www2.census.gov/prod2/decennial/documents/33405927v1ch05.pdf>. Acesso em: 20/02/2024.

MISSION and History. **National Urban League**, New York, s/d. Disponível em: <https://nul.org/mission-and-history>>. Acesso em: 14/08/2024.

MURARO, C. Hilda Hilst é a autora mais vendida da Flip 2018 e Djamila Ribeiro tem dois livros no pódio. **G1**, Paraty, 29 jul. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/flip/2018/noticia/2018/07/29/hilda-hilst-e-a-autora-mais-vendida-da-flip-2018-e-djamila-ribeiro-tem-dois-livros-no-podio-veja-o-top-ten.ghtml>>. Acesso em: 13/07/2023.

MURARO, C. Lázaro Ramos é o autor mais vendido da Flip e Scholastique Mukasonga fica em 2º. **G1**, Paraty, 30 jul. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/flip/2017/noticia/lazaro-ramos-e-o-autor-mais-vendido-da-flip-e-scholastique-mukasonga-fica-em-2-veja-lista.ghtml>>. Acesso em: 13/07/2023.

NASCIMENTO, R. Mulheres-Calibãs: a propósito do pensamento transatlântico. **Ayé: Revista de Antropologia**, Redenção, v. 3, n. 1. 2021. Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/771>>. Acesso em: 18/05/2021.

NATIONAL Register of Historic Places Multiple Property Documentation Form. NPS Form n. 1024-0018. **United States Department of the Interior National Park Service**. Disponível em: <[https://npgallery.nps.gov/NRHP/GetAsset/NRHP/64500852\\_text](https://npgallery.nps.gov/NRHP/GetAsset/NRHP/64500852_text)>. Acesso Em: 25/10/2024.

NIGRO, C. M. C.; CHATAGNIER, J. C.. Their Eyes Were Watching God: reflexos de raça e gênero na (re) definição do Bildungsroman. **Rascunhos Culturais**, São José do Rio Preto, v. 3, n. 5, p. 11-27, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/122607>>. Acesso em: 18/05/2021.

NO COMPROMISE. **The Orlando Sentinel**, Orlando, 19 jul. 1949. Disponível em: <<https://www.orlandosentinel.com/wp-content/uploads/migration/2018/12/13/S2QI7RBAX5EPVJ2DXSQBRZJVA.jpg>>. Acesso em: 18/07/2024.

NODARI, J.I. **The construction of identity in Alice Walker's The Color Purple and Zora Neale Hurston's Their Eyes Were Watching God**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras/Inglês) - Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/83954>. Acesso em: 10/05/2021.

O'NEIL, Rhiannon. William Seton Maitland. **University of Central Florida**. Disponível em: <<https://vlp.cah.ucf.edu/biographies/sanc/BP61A-0-2-F.html>>. Acesso em: 21/02/2024.

OKEECHOBEE Hurricane. **National Weather Service**, s/d. Disponível em: <<https://www.weather.gov/mfl/okeechobee>>. Acesso em: 21/12/2023.

OPALA, Joseph A. Black Semoniles – Gullahs Who Escaped From Slavery. **MacMillan**, New Haven, 2007. Disponível em: <<https://glc.yale.edu/sites/default/files/files/Black%20Seminole%20.pdf>>. Acesso em: 22/02/2024.

PAGEL, G. O caminho das pedras para os livros. IstoÉ Negócios, 19 jul. 2019. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/o-caminho-das-pedras-para-os-livros/>. Acesso em: 13/07/2023.

PALMER, Benjamin M. Thanksgiving Sermon. **Internet Archive**, San Francisco, 29 nov. 1860. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20061204172452/http://members.aol.com/jfepperson/palmer.htm>>. Acesso em: 21/01/2024.

PARTIN, Elliot. Freedom's Journal (1827-1829). **Black Past**, Seattle, 05 jan. 2011. Disponível em: <<https://www.blackpast.org/african-american-history/freedom-s-journal-1827-1829/>>. Acesso em: 14/07/2024.

PESQUISA mostra que 78,5% das famílias brasileiras estão endividadadas. **CUT**, São Paulo, 11 jul. 2023. Disponível em: <<https://www.cut.org.br/noticias/pesquisa-mostra-que-78-5-das-familias-brasileiras-estao-endividadadas-6f03>>. Acesso em: 16/07/2023.

PEYTON, Tracey R. How Zora Neale Hurston's Study of Hoodoo Helped Me to Grieve. **Literary Hub**, Nova York, 3 jan. 2023. Disponível em: < <https://lithub.com/how-zora-neale-hurstons-study-of-hoodoo-helped-me-grieve/>>. Acesso em: 18/05/2023.

PINCKNEY, Josephine. A Pungent, Poetic Novel About Negroes, **New York Herald Tribune**, New York, 6 mai. 1934.

PINSKY, Mark. The terrible true story of the *Orlando Sentinel's* involvement in the Groveland Four shootings. **Orlando Weekly**, Orlando, 29 mai. 2019. Disponível em: <<https://www.orlandoweekly.com/news/the-terrible-true-story-of-the-orlando-sentinels-involvement-in-the-groveland-four-shootings-25389100>>. Acesso em: 28/04/2024.

PLESSY v. Ferguson. LOC. 18 mai. 1896. Disponível em: <https://tile.loc.gov/storage-services/service/l1/usrep/usrep163/usrep163537/usrep163537.pdf>. Acesso em: 17/05/2024.

PORTO, W. Flip 2020 divulga lista final de convidados e tem maioria de autores negros. 6 nov. 2020. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/11/flip-2020-divulga-lista-final-de-convidados-e-tem-maioria-de-autores-negros.shtml>>. Acesso em: 13/07/2023.

PRIEUR, D. Hungerford School lawsuit thrown out. Here's the latest. **Central Florida Public Media**, Orlando, 9 jan. 2025. Disponível em: < <https://www.cfpb.org/education/2025-01-09/hungerford-school-lawsuit-thrown-out>>. Acesso em: 30/05/2025.

RAKE and Scrape music. **The Government of the Bahamas**, Nassau, s/d. Disponível em: <[https://www.bahamas.gov.bs/wps/portal/public/Culture/Music!/ut/p/b1/vZTLbqMwFlafpQ9AsR1uWTtoJtxQTAoYAGwQ0F0gIkHArT186mkVVaTKzmPZ4ZemzP\\_1HR4cNWZ8Nr3GXHeMmK6\\_x5eMeCtEMqARjTiIqDwSgu5aBLVFDG4ubgOABwIG\\_vd-xvhaM5vKu97JuHwa33QSOqToB74A10b16N3fMyx2VJ9MRrYHxoFgUTKAX2bGXeiOf4zoVm4N\\_R2lB9dsZUJ\\_KhnX2E59xmhZVunaxHTnL12bkL16dOIZrZavyalQt-spRD0ZBsFfGruTm7QkMeh7v2jkUI\\_FMpVDdv6265TKZWZ2EYxS3b\\_jp6Xdm8IfC\\_5A5flh8dO0X8Ejx8AfEs8EEiJ8A6gGgQ4BtB24B5wKWsj7glid\\_q\\_TxPNo56CGVoUlchIAMDXrudiZVh8a0zQYvB4MAQs01yRXSGJ4B0wF4ylbx2xigr7INovNJtoTCi8sDZ\\_OtMpXfSFN0kVqYR0Dl4E\\_KZj\\_WRtXafG-yLwPC\\_1fZmg2zpHju0-](https://www.bahamas.gov.bs/wps/portal/public/Culture/Music!/ut/p/b1/vZTLbqMwFlafpQ9AsR1uWTtoJtxQTAoYAGwQ0F0gIkHArT186mkVVaTKzmPZ4ZemzP_1HR4cNWZ8Nr3GXHeMmK6_x5eMeCtEMqARjTiIqDwSgu5aBLVFDG4ubgOABwIG_vd-xvhaM5vKu97JuHwa33QSOqToB74A10b16N3fMyx2VJ9MRrYHxoFgUTKAX2bGXeiOf4zoVm4N_R2lB9dsZUJ_KhnX2E59xmhZVunaxHTnL12bkL16dOIZrZavyalQt-spRD0ZBsFfGruTm7QkMeh7v2jkUI_FMpVDdv6265TKZWZ2EYxS3b_jp6Xdm8IfC_5A5flh8dO0X8Ejx8AfEs8EEiJ8A6gGgQ4BtB24B5wKWsj7glid_q_TxPNo56CGVoUlchIAMDXrudiZVh8a0zQYvB4MAQs01yRXSGJ4B0wF4ylbx2xigr7INovNJtoTCi8sDZ_OtMpXfSFN0kVqYR0Dl4E_KZj_WRtXafG-yLwPC_1fZmg2zpHju0-)>

[IZPPNTCQInCDMAIQ941ssDYb6aVsBqWgGn1M2bXYo8fN7Ji3W2VOAWHYOL2wluK0N-D4wTDvNWggVDlqKmZjDvV5X1CleJbDVzFV2I3NMAteO19s7Y7seWGDpRYqCW4L7Zb0a-cOi7EZhW4e1VF8pja-EpPwsbW9FnZDwxUx2r4bMVEOFrgkOjtGGMccuTJtDmQ7VIkCTLZlcYai3wZBepijDyK0yj1Oym4vFaxR2RLkNej-tC1Mriz1bFW5nCLY2-p\\_OHj-9Aw8VcVs!/dl4/d5/L2dBISEvZ0FBIS9nQSEh/](https://www.jpanafrican.org/docs/vol2no4/2.4_Estelusti_Marginality.pdf)>. Acesso em: 21/01/2024.

RAMPERSAD, Arnold. Introduction. In: LOCKE, A. (ed.) **The New Negro: Voices of Halem Renaissance**. New York: Touchstone Books. 1999.

RAYNOUD, C. Reacting to the White Publishing World: Zora Neale Hurston and Negro Stereotypes. In: COTTENET, C. (ed.). **Race, Ethnicity, and Publishing in America**, Basingstoke: Palgrave MacMillan, 1998.

REYES, J.; LAGUARDIA, A. SING A BLACK GIRL'S SONG: NTOZAKE SHANGE E O FEMINISMO AFRO-AMERICANO. **Cadernos do IL**, [S. l.], n. 47, p. 004–020, 2013. DOI: 10.22456/2236-6385.29433. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/29433>>. Acesso em: 18/05/2021.

RIBEIRO, A.C.F. **The mammy, the matriarch, the Jezebel: beyond controlling images of black female subjects in Their eyes were watching god, Sula, and The women of Brewster Place**. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AANPPS>>. Acesso em: 10/05/2021.

ROBERTSON, Ray Von. Estelusti Marginality: A Qualitative Examination of the Black Seminole. **The Journal of Pan African Studies**, Long Beach, v. 2, n. 4, Jun. 2008. Disponível em: [https://www.jpanafrican.org/docs/vol2no4/2.4\\_Estelusti\\_Marginality.pdf](https://www.jpanafrican.org/docs/vol2no4/2.4_Estelusti_Marginality.pdf). Acesso em: 07/05/2024.

ROCHE, Emma L. **Historic Sketches of the South**, New York: The Knickerbocker Press, 1914. Disponível em: <[tile.loc.gov/storage-services/public/gdcmassbookdig/historicsketches02roch/historicsketches02roch.pdf](https://tile.loc.gov/storage-services/public/gdcmassbookdig/historicsketches02roch/historicsketches02roch.pdf)>. Acesso em: 27/02/2024.

ROSE, Shaniqua. Eatonville Emerges as Strong Contender for Florida's First Museum of Black History. **Orange County Government**, 14 abril 2024. Disponível em:

<https://newsroom.ocfl.net/media-advisories/press-releases/2024/04/eatonville-emerges-as-strong-contender-for-floridas-first-museum-of-black-history/>. Acesso em: 20/05/2024.

SALGUEIRO, M. A. A. TRADUZIR A NEGRITUDE: DESAFIO PARA OS ESTUDOS DE TRADUÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 24, n. 48, 30 jul. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43487>>. Acesso em: 20/05/2021.

SALGUEIRO, M.A.A. Literatura feminina da diáspora negra nas Américas: buscando elos perdidos – resgate de textos e processos tradutórios. **A Voz e o Olhar do Outro**, Rio de Janeiro, v. 4, 2012. Disponível em: <[http://www.pgletras.uerj.br/vozolharoutro/volume004/A\\_Voz\\_e\\_o%20Olhar\\_do\\_Outro4.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/vozolharoutro/volume004/A_Voz_e_o%20Olhar_do_Outro4.pdf)>. Acesso em: 18/07/2021.

SCHRADER, E. ‘Willing to Fight’: Residents rise up against development that could erase historic Florida town’s rich Black heritage. **SPLCenter**, Eatonville, 20 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.splcenter.org/resources/stories/eatonville-residents-against-hungerford-development/>>. Acesso em: 30/05/2025.

SANNEH, Kelefa. White Mischief. **The New Yorker**, New York, 9 fev. 2014. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2014/02/17/white-mischief-2>>. Acesso em: 21/09/2024.

SECRETO, Maria V. Asilo: Direito de Gentes. Escravos Refugiados no Império Espanhol. **Revista de História**, São Paulo, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2850/285042228007.pdf>>. Acesso em: 21/05/2024.

SEGREGATION (Jim Crow). **Encyclopedia of Alabama**. Disponível em: <<https://encyclopediaofalabama.org/article/segregation-jim-crow/>>. Acesso em: 27/05/2024.

SHOFNER, Jerrell H. Forced Labor in Florida Forests 1880-1950. **Journal of Forest History**, Chicago, v. 25, n. 1. 1981. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4004649>>. Acesso em: 20/06/2024.

SHRUMM, Regan. Who takes the cake? The history of the cakewalk. **National Museum of American History**. Washington, 18 mai. 2016. Disponível em: <Who takes the cake? The history of the cakewalk | National Museum of American History>. Acesso em: 22/02/2024.

SILVA, F.F. **Escrevivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston**. Tese (Doutorado em Letras). [Programa de Pós-Graduação em Letras](#). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <<https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/6077>>. Acesso em: 10/05/2021.

SILVÉRIO, Valter R. **Transnacionalismo Negro, Diáspora Africana: Uma Nova Imaginação Sociológica**, São Paulo: Intermeios, 2022.

SILVÉRIO, Valter Roberto; HOFBAUER, Andreas; KAWAKAMI, Érica Aparecida; FLOR, Cauê Gomes. “Diáspora africana”: caminhando entre genealogias, abrindo novos horizontes. **Revista Contemporânea**, São Carlos, v. 10, n. 3, set.-dez. 2020. Disponível em: <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1023/pdf>>. Acesso em: 16/07/2023.

SMITH, Clint. Stories of Slavery, from Those Who Survived It. **The Atlantic**, Boone, mar. 2021. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2021/03/federal-writers-project/617790/>>. Acesso em: 24/05/2024.

SMITH, David. America gets depressed by thoughts of 1929 revisited. **The Times**, Londres, 23 mar. 2008. Disponível em: <<https://www.thetimes.com/article/america-gets-depressed-by-thoughts-of-1929-revisited-vl7lqg9kvw5>>. Acesso em: 22/02/2024.

SOARES, A. B.; STANKIEWICZ, M. R.; RUFFINI, M. A Representação da Mulher Negra Americana do Início do Século XX em *Their Eyes Were Watching God*, de Zora Neale Hurston. **MISCELÂNEA**, ASSIS, v. 25, p. 201-215, 2019. <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1491/1242> Acesso em: 18/05/2021.

SORO contra veneno de abelhas tem resultados promissores nas fases iniciais do ensaio clínico. **Butantan**, 20 mar. 2023. Disponível em: <[Soro contra veneno de abelhas tem resultados promissores nas fases iniciais do ensaio clínico - Instituto Butantan](#)>. Acesso em: 14/04/2024.

STANCIL, Lamaur. St. Lucie County remembers first Black Deputy and savior of Zora Neale Hurston manuscripts. **TC Palm**, Palm Beach. 12 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.c-span.org/video/?531696-1/zora-neale-hurston-papers-university-florida-archives>>. Acesso em: 20/05/2024.

STAPLES, Brent. How the White Press Wrote Off Black America. **New York Times**, New York, 10 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/07/10/opinion/sunday/white-newspapers-african-americans.html>>. Acesso em: 08/07/2024.

SURVEY Graphic. **The Met**, v. LIII, n. 11, 1 mar. 1925. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/855857>>. Acesso em: 15/04/2024.

TEICHER, Martha. A Florida town, once settled by former slaves, now fights over “sacred land”. **CBS NEWS**. Nova York, 31 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/eatonville-florida-residents-fight-over-land/>>. Acesso em 10/02/2024.

THE AFRICAN American Odyssey: A Quest for Full Citizenship. **Library of Congress**, Washington D.C., s/d. Disponível em: <<https://www.loc.gov/exhibits/african-american-odyssey/depression-new-deal-and-world-war-ii.html?loclr=hhub>>

THE BISON: Year Book 1923. **Howard University**, Washington D.C., 1923. Disponível em: <[https://dh.howard.edu/bison\\_yearbooks/103/](https://dh.howard.edu/bison_yearbooks/103/)>. Acesso em: 24/06/2024.

THE BLACK Church. **PBS**, Arlington County, s/d. Disponível em: <<https://www.pbs.org/wgbh/americanexperience/features/godinamerica-black-church/>>. Acesso em: 22/02/2024.

THE CRASH of 1929. **PBS**, Arlington County, 24 abr. 2012. Disponível em: <[HTTPS://WWW.PBS.ORG/WGBH/AMERICANEXPERIENCE/FILMS/CRASH/](https://www.pbs.org/wgbh/americanexperience/films/crash/)>. Acesso em: 21/07/2024.

THE GREAT Depression and the First New Deal, 1929- 1935. **Who Built America**, New York, s/d. Disponível em: <[HTTPS://WWW.WHOBUILTAMERICA.ORG/READER/CHAPTER/THE-GREAT-DEPRESSION-AND-THE-FIRST-NEW-DEAL-1929-1935](https://www.whobuiltamerica.org/reader/chapter/the-great-depression-and-the-first-new-deal-1929-1935)>. Acesso em:17/07/2024.

THE GREAT Migration (1910-1970). **National Archives**, College Park, s/d. Disponível em: <<https://www.archives.gov/research/african-americans/migrations/great-migration#:~:text=The%20Great%20Migration%20was%20one,the%201910s%20until%20the%201970s>>. Acesso em: 21/07/2024.

The Great Migration. **SAAM**, s/d. Disponível em: <<https://americanexperience.si.edu/wp-content/uploads/2014/07/The-Great-Migration.pdf>>. Acesso em: 16/07/2023.

THE HILLTOP Digital Archive. **Digital Howard**, Washington s/d. Disponível em: <<https://dh.howard.edu/hilltop/>>. Acesso em: 18/04/2023.

THE HILLTOP. Washington D.C.: **Howard University**, 1924. Disponível em: <[https://dh.howard.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=hilltop\\_192430](https://dh.howard.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=hilltop_192430)>. Acesso em: 21/01/2024.

THE HISTORY of Florida turpentine camps. **Herald-Tribune**, Sarasota, 15 mar. 2004. Disponível em: <<https://www.heraldtribune.com/story/news/2004/03/15/the-history-of-florida-turpentine-camps/28793925007/>>. Acesso em: 27/03/2024.

THE MESSENGER. Nova York, 1917, v. 1, n. 11. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/usa/pubs/messenger/1917-11-nov-Messenger.pdf>. Acesso em: 15/04/2024.

THE MESSENGER, Nova York, 1926, v. VIII. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/usa/pubs/messenger/v8n09-sep-1926-Messenger-RIAZ.pdf>>. Acesso em: 12/04/2024.

THE NATIONAL Urban League. **NUL**, New York, s/d. Disponível em: <<https://nul.org/about>>. Acesso em: 21/01/2024.

THE NEGRO World: History of the Negro World Newspaper. **UNIA**, Philadelphia, s/d. Disponível em: <<https://unia-aclgovernment.com/history/the-negro-world/>>. Acesso em: 27/06/2024.

THE OPPORTUNITY. Capa. Produção: Vicent E. Saunders, **Yale**, New Haven, dez. 1924. Disponível em: <<https://collections.library.yale.edu/catalog/33210538>>. Acesso em: 10/04/2024.

THE SENATE Passes the Thirteenth Amendment. **United States Senate**, 8 abril 1864. Disponível em: <<https://www.senate.gov/about/origins-foundations/senate-and-constitution/senate-passes-the-thirteenth->

[amendment.htm#:~:text=%E2%80%9CNeither%20slavery%20nor%20involuntary%20servitude,exist%20within%20the%20United%20States.%E2%80%9D>.](#) Acesso em: 24/04/2024.

THE STORM of '28. **Historical Society of Palm Beach County**, 16 set. 2016. Disponível em: [<https://pbchistory.org/the-storm-of-28/#:~:text=On%20September%2016%2C%201928%2C%20a%20storm%20equal%20to,in%20US%20history%20in%20terms%20of%20lives%20lost.>](#). Acesso em: 22/02/2024.

THE WPA and the Slave Narrative Collection. **Library of Congress**, Washington D.C. s/d. Disponível em: [<https://www.loc.gov/collections/slave-narratives-from-the-federal-writers-project-1936-to-1938/articles-and-essays/introduction-to-the-wpa-slave-narratives/wpa-and-the-slave-narrative-collection>](#). Acesso em: 28/06/2024.

THOMAS, Jesse O. Will the New Deal Be A Square Deal For the Negro?. **Opportunity**, New York, out. 1933. Disponível em: [<https://history.hanover.edu/courses/excerpts/336thomas.html>](#). Acesso em: 19/07/2024.

THURMAN, Wallace. Fire Burns: A Department of Comment. **Fire!!**, New York, p. 47, 1926. Disponível em: [<https://collections.library.yale.edu/catalog/15947166>](#). Acesso em: 18/01/2024.

TO THE COMMUNITY and the families of the Groverland Four: We're sorry. **Orlando Sentinel**, Orlando, 30 jan. 2020. Disponível em: [<orlandosentinel.com/opinion/editorials/os-op-orlando-sentinel-apologizes-groveland-four-20190109-story.html>](#)Acesso em: 17/04/2024.

TRAIL of Tears. [Mapa]. **National Park Service**, Washington. Disponível em: [<https://www.nps.gov/subjects/teachingwithhistoricplaces/lightning-lesson-006\\_trail-of-tears-major-ridge.htm>](#). Acesso em: 19/03/2025.

TWENTY-First Congress. **Library of Congress**. Washington, 28 mai. 1830. Disponível em: [<https://memory.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=llsl&fileName=004/llsl004.db&recNum=459>](#). Acesso em: 20/08/2023.

UNITED States of America. Article XV. The right of citizens to vote. **Library of Congress**, Washington D.C., 1870. Disponível em: [<https://www.loc.gov/resource/llsalvol.llsal\\_016/?sp=1167&r=0.436,0.71,1.785,0.724,0>](#). Acesso em 21/01/2024.

VERONESI, R. B.; SILVA, C. A. V. DA. Seus Olhos Viam Deus, de Zora Neale Hurston, e a construção identitária da personagem Janie. **Travessias Interativas**, São Cristovão, v. 5, n. 10, p. pp. 72-86, 18 mar. 2019. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/11014>>. Acesso em: 20/05/2021.

WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães**: prosa mulherista. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

WALKER, Francis A. Restriction of Immigration. **The Atlantic**, Boone, jun. 1896. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1896/06/restriction-of-immigration/306011/>>. Acesso em: 29/07/2024.

WASHINGTON, Booker T. Atlanta Compromise. **Library of Congress**, 1895. Disponível em: <<https://www.loc.gov/exhibits/civil-rights-act/multimedia/booker-t-washington.html>>. Acesso em: 14/06/2024.

WCS Apologizes For Putting African Man On Display In Bronx Zoo's Monkey House In 1906. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (2 min. 27 seg.). Publicado pelo canal **CBS New York**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=SV7N5qLJ1tg&ab\\_channel=CBSNewYork](https://www.youtube.com/watch?v=SV7N5qLJ1tg&ab_channel=CBSNewYork)>. Acesso em: 24/05/2024.

WELLS, Ida B.; DOUGLASS, Frederick; et at. The Reason Why The Colored American is not in the World's Columbian Exposition. **University of Pennsylvania**, Philadelphia, s/d. Disponível em: <<https://digital.library.upenn.edu/women/wells/exposition/exposition.html#:~:text=Those%20visitors%20to%20the%20World's%20Columbian%20Exposition%20who>>. Acesso em: 16/06/2024.

WILLIAM Seton Maitland. **Veterans Legacy Program**, Orlando, s/d. Disponível em: <<https://vlp.cah.ucf.edu/biographies/sanc/BP61A-0-2-F.html>>. Acesso em: 17/05/2024.

WILSON, Frank. Walk Together Chillun. **Library of Congress**, Washington D.C., 1935. Disponível em: <<https://tile.loc.gov/storage-services/public/music/musftppplaybills-200222225/musftppplaybills-200222225.pdf>>. Acesso em: 23/08/2024.

WINTZ, Cary D. The Harlem Renaissance: What Was It, and Why Does it Matter? **Humanities Texas**, Austin, fev./2015. Disponível em:

<<https://www.humanitiestexas.org/news/articles/harlem-renaissance-what-was-it-and-why-does-it-matter>>. Acesso em: 15/04/2024.

WOBETO, D. Fieldwork Footage: Descobrindo Zora Neale Hurston. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 21, n. 53, 2020. DOI: 10.22456/1984-1191.105596. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/105596>. Acesso em: 18 jul. 2021.

WOTIPKA, Sam. How racism reshaped the Civilian Conservation Corps. **PBS**, Arlington County, 29 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.cascadepbs.org/equity/2023/03/how-racism-reshaped-civilian-conservation-corps>>. Acesso em: 09/09/2024.

WRIGHT, Aallyah. Once an ‘All-Black Utopia’, Eatonville Residents Says New Development Could Erase History. **Capital B**. Atlanta, 27 mar. 2023. Disponível em: <https://capitalbnews.org/eatonville-school-land-development/>. Acesso em: 10/02/2024.

WRIGHT, Colonel M. L. The Accompong Town Marrons: Past and Present. **Smithsonian Center for Folklife and Culture Heritage**, Washington D.C., 1992. Disponível em: <[https://folklife.si.edu/resources/maroon/educational\\_guide/63.htm](https://folklife.si.edu/resources/maroon/educational_guide/63.htm)>. Acesso em: 24/04/2024.

WRIGHT, R. Between Laughter and Tears, New Masses. 5 out. 1937. Disponível em: <<https://people.virginia.edu/~sfr/enam358/wrightrev.html>>. Acesso em: 16/07/2023.

ZETA Phi Beta Sorority. **Howard**, Washington, s/d. Disponível em: <<https://howard.campuslabs.com/engage/organization/zphibalpha>>. Acesso em: 01/02/2024.

ZHANG, Wenxian. Learning by Doing in the Segregated South: The Robert Hungerford Normal and Industrial School for African Americans in Central Florida. **Rollins College: Rollins Scholarship Online**, Winter Park, summer 2023. Disponível em: [https://scholarship.rollins.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1405&context=as\\_facpub](https://scholarship.rollins.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1405&context=as_facpub). Acesso em: 20/05/2024.

ZORA Neale Hurston. **UF Libraries**, Gainesville, s/d. Disponível em: <<https://www.uflib.ufl.edu/spec/AAexhibit/manuscripts.htm>>. Acesso em: 02/12/2023.

